O Rei de Amarelo

ROBERT W. CHAMBERS

intrínseca

O Rei de Amarelo

ROBERT W. CHAMBERS

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS
E REVISÃO COMENTADA DE CARLOS ORSI

O Rei de Amarelo é dedicado a meu irmão.

O mar quebra pela orla, vago,
Os sóis gêmeos afundam sob o lago,
As sombras se alongam
Em Carcosa[1].

Estranha é a noite em que estrelas negras sobem,
E estranhas luas o céu percorrem
Mas ainda mais estranha é a
Perdida Carcosa.

Que morra inaudita,
Onde o manto em retalhos do Rei se agita;
A canção que entoarão às Híades[2] na
Obscura Carcosa.

Canção de minh'alma, minha voz é finada;
Morra sem ser entoada, como lágrima jamais derramada
Seca e morta na
Perdida Carcosa.

"Canção de Cassilda" em *O Rei de Amarelo*, ato I, cena 2

Notas

[1] Assim como vários outros termos usados na "mitologia amarela" de Chambers, "Carcosa" vem, originalmente, da obra do escritor e jornalista americano Ambrose Bierce (1842-1914?). No conto "Um habitante de Carcosa", de 1891, Bierce descreve a caminhada de um homem

perdido em um velho cemitério, enquanto sonha em voltar para sua terra natal, Carcosa. A palavra em si parece derivar de Carcassonne, nome de uma cidade francesa famosa por ter sido um dos focos de um culto herético medieval, violentamente suprimido por uma cruzada no século XIII. Talvez Bierce tenha se inspirado no poema “Carcassonne”, de Gustav Nadaud (1820-1893), o lamento de um homem que sempre quis visitar essa cidade, mas nunca conseguiu. O poema conclui com o verso: “Quem nunca teve sua Carcassonne?” “Carcosa” também é o nome de uma mansão colonial, atualmente um hotel, na Malásia. O site oficial do hotel diz que o nome do lugar, construído um ano após a publicação de *O Rei de Amarelo*, veio do italiano “Cara Cosa”, “coisa querida”.

[2] As Híades são um aglomerado de estrelas visível a olho nu e conhecido desde os tempos pré-históricos. Assim como Aldebarã (outro astro citado na “mitologia amarela”), fazem parte da constelação de Touro.

Introdução

por Carlos Orsi[1]

“Seu olhar caiu sobre o livro amarelo que Lorde Henry lhe enviara. O que seria isso, perguntou-se (...) após alguns minutos, estava absorto. Era o livro mais estranho que já havia lido. Parecia que, em vestes refinadas, e ao som delicado de flautas, os pecados do mundo desfilavam, em silêncio, diante dele. Coisas com que havia sonhado de modo vago tornavam-se reais para ele. Coisas que jamais imaginara eram-lhe reveladas.”

O retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde (1854-1900)

Na última década do século XIX, o amarelo, cor dos trajes do Rei que dá título a esta coletânea, era o matiz do pecado, da podridão, da decadência, da loucura — e, ao menos no mundo de língua inglesa, da literatura de vanguarda, a ponto de a principal revista literária de Londres, nos anos 1890, chamar-se *O Livro Amarelo*. Não era por acaso que o pecado, a doença e a arte moderna tinham a mesma cor: importados para a Inglaterra, os livros dos autores decadentes franceses vinham encadernados em amarelo.

A chamada escola decadente francesa inspirava-se na poesia de Charles Baudelaire (1821-1867), autor que havia sido saudado por Victor Hugo como o criador de *un frisson nouveau*, “uma nova emoção”. O decadentismo atingiu seu ponto alto na obra de Joris-Karl Huysmans (1848-1907), principalmente em seu romance *À Rebours* (“Às Avessas”, mais conhecido em inglês como *Against the Grains*, “Contra a Natureza”, publicado em 1884). Muitos críticos acreditam que o “livro amarelo” que tanto fascinou Dorian Gray, no romance de Wilde, era exatamente esse volume de Huysmans.

O horror que a literatura “amarela” francesa causava ao establishment anglo-saxão pode ser visto nesta crítica do jornal *Daily Chronicle* à primeira edição de *O Retrato de Dorian Gray*, publicada em 1890, cinco anos antes de *O Rei de Amarelo*:

“Trata-se de um livro gerado pela literatura leprosa dos decadentes franceses — um livro venenoso, cuja atmosfera está carregada dos odores mefíticos da putrefação moral e espiritual.”

Afinal, o que eram e o que queriam os “mefíticos” decadentes franceses? Humilhados pela derrota da França na guerra de 1870 com a Prússia, desiludidos com o fim sangrento da Comuna de Paris de 1871, esmagados pelo peso da geração de gigantes literários que os antecedera — Balzac, Hugo, Flaubert —, os decadentistas viam-se como mentes velhas em corpos jovens, os últimos filhos de uma civilização que já fizera tudo, provara tudo e, agora, rumava para a tumba ou, já morta, decompunha-se.

Seu projeto era radicalizar o *frisson nouveau* de Baudelaire: descobrir, estimular e registrar emoções inéditas, capazes de sufocar o tédio de uma existência crepuscular, apelando para meios artificiais, como drogas, ou para tudo aquilo que a civilização moribunda, filha da Igreja e do Iluminismo, havia banido: o absurdo, o pecado, a misantropia, o crime, o sexo não como expressão de amor

ou para gerar filhos, mas como mero gozo e perversão. Era a busca do efeito estético sem qualquer tipo de amarra moral, do prazer sem consequência, do excesso sem responsabilidade.

O livro

É nesse contexto que Robert William Chambers (1865-1933) publica, em 1895, um peculiar volume de contos, contendo dez histórias — sendo que quatro delas giram em torno de uma peça de teatro intitulada *O Rei de Amarelo*.

A cor das roupas rasgadas do Rei não foi escolhida por acaso: a peça, da qual temos apenas vislumbres, é a epítome, a realização final do projeto decadente. Seu autor, cujo nome jamais é revelado, foi tão bem-sucedido na criação de *un frisson nouveau*, tão radical, que a própria beleza do texto se converte em uma maldição para quem o lê. Um crítico francês já havia escrito que, depois de um romance como *À Rebours*, as únicas alternativas eram “o cano de uma arma ou o pé da cruz”, e de fato tanto Huysmans quanto Wilde acabaram fugindo de seus excessos e buscando refúgio no catolicismo. Já Chambers nos indica, por meio do destino de seus personagens, que, depois de ler *O Rei de Amarelo*, nem a morte nem o claustro oferecem segurança.

Curiosamente, os contos de *O Rei de Amarelo* não são, eles mesmos, exemplos de literatura decadente. Pelo contrário: seus protagonistas, mesmo quando são jovens artistas boêmios farreando pelas ruas de Paris da decadência e do *fin de siècle*, revelam uma tocante pureza de coração, coisa que seria impossível de encontrar em um anti-herói de Huysmans. Vários deles são católicos ou estão em busca da fé.

Há muita especulação sobre as inspirações de Chambers. É bem provável que Wilde e Baudelaire estivessem em sua mente enquanto criava *O Rei de Amarelo*. Diversos nomes de lugares e pessoas que aparecem nos trechos da obra teatral citados nos contos, como Hastur, Hali e Carcosa, vêm de Ambrose Bierce (1842-1914?), o jornalista e escritor americano que desapareceu da face da Terra enquanto se dirigia ao México para cobrir a revolta de Pancho Villa. Bierce também é famoso por seus contos de terror, mas Chambers parece ter extraído muito pouco dele para além de um punhado de nomes altissonantes: enquanto o horror, em Bierce, é subjetivo — afeta, principalmente, a mente do protagonista — em Chambers ele é externo, físico, quase cósmico.

Quando *O Rei de Amarelo* foi escrito, a ideia de que uma obra literária poderia ser escandalosa demais para circular, ou perturbadora demais para que fosse seguro lê-la, ainda tinha alguma plausibilidade. Em 1892, a escritora americana Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) teve seu conto "O papel de parede amarelo" (eis a cor da maldade, de novo) criticado por um médico que declarou a história "perigosa" e questionou se "esse tipo de literatura deveria ser permitido", já que representava "perigo mortal" para pessoas suscetíveis a "distúrbios mentais". É provável que Chambers tivesse conhecimento do conto e da polêmica: a crítica psiquiátrica ao trabalho de Gilman de certa forma ecoa em "O reparador de reputações", texto que abre este volume.

Esta coletânea se divide em duas partes, com quatro contos cada, separadas por duas histórias que podem ser consideradas de transição. A primeira, composta pelos contos "O reparador de reputações", "A máscara", "O Pátio do Dragão" e "O Emblema Amarelo", se passa em um mundo onde existe uma peça de teatro, *O Rei de Amarelo*, que provoca estranhos efeitos, físicos e psicológicos, em

quem a lê. Essas histórias talvez se passem no fim do século XIX, ou em um futuro distópico imaginado pelo autor.

A segunda parte é formada pelo que alguns comentaristas chamam de “Quarteto das Ruas”: “A rua dos Quatro Ventos”, “A rua da primeira bomba”, “A rua de Nossa Senhora dos Campos” e “Rue Barrée”. São contos românticos da vida boêmia na Paris do século XIX. As histórias de transição, “A Demoiselle d’Ys” e “O paraíso do profeta”, marcam a passagem do registro fantástico, entre o delirante e o alegórico, da primeira parte para a pegada mais realista da segunda.

Algumas versões de *O Rei de Amarelo*, publicadas após a morte do autor, omitem a segunda parte do livro, substituindo o “Quarteto das Ruas” por contos de terror e fantasia escritos por Chambers para outras de suas coletâneas. Isso me parece um equívoco, pois há uma articulação e uma unidade temática entre as partes, como se uma fosse a versão alternativa, distorcida, da outra.

O autor

Antes de se tornar escritor, Chambers havia sido pintor e ilustrador, colaborando com importantes revistas americanas. De 1886 a 1893, estudara arte em Paris. Há algo de autobiográfico, pode-se imaginar, nas descrições da vida boêmia dos jovens artistas do Quartier Latin que compõem o pano de fundo de boa parte desta coletânea.

O Rei de Amarelo foi um sucesso no lançamento, e hoje é a única obra de Chambers ainda lembrada por leitores e crítica. Entre os estudiosos da literatura fantástica, há quem o considere o volume mais importante publicado por um autor americano entre o tempo de Edgar Allan Poe (1809-1849) e o surgimento dos primeiros modernos, como os de H. P. Lovecraft (1890-1937).

No entanto, embora *O Rei* tenha sido bem-recebido na estreia, não foi como autor de histórias de fantasia e terror que Chambers conquistou fama e fortuna ainda em vida: o maior sucesso veio de uma série de romances água com açúcar, obras comerciais, escritas para satisfazer o gosto de moças românticas. O crítico S. T. Joshi diz que o melhor termo de comparação, na literatura contemporânea, são os romances publicados em profusão pela editora Harlequin para o público feminino. Joshi destaca outra coletânea de contos de Chambers como digna de nota, *The Mystery of Choice*, de 1897, que também inclui contos fantásticos e pouco mais.

Sua obra romântica, composta de dezenas de volumes, foi um fracasso de crítica — as personagens femininas eram "o que os homens gostariam que as mulheres fossem, não mulheres de verdade", de acordo com um comentarista — e, a despeito do sucesso de público (dois desses livros chegaram a ser best-sellers, com mais de duzentos mil exemplares vendidos), desapareceu na obscuridade. Com o dinheiro dos livros ele se instalou em uma mansão confortável em Nova York. Gostava de caçar, pescar, colecionava borboletas, arte oriental e livros raros. Morreu em 1933, já quase esquecido como autor.

Muitos críticos lamentam que Chambers tenha sido, de certa forma, um escritor superior à própria obra: um homem que, com algum esforço, poderia ter criado um legado literário muito superior ao que realmente produziu. É como se o sucesso comercial de seus romances baratos tivesse sufocado o gênio que se vislumbra em *O Rei de Amarelo*.

Influências

O Rei de Amarelo deixou marcas nas gerações de escritores de terror e de ficção científica que surgiram após sua

publicação. Hoje em dia, a obra de Chambers é mais comumente citada em relação à Mitologia de Cthulhu, o conjunto de deuses "antigos" e lendas "ancestrais" forjado por H. P. Lovecraft e compartilhado por seus amigos nos anos 20 e 30, e que ainda hoje é utilizado por diversos autores.

A influência de Chambers sobre a Mitologia de Cthulhu, no entanto, costuma ser gravemente superestimada: a correspondência de Lovecraft indica que ele só teve contato com *O Rei de Amarelo* em 1927, quando seu estilo e seus temas já estavam bem definidos. Mesmo o *Necronomicon*, livro fictício que leva seus leitores à loucura, tinha sido criado por Lovecraft antes de ele conhecer *O Rei de Amarelo*, obra fictícia de efeito semelhante.

A incorporação de Chambers à Mitologia de Cthulhu tem duas causas: a primeira, o fato de Lovecraft citar vários nomes pinçados do livro de Chambers em um — mas apenas um — de seus contos, "Um sussurro nas trevas", de 1930; e a segunda é August Derleth (1909-1971). Após a morte de Lovecraft, Derleth tomou para si a tarefa de sistematizar a mitologia artificial deixada pelo amigo, convertendo as menções vagas e lendas fragmentárias em uma "teologia alienígena" consistente.

A sabedoria e a qualidade da iniciativa de Derleth são discutíveis, mas com isso, nomes tirados da obra de Chambers, como Hastur, o lago de Hali, Carcosa e o próprio Rei de Amarelo, acabaram atraídos para a órbita do mito coletivo lovecraftiano. O conto em que Derleth apresenta sua visão organizada e enciclopédica do Mito de Cthulhu chama-se, exatamente, "O retorno de Hastur", publicado pela primeira vez em 1939.

O impulso sistematizador de Derleth contagiou outros autores, e logo surgiram tentativas de organizar a "mitologia amarela", ou "Mitologia de Carcosa", em linhas semelhantes às da Mitologia de Cthulhu. O esforço mais conhecido foi o dos autores do *role-playing game* "The Call

of Cthulhu", principalmente a partir do cenário seminal "Tell Me, Have You Seen the Yellow Sign?", publicado em 1989.

Chambers, no entanto, deixou ainda menos pistas sobre o mito subjacente à sua obra que Lovecraft. Talvez Carcosa seja uma cidade em outro planeta, em outra dimensão ou, mesmo, uma estação espacial — algo sugerido pela afirmação de que suas torres aparecem "atrás" da Lua. Talvez Hastur seja uma pessoa, ou uma cidade; Hali, um profeta, o nome de um lago, ou um profeta que deu nome a um lago. Foram feitas algumas tentativas de escrever a peça *O Rei de Amarelo* na íntegra, embora nenhum texto real jamais possa cumprir a promessa de horror e loucura evocada por Chambers.

Em 1975, o "Culto do Emblema Amarelo", uma sociedade secreta que serve a Hastur, "que reside em um local misterioso chamado Hali, que já foi um lago mas agora é um deserto", perto de "uma cidade chamada Carcosa", foi introduzido como uma das sociedades secretas que lutam pela dominação mundial no romance "cult", satírico, paranoico e pós-moderno "Illuminatus! Trilogy", de Robert Anton Wilson e Robert Shea.

Em tempos mais recentes, Hastur foi citado como um anjo caído e Duque do Inferno no livro *Belas maldições*, de Terry Pratchett e Neil Gaiman. Gaiman também já mencionou Carcosa em alguns de seus trabalhos solo, como o conto "Um estudo em esmeralda", que mistura Sherlock Holmes ao Mito de Cthulhu. No romance *A maldição do cigano*, de Stephen King, há um bar chamado Hastur, que é destruído em um incêndio, e em seu lugar é construída uma loja de produtos alternativos chamada O Rei de Amarelo. E no recente sucesso da tevê, a série *True Detective*, um certo "Rei Amarelo" é figura-chave.

Fora do contexto da Mitologia de Cthulhu e das especulações em torno do que seria uma "mitologia amarela" plenamente desenvolvida, nomes como Hastur e Carcosa também foram usados pela escritora Marion

Zimmer Bradley (1930-1999) em sua série de ficção científica *Darkover*. E Raymond Chandler (1888-1956), um dos grandes mestres do romance policial, escreveu um conto intitulado “O rei de amarelo”, sobre o assassinato de um astro decadente do jazz, vítima que lembra os protagonistas depravados de Huysmans.

Nota

[1] Carlos Orsi é jornalista e escritor, publicado no Brasil, em Portugal, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Argentina. Seu conto “The Machine in Yellow”, sobre uma montagem da peça *O Rei de Amarelo* durante a ditadura brasileira de 1964-1985, foi publicado na antologia americana *Rehearsals for Oblivion*, em 2006. É autor do romance *Guerra justa* e do livro de contos *Campo total*.

O reparador de reputações

I

“Ne raillons pas les fous; leur folie dure plus longtemps que la nôtre... Voila toute la différence.”[1]

Pouco antes do fim de 1920[2], o governo dos Estados Unidos tinha praticamente completado o programa adotado durante os últimos meses da administração do presidente Winthrop. O país estava aparentemente tranquilo. Todos sabem como as questões tributárias e trabalhistas foram resolvidas. A guerra contra a Alemanha, incidente resultante da tomada das Ilhas Samoa por aquele país, não deixara cicatrizes visíveis na república, e a ocupação temporária de Norfolk pelo exército invasor tinha sido esquecida na euforia gerada pelas repetidas vitórias navais e no subsequente desespero das tropas do general Von Gartenlaube no estado de Nova Jersey. Os investimentos em Cuba e no Havaí haviam sido 100% bem-sucedidos, e o território de Samoa compensava muito seu custo como posto de abastecimento de carvão. O país estava em excelente estado de defesa. Todas as cidades costeiras tinham sido providas com fortificações terrestres; o Exército sob o olhar zeloso do estado-maior, organizado de acordo com o sistema prussiano, fora aumentado para trezentos mil homens, com um contingente de reserva de um milhão; e seis esquadras magníficas de cruzadores e encouraçados patrulhavam as seis regiões dos mares navegáveis, deixando uma reserva de vapores devidamente apropriada para controlar as águas territoriais. Finalmente, os cavalheiros do Oeste haviam sido forçados a reconhecer que uma faculdade para a formação

de diplomatas era tão necessária quanto escolas de direito; consequentemente, não éramos mais representados no exterior por patriotas incompetentes. A nação prosperava; Chicago, por um momento paralisada após um segundo grande incêndio, erguera-se de suas ruínas, branca e imperial, e mais bonita que a cidade branca que fora construída para sua diversão em 1893.[3] Por toda parte, arquitetura de má qualidade estava sendo substituída por boa arquitetura, e, mesmo em Nova York, uma repentina avidez por decência varrera grande parte dos horrores existentes. Ruas foram alargadas, devidamente pavimentadas e iluminadas, plantaram-se árvores, criaram-se praças, viadutos foram demolidos e passagens subterrâneas, construídas para substituí-los. Os novos prédios e quartéis do governo eram belas obras arquitetônicas, e o extenso sistema de píeres de pedra que cercavam toda a ilha fora transformado em parques que se revelaram uma bênção para a população. Subsídios para o teatro e a ópera do estado renderam seus frutos. A Academia Americana de Design era muito parecida com as instituições europeias do mesmo tipo. Ninguém invejava o secretário de Belas-Artes, nem sua posição no gabinete nem sua pasta ministerial. O secretário do Meio Ambiente e da Caça tinha uma tarefa muito mais fácil, graças ao novo sistema da Polícia Montada Nacional. Saímos ganhando bastante com os últimos tratados com a França e a Inglaterra: a expulsão de judeus nascidos no exterior como medida de autopreservação; a criação do novo estado crioulo independente de Suanee; o controle de imigração; as novas leis sobre naturalização e a centralização gradual do poder executivo. Tudo contribuía para a calma e a prosperidade da nação. Quando o governo resolveu o problema dos índios, e os esquadrões de batedores índios da cavalaria em suas roupas tradicionais foram substituídos por organizações lamentáveis anexadas à retaguarda de

regimentos depauperados, por ordem de um ex-secretário de Guerra, a nação deu um grande suspiro de alívio. Quando, depois do colossal Congresso de Religiões, a intolerância e o fanatismo foram enterrados em suas covas, e a bondade e a caridade começaram a agregar seitas rivais, muitos acharam que os mil anos de paz e felicidade tinham chegado, pelo menos no Novo Mundo, que, afinal, é em si um mundo inteiro.

Mas a autopreservação é a primeira lei, e os Estados Unidos contemplavam com tristeza e impotência a Alemanha, a Itália, a Espanha e a Bélgica sofrerem com as desgraças da anarquia, enquanto a Rússia, que assistia a tudo do Cáucaso, envolvia-as e capturava uma por uma.

Na cidade de Nova York, o verão de 1899 foi marcado pela demolição das linhas férreas elevadas. O verão de 1900 viverá nas lembranças dos moradores da cidade por muito tempo; foi nesse ano que removeram a estátua do Dodge. No inverno seguinte, iniciou-se a agitação pelo fim das leis que proibiam o suicídio, que rendeu seu fruto definitivo em abril de 1920, quando a primeira Câmara Letal do governo foi inaugurada na Washington Square.

Naquele dia, eu tinha caminhado da casa do dr. Archer, na Madison Avenue, onde estive por mera formalidade. Desde que caí do cavalo, quatro anos atrás, às vezes sou importunado por dores na cabeça e no pescoço, mas agora fazia meses que elas tinham desaparecido, e o médico despediu-se de mim dizendo não haver mais nada em mim a ser curado. Eu nem devia precisar pagar a consulta só para ouvir isso; eu mesmo já sabia. Mesmo assim, não me incomodei em pagá-lo. O que me incomodou foi o erro que ele cometera no início. Quando me levantavam do chão onde eu jazia inconsciente, alguém havia piedosamente metido uma bala na cabeça do meu cavalo, e me levaram até o dr. Archer; e ele declarou que meu cérebro fora afetado e me internou em seu manicômio particular, onde fui obrigado a me submeter a um tratamento para

insanidade. Por fim, ele decidiu que eu estava bem, e eu, sabendo que minha mente sempre estivera tão boa quanto a dele, se não melhor, "paguei meus estudos", como ele dizia brincando, e fui embora. Sorrindo, eu disse-lhe que iria à forra pelo erro, e ele caiu na gargalhada e pediu que eu telefonasse de vez em quando. Fiz isso, esperando por uma chance de acertar as contas, mas ele não me dava, e eu lhe dizia que esperaria.

A queda do cavalo, felizmente, não deixou sequelas. Pelo contrário: melhorou a minha personalidade. De um rapaz preguiçoso e mundano, tornei-me ativo, enérgico, equilibrado e, acima de tudo, ah, acima de tudo mesmo, ambicioso. Só uma coisa me incomodava: eu ria da minha própria ansiedade, e mesmo assim ela me incomodava.

Durante minha convalescência, comprei e li pela primeira vez *O Rei de Amarelo*[4]. Lembro, depois de terminar o primeiro ato, que me ocorreu que era melhor parar por ali. Arremessei o volume na lareira, mas o livro bateu na grade protetora e caiu aberto no chão, iluminado pelas chamas. Se não tivesse visto de passagem as primeiras linhas do segundo ato, eu nunca teria terminado a leitura, mas, quando me levantei para pegá-lo, meus olhos grudaram na página aberta, e com um grito de horror, ou talvez tenha sido de alegria, tão pungente que o senti em cada nervo, afastei o objeto das brasas e voltei em silêncio e tremendo para meu quarto, onde o li e o reli, e chorei, e ri e estremeci com um terror que às vezes ainda me assola. É isso que me incomoda, pois não consigo me esquecer de Carcosa, onde estrelas negras pendem dos céus; onde as sombras dos pensamentos dos homens se alongam ao entardecer, quando os sóis gêmeos mergulham no lago de Hali[5]; e minha mente guardará para sempre a lembrança da Máscara Pálida[6]. Peço a Deus que amaldiçoe o escritor, pois ele amaldiçoou o mundo com esta bela, estupenda criação, terrível em sua simplicidade, irresistível em sua verdade —

palavra que agora estremece diante do Rei de Amarelo. Quando o governo francês confiscou os exemplares traduzidos que tinham acabado de chegar a Paris, Londres, é claro, ficou ansiosa para lê-lo. É bem sabido que o livro se espalhou como uma doença contagiosa, de cidade a cidade, de continente a continente, proibido ali, confiscado acolá, condenado pela imprensa e pelas religiões, censurado até pelos anarquistas literários mais avançados. Nenhum princípio específico tinha sido violado em suas páginas, nenhuma doutrina fora disseminada, nenhuma convicção, vilipendiada. Não se podia julgá-lo por nenhum padrão conhecido, mesmo assim, apesar de se reconhecer que *O Rei de Amarelo* atingira a nota suprema da arte, todos sentiam que a natureza humana não era capaz de suportar seu poder nem de tirar proveito de palavras nas quais se escondia a essência do mais puro veneno. A própria banalidade e a inocência do primeiro ato só davam um efeito ainda mais terrível ao golpe que vinha depois.

Pelo que me lembro, era 13 de abril de 1920, quando inauguraram a primeira Câmara Letal do governo ao sul da Washington Square, entre a Wooster Street e a Quinta Avenida. O quarteirão, antes formado por vários prédios velhos e decrépitos, usados como cafés e restaurantes por estrangeiros, tinha sido adquirido pelo governo no inverno de 1898. Os cafés e restaurantes franceses e italianos foram demolidos; todo o quarteirão foi fechado por uma cerca de ferro dourada e convertido em um belo jardim, com gramado, flores e fontes. No centro do jardim havia uma pequena construção branca, de arquitetura clássica e austera, cercada por arbustos densos e floridos. Seis colunas iônicas sustentavam o teto, e sua única porta era feita de bronze. Diante da entrada, havia um grupo esplêndido de estátuas em mármore das parcas[7], obra de um jovem escultor americano, Boris Yvain, que morrera em Paris com apenas 23 anos.

A cerimônia de inauguração estava em andamento quando atravessei a University Place e cheguei à praça. Abri caminho entre a grande multidão silenciosa de espectadores, mas fui detido na Fourth Street por um cordão de isolamento da polícia. Um regimento de lanceiros dos Estados Unidos formava um perímetro em torno da Câmara Letal. O governador de Nova York estava em uma tribuna elevada de frente para o Washington Park, e atrás dele se agrupavam o prefeito de Nova York e do Brooklyn, o inspetor-geral da polícia, o comandante das tropas estaduais, o coronel Livingstone (assessor militar do presidente dos Estados Unidos), o general Blount (comandante em Governors Island), o general de divisão Hamilton (comandante das forças militares de Nova York e do Brooklyn), o almirante Buffby da frota do North River, o secretário de Saúde Lanceford, a equipe do National Free Hospital, os senadores Wyse e Franklyn, de Nova York, e o comissário de obras públicas. A tribuna estava cercada por um esquadrão de hussardos da Guarda Nacional.

O governador estava terminando sua resposta ao breve discurso do secretário de Saúde. Eu o ouvi dizer:

— As leis que proibiam o suicídio e puniam qualquer tentativa de autodestruição foram abolidas. O governo achou apropriado reconhecer o direito do homem de acabar com uma existência que pode ser insuportável devido ao sofrimento físico ou desespero mental. Acreditamos que a comunidade será beneficiada pela remoção dessas pessoas de seu convívio. Desde a aprovação desta lei, o número de suicídios nos Estados Unidos não aumentou. Agora que o governo resolveu criar Câmaras Letais em todas as cidades, das maiores aos menores vilarejos do país, resta ver se esse tipo de criatura humana, de cujas fileiras desalentadas diariamente surgem vítimas da autodestruição, aceitará o alívio que elas fornecerão.[8]

Ele fez uma pausa e se virou para a Câmara Letal branca. O silêncio na rua era absoluto.

— Lá, uma morte indolor aguarda a pessoa que não suporta mais seus pesares nesta vida. Se a morte é tão bem-vinda, venham buscá-la aqui.

Depois, virando-se rapidamente para o assessor militar do presidente, acrescentou:

— Eu, como porta-voz do governo, declaro aberta a Câmara Letal. — E de novo, olhando para a grande multidão, disse em voz alta e clara: — Cidadãos de Nova York e dos Estados Unidos da América, o governo declara aberta a Câmara Letal.

Um grito brusco de comando rompeu o silêncio solene. O esquadrão de hussardos se enfileirou atrás da carruagem do governador. Os lanceiros se moveram e se alinharam ao longo da Quinta Avenida para esperar pelo comandante da guarnição, e a polícia montada os seguiu. Deixei a multidão para observar, boquiaberto e com atenção, a Câmara Mortífera de mármore branco, e, depois de atravessar a Quinta Avenida, caminhei por uma viela até a Bleecker Street. Então, virei à direita e parei em frente a uma loja escura e de aspecto sujo que tinha o letreiro:

HAWBERK[9], ARMEIRO

Olhei pela porta para o interior e vi Hawberk ocupado com sua lojinha no fundo do corredor. Ele ergueu os olhos e, ao me ver, deu um grito com sua voz grave e alegre:

— Entre, sr. Castaigne!

Constance[10], a filha dele, levantou-se para me receber quando entrei pela porta e estendeu sua bela mão, mas notei o rubor de decepção em seu rosto e inferi que ela esperava ver outro Castaigne, meu primo Louis. Sorri com sua confusão e a cumprimentei pelo estandarte que estava

bordando a partir de um prato decorativo. O velho Hawberk estava sentado rebitando as grevas gastas de alguma velha armadura, e o ting! ting! ting! de seu martelinho era um som agradável naquela loja antiquada. Então, largou o martelo e mexeu um pouco com uma pequena chave inglesa. A batida suave da armadura enviou uma vibração de prazer por meu corpo. Eu adorava ouvir o som de aço raspando em aço, o doce golpe do malho sobre protetores de coxas e o retinir de cotas de malha. Era o único motivo que me fazia visitar Hawberk. Ele nunca despertara meu interesse, nem Constance, exceto pelo fato de ela estar apaixonada por Louis. Isso ocupava minha mente e às vezes me fazia perder o sono à noite. Mas eu sabia de coração que tudo acabaria bem e que eu daria um jeito no futuro deles, assim como faria com o de meu querido médico, John Archer. Entretanto, nunca teria me dado o trabalho de visitá-los naquele momento, não fosse, como eu disse, pelo fascínio que a música metálica do martelo exercia sobre mim. Eu poderia permanecer sentado por horas ouvindo e ouvindo, e, quando um raio de sol perdido atingia o aço marchetado, a sensação era quase boa demais para aguentar. Meus olhos ficavam fixos, dilatavam-se com um prazer que tensionava cada nervo quase ao ponto de ruptura, até que algum movimento do velho armeiro bloqueava a luz. Então, ainda vibrando em segredo, eu me recostava e continuava ouvindo o som do trapo de polimento, swish! swish!, limpando ferrugem dos rebites.

Constance trabalhava com o bordado sobre os joelhos, parando de vez em quando para examinar mais de perto o padrão no prato colorido do Metropolitan Museum.

— Para quem é isso? — perguntei.

Hawberk explicou que, além dos tesouros em armaduras do Metropolitan Museum dos quais ele fora indicado armeiro, ele cuidava de várias peças de colecionadores ricos. Aquela era a greva que faltava em uma armadura famosa que um cliente encontrara em uma lojinha no Quai

d’Orsay, em Paris. Ele, Hawberk, negociara e conseguira a greva, e agora a armadura estava completa. Ele pousou o martelo e leu para mim a história da armadura, que podia ser traçada até 1450, de dono a dono, até ser comprada por Thomas Stainbridge. Quando sua fantástica coleção foi vendida, esse cliente de Hawberk comprou a armadura e, desde então, o homem começou uma busca intensa pela greva, até que, quase por acidente, ela foi localizada em Paris.

— Você continuou procurando com tanta persistência sem nenhuma certeza de que a greva ainda existia? — perguntei.

— É claro — respondeu ele tranquilamente.

Então, pela primeira vez, eu me interessei por Hawberk.

— Ela valia algo para o senhor — arrisquei.

— Não — respondeu ele, rindo. — Meu prazer em encontrá-la foi minha recompensa.

— O senhor não tem ambição de enriquecer? — perguntei com um sorriso.

— Minha única ambição é ser o melhor armeiro do mundo — respondeu com gravidade.

Constance me perguntou se eu tinha visto a cerimônia da Câmara Letal. Ela vira a cavalaria subir a Broadway naquela manhã e sentira vontade de ir ver a inauguração, mas o pai queria o estandarte pronto, e ela ficara a pedido dele.

— Sr. Castaigne, o senhor viu seu primo por lá? — perguntou ela, com um leve tremor em seus cílios suaves.

— Não — respondi despreocupadamente. — O regimento de Louis está em manobra no condado de Westchester.

Eu me levantei e peguei meu chapéu e minha bengala.

— O senhor vai subir para ver o lunático outra vez? — perguntou, rindo, o velho Hawberk. Se ele soubesse como odeio a palavra “lunático”, nunca a usaria em minha presença. Ela provoca em mim certos sentimentos que prefiro não explicar. Entretanto, respondi baixinho:

— Acho que vou dar uma passada por lá e ver o sr. Wilde[11] por alguns minutos.

— Pobre homem — disse Constance, balançando a cabeça. — Deve ser muito difícil viver sozinho ano após ano, aleijado e quase demente. É muita bondade sua, sr. Castaigne, visitá-lo com a frequência que o faz.

— Eu acho que ele é mau — observou Hawberk, recomeçando a trabalhar com o martelo. Ouvi o tilintar dourado nas placas das grevas. Quando ele terminou, retruquei:

— Não, ele não é mau, e não está nem um pouco demente. Sua mente é uma câmara de maravilhas, da qual ele pode extrair tesouros que o senhor e eu daríamos anos de nossa vida para adquirir.

Hawberk riu.

Continuei, um pouco impaciente:

— Ele conhece história como ninguém. Nada, por mais trivial, escapa de sua busca, e sua memória é tão perfeita, tão precisa nos detalhes, que, se soubessem em Nova York que um homem como ele existe, as pessoas não poderiam lhe prestar homenagens suficientes.

— Bobagem — murmurou Hawberk, procurando um rebite caído no chão.

— É bobagem... — perguntei, esforçando-me para controlar o que sentia. — É bobagem quando ele diz que as perneiras e os protetores de coxas frontais da armadura esmaltada comumente conhecida como a “Armadura Brasonada do Príncipe” estão jogadas no meio de uma pilha de objetos cênicos enferrujados, fogões quebrados e mais ferro-velho em um sótão em Pell Street?

O martelo de Hawberk caiu no chão, mas ele o pegou e perguntou, com boa dose de calma, como eu sabia que faltavam as perneiras e os protetores de coxas na armadura brasonada.

— Eu não sabia até o sr. Wilde me contar outro dia. Ele me disse que elas estão no sótão no nº 998 da Pell Street.

— Bobagem! — exclamou ele, mas percebi sua mão tremer sob o avental de couro.

— Isso também é bobagem? — perguntei divertido. — É bobagem quando o sr. Wilde se refere ao senhor como marquês de Avonshire, e a srta. Constance...

Não terminei a pergunta, pois Constance ficara de pé com um pânico estampado em todo o rosto. Hawberk olhou para mim e lentamente alisou o avental de couro.

— Isso é impossível — observou ele. — O sr. Wilde pode saber muitas coisas...

— Sobre armaduras, por exemplo, e a Armadura Brasonada do Príncipe — intervim, sorrindo.

— É — continuou ele lentamente. — Sobre armaduras também, talvez, mas ele está errado em relação ao marquês de Avonshire, que, o senhor sabe, matou o difamador de sua mulher há anos e foi para a Austrália, onde morreu pouco tempo depois.

— O sr. Wilde está errado — murmurou Constance. Seus lábios empalideceram, mas sua voz estava doce e calma.

— Vamos concordar, por favor, que, neste caso em especial, o sr. Wilde está errado — disse eu.

II

Subi os três lanços de escadas em ruínas que já havia subido tantas vezes e bati a uma pequena porta no fim do corredor. O sr. Wilde abriu-a, e eu entrei.

Depois que ele passou duas trancas na porta e empurrou um baú pesado contra ela, sentou-se ao meu lado, estudando meu rosto com seus olhos claros. Meia dúzia de arranhões novos cobriam seu nariz e suas bochechas, e os fios prateados que sustentava suas orelhas artificiais tinham

sido deslocados. Achei que nunca o havia visto tão horrivelmente fascinante. Ele não tinha orelhas. As artificiais, que agora pendiam, tortas, presas pelo arame fino, eram sua única fraqueza. Eram feitas de cera e pintadas de rosa-claro, mas o restante de seu rosto era amarelo. Ele podia ter desfrutado do luxo de uma prótese para sua mão esquerda, que não tinha dedo algum, mas parecia que isso não lhe incomodava, e ele estava satisfeito com as orelhas de cera. Era muito pequeno, pouco mais alto que uma criança de dez anos, mas os braços eram desenvolvidos de forma magnífica, e suas coxas eram grossas como as de um atleta. Apesar disso, a coisa mais impressionante no sr. Wilde era um homem com sua inteligência maravilhosa ter uma cabeça como aquela. Ela era achatada e pontuda, como a de muitos dos infelizes que as pessoas aprisionam em sanatórios para os desequilibrados. Muitos diziam que ele era insano, mas eu sabia que ele era tão são quanto eu.

Não nego que ele fosse excêntrico. A mania de provocar sua gata até fazê-la voar em sua cara como um demônio com certeza era excêntrica. Nunca consegui entender por que ele mantinha a criatura nem o prazer que sentia em se trancar em seu quarto com aquela fera mal-humorada e cruel. Lembro-me de certa vez em que, ao erguer os olhos do manuscrito que eu estudava à luz de algumas velas de sebo, vi o sr. Wilde encolhido, imóvel em sua cadeira alta, com os olhos brilhando de excitação, enquanto a gata, que se levantara de seu lugar diante do fogareiro, rastejava pelo chão na direção dele. Antes que eu conseguisse me mover, ela grudou o ventre no chão, encolheu-se, estremeceu e saltou no rosto dele. Uivando e espumando pela boca, eles rolaram várias vezes pelo piso, arranhando um ao outro, até que a gata berrou e fugiu para debaixo do armário, e o sr. Wilde deitou-se de barriga para cima, os membros se encolhendo e contraindo como as pernas de uma aranha moribunda. Ele *era* excêntrico.

O sr. Wilde tinha subido em sua cadeira alta e, depois de estudar meu rosto, pegou um livro de registros cheio de orelhas e o abriu.

— Henry B. Matthews — leu ele. — Guarda-livros na Whysot, Whysot and Company, negociantes de ornamentos para igrejas. Procurou-me em três de abril. Reputação prejudicada nas pistas de corrida. Conhecido como caloteiro. Reputação deve estar reparada até primeiro de agosto. Adiantamento pelos serviços: cinco dólares.

Ele virou a página e passou os nós da mão sem dedos pelas colunas escritas em linhas apertadas.

— P. Greene Dusenberry, ministro da Palavra de Deus, Fairbeach, Nova Jersey. Reputação maculada no Bowery. Deve ser reparada o mais rapidamente possível. Adiantamento pelos serviços: cem dólares. — Ele tossiu e acrescentou: — Procurou-me em seis de abril.

— O senhor, então, não precisa de dinheiro, certo, sr. Wilde? — indaguei.

— Escute.

Ele tossiu mais uma vez.

— Sra. C. Hamilton Chester, de Chester Park, Nova York. Procurou-me em sete de abril. Reputação afetada em Dieppe, na França. Deve ser reparada até primeiro de outubro. Adiantamento pelos serviços: quinhentos dólares.

“Observação: C. Hamilton Chester, Capitão do *U.S.S. Avalanche*, tem ordens de retornar para a casa da Esquadra dos Mares do Sul em primeiro de outubro.”

— Bem — disse eu. — A profissão de reparador de reputações é lucrativa.

Seus olhos claros procuraram os meus.

— Eu só queria mostrar que estava certo. Você disse que é impossível ser bem-sucedido como reparador de reputações; que, mesmo que eu conseguisse em alguns casos, ia me custar mais do que eu ganharia com isso. Hoje, tenho quinhentos homens a meu serviço, que são mal pagos, mas que se dedicam ao trabalho com um

entusiasmo que provavelmente se origina no medo. Esses homens podem entrar em cada fresta e nível da sociedade. Alguns são mesmo pilares dos templos sociais mais exclusivos; outros são figurões, motivos de orgulho do mundo financeiro. Outros, ainda, têm influência indiscutível em meio aos “ricos e talentosos”. Eu os escolho por minha conta entre os que respondem aos anúncios. É bem fácil, todos são covardes. Eu poderia triplicar o número em vinte dias se quisesse. Então, veja, as pessoas que têm em suas mãos a reputação de seus concidadãos eu tenho em minha folha de pagamento.

— Eles podem se voltar contra o senhor — sugeri.

Ele esfregou o polegar sobre as orelhas cortadas e ajustou as substitutas de cera.

— Acho que não — murmurou, pensativo. — Raramente tenho que usar o chicote e só o faço uma vez. Além disso, eles gostam de seus salários.

— Como o senhor usa o chicote?

Por um instante, o rosto dele ficou horrendo de se ver. Seus olhos se encolheram em um par de centelhas verdes.

— Eu os convido para uma conversinha comigo — disse ele com uma voz suave.

Uma batida na porta interrompeu-o, e seu rosto reassumiu a expressão simpática.

— Quem é? — indagou.

— O sr. Steylette. — Foi a resposta.

— Volte amanhã — respondeu o sr. Wilde.

— Impossível — começou o outro, mas foi silenciado por uma espécie de rosnado do sr. Wilde.

— Volte amanhã — repetiu.

Ouvimos alguém se afastar da porta e pegar o corredor junto da escada.

— Quem era? — perguntei.

— Arnold Steylette, dono e editor-chefe do maior jornal diário de Nova York.

Ele tamborilou sobre o livro de registros com a mão sem dedos e acrescentou:

— Eu o pago muito mal, mas ele acha que é um ótimo negócio.

— Arnold Steylette! — repeti, impressionado.

— É — disse o sr. Wilde, com uma tosse típica de quem está satisfeito consigo.

A gata, que havia entrado na sala enquanto ele falava, hesitou, olhou para o dono e bufou. Ele desceu da cadeira, agachou-se até o chão, pegou-a nos braços e a acariciou. A gata parou de reclamar e, na hora, começou a ronronar alto, em um timbre que parecia aumentar conforme ele a acariciava.

— Onde estão as anotações? — perguntei.

Ele apontou para a mesa, e, pela centésima vez, peguei a pilha manuscrita intitulada:

A DINASTIA IMPERIAL DA AMÉRICA.

Uma a uma, estudei as páginas gastas, gastas apenas por meu manuseio, e, apesar de saber tudo de cor, desde o começo, “Quando de Carcosa, das Híades, Hastur[12] e Aldebarã” até “Castaigne, Louis de Calvados, nascido em 19 de dezembro de 1877”. Eu o lia com uma atenção ávida e arrebatada, parando para repetir algumas partes em voz alta e dando especial atenção a “Hildred de Calvados, filho único de Hildred Castaigne e Edythe Landes Castaigne, primeiro na sucessão” etc. etc.

Quando terminei, o sr. Wilde balançou a cabeça e tossiu.

— Por falar em sua ambição legítima — disse ele —, como vai a relação de Constance e Louis?

— Ela o ama — respondi sem rodeios.

De repente, a gata em seus joelhos virou-se e atacou seus olhos, e ele a largou e subiu na cadeira em frente a mim.

— E o dr. Archer? Mas esse é um problema que você pode resolver quando quiser — acrescentou ele.

— É — respondi. — O dr. Archer pode esperar, mas é hora de ver meu primo Louis.

— Chegou a hora — repetiu ele. Depois pegou outro livro de registros na mesa e folheou-o rapidamente. — Agora estamos em contato com dez mil homens — murmurou. — Podemos contar com cem mil nas primeiras vinte e oito horas, e em quarenta e oito horas o estado vai se erguer *en masse*. O país seguirá o estado, e a parte que não seguir, estou falando da Califórnia e do Noroeste, ficaria melhor se nunca tivesse sido habitada. Não mandarei o Emblema Amarelo para eles.

Meu sangue foi todo para a cabeça, mas respondi apenas:

— É bom fazer uma limpeza completa.

— A ambição de César e Napoleão empalidece diante desta que não pode descansar enquanto não tomar as mentes dos homens e controlar até os pensamentos que ainda não tiveram — disse o sr. Wilde.

— Está falando do Rei de Amarelo — grunhi com um tremor.

— Ele é um rei a quem imperadores já serviram.

— Estou satisfeito por servi-lo — retruquei.

O sr. Wilde sentou esfregando as orelhas com a mão aleijada.

— Talvez Constance não o ame — sugeriu.

Comecei a responder, mas o barulho repentino de música militar vindo da rua abaixo abafou minha voz. O XX Regimento dos Dragões, que antes ficava aquartelado no Monte St. Vincent, estava voltando da manobra no condado de Westchester para seu quartel na Washington Square. Era o regimento do meu primo. Um belo grupo de homens com suas jaquetas justas azul-claras, penachos garbosos nas barretinas e calças brancas de montaria com faixas amarelas duplas na lateral, as quais suas pernas pareciam ter sido modeladas. Quase todos os esquadrões estavam

armados com lanças, de cujas pontas de metal tremulavam flâmulas bicolores, em amarelo e branco. A banda passou tocando a marcha regimental, depois surgiram o coronel e seu estado-maior, com seus cavalos aglomerados e batendo as patas no chão, enquanto as cabeças balançavam em uníssono, e as flâmulas tremulavam das pontas de suas lanças. Os soldados da cavalaria, que montavam com bela sela inglesa, estavam marrons como frutas silvestres após sua campanha sem sangue derramado em meio às fazendas de Westchester, e eu achava deliciosa a música de seus sabres batendo nos estribos e o retinir das esporas e carabinas. Avistei Louis montado com seu esquadrão. Ele era um dos oficiais mais belos que eu já havia visto. O sr. Wilde, que subira em uma cadeira ao lado da janela, também o viu, mas não disse nada. Louis virou-se e olhou direto para a oficina de Hawberk ao passar, e percebi o rubor em seu rosto moreno. Acho que Constance devia estar à janela. Quando os últimos soldados acabaram de passar e as últimas flâmulas desapareceram pela Quinta Avenida, o sr. Wilde desceu com dificuldade de sua cadeira e afastou o baú da porta.

— É — disse ele. — É hora de você ver seu primo Louis.

Ele destrancou a porta. Peguei meu chapéu e minha bengala e saí para o corredor. As escadas estavam escuras. Tateando, pisei em algo macio, que bufava e espumava pela boca. Mirei um golpe assassino na gata, mas minha bengala se espatifou em lascas na balaustrada, e a fera correu de volta para o quarto do sr. Wilde.

Quando tornei a passar pela porta do sr. Hawberk, eu o vi ainda trabalhando na armadura, mas não parei, e, ao sair na Bleecker Street, segui até a Wooster, circundei a área da Câmara Letal e, depois de atravessar o Washington Park, fui direto para meus aposentos no Benedick. Lá, almocei confortavelmente, li o *Herald* e o *Meteor* e finalmente fui até o cofre de aço em meu quarto e marquei a combinação de tempo. Os três minutos e quarenta e cinco segundos que

preciso esperar, enquanto a trava com temporizador se abre, são, para mim, momentos de ouro. Desde quando marco a combinação até o instante em que agarro as alavancas e puxo as portas sólidas de aço, vivo em um êxtase de expectativa. Esses momentos devem ser como os que se passam no paraíso. Sei o que encontrarei no fim desse limite de tempo. Sei o que o cofre grande e maciço guarda para mim, só para mim, e o prazer exótico de esperar mal é superado quando ele se abre e eu pego, de sua base de veludo, um diadema do ouro mais puro, reluzente com diamantes. Faço isso todos os dias, e, mesmo assim, a alegria de esperar e finalmente voltar a tocar o diadema só parece crescer com o passar do tempo. É um diadema feito para um Rei entre reis, um Imperador entre imperadores. O Rei de Amarelo pode desprezá-lo, mas ele será usado por seu servo leal.

Eu o tomei nos braços até que o alarme do cofre soou bruscamente, e então, com delicadeza e orgulho, recoloquei-o no lugar e fechei as portas de aço. Caminhei com calma de volta para meu estúdio, que dá para a Washington Square, e debrucei no peitoral da janela. O sol da tarde penetrava por ela, e uma brisa suave agitava os galhos dos olmos e bordos no parque, agora cobertos de brotos e folhagem macia. Um bando de pombos voava em círculos ao redor da torre da Memorial Church; às vezes pousando nos telhados de telhas roxas, outras mergulhando na direção da fonte de lótus diante dos arcos de mármore na praça. Os jardineiros estavam ocupados com os canteiros de flores ao redor da fonte, e a terra recém-revirada tinha um aroma doce e pungente. Um cortador de grama puxado por um cavalo branco gordo fazia um barulho metálico pelo gramado verde, e carroças de água jogavam jatos sobre as pistas de asfalto. Ao redor da estátua de Peter Stuyvesant, que em 1897 substituíra a monstruosidade que supostamente representava Garibaldi[13], as crianças

brincavam sob o sol de primavera, e jovens babás empurravam elaborados carrinhos de bebê com uma desatenção negligente por seus ocupantes de rosto pálido, o que provavelmente era explicado pela presença de meia dúzia de cavaleiros do Regimento dos Dragões relaxando preguiçosamente nos bancos. Através das árvores, o Arco Memorial de Washington brilhava como prata ao pôr do sol, e, depois dele, na extremidade leste da praça, o quartel de pedra cinza dos Dragões e os estábulos de granito branco da artilharia estavam vivos, cheios de cores e movimento.

Olhei para a Câmara Letal no canto oposto da praça. Alguns curiosos ainda estavam por perto da cerca de ferro dourada, mas, no interior, o espaço estava deserto. Observei as águas das fontes ondularem e brilharem; as andorinhas já haviam descoberto esse novo local de banho, e os pontos onde a água se acumulava já se encontravam repletos dessas coisinhas cobertas de penas empoeiradas. Dois ou três pavões-brancos atravessaram o gramado, e um pombo de cor sem graça estava pousado tão imóvel no braço de uma das parcas que parecia fazer parte da pedra esculpida.

Enquanto me virava despreocupadamente para outro lado, uma pequena comoção no grupo de curiosos próximos do portão atraiu minha atenção. Um jovem tinha entrado e estava avançando com passos nervosos pelo caminho de cascalho que levava até as portas de bronze da Câmara Letal. Ele parou por um instante diante das parcas, e, quando ergueu os olhos para aqueles três rostos misteriosos, o pombo levantou voo de seu poleiro de pedra, voou em círculos por um instante e seguiu para o leste. O rapaz levou a mão ao rosto e, depois, com gesto indefinível, subiu depressa as escadas de mármore, as portas de bronze se fecharam às suas costas, e meia hora mais tarde as pessoas que estavam por ali foram embora, e o pombo voltou para seu poleiro nos braços da parca.

Coloquei o chapéu e fui ao parque para uma caminhada rápida antes do jantar. Quando atravessava a alameda central, passou um grupo de oficiais, e um deles chamou:

— Olá, Hildred. — E virou-se para apertar minha mão. Era meu primo Louis, que estava parado sorrindo, batendo nas esporas de seus calcanhares com o chicote de montaria. — Acabei de chegar de Westchester. Passei uns dias bucólicos; leite e coalho, sabe, leiteiras com toucas de sol na cabeça, que falam “Dia” e “Num acho, não” quando você diz a elas que são bonitas. Estou quase morrendo por uma refeição decente no Delmonico’s. Quais as novidades?

— Nenhuma — respondi, satisfeito. — Vi seu regimento chegar esta manhã.

— É mesmo? Não vi você. Onde estava?

— Na janela do sr. Wilde.

— Ah, diabos! — retrucou com impaciência. — Aquele homem é completamente doido! Não entendo por que você...

Ele viu como fiquei aborrecido com sua reação impulsiva e pediu desculpas.

— Olhe, meu amigo — disse ele. — Não estou querendo ofender um homem de quem você gosta, mas juro que não consigo entender o que diabos você vê no sr. Wilde. Ele não tem berço, para ser delicado. É horrivelmente deformado; possui a mente de um criminoso louco. Você mesmo sabe que ele já esteve em um manicômio...

— E eu também — interrompi com calma.

Louis pareceu surpreso e confuso por um instante, mas se recuperou e me deu um tapinha carinhoso no ombro.

— Você ficou completamente curado — começou ele, mas tornei a interrompê-lo.

— Acho que você quer dizer que simplesmente reconheceram que eu nunca estive insano.

— É claro, é isso... foi isso o que eu quis dizer. — Ele riu.

Não gostei de seu riso, porque sabia que era forçado, mas assenti alegre e perguntei-lhe aonde ia. Louis estava

cuidando de seus irmãos de armas, que naquele momento estavam quase chegando à Broadway.

— Tínhamos pensado em tomar uns coquetéis Brunswick, mas, para lhe dizer a verdade, eu estava ansioso por uma desculpa para, em vez disso, visitar Hawberk. Venha, vou fazer de você minha desculpa.

Encontramos o velho Hawberk bem-vestido em um terno de primavera limpo parado à porta de sua loja, farejando o ar.

— Tinha acabado de decidir levar Constance para dar uma volta antes do jantar — respondeu ele à torrente impetuosa de perguntas de Louis. — Pensamos em passear pelo parque, no calçadão às margens do North River.

Naquele instante, Constance apareceu, ficou pálida e, em seguida, corou quando Louis se inclinou em direção a seus pequenos dedos enluvados. Tentei me despedir, alegando um compromisso na região residencial da cidade, mas Louis e Constance não me deram ouvidos, e percebi que esperavam que eu permanecesse e fizesse companhia ao velho Hawberk. Bem, também seria bom eu manter o olho em Louis, pensei, e, quando eles chamaram uma carruagem em Spring Street, subi e tomei meu lugar ao lado do armeiro.

A bela extensão de parques e o calçadão pavimentado de granito à beira dos atracadouros ao longo do North River, que começaram a ser construídos em 1910 e terminaram no outono de 1917, haviam se tornado uns dos locais de passeio mais populares da metrópole. O local se estendia do Battery Park até a 190th Street, defronte ao nobre rio, permitindo uma bela vista da margem de Nova Jersey e das montanhas ao longe. Havia cafés e restaurantes espalhados por ali em meio às árvores, e duas vezes por semana bandas militares da guarnição tocavam nos coretos nos parapeitos.

Nós nos sentamos em um banco à luz do sol ao pé da estátua equestre do general Sheridan. Constance inclinou a sombrinha para proteger seus olhos, e ela e Louis começaram uma conversa sussurrada impossível de captar. Apoiado em sua bengala com punho de marfim, o velho Hawberk acendeu um charuto excelente e me ofereceu um também, que eu educadamente recusei, e sorri despreocupado. O sol estava baixo no céu, acima dos bosques de Staten Island, e as águas pareciam pintadas de manchas douradas refletidas nas velas dos navios aquecidas pelo sol.

Brigues, escunas, iates, balsas desajeitadas com seus deques repletos de gente, transportadores ferroviários carregando fileiras de vagões de carga marrons, azuis e brancos, vapores garbosos e seguros, vapores vagabundos e sem classe, barcos de cabotagem, outros que só cruzavam a baía, barcaças de carga e, em toda parte, tomando a baía inteira, pequenos rebocadores impertinentes fumegando e apitando laboriosamente. Esses eram os barcos que agitavam as águas banhadas pela claridade até onde a vista alcançava. E, em um contraste calmo com a pressa de barcos a vela e a vapor, uma frota silenciosa de navios de guerra brancos estava imóvel no centro da corrente.

O riso contente de Constance me despertou do devaneio.

— O que você está olhando? — indagou ela.

— Nada... a frota — respondi, sorrindo.

Então, Louis contou-nos quais eram os navios, apontando cada um por sua posição em relação ao velho Forte Red em Governors Island.

— Aquela coisinha com formato de charuto é um torpedeiro — explicou ele. — Há outros quatro, um bem ao lado do outro. Eles se chamam *Tarpon, Falcon*, *Sea Fox* e *Octopus.* As canhoneiras logo em seguida se chamam *Princeton*, *Champlain*, *Still Water* e *Erie*. Ao lado delas ficam os cruzadores *Faragut* e *Los Angeles*, e acima deles os

encouraçados *California* e *Dakota*, e o *Washington*, que é o navio-capitânia. Aquelas duas coisas de metal baixas de aparência sólida ancoradas ali perto do Castelo Williams são os monitores blindados de duas torretas, *Terrible* e *Magnificent.* Atrás deles fica o navio-aríete, o *Osceola*.

Constance olhava para ele com ar de profunda aprovação em seus belos olhos.

— Para um soldado, você sabe muita coisa! — disse ela, e todos rimos ao mesmo tempo.

Naquele instante, Louis levantou-se, acenou com a cabeça e ofereceu o braço a Constance, e eles saíram caminhando ao longo da mureta do rio. Hawberk os observou por um instante e depois se virou para mim.

— O sr. Wilde tinha razão — disse ele. — Eu encontrei as perneiras e o protetor de coxa esquerdo faltantes da Armadura Brasonada do Príncipe em um sótão velho cheio de lixo em Pell Street.

— No 998? — perguntei com um sorriso.

— Sim.

— O sr. Wilde é um homem muito inteligente — comentei.

— Quero dar a ele o crédito por essa descoberta de enorme importância — prosseguiu Hawberk. — E quero que saibam que ele merece a fama por isso.

— Ele não lhe agradecerá — respondi bruscamente. — Por favor, não diga nada sobre isso.

— O senhor sabe o quanto isso vale? — perguntou Hawberk.

— Não. Uns cinquenta dólares, talvez.

— Está avaliado em quinhentos, mas o dono da Armadura Brasonada do Príncipe vai pagar dois mil a quem completar sua armadura. Essa recompensa também pertence ao sr. Wilde.

— Ele não a quer! Ele a recusa! — respondi com raiva. — O que o senhor sabe do sr. Wilde? Ele não precisa desse dinheiro. Ele é rico, ou vai ser, mais rico do que qualquer homem vivo, exceto por mim. Então, por que ligaríamos

para dinheiro, por que nos importaríamos, ele e eu, quando... quando...

— Quando o quê? — perguntou Hawberk, atônito.

— O senhor verá — respondi, tentando me resguardar.

Ele olhou para mim com os olhos semicerrados, bem como o dr. Archer costumava fazer, e vi que ele achava que eu estava mentalmente perturbado. Talvez fosse sorte dele não ter usado a palavra “lunático” naquele momento.

— Não — respondi a seu pensamento não dito. — Não estou fraco da cabeça; minha mente está tão saudável quanto a do sr. Wilde. Ainda não quero explicar o que tenho em mãos, mas é um investimento que pagará mais do que simples ouro, prata e pedras preciosas. Ele vai garantir a felicidade e a prosperidade de um continente, sim, de um hemisfério!

— Ah — disse Hawberk.

— E, com o tempo — prossegui com voz mais baixa —, garantirá a felicidade de todo o mundo.

— E, coincidentemente, também a felicidade e a prosperidade suas e do sr. Wilde...

— Exato. — Sorri. Mas eu podia tê-lo esganado por causa daquele tom de voz.

Ele me olhou em silêncio por um instante e depois disse com muita calma:

— Por que não larga seus livros e estudos, sr. Castaigne, e passa um tempo viajando por algum lugar nas montanhas? O senhor gostava de pescar. Tente pegar trutas no Rangelys[14].

— Não ligo mais para pesca — respondi, sem sinal de aborrecimento na voz.

— O senhor gostava de tudo — prosseguiu ele. — De esportes, de velejar, de atirar, de montar...

— Perdi o gosto por montar desde que caí — retruquei em voz baixa.

— Ah, é verdade, sua queda — repetiu ele, desviando os olhos.

Achei que aquela conversa sem sentido tinha ido longe demais, por isso levei o assunto de volta ao sr. Wilde; mas, outra vez, ele estava examinando meu rosto de um jeito que considerei extremamente ofensivo.

— O sr. Wilde... — repetiu ele — sabe o que ele fez esta tarde? Ele desceu e prendeu um letreiro na porta do corredor, ao lado do meu. Estava escrito:

SR. WILDE,
REPARADOR DE REPUTAÇÕES.
Terceira campainha.

“O senhor sabe o que pode ser um reparador de reputações?”

— Sei — respondi, segurando a raiva dentro de mim.

— Ah — repetiu ele.

Louis e Constance voltavam caminhando e pararam para perguntar se iríamos nos juntar a eles. Hawberk olhou para seu relógio. No mesmo instante, saiu uma nuvem de fumaça das casamatas do Castelo Williams, e o estrondo do canhão disparado na cerimônia de arreamento da bandeira correu sobre a água e ecoou nas montanhas distantes. A bandeira desceu do mastro, as cornetas soaram nos conveses brancos dos navios de guerra, e a primeira luz elétrica se acendeu na margem de Nova Jersey.

Quando me virei para ir embora com Hawberk, ouvi Constance sussurrar algo ininteligível para Louis, que murmurou em resposta:

— Minha querida.

E, depois, caminhando com Hawberk pela praça, ouvi um “querido” e um “minha Constance” e soube que estava

quase chegando o momento de falar sobre assuntos importantes com meu primo Louis.

III

Em uma manhã no início de maio, eu estava parado diante do cofre de aço em meu quarto, experimentando o diadema de ouro e joias. Os diamantes reluziram como fogo quando me virei para o espelho, e o ouro batido, pesado, queimava como um halo em torno da minha cabeça. Eu me lembrei do grito agonizante de Camilla e das palavras horríveis ecoando pelas ruas sombrias de Carcosa. Eram as últimas linhas do primeiro ato, e não ousei pensar no que viria a seguir. Não ousei, nem sob o sol de primavera, em meu próprio quarto, cercado de objetos familiares, tranquilizado pelo movimento da rua e pelas vozes dos criados no corredor lá fora. Pois aquelas palavras envenenadas tinham escorrido lentamente para o meu coração, como o suor da morte escorre para o lençol de uma cama e é absorvido. Trêmulo, tirei o diadema da cabeça e esfreguei a testa, mas pensei em Hastur, em minha própria legítima ambição, e me lembrei do sr. Wilde, de como eu o deixara pela última vez, com o rosto todo arranhado e sangrando devido às garras daquela criatura demoníaca, e do que ele disse, ah, do que ele disse. O alarme do cofre começou a tocar bem alto, e eu sabia que meu tempo havia terminado. Mas eu não daria atenção a ele, e, depois de colocar outra vez o diadema reluzente na cabeça, virei-me desafiadoramente para o espelho. Fiquei um bom tempo absorto na mudança de expressão em meus olhos. O espelho refletia um rosto igual ao meu, porém mais branco, e tão magro que eu mal o reconhecia. E eu não parava de repetir o tempo todo entre os dentes cerrados: “O dia chegou! O dia chegou!”, enquanto o alarme do cofre apitava alto e os diamantes

cintilavam e flamejavam acima da minha fronte. Ouvi uma porta se abrir, mas não dei atenção a ela. Foi só quando vi dois rostos no espelho: só quando vi outro rosto se erguer acima do meu ombro e dois olhos se encontrarem com os meus que virei como um raio e peguei uma faca comprida que estava sobre a minha cômoda, e meu primo deu um salto para trás, bastante lívido, gritando:

— Hildred! Pelo amor de Deus! — Então, quando minha mão baixou, ele continuou: — Sou eu, Louis. Não me reconhece?

Permaneci em silêncio. Não conseguiria falar nem que minha vida dependesse disso. Ele caminhou até mim e tomou a faca da minha mão.

— O que está acontecendo aqui? — indagou com voz tranquila. — Você está doente?

— Não — respondi. Mas duvido que ele tenha me escutado.

— Vamos lá, vamos lá, velho amigo! — exclamou ele. — Tire essa coroa de latão e vamos para o estúdio. Você vai a um baile de máscaras? Mas o que é essa bijuteria cênica, afinal?

Fiquei aliviado por ele achar que a coroa era de latão e vidro, mas não gostei mais dele por acreditar nisso. Eu o deixei pegá-la da minha mão, sabendo que era melhor satisfazê-lo. Ele jogou o diadema esplêndido para o alto, pegou-o e virou-se para mim com um sorriso.

— Deve custar uns cinquenta centavos — disse ele. — Isso serve para quê?

Não respondi, mas peguei o ornamento de suas mãos, guardei-o no cofre e fechei a porta maciça de metal. O alarme cessou imediatamente seu zunido infernal. Ele me olhou com curiosidade, mas não pareceu perceber a interrupção repentina do alarme. Entretanto, falou do cofre como se fosse uma lata de biscoitos. Para evitar que ele tentasse descobrir a combinação, adiantei-me e fui para o meu estúdio. Louis jogou-se no sofá e espantou as moscas

com seu fiel chicote de montaria. Ele usava seu uniforme de hussardo, com a jaqueta com tranças e o quepe garboso, e percebi que suas botas de montaria estavam sujas de barro.

— Por onde você andou? — perguntei.

— Saltando riachos lamacentos em Jersey. Ainda não tive tempo de trocar de roupa. Estava com certa pressa de vê-lo. Você não tem nada para beber? Estou morto de cansaço. Passei as últimas vinte e quatro horas em uma sela.

Dei-lhe um pouco de conhaque do meu suprimento medicinal, que ele bebeu com uma careta.

— Que troço ruim — observou. — Vou lhe dar um endereço onde eles vendem conhaque de verdade.

— É bom o suficiente para as minhas necessidades — retruquei com indiferença. — Eu o uso para massagear o peito.

Ele me olhou e tentou golpear outra mosca.

— Olhe aqui, meu velho — começou ele. — Tenho uma sugestão para lhe fazer. Já faz quatro anos que você se trancou aqui em cima como uma coruja, sem ir a lugar algum, sem fazer nenhum exercício saudável, sem fazer nada além de se debruçar nesses livros que ficam ao redor da lareira.

Ele olhou as prateleiras da estante.

— Napoleão! Napoleão! Napoleão! — leu. — Pelo amor de Deus, você só tem Napoleão aqui?

— Eu queria que eles fossem folheados a ouro. Mas espere. Sim, tem outro livro, *O Rei de Amarelo*. — Eu o olhei com firmeza nos olhos. — Você nunca o leu?

— Eu? Não, graças a Deus! Não quero ficar louco.

Vi que ele se arrependeu de suas palavras assim que acabou de pronunciá-las. Só há uma palavra que detesto mais que “lunático”, e essa palavra é “louco”. Mas me controlei e perguntei por que achava *O Rei de Amarelo* perigoso.

— Ah, não sei — respondeu ele apressadamente. — Só me lembro da excitação que ele provocou e dos ataques dos

religiosos e da imprensa. Acho que o autor se matou com um tiro depois de criar essa monstruosidade, não foi?

— Pelo que sei, ele ainda está vivo.

— Isso provavelmente é verdade — murmurou ele. — Balas não poderiam matar um demônio como aquele.

— É um livro de grandes verdades.

— Sim — respondeu ele. — De “verdades” que deixam os homens desvairados e destroem suas vidas. Não me importa se a coisa é, como dizem, a própria essência suprema da arte. É um crime tê-lo escrito. E eu, de minha parte, jamais o abrirei.

— Foi isso o que você veio me dizer?

— Não. Vim lhe contar que vou me casar.

Por um instante, achei que meu coração havia parado de bater, mas mantive os olhos em seu rosto.

— É — prosseguiu, sorrindo satisfeito. — Casar com a garota mais adorável da Terra.

— Constance Hawberk — disse eu mecanicamente.

— Como você sabia? — perguntou, surpreso. — Nem eu sabia até aquela noite em abril, quando passeamos no calçadão à beira do rio antes do jantar.

— E quando vai ser?

— Pensamos em setembro, mas há uma hora chegou um despacho ordenando que nosso regimento fosse para Presidio, em São Francisco. Partimos ao meio-dia de amanhã. Amanhã — repetiu. — Pense só, Hildred: amanhã serei o homem mais feliz que já respirou neste mundo lindo, pois Constance vai comigo.

Estendi minha mão para parabenizá-lo, e ele a tomou e apertou com a simpatia natural que tinha, ou fingia ter.

— Vou receber meu próprio esquadrão como presente de casamento — não parava de falar. — Capitão e sra. Louis Castaigne, hein, Hildred?

Então, ele me contou onde seria e quem deveria estar lá, e me fez prometer que iria e seria seu padrinho. Dei um

sorriso forçado e fiquei ouvindo seu tagarelar infantil sem demonstrar o que sentia, mas...

Eu estava chegando ao limite da minha resistência. E, quando ele pulou de pé e, agitando suas esporas até que elas tilintassem, disse que precisava ir, eu não o detive.

— Tem uma coisa que quero pedir a você — comentei em voz baixa.

— Pode pedir, está prometido — disse ele, rindo.

— Quero que me encontre esta noite para conversarmos por quinze minutos.

— É claro, como quiser. — Ele ficou um tanto intrigado. — Onde?

— Em qualquer lugar, na praça, ali.

— A que horas, Hildred?

— Meia-noite.

— Mas que... — começou ele, mas se deteve e, rindo, concordou.

Eu o observei descer as escadas e ir embora apressado, com o sabre batendo a cada passo. Louis pegou a Bleecker Street, e eu sabia que ele ia ver Constance. Dei-lhe dez minutos para desaparecer e então segui seus passos, levando comigo o diadema de joias e o robe de seda bordado com o Emblema Amarelo. Quando cheguei à Bleecker Street, entrei pela porta que tinha o letreiro:

SR. WILDE,
REPARADOR DE REPUTAÇÕES.
Terceira campainha.

Vi o velho Hawberk andando por sua oficina e imaginei ter ouvido a voz de Constance no salão, mas evitei os dois e subi correndo as escadas bambas até o apartamento do sr. Wilde. Bati e entrei sem cerimônia. O sr. Wilde estava deitado gemendo no chão, com o rosto coberto de sangue,

as roupas esfarrapadas. Havia gotas de sangue espalhadas por todo o carpete, que também tinha sido rasgado e desfiado durante a luta que claramente se dera há instantes.

— É essa gata maldita — disse ele, parando de gemer e virando os olhos claros para mim. — Ela me atacou enquanto eu dormia. Acho que ainda vai me matar.

Aquilo era demais; por isso, entrei, fui até a cozinha e, pegando uma machadinha na despensa, saí à procura da fera infernal para acabar com ela ali mesmo. Minha busca foi infrutífera, e, após algum tempo, desisti e voltei para a sala, onde encontrei o sr. Wilde encolhido na cadeira alta junto da mesa. Ele tinha lavado o rosto e trocado de roupa. Enchera de colódio os grandes cortes que a gata rasgara em seu rosto, e uma tira de pano escondia a ferida em seu pescoço. Eu lhe disse que ia matar a gata quando a visse, mas ele apenas balançou a cabeça e virou-se para o livro de registros aberto à sua frente. Leu, um após o outro, os nomes das pessoas que o haviam procurado para tratar de suas reputações, e as somas que ele arrecadara eram impressionantes.

— Cobro uns favores de vez em quando — explicou ele.

— Mais cedo ou mais tarde, uma dessas pessoas vai acabar assassinando o senhor — insisti.

— Você acha? — disse ele, esfregando as orelhas mutiladas.

Era inútil discutir com ele, por isso peguei o manuscrito intitulado *A dinastia imperial da América*, a última vez que eu o pegaria no estúdio do sr. Wilde. Eu o li inteiro, emocionado e trêmulo de prazer. Quando terminei, o sr. Wilde pegou os escritos e, virando para a passagem escura que levava do estúdio a seu quarto de dormir, chamou em voz alta:

— Vance!

Então, pela primeira vez, percebi um homem agachado ali, à sombra. Não consigo imaginar como não o percebi

enquanto procurava pelo gato.

— Vance, venha cá! — gritou o sr. Wilde.

A figura se ergueu e foi em silêncio até onde estávamos, e jamais me esquecerei do rosto que se aproximou do meu quando a luz vinda da janela o iluminou.

— Vance, este é o sr. Castaigne — disse o sr. Wilde. Antes que ele terminasse de falar, o homem jogou-se no chão diante da mesa, chorando e se debatendo.

— Ah, Deus! Ah, meu Deus! Me ajude! Perdão! Ah, sr. Castaigne, mantenha esse homem afastado de mim. O senhor não pode, não pode estar falando sério! O senhor é diferente... salve-me! Estou arruinado... eu estava em um hospício, e agora, quando tudo estava indo bem, quando eu tinha me esquecido do Rei... do Rei de Amarelo e... mas vou ficar louco outra vez... vou ficar louco...

A voz dele morreu em um tremor engasgado, pois o sr. Wilde tinha saltado em cima dele, e sua mão direita estava envolvendo a garganta do homem. Quando Vance caiu jogado de qualquer jeito no chão, o sr. Wilde subiu com agilidade outra vez em sua cadeira e, esfregando as orelhas destroçadas com o cotoco de mão, virou-se para mim e perguntou pelo livro de registros. Eu o peguei em uma prateleira baixa da estante, e ele o abriu. Depois de um momento procurando entre as páginas belamente escritas, ele pigarreou de modo complacente e apontou para o nome Vance.

— Vance — leu ele em voz alta. — Osgood Oswald Vance.

Ao som de seu nome, o homem no chão ergueu a cabeça e virou o rosto contorcido para o sr. Wilde. Os olhos dele estavam injetados de sangue; seus lábios, inchados.

— Procurou-me em vinte e oito de abril — continuou o sr. Wilde. — Ocupação: caixa no Seaforth National Bank. Cumpriu pena por falsificação em Sing Sing[15], de onde foi transferido para o Manicômio Judiciário. Perdoado pelo governador de Nova York e liberado em dezenove de janeiro

de 1918. Reputação afetada em Sheepshead Bay. Há rumores de que mantém um estilo de vida incompatível com sua renda. Reputação deve ser reparada imediatamente. Adiantamento pelo serviço: mil e quinhentos dólares.

“Observações: Já se apropriou indevidamente de somas que chegam a trinta mil desde vinte de março de 1919. É de excelente família e chegou ao posto atual por meio da influência do tio. Pai, presidente do Seaforth Bank.”

Olhei para o homem no chão.

— Levante, Vance — disse o sr. Wilde com a voz gentil. O homem se ergueu como se estivesse hipnotizado. — Agora, ele vai fazer o que sugerirmos — observou o sr. Wilde e, abrindo o manuscrito, leu toda a história da dinastia imperial da América.

Depois, em um murmúrio doce e tranquilizador, passou pelos pontos mais importantes com Vance, que permanecia parado como alguém atordoado. Seus olhos estavam tão vazios e vidrados que imaginei que ele tinha perdido parte da razão, e comentei isso com o sr. Wilde, que respondeu que aquilo não tinha consequência alguma. Com muita paciência, explicamos a Vance qual seria sua participação, e ele pareceu entender após algum tempo. O sr. Wilde explicou o manuscrito, usando vários volumes de heráldica, para afiançar o resultado de suas pesquisas. Ele mencionou a criação da dinastia em Carcosa, os lagos que conectavam Hastur, Aldebarã e o mistério das Híades. Falou de Cassilda e de Camilla[16], sondou as profundezas enevoadas de Demhe[17] e o lago de Hali.

— Os retalhos ornamentados do Rei de Amarelo devem esconder Yhtill[18] para sempre — murmurou ele, mas não acredito que Vance tenha-o ouvido.

Então, aos poucos, o sr. Wilde conduziu Vance pelas ramificações da família imperial, até Uoht e Thale, de Naotalba e o Fantasma da Verdade a Aldones[19], e depois,

deixando o manuscrito e suas notas de lado, deu início à história maravilhosa do Último Rei. Eu o observava fascinado e empolgado. Ele se empertigou, estendeu os braços longos em um gesto magnífico de orgulho e poder, e seus olhos reluziam profundamente nas órbitas como duas esmeraldas. Vance escutava estupefato. Quanto a mim, quando finalmente o sr. Wilde terminou, apontou em minha direção e gritou:

— O primo do Rei! — E minha cabeça entrou em um turbilhão de animação.

Controlando-me com um esforço sobre-humano, expliquei a Vance por que apenas eu era digno da coroa e por que meu primo devia ser exilado ou morto. Eu o fiz compreender que Louis nunca deveria se casar, mesmo após renunciar a todos os seus direitos e às suas pretensões, e como a última coisa que devia acontecer era ele se casar com a filha do marquês de Avonshire e pôr a Inglaterra no jogo. Mostrei-lhe uma lista de mil nomes que o sr. Wilde tinha preparado. Todo homem cujo nome estava ali tinha recebido o Emblema Amarelo[20] que nenhum ser humano ousava desrespeitar. A cidade, o estado, todo o país estava pronto para se erguer e tremer diante da Máscara Pálida.

A hora havia chegado, as pessoas teriam que conhecer o filho de Hastur, e o mundo deveria se curvar perante as estrelas negras que pairam no céu de Carcosa.

Vance apoiou-se na mesa com a cabeça afundada nas mãos. O sr. Wilde desenhou um esboço na margem do *Herald* do dia anterior com um toco de lápis. Era um mapa dos aposentos de Hawberk. Depois, ele escreveu a ordem, fixou o selo, e eu, tremendo como um homem com paralisia cerebral, assinei minha primeira ordem de execução com o nome Hildred-Rex.

O sr. Wilde desceu da cadeira, destrancou o armário e pegou uma caixa quadrada comprida na primeira prateleira. Ele a levou para a mesa e a abriu. Havia uma faca nova no

interior envolta em papel de seda, e eu a apanhei e entreguei a Vance, juntamente com a ordem e a planta do apartamento de Hawberk. Então, o sr. Wilde disse a Vance que ele podia ir, e ele foi, cambaleando como alguém expulso dos cortiços.

Por algum tempo, observei sentado a luz do dia desaparecer por trás da torre quadrada da Judson Memorial Church, e, finalmente, recolhendo o manuscrito e as anotações, peguei meu chapéu e me dirigi à porta.

O sr. Wilde me observava em silêncio. Quando pisei no corredor, olhei para trás. Os olhinhos do homem ainda estavam fixos em mim. Atrás dele, as sombras cresciam à medida que a luz se esvaía. Então, fechei a porta às minhas costas e saí para as ruas que começavam a escurecer.

Eu não comera nada desde o café da manhã, mas não sentia fome. Uma criatura de ar infeliz e aspecto faminto parada do outro lado da rua e olhando para a Câmara Letal percebeu minha presença e foi me contar uma história de infortúnio. Eu lhe dei dinheiro, não sei por quê, e ele foi embora sem me agradecer. Uma hora mais tarde, outro excluído aproximou-se e chorou sua história. Eu tinha um pedaço de papel em branco no bolso, no qual havia o desenho do Emblema Amarelo, e o entreguei. Ele olhou para aquilo sem entender por um instante, depois, com uma expressão desconfiada para mim, dobrou-o com o que me pareceu cuidado exagerado e o guardou no bolso do paletó na altura do peito.

As luzes elétricas cintilavam em meio às árvores, e a lua nova brilhava no céu acima da Câmara Letal. Esperar na praça era cansativo. Fui do Arco de Mármore[21] até os estábulos da artilharia e voltei para a fonte de lótus. As flores e a grama exalavam uma fragrância que me incomodava. O jato da fonte brincava à luz da lua, e o barulho musical das gotas de água caindo lembrava o tilintar de cotas de malha na oficina de Hawberk. Mas não

era tão fascinante, e o brilho baço do luar na água não provocava as mesmas sensações de raro prazer, como quando a luz do sol refletia no aço lustrado de um peitoral de armadura apoiado no joelho de Hawberk. Observei os morcegos voando baixo e em círculos sobre as plantas aquáticas nas águas da fonte, mas seu voo rápido e espasmódico mexia com meus nervos, por isso voltei a caminhar sem rumo de um lado para outro entre as árvores.

Os estábulos da artilharia estavam escuros, mas no quartel da cavalaria as janelas dos oficiais estavam muito iluminadas, e o portão de entrada das tropas vivia constantemente movimentado com cavaleiros de serviço, carregando capim, arreios e cestos cheios de pratos de lata.

Por duas vezes a sentinela montada do portão foi trocada enquanto eu andava para cima e para baixo pela trilha asfaltada. Olhei meu relógio. Estava quase na hora. As luzes nos alojamentos foram se apagando uma a uma, o portão gradeado principal foi fechado, e a cada um ou dois minutos um oficial entrava pela portinhola lateral, deixando um chacoalhar de equipamentos e um tilintar de esporas no ar da noite. A praça ficara bem silenciosa. O último sem-teto ainda por ali tinha sido expulso pelo policial de casaco cinza do parque. As ruas ao longo da Wooster Street estavam desertas, e os únicos sons que rompiam o silêncio eram os passos do cavalo da sentinela e o retinir de seu sabre contra a cabeça da sela. Nos alojamentos, os aposentos dos oficiais ainda estavam acesos, e os serviçais militares passavam de um lado para outro diante das janelas da sacada. A meia-noite soou no novo pináculo da Igreja de S. Francisco Xavier, e, após a última badalada daquele sino triste, uma figura atravessou a portinhola ao lado do portão levadiço, retornou a continência da sentinela e, depois de atravessar a rua, entrou na praça e se dirigiu ao prédio residencial de Benedick.

— Louis — chamei.

O homem se virou batendo as esporas e veio direto em minha direção.

— É você, Hildred?

— Sou. Você chegou bem na hora.

Apertei a mão que ele me estendeu, e caminhamos despreocupadamente na direção da Câmara Letal.

Ele não parava de falar no casamento, nas graças de Constance, e em suas perspectivas, chamando minha atenção para as insígnias de capitão nos ombros e o arabesco dourado triplo na manga e no quepe de sua farda. Acredito que prestei tanta atenção à música de suas esporas e de seu sabre quanto à sua tagarelice infantil, até que finalmente paramos sob os olmos da esquina da Fourth Street que dava para a praça em frente à Câmara Letal. Então, ele riu e perguntou-me o que eu queria. Eu o conduzi a um banco para que sentasse sob a luz elétrica e me postei ao seu lado. Ele me observou com curiosidade, com o mesmo olhar inquisidor que tanto odeio e temo nos médicos. Senti o insulto de seus olhos, mas ele não percebeu, e cuidadosamente escondi o que sentia.

— Bem, meu velho — insistiu ele —, o que posso fazer por você?

Puxei do bolso o manuscrito e as anotações de *A dinastia imperial da América* e, olhando-o nos olhos, disse:

— Vou lhe contar. Quero que me prometa, com sua palavra de honra, que vai ler este manuscrito do início ao fim, sem me fazer uma pergunta sequer. Prometa que vai ler essas anotações da mesma maneira e que vai ouvir o que tenho a dizer depois.

— Prometo, se é isso o que você deseja — disse ele, bem-humorado. — Dê-me o papel, Hildred.

Ele começou a ler, erguendo as sobrancelhas com uma expressão intrigada e engraçada que me fazia tremer com raiva reprimida. À medida que avançava, com as sobrancelhas contraídas, seus lábios pareciam formar a palavra “tolice”.

Então, ele pareceu ficar um pouco entediado, mas, aparentemente por causa de meu pedido, leu, tentando se interessar, o que de repente deixou de ser um esforço. Isso começou quando, nas páginas escritas em letras apertadas, ele encontrou o próprio nome. E, quando chegou ao meu, Louis baixou o papel e olhou com firmeza para mim por um instante. Mas manteve a palavra e voltou a ler, e deixei a pergunta quase formulada morrer sem resposta em seus lábios. Quando terminou e viu a assinatura do sr. Wilde, dobrou o papel com cuidado e me devolveu. Eu lhe dei as anotações, e ele se recostou, empurrando o quepe para cima da testa em um gesto infantil de que me lembrava tão bem da escola. Observei seu rosto enquanto lia e, quando terminou, peguei as anotações junto com o manuscrito e os guardei em meu bolso. Então, abri um pergaminho marcado com o Emblema Amarelo. Ele viu o sinal, mas não pareceu reconhecê-lo, e chamei sua atenção para isso de forma um tanto brusca.

— Bem — disse ele. — Estou vendo. O que é isso?

— É o Emblema Amarelo — respondi com raiva.

— Ah, então é isso? — perguntou Louis, naquela sua voz lisonjeira, que o dr. Archer usava comigo, e provavelmente teria usado de novo se eu não tivesse resolvido o problema dele.

Segurei minha raiva e respondi com a maior calma possível.

— Escute: você empenhou sua palavra?

— Estou ouvindo, meu velho — respondeu ele de modo reconfortante.

Comecei a falar com bastante calma.

— De algum modo, o dr. Archer tomou posse do segredo da sucessão imperial e tentou me privar de meu direito, alegando que, por eu ter caído do meu cavalo há quatro anos, tornei-me um deficiente mental. Ele queria me manter cativo em sua própria casa, na esperança de ou me levar à

loucura ou me envenenar. Não me esqueci disso. Eu o visitei ontem à noite, e a conversa foi definitiva.

Louis ficou um tanto pálido, mas não se alterou. Eu recomecei de forma triunfante.

— Ainda há três pessoas com quem eu e o sr. Wilde queremos conversar. Elas são meu primo, Louis, o sr. Hawberk e a filha dele, Constance.

Louis ficou de pé, e eu também me levantei e joguei o papel marcado com o Emblema Amarelo no chão.

— Ah, não preciso disso para lhe contar o que tenho a dizer! — exclamei com um riso de triunfo. — Você deve abdicar da coroa em meu favor, está me ouvindo? Em *meu* favor.

Louis olhou para mim com uma expressão espantada, mas, ao se recuperar, disse de modo simpático:

— É claro que abdico da... de que mesmo tenho que abdicar?

— Da coroa — disse com raiva.

— É claro — respondeu ele. — Eu abdico dela. Vamos, meu velho, vou lhe acompanhar de volta até seus aposentos.

— Não tente nenhum dos seus truques de médico em mim! — exclamei, tremendo de fúria. — Não aja como se pensasse que estou louco.

— Que bobagem — respondeu ele. — Vamos. Está ficando tarde, Hildred.

— Não! — gritei. — Você precisa me escutar. Você não pode se casar, eu o proíbo. Entendeu? Eu o proíbo. Você deve abdicar da coroa, e, como recompensa, eu lhe asseguro o exílio, mas, caso se recuse, irá morrer.

Ele tentou me acalmar, mas eu estava exaltado; peguei minha faca comprida e impedi sua passagem.

Então, eu lhe disse como eles encontrariam o dr. Archer no porão com a garganta aberta e ri na cara dele quando pensei em Vance com a faca e na ordem que eu havia assinado.

— Ah, você é o Rei! — exclamei. — Mas eu serei o Rei. Quem é você para me impedir de reinar sobre toda a terra habitada?! Eu nasci primo de um rei, mas serei o Rei!

Louis permaneceu pálido e rígido diante de mim. De repente, um homem veio correndo pela Fourth Street, entrou pelo portão do Templo Letal, atravessou o caminho até as portas de bronze a toda velocidade e mergulhou no interior da câmara mortífera com o grito de um demente, e eu ri até cair em lágrimas, pois reconheci Vance e soube que Hawberk e sua filha não estavam mais em meu caminho.

— Vá! — gritei para Louis. — Você deixou de ser uma ameaça. Agora, nunca se casará com Constance, e, caso o faça com alguém em seu exílio, vou visitá-lo, assim como fiz com meu médico ontem à noite. O sr. Wilde cuidará de você amanhã.

Então, virei-me e saí correndo pela Quinta Avenida, e, com um grito de horror, Louis largou o cinturão e o sabre e seguiu-me como o vento. Eu o ouvi se aproximar de mim na esquina da Bleecker Street e apertei o passo até a porta sob o letreiro de Hawberk. Ele gritou:

— Pare, ou eu atiro!

Mas, quando meu primo viu que eu subi correndo as escadas e ignorei a oficina de Hawberk, ele me deixou, e eu o ouvi batendo com força e gritando à porta deles como se fosse possível despertar os mortos.

A porta do sr. Wilde estava aberta, e entrei gritando:

— Está feito, está feito! Que as nações se ergam e contemplem seu rei! — Mas não consegui encontrar o sr. Wilde, por isso fui até o armário e retirei o esplêndido diadema de seu estojo. Depois, peguei o robe de seda branca com o Emblema Amarelo e coloquei a coroa na cabeça. Finalmente eu era Rei, Rei por direito em Hastur, Rei porque conhecia o mistério das Híades, e minha mente explorara as profundezas do lago de Hali. Eu era Rei! Os primeiros esboços acinzentados a lápis do amanhecer

conjurariam uma tempestade que abalaria os dois hemisférios. Então, enquanto eu estava ali de pé e todos os meus nervos vibraram na mais alta tensão, abalados pela alegria e pelo esplendor de meu pensamento, lá fora, na passagem escura, um homem gemeu.

Peguei a vela de sebo e corri para a porta. A gata passou correndo por mim como um demônio, e a vela de sebo apagou-se, mas minha faca comprida voou mais rápido que ela, e eu a ouvi berrar e soube que minha faca a encontrara. Por um instante, eu a ouvi rolar e debater-se na escuridão, e então, quando parou de se mexer, acendi um lampião e o ergui acima da cabeça. O sr. Wilde jazia no chão com a garganta aberta. A princípio, achei que estivesse morto, mas, quando olhei bem, notei um brilho verde surgir em seus olhos fundos, sua mão mutilada tremeu, e, então, um espasmo esticou sua boca de orelha a orelha. Por um momento, meu terror e desespero deram lugar à esperança, mas, quando me debrucei sobre ele, seus olhos giraram nas órbitas, ficaram brancos, e ele morreu. Então, enquanto eu estava parado, imobilizado pela raiva e pelo desespero, vendo minha coroa, meu império, toda esperança e toda ambição, minha própria vida, ali prostrados com o mestre morto[22], *eles* vieram, agarraram-me por trás e me amarraram até que minhas veias saltaram como cordas, e minha voz falhou com os paroxismos de meus gritos frenéticos. Mas eu ainda estava enfurecido, sangrando e descontrolado no meio deles, e mais de um policial sentiu meus dentes afiados. Por fim, quando eu não conseguia mais me mexer, eles se aproximaram. Vi o velho Hawberk. Atrás dele, o rosto horrorizado de meu primo Louis, e, mais longe, no canto, uma mulher, Constance, chorando baixinho.

— Ah, agora entendi! — gritei. — Você tomou o trono e o império. Maldito! Maldito seja você, coroado com a coroa do Rei de Amarelo!

[Nota do Editor: O sr. Castaigne morreu ontem no Manicômio Judiciário.[23]*]*

Notas

[1] “Não zombemos dos loucos; sua insanidade dura mais tempo que a nossa... Eis aí toda a diferença.”

[2] *O Rei de Amarelo* foi publicado em 1895. A data de 1920, portanto, marca o conto como uma obra que flerta com a ficção científica. A menção a uma guerra com a Alemanha (que viria a eclodir sob a forma da I Guerra Mundial), bem como à anexação do Havaí (incorporado aos EUA em 1898) e de Cuba (motivo de uma guerra entre os EUA e a Espanha no mesmo ano) tornam o conto curiosamente profético.

[3] Em 1893, Chicago foi palco de uma Feira Mundial, para a qual foram construídas duas centenas de edificações temporárias em estilo neoclássico.

[4] Desde a publicação do livro de Chambers, vários autores tentaram criar o “texto original” da peça em dois atos de *O Rei de Amarelo*. A versão mais bem-sucedida aparece no conto “More Light”, do escritor americano de ficção científica James Blish (1921-1975).

[5] Assim como Carcosa, “Hali” é uma palavra emprestada de Ambrose Bierce, que a utiliza como nome não de um lago, mas de um profeta fictício que fornece epígrafes para dois de seus contos, “Um habitante de Carcosa” e “A morte de Halpin Frayser”. O escritor americano Lin Carter (1930-1988) tentou harmonizar as versões de Bierce e de Chambers, sugerindo que Hali teria sido um profeta que pregava próximo ao lago que viria a receber seu nome. A fonte de Bierce para o nome é incerta: há quem sugira que se trata de uma referência ao príncipe alquimista árabe Khalid ibn Yazid (morto em 708) ou ao astrólogo

Hali Abenragel, que atuou na Tunísia do século XI e deixou um importante tratado sobre a influência dos astros.

[6] A “Máscara Pálida” talvez seja a mais enigmática das vagas referências criadas por Chambers para evocar a peça fictícia *O Rei de Amarelo*. Autores que tentaram criar a peça, ou incorporar a “mitologia amarela” a suas obras, interpretam-na às vezes como uma máscara usada pelo próprio Rei de Amarelo, às vezes como um adereço do Fantasma da Verdade ou, também, como um emissário do Rei. Nessas versões, a Máscara Pálida costuma ter uma função semelhante à da Máscara da Morte Rubra, que aparece no conto de mesmo título de Edgar Allan Poe (1809-1849).

[7] As Três Parcas, ou Três Meras, são as divindades greco-romanas do destino: Átropo, que tece o fio da vida de cada mortal; Cloto, que o mede; e Láquesis, que o corta, na hora da morte.

[8] Muitos comentaristas se referem ao cenário em que se passa “O reparador de reputações” como uma utopia, mas o crítico Scott D. Emmert chama atenção para as fissuras desse “paraíso”: um Estados Unidos de onde judeus e negros foram expulsos, onde a sociedade encontra-se militarizada e câmaras de suicídio precisam ser abertas em todas as cidades para dar conta da massa de descontentes. Isso e o fato de o narrador, que tanto elogia o país, ter acabado de deixar um sanatório são “pistas para o tratamento satírico dado por Chambers a essa utopia”, diz Emmert.

[9] O nome é um trocadilho com “hauberk”: camisa de malha metálica, de mangas compridas, que chega até o meio das coxas, usada como armadura.

[10] “Constance Castaigne” é um personagem de destaque no conto “The River of Night’s Dreaming”, de Karl Edward Wagner (1945-1994), umas das melhores obras inspiradas pela “mitologia amarela” de Chambers.

[11] A escolha do nome do personagem é curiosa: o escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900) costuma ser citado entre as inspirações de Chambers. Especificamente a peça "Salomé" (1893), censurada na Inglaterra por quase 40 anos, é muitas vezes mencionada como a "versão real" de *O Rei de Amarelo*. No início da peça de Wilde, Salomé é descrita como "uma princesinha que usa um véu amarelo".

[12] "Hastur" é mais um nome tomado de Ambrose Bierce. Da forma como Chambers o utiliza, às vezes parece referir-se a um lugar e, às vezes, a uma pessoa. No conto "More Light", de James Blish, Hastur é uma cidade localizada em outro planeta e cenário da peça *O Rei de Amarelo*. A palavra é citada por H. P. Lovecraft (1890-1937) apenas uma vez em sua ficção, no conto "Um sussurro nas trevas", mas o nome acabou incorporado aos Mitos de Cthulhu por August Derleth (1909-1971), que o usou para batizar um monstro cósmico, Hastur, o Inominável, Aquele Que Não Deve Ser Nomeado. Na obra de Bierce, Hastur é apenas o gentil e bucólico deus dos pastores, para quem o protagonista do conto "Haïta the Shepherd" ora. De acordo com a escritora americana Marion Zimmer Bradley (1930-1999), o nome provavelmente deriva de Astúrias, região da Espanha.

[13] Giuseppe Garibaldi (1807-1888), general italiano, herói da luta pela unificação da Itália no século XIX, e que também lutou no Brasil. Uma estátua de bronze em sua homenagem foi instalada na Washington Square, em Nova York, no ano de sua morte, por iniciativa de um grupo de imigrantes italianos, e ainda pode ser vista lá. No universo do conto, a estátua de Garibaldi foi substituída por uma de Peter Stuyvesant (1612-1672), último diretor-geral da colônia de holandesa de Nova Amsterdã, na América do Norte, povoado que viria a dar origem à cidade de Nova York. A troca da estátua de um herói latino, patrocinada

por imigrantes, pela de um dos patriarcas da cidade é mais um sinal do caráter xenófobo e nativista da “utopia” em que se passa o conto.

[14] Provável referência ao Lago Rangeley, no estado do Maine (EUA).

[15] Sing Sing, presídio de segurança máxima do Estado de Nova York. Foi inaugurado em 1826 e é usado até hoje. Em seus primeiros anos, utilizava um sistema de trabalhos forçados, confinamento solitário e imposição de absoluto silêncio, por meio de castigos físicos, se necessário, aos presidiários.

[16] Cassilda e Camilla são personagens da peça *O Rei de Amarelo*. Chambers não dá mais informações sobre elas, mas, na reconstituição da peça escrita por James Blish, Cassilda é a rainha da cidade de Hastur e Camilla, sua filha.

[17] O nome “Demhe” é, aparentemente, uma criação original de Chambers. As referências por trás dele — se existir alguma — nunca foram esclarecidas, mas, na versão da peça *O Rei de Amarelo* de James Blish, às margens do lago Demhe fica a cidade de Alar, que trava uma guerra interminável com Hastur, situada às margens do lago de Hali.

[18] Yhtill, personagem da peça *O Rei de Amarelo*, é algumas vezes associado ao Fantasma da Verdade, outra figura que aparece nos trechos da obra maldita citados por Chambers. Na versão de Blish, o Rei mata Yhtill — destruindo, assim, a Verdade — perto do final da peça.

[19] Uoth, Thale, Naotalba (ou, como escrevem alguns autores, Noatalba), o Fantasma da Verdade e Aldones são todos nomes lançados por Chambers em referência a *O Rei de Amarelo*, sem que fique claro, na maioria dos casos, se representam personagens ou lugares. Na versão de Blish, Thale e Uoth são filhos de Cassilda e disputam o amor da irmã, Camilla. Noatalba é o sacerdote que serve ao

Fantasma da Verdade e Aldones, o rei fundador de Hastur. No romance “House of the Toad”, de Richard Tierney, Naotalba é o rei de Carcosa.

[20] Esta é mais uma referência enigmática deixada por Chambers. O desenho mais conhecido do Emblema Amarelo — um “olho” estilizado do qual partem três ganchos, ou tentáculos — foi criado pelo americano Kevin Ross para o *role-playing game* “The Call of Cthulhu”, em 1989, e se tornou uma espécie de “representação oficial” do símbolo, sendo usado até mesmo no filme “The Yellow Sign”, dirigido por Aaron Vanek, em 2001.

[21] A Washington Square, em Nova York, conta com um arco de mármore, erigido em 1892 e modelado no Arco do Triunfo de Paris. Ele é mais conhecido, no entanto, como Arco de Washington; o nome “Marble Arch” (“Arco de Mármore”) costuma ser reservado para um monumento localizado em Londres e erguido em 1833. O uso do nome britânico para o Arco de Washington pode ser mais um sintoma das pretensões imperialistas de Castagne — ou dos Estados Unidos representados no conto.

[22] O crítico Robert M. Price especula que a loucura de Hildred e do sr. Wilde consistia no fato de ambos viverem em um mundo de fantasia compartilhado, à parte da realidade consensual. Price compara esse mundo às “Dreamlands” de H. P. Lovecraft, universo em que se passa a novela “A busca onírica por Kadath”, localizado em uma dimensão alternativa compartilhada por personagens que a visitam em seus sonhos.

[23] O conto não revela o destino real do dr. Archer, mas o crítico Scott D. Emmert sugere uma leitura em que Hildred Castaigne e o sr. Wilde eram inofensivos, a despeito de seus delírios, e não representavam um perigo real para a sociedade — a sociedade americana descrita no conto é que seria o verdadeiro perigo.

A máscara[1]

Camilla: O senhor deveria tirar a máscara.
Estranho: É mesmo?
Cassilda: É mesmo, está na hora. Todos tiramos nossos disfarces, menos o senhor.
Estranho: Eu não estou de máscara.
Camilla: (Horrorizada, em particular para Cassilda.) Não é máscara? Não é máscara![2]

O Rei de Amarelo, Ato I, Cena 2[3]

I

Apesar de nada saber de química, eu ouvia fascinado. Ele pegou um grande lírio-branco que Geneviève levara de Notre Dame naquela manhã e o jogou na bacia. Instantaneamente o líquido perdeu sua clareza cristalina. Por um segundo, o lírio foi envolto por uma espuma branca e leitosa, que desapareceu, deixando o fluido com uma cor opalina. Reflexos laranja e carmesim, em movimento, brincavam sobre a superfície, e então o que parecia ser um raio de pura luz do sol projetou-se do fundo, onde descansava o lírio. No mesmo instante, ele enfiou a mão na bacia e tirou a flor.

— Não há perigo — explicou —, se você souber o momento certo. Esse raio dourado é o sinal.

Ele estendeu o lírio na minha direção, e eu o peguei. A flor se transformara em pedra, no mármore mais puro.

— Está vendo? — disse ele. — Não tem uma só imperfeição. Que escultor poderia reproduzir isso?

O mármore era branco como a neve, mas, em suas profundezas, os veios do lírio eram tingidos do anil mais claro, e um leve rubor permanecia no fundo de seu coração.

— Não me pergunte a razão disso. — Ele sorriu, percebendo meu espanto. — Não tenho ideia de por que os veios e o coração ficam tingidos, mas sempre ficam. Ontem experimentei com um peixe-dourado de Geneviève. Aqui está.

O peixe parecia ter sido esculpido em mármore. Mas, se fosse erguido contra a luz, a pedra ganhava belos veios de um azul suave, e de algum ponto em seu interior vinha uma luz rosada, como a cor que se oculta em uma opala. Olhei para a bacia. Mais uma vez, parecia cheia do mais puro cristal.

— E se eu tocasse nele agora? — perguntei.

— Não sei. Mas acho melhor não tentar.

— Tem uma coisa que me deixou curioso. É de onde veio o raio de sol.

— É verdade que parecia um raio de sol. Não sei, isso sempre surge quando mergulho algo vivo. Talvez... — Ele continuou a sorrir. — Talvez seja a centelha vital da criatura escapando para a fonte de onde veio.

Vi que ele estava zombando e o ameacei com um tento de pintor, mas ele apenas riu e mudou de assunto.[4]

— Almoce conosco. Geneviève vai ficar aqui direto.

— Eu a vi indo para a missa hoje cedo, e ela parecia tão pura e delicada quanto aquele lírio antes de você destruí-lo.

— Você acha que eu o destruí? — perguntou Boris, sério.

— Destruiu, preservou... como vamos saber?

Ficamos sentados no canto de um estúdio perto de seu grupo inacabado das parcas[5]. Ele se recostou no sofá, girando um cinzel de escultor e examinando atentamente sua obra.

— Por falar nisso — disse ele —, terminei o acabamento daquela antiga Ariadne acadêmica, e acho que ela terá que ir para o Salão.[6] É tudo o que tenho pronto este ano, mas, depois do sucesso com a madona, sinto-me envergonhado de mandar algo assim.

A madona, um mármore exótico para o qual Geneviève posara, tinha sido a sensação do Salão no ano anterior. Olhei para a Ariadne. Era uma magnífica obra de trabalho técnico, mas eu concordava com Boris: o mundo esperava dele algo melhor que aquilo. Mesmo assim, naquele momento era impossível pensar em terminar a tempo para o Salão aquele esplêndido e terrível grupo, semienvolto em mármore, atrás de mim. As parcas teriam que esperar.

Tínhamos orgulho de Boris Yvain[7]. Nós o considerávamos um de nós, e ele também, pelo fato de ter nascido nos Estados Unidos, apesar de ter pai francês e mãe russa. Todo o mundo das belas-artes o chamava de Boris. E, no entanto, havia apenas duas pessoas a quem ele se dirigia da mesma forma familiar: a Jack Scott e a mim.

Talvez o fato de eu estar apaixonado por Geneviève tivesse algo a ver com sua afeição por mim. Não que tenhamos discutido isso alguma vez. Mas, depois de tudo resolvido — e de ela me dizer com lágrimas nos olhos que amava Boris, e não a mim —, fui até a casa dele e o parabenizei. Sempre acreditei que a cordialidade perfeita daquela conversa não enganou nenhum de nós, apesar de ter sido um grande conforto para um, pelo menos. Não acredito que ele e Geneviève jamais tenham conversado sobre o assunto, mas Boris sabia.

Geneviève era adorável. Seu rosto, com a pureza de uma madona, parecia ter sido inspirado pelo Sanctus da Missa de Gounod. Mas eu sempre gostava quando ela mudava esse estado de espírito para o que chamávamos de “Manobras de Abril”. Ela era tão imprevisível quanto um dia de abril. De manhã, séria, digna e doce; ao meio-dia, risonha,

caprichosa; à noite, o que menos se esperasse. Eu a preferia assim do que naquela tranquilidade de madona que agitava as profundezas do meu coração. Eu estava sonhando com Geneviève quando ele tornou a falar:

— O que achou da minha descoberta, Alec?

— Acho maravilhosa.

— Não a usarei para nada além de satisfazer minha curiosidade o máximo possível, e o segredo vai morrer comigo.

— Seria um golpe e tanto contra a escultura, não acha? Nós, pintores, perdemos mais do que jamais ganharemos com a fotografia.

Boris balançou a cabeça, brincando com a ponta do cinzel.

— Essa descoberta perversa corromperia o mundo das artes. Não, eu nunca confiarei este segredo a ninguém — disse ele devagar.

Seria difícil achar alguém menos informado sobre o fenômeno do que eu. Mas é claro que eu tinha ouvido falar em fontes minerais tão saturadas de sílica que folhas e gravetos que caíam nelas se transformavam em pedra após algum tempo. Compreendia o processo de forma superficial, como a sílica substituía a matéria vegetal, átomo por átomo, e o resultado era uma duplicata do objeto em pedra. Isso, confesso, nunca havia me interessado muito, e, em relação aos fósseis antigos produzidos dessa forma, eu os considerava repugnantes. Parece que Boris, sentindo curiosidade em vez de repulsa, tinha investigado o assunto e acidentalmente descobrira uma solução que atacava o objeto submerso com uma ferocidade desconhecida e em um segundo fazia o trabalho de anos. Isso era tudo o que eu conseguia entender da esquisita história que tinha acabado de me contar. Ele tornou a falar, após uma longa pausa:

— Eu quase sinto medo quando penso no que descobri. Cientistas ficariam loucos com isso. E foi tão simples... O processo se descobriu sozinho. Quando penso na fórmula e naquele elemento novo precipitado em escalas metálicas...

— Que elemento novo?

— Ah, não pensei em dar nome a ele, e acho que nunca farei isso. Já existem metais preciosos suficientes no mundo para as pessoas se matarem por eles.

Isso chamou ainda mais a minha atenção.

— Você fez ouro, Boris?

— Não, melhor. Mas veja, Alec... — Ele riu e começou a se levantar. — Você e eu já temos tudo de que precisamos neste mundo. Ah! Como você já parece sinistro e ávido!

Eu também ri e disse a ele que era consumido pelo desejo por ouro e que era melhor mudarmos de assunto. Por isso, quando Geneviève chegou, logo depois, já não estávamos mais falando de alquimia.

Geneviève estava vestida de prateado dos pés à cabeça. A luz refletiu nas ondas suaves de seu cabelo claro quando ela ofereceu o rosto a Boris. Depois, ela me viu e devolveu meu cumprimento. Nunca antes ela deixara de me mandar um beijo da ponta de seus dedos brancos, e eu imediatamente reclamei da omissão. Ela sorriu e estendeu a mão, que caiu pouco antes de tocar a minha. Então, olhando para Boris, disse:

— Você tem que convidar Alec para ficar para o almoço.

Isso também era novidade. Era sempre ela quem me convidava.

— Já convidei — disse Boris sucintamente.

— E você aceitou, espero.

Ela se virou para mim com um sorriso charmoso e convencional. Eu poderia muito bem ser uma pessoa que Geneviève havia conhecido dois dias antes. Fiz uma grande reverência para ela.

— J'avais bien l'honneur, madame.

Mas, recusando-se a assumir nosso habitual tom amistoso e brincalhão, ela murmurou um lugar-comum acolhedor e desapareceu. Boris e eu nos entreolhamos.

— É melhor eu ir para casa, não acha?

— Quem dera eu soubesse — respondeu ele com franqueza.

Enquanto discutíamos se minha partida era conveniente, Geneviève reapareceu na porta sem sua touca. Ela estava maravilhosamente linda, mas sua cor estava muito intensa, e seus lindos olhos brilhavam muito. Ela foi direto até mim e tomou-me pelo braço.

— O almoço está pronto. Fui indelicada, Alec? Achei que estivesse com dor de cabeça, mas não estou. Venha aqui, Boris. — E ela estendeu o outro braço para ele. — Alec sabe que, depois de você, não há mais ninguém no mundo de quem eu goste tanto quanto dele; então, se às vezes ele se sentir ignorado, isso não vai magoá-lo.

— À la bonheur! — exclamei. — Quem diz que não há tempestades em abril?

— Estão prontos? — cantarolou Boris.

— Sim, prontos.

E, de braços dados, corremos até a sala de jantar, escandalizando os criados. Afinal, não tínhamos tanta culpa assim. Geneviève tinha 18 anos; Boris, 23; e eu ainda não tinha feito 21.

II

Um trabalho que eu estava fazendo naquela época, na decoração do *boudoir* de Geneviève, mantinha-me constantemente no hotelzinho antigo e simpático da Rue Sainte-Cécile. Naqueles dias, Boris e eu trabalhávamos duro, mas como queríamos, o que era sem muita regularidade, e nós três — contando Jack Scott — passávamos muito tempo juntos sem fazer nada.

Numa tarde tranquila, eu andava sozinho pela casa examinando objetos curiosos, espiando um canto ou outro, encontrando doces e charutos em esconderijos estranhos,

quando finalmente parei no banheiro. Boris, todo sujo de argila, estava de pé, lavando as mãos.

O banheiro era todo de mármore cor-de-rosa, exceto pelo chão, em xadrez cor-de-rosa e cinza. No centro havia uma banheira quadrada abaixo do nível do chão. Degraus desciam até o fundo, e pilares esculpidos sustentavam um teto com afrescos. Um adorável cupido de mármore parecia ter acabado de pousar em seu pedestal quase no teto do cômodo. Todo o interior era obra minha e de Boris. Ele, em sua roupa de trabalho feita de lona branca, esfregava os restos de argila e cera de modelar de suas belas mãos e flertava por sobre o ombro com o cupido.

— Estou vendo você — disse ele. — Não tente olhar para outro lado e fingir que não me vê. Você sabe quem o fez, seu pequeno sem-vergonha.

Meu papel sempre era interpretar os sentimentos do cupido nessas conversas, e, quando chegou minha vez, respondi de tal maneira que Boris segurou meu braço e me puxou na direção da banheira, declarando que ia me afogar. No instante seguinte, ele largou meu braço e ficou pálido.

— Meu Deus! — exclamou. — Esqueci que a banheira está cheia da solução!

Estremeci de leve e o adverti, secamente, para não esquecer onde guardava o líquido precioso.

— Pelo amor de Deus! Por que, de tantos lugares, você guarda uma lagoa dessa coisa terrível logo aqui? — perguntei.

— Quero fazer uma experiência com algo grande.

— Comigo, por exemplo?

— Ah!, isso é muito sério para brincar, mas quero ver essa solução agir em um corpo vivo mais complexo. Tem esse grande coelho branco — disse ele, seguindo-me até o estúdio.

Vestindo um paletó manchado de tinta, Jack Scott chegou, apropriou-se de todos os doces orientais em que conseguiu pôr as mãos, assaltou a cigarreira, e, por fim, ele e Boris

desapareceram juntos para visitar a galeria Luxembourg, onde um novo bronze prateado de Rodin e uma paisagem de Monet estavam atraindo toda a atenção do mundo artístico francês. Voltei para o estúdio e retomei meu trabalho. Era uma tela da Renascença, que Boris queria que eu pintasse para o *boudoir* de Geneviève. Mas o garotinho que estava ali parado a contragosto, posando em vários modos, recusou todas as propinas para se comportar. Ele não parava quieto nem por um instante, e em menos de cinco minutos eu tinha pelo menos meia dúzia de esboços do moleque, todos em posição diferentes.

— Você está posando ou cantando e dançando, meu amigo? — indaguei.

— O que o monsieur quiser — respondeu ele, com um sorriso angelical.

Claro que eu o dispensei por aquele dia, e claro que o paguei por todo o expediente, dando exemplo de como estragar nossos modelos.

Depois que o jovem diabrete partiu, dei algumas pinceladas por obrigação em meu trabalho, mas estava tão completamente sem disposição que levei o restante da tarde para desfazer o estrago que fizera, por isso enfim limpei a paleta, enfiei os pincéis em um pote de sabão negro e fui até a sala de fumo. Realmente acredito que, com exceção dos aposentos de Geneviève, nenhum lugar na casa era tão livre do aroma de tabaco como aquele. Era um caos estranho de montes de coisas diferentes, com tapeçarias puídas nas paredes. Havia uma espineta com bom som e em boas condições perto da janela. Havia armas em suportes, algumas velhas e sem fio, outras reluzentes e modernas, ornamentos de armaduras indianas e turcas acima da lareira, duas ou três boas pinturas e um suporte para cachimbos. Era para lá que íamos quando queríamos experimentar novas sensações ao fumar. Duvido que tenha existido alguma espécie de cachimbo não representada naquele suporte. Quando selecionávamos um,

imediatamente o levávamos para outro lugar e o fumávamos, pois, em geral, o lugar era mais sombrio e menos convidativo do que qualquer outro da casa. Mas, naquela tarde, o crepúsculo passava uma sensação de conforto, os tapetes e as peles no chão pareciam marrons, macios e convidativos ao sono. O sofá grande estava cheio de almofadas empilhadas. Encontrei meu cachimbo e me encolhi para, excepcionalmente, dar umas baforadas na sala de fumo. Escolhi um de haste bem comprida e flexível e, ao acendê-lo, mergulhei em um sonho.[8] Depois de certo tempo, o cachimbo apagou, mas não me movi. Continuei sonhando e acabei pegando no sono.

Despertei com a música mais triste que já havia escutado. A sala estava bem escura. Eu não tinha ideia da hora. Um raio de luar deixou prateada uma das beiradas da velha espineta, e a madeira lustrada parecia exalar os sons como a fragrância flutua de uma caixa de madeira de sândalo. Alguém surgiu na escuridão e veio chorando baixinho, e eu fui tolo o suficiente para exclamar:

— Geneviève!

Ela caiu ao ouvir minha voz. Tive tempo para me recriminar enquanto acendia uma luz e tentava levantá-la do chão. Ela recuou e se encolheu com um murmúrio de dor. Estava muito silenciosa e perguntou por Boris. Eu a carreguei até o divã e fui procurá-lo, mas ele não estava em casa, e os criados tinham ido para a cama. Perplexo e ansioso, corri de volta para Geneviève. Ela estava bem pálida, deitada onde eu a deixara.

— Não consigo encontrar Boris nem criado algum — falei.

— Eu sei — respondeu ela, sem forças. — Ele foi ao rio Epte com o sr. Scott. Não me lembrei disso quando pedi a você que o procurasse.

— Então, nesse caso, ele não voltará antes de amanhã à tarde, e... você se machucou? Eu a assustei e a fiz cair? Que tolo horrível eu sou, mas é que eu estava meio adormecido.

— Boris achou que você tivesse ido para casa antes do jantar. Por favor, desculpe-nos por deixá-lo aqui este tempo todo.

— Tirei um cochilo longo. — Ri. — Tão pesado que nem sabia se estava dormindo ou não quando me vi encarando uma figura que se movia em minha direção e chamei seu nome. Você estava tentando tocar a velha espineta? Deve ter tocado muito baixo.

Eu contaria mil mentiras muito piores do que aquela para ver a expressão de alívio em seu rosto. Ela deu um sorriso adorável e disse, com sua voz natural:

— Alec, eu tropecei naquela cabeça de lobo, e acho que torci o tornozelo. Por favor, chame Marie e depois vá para casa.

Fiz o que ela me ordenou e a deixei quando a criada chegou.

III

No dia seguinte, cheguei à casa deles no início da tarde e encontrei Boris caminhando inquieto pelo seu estúdio.

— Geneviève agora está dormindo — disse ele. — A torção não foi nada, mas por que ela está com uma febre tão alta? O médico não sabe explicar. Ou talvez não queira — murmurou.

— Geneviève está com febre?

— Infelizmente, está, e na verdade falou algumas coisas sem muito sentido no decorrer da noite. Que absurdo! A pequena e alegre Geneviève, sem uma preocupação no mundo, não para de dizer que está infeliz e que quer morrer!

Meu coração parou.

Boris se apoiou na porta de seu estúdio, olhando para o chão com as mãos nos bolsos, os olhos — antes afáveis e

vivos — baços e uma nova ruga de preocupação “sobre a boa marca de sua boca que formava o sorriso”[9]. A criada tinha ordens de chamá-lo no instante em que Geneviève abrisse os olhos. Esperamos e esperamos, e Boris, cada vez mais nervoso, andava de um lado para outro, mexendo com cera de modelar e argila marrom. De repente, ele saiu para o quarto ao lado.

— Venha ver meu banho colorido de rosa cheio de morte! — gritou.

— Isso é morte? — perguntei, para tentar levantar seu ânimo.

— Imagino que você não esteja preparado para chamar isso de vida — respondeu. Enquanto falava, ele retirou um peixe-dourado solitário, debatendo-se e contorcendo-se, de seu aquário redondo. — Vamos mandar este atrás do outro... seja lá para onde for.

Havia uma excitação febril em sua voz. Um peso entorpecente de febre tomava meus membros e cérebro enquanto eu o seguia na direção da bela banheira cristalina, com suas laterais tingidas de cor-de-rosa; e ele jogou a criatura lá dentro. Enquanto caía, suas escamas reluziram com um brilho alaranjado quente em seus espasmos e contorções furiosos; no momento em que tocou o líquido, o animal ficou rígido e afundou pesadamente. Então surgiram a espuma leitosa, as colorações esplêndidas que irradiavam até a superfície e, depois, o facho de luz pura e serena que irrompeu das profundezas aparentemente infinitas. Boris enfiou a mão na solução e retirou de lá uma coisa exótica de mármore, com veios azuis, nuances rosadas e reluzente com gotas opalescentes.

— Brincadeira de criança — murmurou ele, e olhou, esgotado e ansioso, para mim, como se eu pudesse responder a tais perguntas!

Mas Jack Scott chegou e, com ardor, entrou no “jogo”, como ele chamava. Só nos restava tentar o experimento no

coelho branco ali e naquele momento. Eu queria que Boris encontrasse algo que o distraísse de suas preocupações, mas odiava ver a vida se esvair de uma criatura quente e viva, então me recusei a presenciar. Peguei um livro ao acaso e me sentei no estúdio para ler. Oh, infortúnio! Eu encontrara *O Rei de Amarelo*. Após alguns momentos, que pareceram uma eternidade, larguei-o com um tremor nervoso quando Boris e Jack entraram com o coelho de mármore. Ao mesmo tempo, a campainha tocou lá em cima, e um grito veio do quarto da enferma. Boris partiu como um raio e, no instante seguinte, disse:

— Jack, corra e chame o médico; traga-o com você. Alec, venha aqui.

Fui, mas parei à porta. Uma criada assustada saiu com pressa e foi correndo buscar um remédio. Sentada ereta, rígida, com as faces avermelhadas e os olhos brilhantes, Geneviève balbuciava insistentemente e resistia enquanto Boris delicadamente tentava segurá-la. Ele me chamou para ajudá-lo. Ao meu primeiro toque, ela deu um suspiro e caiu deitada, fechando os olhos, e então, naquele momento, enquanto ainda estávamos debruçados sobre ela, Geneviève tornou a abri-los e olhou diretamente para o rosto de Boris — a pobre garota transtornada pela febre — e contou seu segredo. No mesmo instante, nossas três vidas passaram a fluir por novos canais; o laço que nos unia havia tanto tempo arrebentou para sempre e outro laço foi forjado no lugar, pois ela havia dito meu nome, e, enquanto era torturada pela febre, seu coração derramou sua carga de tristeza oculta. Surpreso e pasmo, baixei a cabeça enquanto meu rosto queimava como brasa, e o sangue fluía para meus ouvidos, deixando-me estupefato com seu clamor. Incapaz de me mover, incapaz de falar, ouvi suas palavras febris em uma agonia de vergonha e pesar. Eu não podia silenciá-la, não podia olhar para Boris. Então senti um braço sobre meu ombro, e Boris virou o rosto exangue para o meu.

— Não é sua culpa, Alec. Não fique tão triste se ela o ama... — Mas ele não conseguiu terminar a frase; e, quando o médico entrou apressado no quarto, dizendo “Ah, a febre!”, peguei Jack Scott e fui depressa com ele para a rua, comentando:

— Boris prefere ficar sozinho.

Atravessamos a rua até nossos apartamentos, e, naquela noite, vendo que eu também ia adoecer, ele chamou o médico outra vez. A última coisa de que me lembro com alguma distinção foi ouvir Jack dizer:

— Pelo amor de Deus, doutor, o que ele tem para estar com o rosto desse jeito?

E pensei em *O Rei de Amarelo* e na Máscara Pálida.

Fiquei muito doente, pois o período de dois anos que suportei desde aquela fatal manhã de maio em que Geneviève havia murmurado “Amo você, mas acho que amo mais Boris” finalmente tinha me cobrado seu preço. Eu nunca imaginara que aquilo pudesse se tornar mais do que eu poderia suportar. Tranquilo por fora, eu me iludira. Apesar de a batalha interna não cessar noite após noite e de eu, deitado sozinho em meu quarto, me amaldiçoar por pensamentos rebeldes, desleais a Boris e indignos de Geneviève, a manhã sempre trazia alívio, e eu voltava para Geneviève e meu querido Boris com o coração lavado, limpo pelas tempestades da noite.

Nunca em palavras, atos ou pensamentos, enquanto estava com eles, traí minha tristeza, nem para mim mesmo.

A máscara do autoengano não era mais uma máscara: fazia parte de mim. A noite a retirava, desnudando a verdade sufocada por baixo. Mas sob ela, havia apenas eu mesmo para ver, e, quando o dia raiava, a máscara voltava ao lugar por conta própria. Esses pensamentos passavam por minha mente perturbada enquanto eu jazia doente, mas estavam completamente emaranhados com visões de criaturas brancas, pesadas como pedras rastejando pela bacia de Boris, pela cabeça de lobo no tapete, espumando

pela boca e atacando Geneviève, deitada sorrindo a seu lado. Pensei, também, no Rei de Amarelo envolto nas cores fantásticas de seu manto esfarrapado e naquele grito amargo de Cassilda: “Não sobre nós, oh, Rei, não sobre nós!” Exaltado, lutei para afastar o pensamento, mas vi o lago de Hali, raso e imóvel, sem ondas ou vento para agitá-lo. Vi as torres de Carcosa atrás da lua. Aldebarã, as Híades, Alar[10], Hastur, todos pairavam através das fendas entre as nuvens que adejavam e ondulavam ao passar como os retalhos ornamentados do Rei de Amarelo. Em meio a tudo isso, persistia um pensamento são. Não importava o que mais estivesse passando por minha mente desordenada: nunca havia hesitação de que minha principal razão para existir era cumprir alguma exigência de Boris e Geneviève. Que obrigação era essa, sua natureza, isso nunca ficou claro. Às vezes, parecia ser proteção; às vezes, apoio durante uma grande crise. O que quer que parecesse ser naquele momento, seu peso caía todo sobre mim, e nunca estive doente ou fraco demais para responder com toda a minha alma. Sempre havia multidões de rostos a minha volta, a maioria estranho, mas alguns eu reconhecia, Boris entre eles. Depois, eles me disseram que isso não podia ter acontecido, mas eu sabia desde que ele se debruçou sobre mim. Era apenas um toque, um eco distante de sua voz, depois as nuvens voltavam a tomar meus sentidos e eu o perdia, mas ele *esteve* ali e se debruçou sobre mim pelo menos *uma vez*.

Finalmente, certo dia de manhã, acordei e vi a luz do sol iluminando minha cama e Jack Scott lendo ao meu lado. Eu mal tinha forças para falar, nem conseguia pensar, muito menos lembrar, mas sorri ligeiramente quando os olhos de Jack encontraram os meus, e, quando ele pulou de pé e perguntou ansioso se eu queria alguma coisa, consegui sussurrar:

— Sim... Boris.

Jack se aproximou da cabeceira da minha cama e se inclinou para arrumar meu travesseiro. Não vi seu rosto, mas ele respondeu de todo coração:

— Você precisa esperar, Alec. Está fraco demais até para ver Boris.

Esperei e fiquei forte. Em alguns dias eu seria capaz de ver quem quisesse, mas, enquanto isso, pensei e me lembrei. Quando todo o passado ficou claro outra vez na minha mente, não duvidei mais do que deveria fazer quando a hora chegasse, e tive certeza de que Boris chegaria à mesma decisão. No que dizia respeito apenas a mim, eu sabia que ele, assim como eu, teria agido da mesma maneira. Não perguntei por mais ninguém. Nunca perguntei por que não recebi mensagem alguma deles; por que, durante a semana, enquanto estava ali deitado, esperando e ficando mais forte, nunca ouvi o nome deles. Preocupado com minha busca pelo modo certo, e com minha luta sem forças mas determinada contra o desespero, simplesmente aceitei a reticência de Jack, acreditando que ele estivesse com medo de falar sobre os dois para que eu não me rebelasse e não insistisse em vê-los. Enquanto isso, perguntei-me repetidas vezes como seria quando a vida recomeçasse para todos nós. Retomaríamos nossas relações exatamente como eram antes de Geneviève adoecer. Boris e eu olharíamos nos olhos um do outro e não haveria rancor, covardia ou desconfiança. Eu estaria novamente com eles por algum tempo na querida intimidade de seu lar, e então, sem pretexto ou explicação, desapareceria de suas vidas para sempre. Boris saberia. Geneviève... o único conforto era que ela nunca saberia. Enquanto pensava no assunto, parecia que eu havia descoberto o significado daquela sensação de obrigação que tinha persistido por todo o meu delírio, e a única resposta possível para ela. Então, certo dia, quando eu estava quase recuperado, pedi que Jack se aproximasse e disse:

— Jack, quero falar com Boris agora mesmo e dar os meus mais cordiais cumprimentos a Geneviève...

Quando ele finalmente me fez entender que os dois tinham morrido, entrei em um estado alucinado de fúria que destroçou toda a minha pequena convalescência em átomos. Tive um acesso de cólera, amaldiçoei-me e tive uma recaída, da qual saí com dificuldades após algumas semanas como um rapaz de vinte e um anos que acreditava que sua juventude tinha terminado para sempre. Eu parecia ter extrapolado a capacidade de sofrer mais, e certo dia, quando Jack me deu uma carta e as chaves da casa de Boris, eu as peguei sem qualquer tremor e pedi a ele que me contasse tudo. Foi cruel da minha parte lhe pedir isso, mas não havia como evitar, e ele se apoiou cautelosamente sobre suas mãos magras para reabrir a ferida que jamais se fecharia por completo. Ele começou em voz bem baixa...

— Alec, a menos que você tenha uma pista da qual eu nada saiba, não conseguirá explicar o que aconteceu melhor do que eu. Desconfio que preferirá não ouvir esses detalhes, mas você precisa saber o que aconteceu, ou eu o pouparia de contá-los. Deus sabe como eu desejaria ser poupado de contá-los. Serei breve.

“Naquele dia em que deixei você aos cuidados do médico e voltei para junto de Boris, encontrei-o trabalhando nas parcas. Geneviève, disse ele, estava dormindo sob efeito de remédios. Boris disse que ela estava fora de si e continuou a trabalhar sem falar mais nada, enquanto eu o observava. Foi quando vi que a terceira figura do grupo, a que olhava bem para a frente, encarando o mundo lá fora, tinha o rosto dele. Não como você já o viu, mas como ele se pareceria daquele momento até o fim. Essa é uma coisa para a qual eu gostaria de encontrar explicação, mas nunca encontrarei.

“Bem, ele trabalhava, e eu o observava em silêncio, e assim ficamos até quase meia-noite. Então, ouvimos a porta se abrir e fechar bruscamente, e um arrastar rápido no

quarto ao lado. Boris saiu correndo, e eu o segui. Mas era tarde demais. Ela jazia no fundo da banheira, com os braços cruzados sobre o peito. Então Boris deu um tiro no próprio coração.”[11]

Jack parou de falar. Havia gotas de suor pendentes sob seus olhos, e suas faces magras se contorciam.

— Carreguei Boris até o quarto. Depois voltei, liberei aquele fluido infernal da banheira e, abrindo toda a água, lavei cada gota restante no mármore. Quando enfim ousei descer as escadas, eu a vi deitada ali, tão branca quanto a neve. Finalmente, quando decidi o melhor a fazer, fui ao laboratório e, primeiro, esvaziei no ralo de esgoto a solução que havia na bacia. Depois, derramei o conteúdo de todos os jarros e vidros no mesmo lugar. Havia madeira na lareira, por isso acendi um fogo e, arrombando as trancas do armário de Boris, queimei todos os papéis, cadernos e cartas que achei ali. Com uma marreta do estúdio, quebrei em pedaços todos os vidros vazios, juntei os cacos em um carrinho de carvão, levei-os até o porão e os joguei nas brasas vermelhas e quentes da fornalha. Fiz a viagem seis vezes e não deixei vestígio algum capaz de ajudar outra vez na busca da fórmula que Boris descobrira. Depois, criei coragem para chamar o médico. Ele é um homem bom, e juntos nos esforçamos para evitar que aquilo se tornasse público. Sem ele, eu nunca teria conseguido. No final pagamos os criados e os mandamos embora para o campo, onde a velha Rosier os mantém quietos com histórias de que Boris e Geneviève viajaram para terras distantes, de onde só voltarão daqui a anos. Enterramos Boris no pequeno cemitério de Sèvres. O médico é uma criatura boa e sabe quando sentir piedade por um homem que não aguenta mais. Ele deu o atestado de doença cardíaca e não me fez perguntas.

Depois, erguendo a cabeça das mãos, ele prosseguiu:

— Abra a carta, Alec. É para nós dois.

Rasguei o envelope e a abri. Era o testamento de Boris, datado de um ano antes. Ele deixava tudo para Geneviève, e, caso ela morresse sem filhos, eu deveria assumir o controle da casa da Rue Sainte-Cécile, e Jack Scott, a administração de Epte. Após nossas mortes, as propriedades reverteriam para a família da mãe dele na Rússia, com exceção das esculturas feitas por ele em mármore. Essas ele deixava para mim.

A página foi se borrando sob nossos olhos, e Jack se levantou e foi até a janela. Logo voltou e se sentou de novo. Eu temia ouvir o que ele ia dizer, mas ele falou com a mesma simplicidade e gentileza:

— Geneviève jaz diante da madona na sala dos mármores. A madona se debruça ternamente sobre ela, e Geneviève sorri de volta para aquele rosto calmo que nunca teria existido não fosse por ela. — Sua voz vacilou, mas ele segurou minha mão e completou: — Coragem, Alec.

Na manhã seguinte, ele foi a Epte, tomar posse de seu legado.

IV

Na mesma noite, peguei as chaves e fui à casa que conhecia tão bem. Tudo estava arrumado, mas o silêncio era terrível. Apesar de ir duas vezes até a porta da sala dos mármores, não consegui me obrigar a entrar. Estava além de minhas forças. Fui para a sala de fumo e me sentei em frente à espineta. Havia um pequeno lenço rendado sobre as teclas; emocionado, virei o rosto. Estava claro que eu não conseguiria ficar ali, por isso tranquei todas as portas, todas as janelas e os três portões da frente e dos fundos, e fui embora. Na manhã seguinte, Alcide fez minha mala, e, deixando meus apartamentos aos seus cuidados, tomei o Expresso do Oriente para Constantinopla. Nas cartas que

trocamos durante o início dos dois anos[12] em que perambulei pelo Oriente, não mencionamos Geneviève e Boris; mas, aos poucos, seus nomes começaram a se imiscuir em nossas conversas. Lembro-me em especial de certa passagem em uma das cartas de Jack em resposta a uma das minhas...

"O que você me conta a respeito de ver Boris debruçado sobre você quando estava doente, e sentir o toque dele em seu rosto, e ouvir a voz dele, é claro que isso me intriga. Isso que você descreve deve ter acontecido umas duas semanas após a morte dele. Penso que você estava sonhando, que foi parte do seu delírio, mas a explicação não me satisfaz, nem satisfaria você."

Perto do fim do segundo ano, recebi na Índia uma carta de Jack tão diferente de tudo o que eu conhecia dele que resolvi voltar imediatamente a Paris. Ele escrevera:

"Estou bem e tenho vendido todas as minhas pinturas como os artistas que não precisam de dinheiro. Não tenho nenhuma preocupação própria, porém estou mais inquieto do que se tivesse. Não consigo me livrar de uma preocupação estranha em relação a você. Não é apreensão, é mais uma expectativa ansiosa... de quê, só Deus sabe! Só posso dizer que isso está acabando comigo. À noite, sempre sonho com você e Boris. Depois, nunca me lembro de nada, mas acordo de manhã com o coração palpitando, e essa excitação aumenta o dia inteiro, até que durmo de noite para relembrar a mesma experiência. Estou bastante exausto por causa disso e determinado a dar um fim a essa condição mórbida. Preciso vê-lo. Devo ir a Bombaim, ou você vem a Paris?"

Telegrafei para ele dizendo que me esperasse no vapor seguinte.

Quando nos encontramos, achei-o pouco mudado. Ele insistiu em que eu parecia estar com a saúde esplêndida. Foi bom ouvir sua voz outra vez, e, enquanto estávamos

sentados conversando sobre o que a vida ainda nos reservava, sentimos que era agradável estar vivo no clima límpido da primavera.

Ficamos juntos em Paris por uma semana, e depois passei uma semana em Epte com ele, mas antes de tudo fomos ao cemitério em Sèvres, onde Boris estava enterrado.

— Vamos pôr as parcas no pequeno bosque acima dele? — sugeriu Jack, ao que eu respondi:

— Acho que só a madona deveria vigiar o túmulo de Boris.

Mas Jack não melhorou com a minha volta. Os sonhos dos quais ele não conseguia lembrar detalhe algum continuavam, e ele disse que às vezes a sensação de ansiedade e expectativa era sufocante.

— Está vendo? Eu só faço mal a você, nenhum bem — comentei. — Tente uma mudança sem mim.

Então ele fez uma viagem pelas Ilhas do Canal, e eu voltei a Paris. Desde o meu retorno, ainda não tinha entrado na casa de Boris, que agora era minha, mas sabia que precisava entrar. Jack a mantivera em ordem. Havia criados na casa, por isso deixei de lado meu apartamento e fui morar lá. Eu temia a agitação, mas, em vez disso, me vi capaz de pintar tranquilamente ali. Visitei todos os aposentos, com exceção de um. Não conseguia entrar na sala dos mármores, onde jazia Geneviève, mas ao mesmo tempo sentia crescer a cada dia o desejo de ver seu rosto, de me ajoelhar a seu lado.

Em uma tarde de abril, eu estava deitado sonhando na sala de fumo, do mesmo modo que dois anos antes, quando, em meio aos tapetes orientais amarronzados, e procurei mecanicamente a pele de lobo. Por fim, vi as orelhas pontudas e uma cabeça achatada e cruel, e pensei no sonho em que via Geneviève deitada ao lado dele. Ainda havia elmos pendurados acima da tapeçaria puída, entre eles um velho morrião espanhol que eu me lembrava de ter visto Geneviève usar certa vez, quando, um dia, estávamos nos divertindo com antigas peças de armadura. Dirigi o

olhar para a espineta. Cada tecla amarelada parecia a expressão de sua mão carinhosa, e, atraído pela força da paixão da minha vida, eu me levantei em direção à porta lacrada da sala dos mármores. As portas pesadas se abriram para dentro sob minhas mãos trêmulas. A luz do sol entrava pela janela, enfeitando de ouro as extremidades das asas do cupido, e pairava como uma nuvem sobre a fronte da madona. Seu rosto terno estava inclinado por compaixão sobre uma forma em mármore tão extraordinariamente pura que me ajoelhei e fiz o sinal da cruz. Geneviève jazia sob a madona, à sombra, mesmo assim eu via, através de seus braços brancos, veios azul-claros, e sob suas mãos macias trançadas e as dobras de seu vestido havia uma coloração rosada, como se existisse alguma luz quente e esmaecida dentro de seu peito.

Inclinando-me e com o coração destroçado, toquei o tecido de mármore com os lábios, depois voltei lentamente para a casa silenciosa.

Uma criada chegou e me trouxe uma carta, e me sentei no pequeno jardim de inverno para lê-la, mas, quando estava prestes a romper o lacre, notei que a garota ainda estava por ali; perguntei o que desejava.

Ela balbuciou algo sobre um coelho branco que tinha sido capturado na casa e perguntou o que deveria fazer com ele. Eu lhe disse para deixá-lo solto no jardim murado que havia nos fundos da casa e abri a carta. Era de Jack, mas tão incoerente que achei que ele devia ter perdido o juízo. Não era nada além de uma série de súplicas para que eu não deixasse a casa antes de ele retornar. Ele não podia me dizer por quê. Havia os sonhos, dizia. Ele não podia explicar nada, mas tinha certeza de que eu não deveria deixar a casa da Rue Sainte-Cécile.

Quando terminei de ler, ergui os olhos e vi a mesma criada parada à porta, segurando um copo d’água no qual havia dois peixes-dourados nadando.

— Ponha os dois de volta no tanque e me diga o que a fez me interromper — falei.

Com um gemido malcontido, ela esvaziou a água e os peixes em um aquário no canto do jardim de inverno e, virando-se para mim, pediu permissão para deixar o emprego. Ela disse que as pessoas estavam pregando peças nela, evidentemente com a intenção de lhe criar problemas. O coelho de mármore tinha sido roubado e levaram um vivo para a casa; os dois belos peixes de mármore tinham sumido, e ela acabara de encontrar aquelas duas coisas vivas comuns se debatendo no chão da sala de jantar. Eu a tranquilizei e disse que ela podia ir, que eu mesmo cuidaria daquilo. Fui até o estúdio. Não havia nada ali além das minhas telas e alguns moldes em gesso, com a exceção do mármore do lírio-branco. Eu o vi na mesa do outro lado da sala. Então, fui andando com raiva em sua direção. Mas a flor que peguei da mesa era fresca e frágil, e encheu o ar de perfume.

Então de repente eu compreendi[13] e saí correndo pelo corredor até a sala de mármores. As portas se abriram bruscamente, a luz do sol bateu direto no meu rosto, e, através dela, em uma glória celestial, a madona sorria enquanto Geneviève ergueu seu rosto corado do sofá de mármore e abriu os olhos sonolentos.

Notas

[1] Assim como em “O reparador de reputações”, a história parte de uma premissa de ficção científica. Este conto parece se passar no mesmo universo ficcional que o anterior, ou numa versão alternativa dele.

[2] Esse trecho da peça *O Rei de Amarelo* é calcado no conto “A Máscara da Morte Rubra”, de Edgar Allan Poe e, talvez, no conto “Le Roi au Masque d’Or”, do francês Marcel

Schwob, publicado em 1893. Na história de Schwob, o rei de uma cidade onde todos os moradores usam máscaras arranca os próprios olhos depois de contemplar a verdadeira face de um forasteiro.

[3] A parte supostamente "enlouquecedora" da peça *O Rei de Amarelo* é o segundo ato. Tanto a epígrafe deste conto quanto a "Canção de Cassilda", que abre o livro, são trechos extraídos do primeiro ato. Com isso, Chambers evita quebrar o encanto da peça, delegando à imaginação do leitor a tarefa de intuir quais seriam as passagens mais perturbadoras.

[4] A maioria dos contos de *O Rei de Amarelo* envolve artistas, ou estudantes de arte americanos, vivendo em Paris. Há algo de autobiográfico nesses relatos: Chambers estudou arte na capital francesa de 1886 a 1893, e algumas de suas obras chegaram a ser expostas na cidade-luz. Ao retornar aos Estados Unidos, trabalhou como ilustrador para revistas antes de se dedicar à escrita.

[5] Obra citada em "O reparador de reputações": é a escultura que adorna a Câmara Letal de Nova York.

[6] O Salão, ou "Salon", era a exibição oficial da Academia de Belas-Artes de Paris. A partir de 1890, a mostra passou a contar com uma rival, a "Nationale", organizada pela Sociedade Nacional de Belas-Artes. Chambers teve obras exibidas no "Salon".

[7] No conto anterior, "O reparador de reputações", lemos: "(...) jovem escultor americano, Boris Yvain (...)"

[8] A descrição é evocativa do consumo de ópio, mas o conto não menciona a droga. As histórias de *O Rei de Amarelo* estão em diálogo constante com os chamados textos "decadentistas" franceses, criados por autores como Charles Baudelaire (1821-1867), autor de "Paraísos artificiais", mas Chambers é mais um comentarista e observador do que um adepto dessa escola.

[9] Verso do poema “Andrea Del Sarto”, de Robert Browning (1812-1889).

[10] Mais um termo tomado de Ambose Bierce. “Hoseib Alar Robardin” é o narrador do conto “Um habitante de Carcosa”. Em Chambers, não fica claro se se trata do nome de um lugar ou de uma pessoa. Na versão de James Blish para a peça *O Rei de Amarelo*, Alar é uma cidade em guerra com Hastur.

[11] Dessa forma, o autor da estátua que, em “O reparador de reputações”, ornamenta a câmara de suicídio não só deixou um autorretrato na obra, como também se tornou um suicida.

[12] Alec também escondeu seu amor por Geneviève por dois anos.

[13] A estrutura do final do conto, que parodia a literatura policial — com uma série de pistas que leva à conclusão —, seria usada por Chambers em várias de suas obras posteriores, como o conto “The Purple Emperor”, que aparece em seu livro “The Mystery of Choice” (1897).

No Pátio do Dragão

"Oh, tu, que queimas no coração por
aqueles que estão a queimar
No Inferno, cujas chamas tu mesmo irás
por tua vez alimentar
Em quanto tempo estarás a gritar: 'Tenha
piedade deles.' Deus!
Pois quem é Ele para aprender e quem és
tu para ensinar?"[1]

Na Igreja de São Barnabé, as vésperas[2] tinham terminado. Os clérigos deixaram o altar. Os meninos do coro atravessaram em bando o presbitério e se arrumaram nos bancos. Um sacristão de uniforme elegante marchou pela nave sul, batendo com seu bastão a cada quatro passos no pavimento de pedra. Atrás dele vinha aquele pregador eloquente e bom homem, o monsenhor C...

Minha cadeira ficava perto da balaustrada próxima ao altar central. Eu me virei na direção da extremidade oeste da igreja. As outras pessoas entre o altar e o púlpito também se viraram. Houve certo rastejar e farfalhar enquanto a congregação se sentava novamente; o pregador subiu as escadas do púlpito, e o solo do órgão interrompeu-se.

Sempre achei a música do órgão da São Barnabé extremamente interessante. Era culta e científica demais para o meu conhecimento tão parco, mas expressava uma inteligência extremamente vívida, mesmo que um tanto fria. Além disso, tinha a qualidade francesa do gosto: o gosto reinava supremo, autocontrolado, dignificado e reticente.

Naquele dia, entretanto, desde o primeiro acorde senti que havia uma mudança para pior, uma mudança sinistra. Durante as vésperas, o órgão tinha essencialmente apoiado o belo coro, mas, agora, mais uma vez, parecia que, de modo deliberado, a partir da galeria oeste — onde fica o órgão —, uma mão pesada golpeava por toda a igreja a paz serena daquelas vozes límpidas. Era algo mais que áspero e dissonante, e não traía qualquer falta de habilidade. Como diversas vezes antes, aquilo me pôs a pensar no que meus livros sobre arquitetura diziam a respeito do costume antigo de consagrar o coro assim que era construído, e que a nave, às vezes terminada meio século mais tarde, com frequência não recebia bênção alguma: eu me perguntei distraidamente se esse teria sido o caso na São Barnabé e se algo que em geral não deveria estar em uma igreja cristã teria entrado despercebido e tomado posse da galeria oeste. Eu também havia lido sobre ocorrências similares, mas não em livros sobre arquitetura.

Então, lembrei que a São Barnabé não tinha muito mais do que cem anos de idade, e sorri ante a associação incongruente de superstições medievais com aquela obra vivaz do rococó do século XVIII.

Mas agora as vésperas tinham terminado, e em seguida deveriam ter soado alguns acordes suaves, apropriados para acompanhar a meditação, enquanto aguardávamos o sermão. Em vez disso, a discórdia na outra extremidade da igreja eclodiu com a saída dos clérigos, como se nada pudesse controlá-la.

Sou filho de uma geração mais antiga e mais simples, que não ama procurar sutilezas psicológicas na arte; sempre me recusei a encontrar na música algo mais que melodia e harmonia, mas senti que, no labirinto de sons que estava sendo emitido por aquele instrumento, algo era caçado. Por toda parte os pedais o perseguiam, enquanto os controles manuais berravam aprovação. Pobre-diabo! Quem quer que fosse, parecia haver pouca esperança de escapar!

Meu desconforto nervoso se transformou em raiva. Quem estaria fazendo aquilo? Como ousava tocar daquela maneira em pleno serviço divino? Olhei para as pessoas à volta. Nenhuma parecia nem um pouco incomodada. As frontes plácidas das freiras ajoelhadas, ainda viradas para o altar, não perdiam nada de sua abstração devotada sob a sombra pálida de suas toucas brancas. A mulher bem-vestida ao meu lado olhava esperançosa para o monsenhor C... Pelo que o rosto dela revelava, o órgão bem podia estar tocando “Ave-Maria”.

Mas naquele momento, finalmente, o pregador tinha feito o sinal da cruz e ordenado silêncio. Virei-me para ele com prazer. Até então, ainda não tinha encontrado a tranquilidade com a qual contava quando entrei na São Barnabé naquela tarde.

Eu estava arrasado após três noites de sofrimento físico e perturbações mentais: a última havia sido a pior, e foram um corpo exausto e uma mente entorpecida, apesar de extremamente sensível, que levei à minha igreja favorita para curar. Pois eu tinha lido *O Rei de Amarelo*.

“Nasce o sol e logo se acolhem e se deitam nos seus covis.”[3]

O monsenhor C... recitava seu texto em voz calma, olhando do alto tranquilamente para sua congregação. Meus olhos se voltaram, não sei por quê, na direção da outra extremidade da igreja. O organista estava saindo de detrás de seus tubos e indo embora pela galeria. Eu o vi desaparecer por uma portinha que leva a uma escada que, por sua vez, desce direto para a rua. Era um homem magro, e seu rosto era tão branco quanto sua casaca era negra. “Já vai tarde!”, pensei. “Com essa sua música doentia! Espero que seu ajudante toque o solo final.”

Com um sentimento de alívio, uma sensação profunda e calma de alívio, virei-me outra vez para o rosto sereno no

púlpito e me acomodei para ouvir. Ali, finalmente, estava a tranquilidade mental que eu buscava.

— Meus filhos — disse o padre —, há uma verdade que é a mais difícil de todas para a alma humana aprender: que ela nada tem a temer. Ela não consegue ver que nada lhe pode fazer mal verdadeiro.

“Doutrina curiosa para um padre católico!”, pensei. “Vamos ver como ele vai reconciliar isso com os pais da Igreja.”

— Na verdade, nada pode fazer mal à alma — prosseguiu ele, em seu tom de voz ainda mais tranquilo e claro — porque...

Mas eu não ouvi o restante. Desviei os olhos de seu rosto, não sei por quê, e busquei o outro lado da igreja. O mesmo homem estava saindo de trás do órgão e passando pela galeria *pelo mesmo caminho*. Mas não houvera tempo para que ele voltasse, e, se tivesse voltado, eu sem dúvida o teria visto passar. Senti um leve calafrio e um aperto no coração. E, todavia, suas idas e vindas não eram assunto meu. Olhei para ele: não conseguia afastar os olhos de sua figura negra e seu rosto branco. Quando ele estava exatamente à minha frente, virou-se e, do outro lado da igreja, dirigiu-me um olhar de ódio intenso e mortal: nunca vi um olhar como aquele. E, por Deus, que não tornasse a ver! Então ele desapareceu pela mesma porta pela qual eu o vira partir menos de sessenta segundos antes.

Sentei-me e tentei organizar os pensamentos. Minha primeira sensação foi parecida com a de uma criança bem nova quando sofre um machucado grave e toma fôlego antes de começar a chorar.

Descobrir-me de repente objeto de tal ódio era estranhamente doloroso: e aquele homem era um completo desconhecido. Por que ele me odiaria tanto? A mim, que ele nunca vira antes? Naquele momento, todas as outras sensações se misturavam nesta única pontada: até o medo subordinava-se ao pesar, e naquele momento eu não tive

dúvida; mas, no instante seguinte, comecei a raciocinar, e uma sensação de incongruência veio em minha ajuda.

Como já disse, a São Barnabé é uma igreja moderna. É pequena e bem-iluminada. Dá para vê-la praticamente toda de uma só olhada. A galeria do órgão recebe uma forte luz branca de uma série de janelas compridas no clerestório que nem têm vitrais coloridos.

Como o púlpito fica no meio da igreja, quando eu estava virado para ele, era impossível que algo se movesse no lado oeste sem atrair meu olhar. Quando o organista passou, não foi surpresa alguma vê-lo: eu tinha apenas calculado mal o intervalo entre a primeira e a segunda idas. Ele havia entrado da última vez pela outra porta lateral. E, em relação ao olhar que tanto me incomodara, isso não existira; eu era um tolo nervoso.

Olhei ao redor. Que lugar aquele para nutrir horrores sobrenaturais! O rosto franco e razoável do monsenhor C..., seus modos contidos e gestos naturais e graciosos, não seriam um pouco desestimulantes para a noção de um mistério horroroso? Olhei acima de sua cabeça e quase ri. A dama esvoaçante sustentando um canto da cobertura do púlpito, que parecia uma toalha de mesa em tecido de damasco com franjas em um vento forte, na primeira tentativa de um basilisco chegar lá em cima da caixa do órgão — aquela mulher apontaria seu trompete de ouro para ele e o sopraria e acabaria com sua existência! Ri sozinho dessa fantasia, a qual, naquele momento, achei bem divertida, e fiquei ali sentado rindo sozinho de tudo mais, da velha harpia na entrada da área gradeada, que me fizera pagar dez centavos por minha cadeira antes de me deixar entrar (ela parecia mais um basilisco, disse a mim mesmo, do que meu organista de expressão anêmica); da senhora idosa de expressão grave até, sim, é claro!, do próprio monsenhor C... Pois toda a devoção tinha desaparecido. Eu nunca tinha feito algo assim na vida, mas, naquele momento, sentia desejo de escarnecer.

Em relação ao sermão, eu não conseguia ouvir nenhuma palavra dele por causa do retinir em meus ouvidos:

A barra da toga de São Paulo alcançou
Depois de pregar para nós aqueles seis sermões de quaresma
Mais melosos do que tudo que jamais pregou.[4]

dando tempo para os pensamentos mais fantásticos e irreverentes.

Não adiantava mais ficar sentado ali: eu precisava sair e me livrar daquele estado de espírito odioso. Eu compreendia a falta de educação que estava cometendo; mesmo assim, levantei-me e deixei a igreja.

Um sol de primavera brilhava na Rue St. Honoré enquanto eu descia correndo a escadaria da igreja. Em um canto havia um carrinho de mão cheio de narcisos amarelos, violetas pálidas da Riviera, violetas escuras russas e jacintos brancos romanos em uma nuvem dourada de mimosas. A rua estava cheia de pessoas em busca de diversão dominical. Balancei minha bengala e ri. Alguém se aproximou e passou por mim. Ele não se virou, mas lá estava a mesma malignidade mortal, tanto no perfil branco quanto em seus olhos. Eu o observei enquanto consegui vê-lo. Suas costas magras expressavam igual ameaça; cada passo que o afastava de mim parecia conduzi-lo em uma tarefa ligada à minha destruição.

Eu o segui muito lentamente, com meus pés quase recusando-se a se mover. Então, começou a baixar em mim uma sensação de responsabilidade por algo havia muito esquecido. Comecei a ter a impressão de que eu merecia aquilo que me ameaçava: isso remontava havia muito tempo, havia muito, muito tempo. Permanecera dormente por todos aqueles anos: mas estava ali, e ia se erguer e me confrontar. Mas eu tentaria escapar; e entrei aos tropeções, da melhor maneira que consegui, na Rue de Rivoli, atravessei a Place de la Concorde e peguei o Quai. Com

olhos doentes fitei o sol, que brilhava através da espuma branca da fonte, a qual se derramava pelas costas dos deuses escuros de bronze dos rios no Arco distante, uma estrutura de névoa de ametista em meio às incontáveis vistas de troncos cinza e galhos nus levemente verdes. Foi então que o vi novamente, descendo por uma alameda de nogueiras do Cours la Reine.

Deixei a margem do rio, mergulhei às cegas na Champs Élysées e virei na direção do Arco. O pôr do sol projetava seus raios sobre o trecho verde do Rond-point. Sob toda aquela luz, ele estava sentado em um banco, com crianças e jovens mães à sua volta. Não passava de um transeunte dominical como os outros, como eu mesmo. Eu disse as palavras quase em voz alta, sem tirar os olhos do ódio maligno em seu rosto. Mas ele não estava olhando para mim. Passei por ele e percorri a avenida arrastando meus pés pesados. Sabia que, a cada vez que o via, eu o aproximava de realizar seu objetivo e meu destino. E, ainda assim, eu tentava me salvar.

Os últimos raios do crepúsculo escorriam através do grande Arco. Passei ali por baixo e o encontrei cara a cara. Eu o havia deixado lá embaixo, na Champs Élysées, e mesmo com uma torrente de pessoas que voltavam do Bois de Boulogne, ele se aproximou. Chegou tão perto que esbarrou em mim. Sua constituição magra parecia ferro no interior daquela cobertura negra e folgada. Ele não mostrou sinais de pressa, nem de cansaço, nem de qualquer sentimento humano. Todo o seu ser expressava uma única coisa: o desejo e o poder de me fazer o mal.

Angustiado, observei o caminho que ele percorreu pela avenida larga e cheia de gente, um local todo reluzente com as rodas e os arreios dos cavalos e os capacetes da Garde Républicaine[5].

Ele logo sumiu de vista. Então me virei e corri. Entrei no Bois e fui muito além. Não sei para onde, mas, após o que

me pareceu um bom tempo, a noite tinha caído e eu me vi sentado a uma mesa em um pequeno café. Eu voltara para o Bois. Fazia horas que não o via. O cansaço físico e o sofrimento mental não me deixaram forças para pensar ou sentir. Eu estava cansado, muito cansado! Queria me esconder em meu refúgio. Decidi ir para casa. Mas ela ficava a uma boa distância.

Moro no Pátio do Dragão, uma passagem estreita que leva da Rue de Rennes à Rue du Dragon.

É um “impasse”, transitável apenas por pedestres. Acima da entrada na Rue de Rennes há uma varanda sustentada por um dragão de ferro. Dentro do pátio, dos dois lados erguem-se casas antigas e altas, que ladeiam as saídas que dariam para as duas ruas. Os grandes portões, que durante o dia ficam abertos para o lado dos profundos portais de pedra, fecham o pátio após meia-noite, e para entrar é necessário tocar a campainha em certas portinhas laterais. O calçamento esburacado coleciona poças insalubres. Escadarias íngremes descem até portas que se abrem para o pátio. O primeiro pavimento é ocupado por lojas de artigos de segunda mão e ferreiros. O dia inteiro o lugar ressoa com o tilintar de martelos e o clangor de barras de metal.

Por mais insalubre que seja lá embaixo, há alegria e conforto, e trabalho duro e honesto acima.

No quinto andar ficam os ateliês dos arquitetos e pintores e os esconderijos de estudantes de meia-idade, como eu, que querem viver sozinhos. Quando cheguei para morar lá eu era jovem e não estava sozinho.

Tive que caminhar um bom pedaço até que algum transporte aparecesse, mas, finalmente, quando quase tinha chegado ao Arco do Triunfo outra vez, passou um coche de aluguel vazio e eu o peguei.

Do Arco até a Rue de Rennes é uma corrida de mais de meia hora, especialmente quando se é conduzido por um cavalo de aluguel cansado, que esteve à mercê dos festeiros de domingo.

Pelo tempo que demorei até passar sob as asas do Dragão, houve tempo para encontrar meu inimigo várias vezes, mas não o vi nenhuma vez, e agora o refúgio estava próximo.

Diante do amplo portão, uma pequena multidão de crianças brincava. Nosso concierge e a esposa com seu poodle preto, caminhavam entre elas, mantendo a ordem. Havia alguns casais valsando na calçada. Retornei seus cumprimentos e entrei apressado.

Todos os habitantes do pátio tinham saído para a rua. O lugar estava bem deserto, iluminado por alguns lampiões bem altos, nos quais o gás queimava fraco.

Meu apartamento ficava no alto de uma casa, meio caminho dentro do pátio. Chegava-se lá por uma escada que descia quase até a rua, separada apenas por um pequeno trecho de passagem. Pisei no limiar da porta aberta, e a escada arruinada e amistosa ergueu-se à minha frente para me levar ao descanso e ao abrigo. Olhei para trás por sobre o ombro e *o* vi, a dez passos de distância. Ele devia ter entrado no pátio comigo.

Ele vinha direto, nem devagar, nem depressa, mas diretamente na minha direção. E estava olhando para mim. Nossos olhos voltaram a se encontrar pela primeira vez desde que haviam se cruzado na igreja, e eu sabia que a hora tinha chegado.

Recuei para os fundos do pátio e o encarei. Eu queria escapar pela entrada da Rue du Dragon. Os olhos dele me diziam que eu jamais escaparia.

Pareceu que se passaram séculos enquanto caminhávamos, eu recuando, ele avançando, indo pelo pátio em absoluto silêncio. Mas finalmente senti a sombra da arcada que há sobre o portão, e o passo seguinte me levou para ela. Minha ideia era me virar naquele ponto e sair correndo por ali para a rua. Só que aquela sombra não era de um portal, mas de uma cripta. Os grandes portões da Rue du Dragon estavam fechados. Senti isso pela escuridão

que me cercava, e no mesmo instante li isso no rosto dele. Como seu rosto reluzia na escuridão, aproximando-se rapidamente! As criptas profundas, as grandes portas fechadas, as alças de ferro frias estavam todas ao lado do homem. Sua ameaça havia chegado: tomou forças e se concentrou em mim das sombras mais profundas; o ponto de onde atacaria seriam seus olhos infernais. Desamparado, firmei as costas nas portas trancadas e o desafiei.

* * *

Houve um arrastar de cadeiras no chão de pedras e um farfalhar conforme a congregação se levantava. Ouvi o sacristão na nave sul, caminhando à frente do monsenhor C... até a sacristia.

Ajoelhadas e despertas de sua abstração religiosa, a freiras fizeram sua reverência e foram embora. A senhora bem-vestida, minha vizinha, também se levantou, com um recato gracioso. Quando partiu, seu olhar passou brevemente pelo meu, com reprovação.

Meio morto, ou assim me parecia, mas ao mesmo tempo intensamente vivo até cada detalhe, sentei-me em meio à multidão que se movia sem pressa, depois também me levantei e fui caminhando na direção da porta.

Eu tinha dormido durante o sermão. Será que tinha dormido durante o sermão? Olhei para cima e o vi passando pela galeria até seu lugar. Só avistei o perfil. O braço magro dobrado coberto de preto parecia um desses instrumentos diabólicos inomináveis que jazem, sem uso, em câmaras de tortura de castelos medievais.

Mas eu havia escapado dele, apesar de seus olhos dizerem que não. *Será* que eu havia escapado dele? O que lhe dava poder sobre mim ressurgiu do esquecimento onde eu esperava mantê-lo. Pois eu passei a conhecê-lo. A morte

e a morada horrível das almas perdidas, para onde minhas fraquezas havia muito o mandaram, tinham-no transformado aos olhos dos outros, mas não aos meus. Eu o reconhecera quase desde o princípio. Nunca duvidei do que ele viera fazer. E descobri que, enquanto meu corpo estava sentado em segurança naquela alegre igrejinha, ele estivera caçando minha alma no Pátio do Dragão.[6]

Fui lentamente até a porta; o órgão soou acima, alto. Uma luz ofuscante encheu a igreja, impedindo que eu visse o altar. As pessoas sumiram, os arcos e o teto em abóbada desapareceram. Ergui meus olhos calcinados para o brilho infinito e vi as estrelas negras pendendo dos céus; e os ventos úmidos do lago de Hali gelaram meu rosto.

E bem longe, após léguas de ondas nebulosas se quebrando, vi a lua derramando jatos d'água, e, além, as torres de Carcosa se erguiam atrás da lua.

A morte e a morada horrível das almas perdidas, para onde minhas fraquezas havia muito o mandaram, tinham-no transformado aos olhos dos outros, mas não aos meus. E então ouvi *sua voz*, erguendo-se, mais encorpada, trovejando pela luz radiante, e, enquanto eu caía, o brilho, aumentando cada vez mais, jorrou sobre mim em ondas de chamas. Então, mergulhei nas profundezas e ouvi o Rei de Amarelo sussurrando para minha alma: "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo!"[7]

Notas

[1] Quadra encontrada na introdução da versão de Edward Fitzgerald (1809-1883) para o "Rubaiyat" de Omar Khayyam.

[2] Orações vespertinas da Igreja Católica.

[3] Verso 22 dos Salmos 103 (Bíblia Católica) ou 104 (Protestante).

[4] Trecho do poema satírico “Up at a villa-down in the city”, de Robert Browning.

[5] Os sucessivos encontros com a mesma figura sinistra lembram a situação descrita por Charles Baudelaire em seu poema “Os sete velhos”, publicado em “As flores do mal” (1857), no qual o narrador se defronta, sete vezes, com um personagem macabro que pode ter sido uma das inspirações para a figura do Rei de Amarelo. A descrição de Baudelaire: “Um velho cujos retalhos amarelados/Eram imitações do céu chuvoso,/Cuja figura poderia fazer chover piedade/Não fosse o brilho maligno de seus olhos”.

[6] Esse conto reforça a interpretação de Robert M. Price de que o universo de *O Rei de Amarelo* seria uma espécie de pesadelo coletivo, talvez uma dimensão de sonho em que se ingressa por meio da leitura da peça.

[7] Citação de Hebreus, 10:31.

O Emblema Amarelo

“Imagine o crepúsculo carmesim
O que devemos fazer
Quando tudo chegar ao fim
Após a lua azul dessa estrela morrer.”[1]

I

Há tantas coisas impossíveis de explicar! Por que alguns acordes musicais me fazem pensar nos tons marrons e dourados da folhagem do outono? Por que a missa da Santa Cecília levaria meus pensamentos a viajar por cavernas cujas paredes brilham com massas brutas de prata pura? O que era aquilo no ronco e no turbilhão da Broadway às seis da tarde que fez brilhar diante de meus olhos uma imagem parada da floresta bretã[2] onde a luz do sol penetrava através da folhagem de primavera e Sylvia se inclinava, um tanto curiosa e terna, sobre um pequeno lagarto verde, murmurando: “E pensar que isso também é um pequeno protegido de Deus!”?

Quando vi o vigia pela primeira vez, ele estava de costas para mim. Olhei para ele com indiferença, até que entrou na igreja. Não prestei mais atenção a ele do que a qualquer outro homem que estivesse caminhando pela Washington Square[3] naquela manhã, e, quando fechei a janela e voltei para meu estúdio, eu o havia esquecido. No fim daquela tarde, como o dia estava quente, levantei a janela outra vez e me debrucei para respirar um pouco de ar. Havia um homem parado no pátio da igreja, e novamente eu o notei com tão pouco interesse quanto pela manhã. Olhei para a praça, para onde a fonte brincava, e depois, com a mente

repleta de impressões vagas de árvores, estradas asfaltadas, grupos de babás em movimento e pessoas passeando e se divertindo, resolvi voltar para meu cavalete. Quando me virei, meu olhar inexpressivo percebeu o homem lá embaixo, no pátio da igreja. Seu rosto estava voltado para mim, e, com um movimento completamente involuntário, eu me inclinei para vê-lo. Ele ergueu o rosto e me olhou ao mesmo tempo. Naquele exato momento, veio-me à mente um verme de sepultura. Eu não sabia explicar o que me repugnava naquele homem, mas sua aparência de um verme branco e arredondado de cadáver era tão intensa e nauseabunda que devo ter transparecido isso em minha expressão, pois ele virou o rosto balofo para outro lado, com um movimento que me fez pensar em uma larva se remexendo em uma noz.

Voltei para meu cavalete e acenei para que a modelo reassumisse sua pose. Depois de trabalhar por algum tempo, convenci-me de que estava estragando, o mais rápido possível, o que já havia feito, então peguei uma espátula e raspei a tinta. Os tons de pele estavam amarelados e doentios, e eu não entendia como podia ter pintado matizes tão enfermos em um esboço que antes brilhava com tons saudáveis.

Olhei para Tessie. Ela não havia mudado, e o rubor nítido da saúde deu cor a seu pescoço e rosto quando franzi o cenho.

— Foi alguma coisa que fiz? — perguntou ela.

— Não... Eu estraguei este braço e não saberia explicar, nem que minha vida dependesse disso, como pintei uma porcaria dessas na tela.

— Eu posei direito, não foi? — insistiu ela.

— É claro, perfeitamente.

— Então não é minha culpa?

— Não. É só minha.

— Eu sinto muito, mesmo.

Falei que ela podia descansar enquanto eu passava um pano com aguarrás na área terrível em minha tela, e ela foi fumar um cigarro e ver as ilustrações do *Courrier Français*.

Eu não sabia se era algo na aguarrás ou um defeito na tela, mas, quanto mais eu esfregava, mais aquela gangrena parecia se espalhar. Penei tentando apagar aquilo, mas mesmo assim a doença se espalhava para outros membros do esboço à minha frente. Alarmado, esforcei-me para detê-la, mas a cor dos seios tinha mudado, e parecia que toda a figura havia absorvido a infecção, como uma esponja absorve água. Vigorosamente, usei espátulas, aguarrás e raspador, pensando o tempo todo na discussão que teria com Duval, que me vendera a tela. Mas logo percebi que o defeito não estava nem na tela nem nas tintas de Edward.

“Deve ser a aguarrás”, pensei com raiva. “Ou meus olhos ficaram tão embaçados e confusos pela luz da tarde que não consigo enxergar direito.”

Chamei Tessie, a modelo. Ela apareceu e se debruçou na minha cadeira, soprando anéis de fumaça no ar.

— O que você está fazendo? — perguntou em tom de exclamação.

— Nada — resmunguei. — Deve ser essa aguarrás!

— Agora está com uma cor horrível — continuou Tessie. — Você acha que minha pele parece queijo estragado?

— Não, não acho — respondi com raiva. — Você já me viu pintar deste jeito?

— Não, não mesmo!

— Ora, então?!

— Deve ser a aguarrás, ou algo assim — admitiu ela.

Tessie vestiu um quimono e foi até a janela. Raspei e esfreguei até a exaustão e, por fim, peguei meus pincéis e os cravei na tela com palavras agressivas, e apenas o tom de raiva alcançou os ouvidos de Tessie, que começou, mesmo assim:

— Isso mesmo! Xingue e aja como um tolo e destrua os pincéis! Você estava trabalhando nesse esboço havia três

semanas, e agora veja! O que você ganha rasgando a tela? Esses artistas são umas peças!

Senti a vergonha típica de quando tinha um acesso desses e virei a tela arruinada para a parede. Tessie me ajudou a limpar os pincéis, depois saiu dançando para se vestir. De trás do biombo, ela me dava conselhos sobre descontrole emocional, fosse ele completo ou parcial, até que, achando que talvez já tivesse me atormentado o suficiente, saiu de lá e me implorou que abotoasse seu corpete onde ela não alcançava, na altura do ombro.

— Tudo começou a dar errado quando você voltou da janela e falou daquele homem de aspecto horrível que tinha visto no pátio da igreja — declarou ela.

— É. Ele deve ter enfeitiçado a pintura — comentei, com um bocejo, e olhei para meu relógio.

— Já passam das seis, eu sei — disse Tessie, ajeitando o chapéu em frente ao espelho.

— Sim. Não queria prendê-la aqui por tanto tempo.

Eu me debrucei na janela, mas me recolhi, desgostoso, pois o jovem de rosto pálido continuava lá embaixo, no pátio da igreja. Tessie, notando meu movimento de aversão, foi se debruçar à janela também.

— É daquele homem que você não gosta? — murmurou ela.

Concordei com a cabeça.

— Não vejo seu rosto, mas ele parece gordo e flácido. De um jeito ou de outro — prosseguiu ela, virando-se e olhando para mim —, ele me lembra de um sonho... um sonho horrível que tive uma vez. Ou... — Ela ficou pensativa, olhando para seus belos sapatos. — Será que foi mesmo um sonho?

— Como eu poderia saber? — Sorri.

Tessie retribuiu o sorriso.

— Você estava no sonho. Por isso, talvez saiba algo sobre ele.

— Tessie! Tessie! — protestei. — Não ouse me lisonjear dizendo que sonha comigo!

— Mas sonhei — insistiu ela. — Quer que eu conte como foi?

— Vá em frente — respondi, acendendo um cigarro.

Tessie recostou-se no batente da janela aberta e começou, muito séria:

— Certa noite, no inverno passado, eu estava deitada na cama sem pensar em nada demais. Tinha posado para você e estava cansada, mas mesmo assim me parecia impossível dormir. Ouvi os sinos na cidade baterem dez, onze e meia-noite. Devo ter adormecido por volta de meia-noite, porque não me lembro de ouvir os sinos depois disso. A sensação que tive foi de que, mal eu fechei os olhos, comecei a sonhar que algo me impelia à janela. Eu me levantei e, erguendo o caixilho, debrucei-me. Pelo que eu podia ver, a Twenty Fifth Street estava deserta. Comecei a sentir medo. Tudo lá fora parecia tão... tão escuro e desconfortável. Foi quando o som de rodas ao longe chegou aos meus ouvidos, e me pareceu que era por aquilo que eu deveria esperar. As rodas se aproximaram muito lentamente, até que enfim percebi um veículo vindo pela rua. Ele chegou cada vez mais perto, e, quando passou embaixo de minha janela, vi que era uma carroça fúnebre. Enquanto eu tremia de medo, o cocheiro virou-se e olhou para mim. Quando despertei, estava parada ao lado da janela aberta, tremendo de frio, mas a carroça com plumas negras e seu cocheiro tinham ido embora. Tive esse sonho outra vez em março passado e acordei, de novo, ao lado da janela aberta. Ontem à noite, o sonho voltou. Você lembra como chovia. Quando acordei, parada ao lado da janela aberta, minha camisola estava ensopada.

— Mas onde eu entro nesse sonho?

— Você... você estava no caixão; mas não estava morto.

— No caixão?

— É.

— Como você sabia? Você me viu?

— Não. Eu só sabia que você estava lá.

— Você andou comendo coelho galês[4] ou salada de lagosta? — comecei, rindo, mas ela me interrompeu com um grito assustado. — Ei! O que foi? — perguntei, enquanto ela se encolhia junto ao vão da janela.

— O... homem lá embaixo no pátio da igreja... ele conduzia a carroça fúnebre.

— Bobagem — comentei, mas os olhos de Tessie estavam arregalados de horror. Fui até a janela e olhei para fora. O homem tinha desaparecido. — Venha, Tessie — insisti. — Não seja boba. Você posou por tempo demais. Está nervosa.

— Você acha que eu esqueceria aquele rosto? — murmurou ela. — Vi a carroça passar três vezes embaixo de minha janela, e toda vez o cocheiro se virava e olhava para mim. Ah, seu rosto era tão branco e... e flácido? Ele parecia morto... parecia que estava morto fazia muito tempo.

Fiz Tessie se sentar e tomar um cálice de marsala. Então, sentei-me a seu lado e tentei lhe dar alguns conselhos.

— Ouça-me, Tessie. Passe uma ou duas semanas no campo e vai parar de sonhar com carroças fúnebres. Você posa o dia inteiro, e, quando a noite chega, seus nervos estão em frangalhos. Não dá para continuar desse jeito. Além disso, em vez de ir para cama quando seu dia de trabalho termina, você corre para piqueniques no Sulzer's Park ou vai ao Eldorado ou a Coney Island e, quando chega aqui na manhã seguinte, está arrasada. Não havia nenhuma carroça fúnebre de verdade. Só um pesadelo causado por indigestão.

Ela sorriu de leve.

— E o homem no pátio da igreja?

— Ah, não passa de uma criatura comum e ruim de saúde.

— Sr. Scott[5], juro que, tão certo como meu nome é Tessie Reardon, o rosto do homem lá embaixo no pátio da igreja é o rosto do homem que conduzia a carroça fúnebre!

— E qual o problema? É um trabalho honesto.

— Então você acha que eu vi *mesmo* a carroça?

— Ah — respondi, tentando ser diplomático —, se tiver visto mesmo, é possível que o homem ali embaixo a conduzisse. Não há nada demais nisso.

Tessie levantou-se, desenrolou seu lencinho perfumado e, após pegar um pedaço de goma de mascar de um nó na borda, o pôs na boca. Depois, calçando as luvas, ela me ofereceu a mão com um sincero “Boa noite, sr. Scott” e foi embora.

II

Na manhã seguinte, Thomas, o carregador, trouxe-me o *Herald* e algumas notícias. A igreja ao lado tinha sido vendida. Agradeci aos céus. Eu não sentia repugnância pela congregação ao lado, afinal, era católico, mas meus nervos estavam em frangalhos por causa de um pregador ruidoso que fazia cada uma de suas palavras ecoar pela nave da igreja como se fosse meus próprios aposentos e que reforçava seus erres com uma persistência nasal que revoltava todos os meus instintos. Havia, também, um demônio em forma humana, um organista que tocava um daqueles hinos antigos e grandiosos com uma interpretação própria, e eu ansiava pelo sangue dessa criatura que tocava os cânticos de glória a Deus com um arranjo de acordes menores digno de um quarteto de principiantes.[6] Creio que o pastor era um bom homem, mas, quando ele dizia, com voz alta e profunda: “E o Senhorrr disse a Moisés, o Senhorrr é homem de guerra; o Senhorrr é o seu nome. E a minha ira se acenderá, e vos matarei à espada!”[7], eu me perguntava quantos séculos de purgatório seriam necessários para pagar um pecado desses.

— Quem comprou a propriedade? — perguntei a Thomas.

— Ninguém que eu conheço, senhor. Eles diz que aquele senhor que é proprietário do edifício Hamilton tava interessado nela. E de repente faz mais estúdio.

Fui até a janela. O sujeito de rosto doentio estava parado ao portão do pátio da igreja, e, ao mero vislumbre dele, a mesma repulsa avassaladora tomou conta de mim.

— Por falar nisso, Thomas, quem é aquele sujeito lá embaixo?

Thomas deu uma fungada.

— Aquele verme ali, senhor? É o vigia noturno da igreja, senhor. Ele me aborrece ali sentado a noite toda nos degraus olhando pras pessoa. Parece que tá xingando elas. Por mim, eu dava um soco na cara dele, senhor. Desculpa, senhor...

— Continue, Thomas.

— Uma noite eu tava chegando em casa com o Larry, o outro carregador inglês, e eu vi ele sentado ali nos degrau. A Molly e a Jen tavam com a gente, senhor, as copeira, e ele olhou pra gente que parecia que tava xingando a gente. Aí eu me adiantei e disse: “Tá olhando o quê, sua lesma gorda?” Me desculpa, senhor, mas foi como eu falei. Aí ele não falou nada, e eu falei: “Sai daí senão eu quebro essa tua cara de pudim.” Aí ele abriu o portão e entrou, mas não falou nada, só continuou olhando com a mesma cara. Aí eu acertei ele uma vez, mas eca! A cabeça dele era fria e molenga que dava nojo só de encostar.

— E o que ele fez depois? — perguntei com curiosidade.

— Ele? Nada.

— E você, Thomas?

O rapaz corou de vergonha e abriu um sorriso constrangido.

— Sabe, sr. Scott, eu não sou nenhum frouxo e não tenho a menor ideia por quê que eu saí correndo. Eu servi no Quinto Regimento de Lanceiros, senhor, corneteiro em Tel-el-Kebir[8], e tomei tiro perto dos poços.

— Não me diga que você fugiu?
— Sim, senhor, eu fugi.
— Por quê?
— É exatamente isso que eu quero saber, senhor. Agarrei a Molly e saí correndo, e os outro ficaram com medo igual a mim.
— Mas vocês estavam com medo de quê?
Thomas se recusou a responder por algum tempo, mas aquele jovem repugnante lá embaixo havia despertado minha curiosidade, e eu pressionei o carregador. Três anos nos Estados Unidos não só haviam modificado o dialeto *cockney* de Thomas, como também tinham dado a ele o medo que os americanos sentem do ridículo.
— O senhor não vai acreditar em mim, sr. Scott.
— Vou, sim.
— O senhor não vai rir de mim?
— Que bobagem!
Ele hesitou.
— Bem, senhor, juro por Deus que tô falando a verdade. Quando eu acertei ele, ele agarrou meu pulso, senhor, e, quando eu girei o braço e aquele punho molenga, um dedo saiu na minha mão.
O ódio e o horror absolutos no rosto de Thomas devem ter se refletido no meu, porque ele acrescentou:
— É horrível, e agora, quando vejo esse homem, trato logo de dar no pé. Ele me dá arrepios.
Depois que Thomas foi embora, fui até a janela. O homem estava parado ao lado da grade da igreja com as mãos no portão, mas outra vez voltei rápido para meu cavalete, sentindo-me mal e horrorizado, pois vi que ele não tinha o dedo médio da mão direita.
Às nove horas, Tessie apareceu e sumiu atrás do biombo com um alegre “Bom dia, sr. Scott”. Quando ressurgiu e retomou sua pose em seu posto de modelo, comecei uma tela nova, o que a agradou. Ela ficou em silêncio enquanto

eu desenhava, mas, assim que o riscar do carvão cessou e eu peguei o fixador, ela começou:

— Ah, eu me diverti tanto ontem à noite... Nós fomos ao Tony Pastor’s.

— “Nós” quem?

— Ah, Maggie, você a conhece, a modelo do sr. Whyte, e Pinkie McCormick. Nós a chamamos de Pinkie porque ela tem aquele cabelo ruivo lindo de que vocês artistas tanto gostam. E Lizzie Burke.

— Bem, continue — pedi, após borrifar um jato de fixador na tela.

— Vimos Kelly e Baby Barnes, que faz a dança das saias[9], e... e todos os outros. Arranjei um admirador.

— Quer dizer que você me traiu, Tessie?

Ela riu e sacudiu a cabeça.

— É o irmão de Lizzie Burke, Ed. Um perfeito cavalheiro.

Eu me senti obrigado a lhe dar alguns conselhos paternais em relação a admiradores, e ela ouviu com um belo sorriso.

— Ah, eu sei lidar com admiradores desconhecidos — disse ela, examinando sua goma de mascar. — Mas Ed é diferente. Lizzie é minha melhor amiga.

Então ela contou que Ed tinha voltado da fábrica de meias que há em Lowell, Massachusetts, e encontrou a ela e a Lizzie crescidas, e que rapaz bem-sucedido ele era, e como não se importava em gastar meio dólar em sorvetes e ostras para comemorar sua contratação como balconista do departamento de artigos de lã da Macy’s. Antes que ela terminasse, comecei a pintar, e ela retomou a pose, sorrindo e falando como um papagaio. Ao meio-dia, o esboço estava razoavelmente adiantado, e Tessie deu uma olhada.

— Esse está melhor — comentou.

Também achei, e almocei com uma sensação satisfeita de que tudo ia bem. Tessie abriu seu almoço em uma mesa de desenho em frente a mim. Bebemos clarete da mesma

garrafa e acendemos nossos cigarros com o mesmo fósforo. Eu era muito ligado a Tessie. Eu a vira se transformar de uma criança frágil e esquisita em uma mulher alta, esguia e de formas excepcionais. Ela posava para mim havia três anos, e, de todos os meus modelos, era a minha favorita. Iria me aborrecer muito mesmo se ela se tornasse “difícil” ou “voasse”, como se diz, mas nunca percebi deterioração alguma de seus modos, e sentia de coração que ela estava bem. Nunca conversamos sobre a moral, e nunca tive essa intenção, em parte porque eu mesmo não tinha nenhuma e, em parte, porque eu sabia que ela faria o que quisesse, independentemente de mim. Ainda assim, eu esperava que ela se mantivesse longe de complicações, porque eu desejava seu bem e também porque tinha um desejo egoísta de preservar o melhor modelo que já tivera. Eu sabia que um admirador, como ela chamava, não tinha importância para garotas como Tessie, e que essas coisas nos Estados Unidos não se pareciam nem um pouco com as mesmas coisas em Paris. Ainda assim, por viver de olhos abertos, eu também sabia que um dia alguém levaria Tessie embora, de um jeito ou de outro, e, apesar de achar que o casamento não fazia sentido, eu sinceramente torcia para que, nesse caso, houvesse um padre no fim do caminho. Sou católico. Quando assisto à missa, quando me benzo, sinto que tudo, incluindo eu mesmo, fica mais alegre, e me sinto bem quando confesso. Um homem que vive tão sozinho como eu precisa se confessar a alguém. E, afinal, Sylvia era católica, e isso era razão suficiente para mim. Mas eu estava falando de Tessie, o que é bem diferente. Tessie também era católica e muito mais devota que eu. Por isso, na verdade, eu pouco temia por minha bela modelo até que ela se apaixonasse. Mas *também* eu sabia que somente o destino decidiria o futuro dela, e rezava para que ele a mantivesse afastada de homens como eu e colocasse em seu caminho apenas Ed Burkes e Jimmy McCormicks, abençoado seja o lindo rostinho dela.

Tessie estava sentada, soprando anéis de fumaça na direção do teto e mexendo o gelo em seu copo.

— Sabe que eu também tive um sonho ontem à noite?

— Não foi sobre aquele homem, foi? — disse ela, rindo.

— Exatamente. Um sonho parecido com o seu, só que bem pior.

Dizer isso foi uma atitude tola e irrefletida de minha parte, mas todo mundo sabe que pintores em geral têm pouco tato.

— Devo ter adormecido por volta das dez. E, depois de algum tempo, sonhei ter acordado. Ouvi tão claramente os sinos badalarem a meia-noite, o vento nos galhos das árvores e o apito dos vapores da baía que, até agora, mal acredito que não estava acordado. Parecia que eu estava deitado em uma caixa com uma tampa de vidro. Mal via as luzes das ruas conforme passava por elas, pois tenho que lhe contar, Tessie, a caixa na qual estava deitado parecia se encontrar em uma carruagem acolchoada que me fazia balançar sobre um calçamento de pedra. Após algum tempo, fiquei impaciente e tentei me mexer, mas a caixa era estreita demais. Minhas mãos estavam cruzadas no peito, então não podia erguê-las para me ajudar. Escutei e tentei gritar. Minha voz sumira. Eu ouvia os passos dos cavalos atrelados à carruagem e até a respiração do cocheiro. Depois, outro barulho soou em meus ouvidos, como o caixilho de uma janela sendo aberto. Consegui virar um pouco a cabeça e percebi que conseguia olhar não só através da tampa de vidro da caixa, mas também através das janelas de vidro da lateral da carruagem. Vi casas vazias e silenciosas, sem luz nem vida em nenhuma delas, exceto por uma. Nessa casa, havia uma janela aberta no primeiro andar e uma figura toda de branco parada, olhando para a rua. Era você.

Tessie tinha virado o rosto para longe de mim e se apoiou com o cotovelo na mesa.

— Eu podia ver seu rosto — prossegui —, e você me pareceu muito triste. Então, nós passamos e entramos em uma ruazinha estreita e escura. Naquele momento, os cavalos pararam. Esperei e esperei, de olhos fechados por medo e impaciência, mas tudo estava silencioso como um túmulo. Depois do que me pareceram horas, comecei a me sentir desconfortável. Uma sensação de que havia alguém perto de mim fez com que eu abrisse os olhos. Então, vi o rosto branco do cocheiro da carroça fúnebre olhando para mim pela tampa do caixão...

Um soluço de choro de Tessie me interrompeu. Ela tremia como vara verde. Percebi que havia me comportado como uma mula e tentei consertar o estrago:

— Não fique assim, Tess. Só lhe contei isso para mostrar a influência que sua história pode ter nos sonhos de outra pessoa. Você não acha que eu estive mesmo em um caixão, acha? Por que está tremendo? Não vê que seu sonho e minha repulsa inexplicável por aquele vigia inofensivo da igreja simplesmente puseram meu cérebro para trabalhar assim que peguei no sono?

Ela pousou a cabeça entre os braços e chorou como se seu coração fosse se partir. Eu realmente havia me comportado como uma grandessíssima mula! Mas estava prestes a bater meu próprio recorde. Fui até ela e passei meu braço a seu redor.

— Tessie, querida, perdoe-me. Eu não devia tê-la assustado com tamanha besteira. Você é uma garota sensível demais, uma católica boa demais para acreditar em sonhos.

A mão dela apertou a minha, e sua cabeça se recostou em meu ombro, mas ela não parava de tremer. Dei-lhe uns tapinhas nas costas e a confortei.

— Vamos lá, Tess. Abra os olhos e dê um sorriso.

Os olhos dela abriram-se com um movimento lento e lânguido e encontraram os meus, mas sua expressão estava tão anormal que me apressei em tranquilizá-la outra vez:

— Isso é tudo bobagem, Tessie. Você sem dúvida não está com medo de que algum mal lhe aconteça por causa disso.

— Não — disse ela, mas seus lábios escarlate estremeceram.

— Então, qual é o problema? Está com medo?

— Estou, mas não por mim.

— Por mim, então? — perguntei em tom alegre.

— Pelo senhor — murmurou ela, com uma voz quase inaudível. — Eu... eu gosto do senhor.

Na hora comecei a rir, mas, quando entendi, levei um choque e me sentei como se tivesse me transformado em uma rocha. Aquela era a coroação da idiotice que eu cometera. Durante o momento entre sua resposta e minha risada, pensei em mil formas de reagir àquela confissão inocente. Podia deixar passar com uma risada, podia fingir não ter entendido e tranquilizá-la em relação à minha saúde, podia simplesmente comentar que era impossível ela me amar. Mas minha resposta foi mais rápida que meus pensamentos, e penso isso agora, penso quando já é tarde demais, pois eu a beijei na boca.

Naquela noite, fiz minha caminhada habitual pelo Washington Park, refletindo sobre os acontecimentos do dia. Eu estava totalmente comprometido. Não havia como voltar atrás, e eu encarava o futuro. Eu não era bom, nem tinha escrúpulos, mas não tinha intenção de enganar a mim nem a Tessie. A única paixão de minha vida estava enterrada nas florestas banhadas pelo sol da Bretanha. Estava enterrada para sempre? A esperança gritava: “Não!” Por três anos eu escutei a voz da esperança, e por três anos esperei ouvir um passo à minha porta. Será que Sylvia tinha esquecido? “Não!”, gritava a esperança.

Eu disse que não era um homem bom. Isso é verdade, mas tampouco era exatamente um vilão de ópera-bufa. Eu tinha levado uma vida fácil e irresponsável, tomando dela o que me dava prazer, lamentando e às vezes me arrependendo amargamente das consequências. Em apenas

uma coisa, além de minha pintura, eu era sério, e isso era algo que permanecia oculto, se não perdido, nas florestas da Bretanha.

* * *

Era tarde demais para que eu me arrependesse do que ocorrera durante o dia. O que quer que tenha sido — pena, uma ternura repentina pela tristeza ou o instinto mais brutal da vaidade satisfeita —, tudo dava na mesma, e, a menos que eu quisesse ferir um coração inocente, meu caminho estava traçado. O fogo e a força, a profundidade da paixão de um amor do qual eu jamais suspeitara, mesmo com toda a vivência que eu achava ter do mundo, deixaram-me sem alternativa senão corresponder ou mandá-la embora. Não sei se é porque tenho tanto medo de infligir dor aos outros ou porque ainda tenho um pouco do puritano lúgubre em mim, mas fugi à responsabilidade daquele beijo impensado e, na verdade, não tive tempo de fazê-lo antes que os portões de seu coração se abrissem e dele jorrasse uma torrente. Os que cumprem seu dever e encontram uma satisfação sombria em destruir a própria felicidade e a de todos ao redor teriam conseguido suportar isso. Eu, não. Eu não ousei. Depois que a tempestade se abatera, disse que ela deveria ter se apaixonado por Ed Burke e usado uma aliança de ouro simples, mas ela não queria ouvir isso, e pensei que talvez, já que ela decidira amar alguém com quem não poderia se casar, era melhor que fosse eu. Pelo menos eu a trataria com uma afeição inteligente, e, quando ela se cansasse da paixão por mim, poderia ir embora sem problema algum. Pois eu já havia me decidido em relação a isso, apesar de saber como seria difícil. Lembrei-me do fim normal das relações platônicas e pensei em como ficava aborrecido sempre que sabia de um caso. Eu sabia que

estava empreendendo algo grande para o homem tão inescrupuloso que era, e pensei no futuro, mas em nenhum momento duvidei de que ela estivesse em segurança comigo. Fosse outra pessoa que não Tessie, eu não teria me preocupado com escrúpulos. Pois não passou por minha cabeça sacrificá-la como eu teria sacrificado uma mulher do mundo. Encarei o futuro com firmeza e vi os vários finais prováveis para o caso. Ou ela se cansaria daquilo tudo ou ficaria tão infeliz que eu teria que me casar com ela ou ir embora. Se me casasse com ela, seríamos infelizes. Eu com uma esposa inadequada para mim, e ela com um marido inadequado para qualquer mulher. Pois minha vida pregressa dificilmente me habilitava ao casamento. Se eu fosse embora, talvez ela adoecesse, se recuperasse e se casasse com algum Eddie Burke, ou talvez cometesse alguma tolice irresponsável e deliberada. Por outro lado, caso se cansasse de mim, teria toda a vida diante de si, com belas vistas de Eddie Burkes e alianças de casamento e gêmeos e apartamentos no Harlem e só Deus sabe mais o quê. Enquanto eu caminhava ao longo das árvores próximas do Washington Arch, cheguei à conclusão de que ela deveria ter em mim um grande amigo, em qualquer circunstância, e que o futuro cuidasse de si. Então, fui para casa e vesti minha roupa de noite, pois o pequeno bilhete levemente perfumado em minha cômoda dizia: “Apareça com um coche de aluguel na porta do teatro às onze”, e o bilhete estava assinado: “Edith Carmichael, Metropolitan Theatre”.

Jantei naquela noite, ou melhor, jantamos, a srta. Carmichael e eu, no Solari’s, e o amanhecer mal começava a iluminar a cruz na Memorial Church quando entrei na Washington Square, depois de deixar Edith em Brunswick. Não havia uma alma viva no parque quando passei pelas árvores e peguei o caminho que leva da estátua de Garibaldi[10] até o prédio residencial Hamilton, mas, quando passei pelo pátio da igreja, vi uma figura sentada nos

degraus de pedra. Apesar de ser como sou, fui tomado por um calafrio ao ver aquele rosto branco, e apressei o passo. Então ele disse algo que pode ter sido dirigido a mim ou meramente um murmúrio para si mesmo, mas uma raiva furiosa e repentina inflamou-se em meu interior pela possibilidade de tal criatura se dirigir a mim. Por um instante, senti vontade de correr até lá e esmagar sua cabeça com minha bengala, mas continuei andando, entrei no edifício Hamilton e fui para meu apartamento. Por um tempo, fiquei me remexendo na cama para tentar tirar o som de sua voz de meus ouvidos, mas não consegui. Aquele som murmurado enchia minha cabeça como a fumaça densa e oleosa de um tacho de derreter banha ou como um fedor terrível de putrefação. E, enquanto eu jazia ali jogado, a voz em meus ouvidos parecia mais clara, e comecei a entender as palavras que ele murmurara. Elas chegavam até mim lentamente, como se eu as tivesse esquecido, e enfim consegui tirar algum sentido dos sons. Era isto:

"Encontrou o Emblema Amarelo?"

"Encontrou o Emblema Amarelo?"

"Encontrou o Emblema Amarelo?"

Fiquei furioso. O que ele queria dizer com aquilo? Então, amaldiçoando a ele e aos seus, virei para o lado e dormi, no entanto, quando acordei mais tarde, estava pálido e exausto, pois havia tido o mesmo sonho da noite anterior, e isso me incomodou mais do que eu queria acreditar.

Vesti-me e desci para meu estúdio. Tessie estava sentada perto da janela, e, quando entrei, ela levantou-se e jogou os braços em volta de meu pescoço para um beijo inocente. Estava tão delicada e linda que eu a beijei outra vez, e então ela sentou-se diante do cavalete.

— Ei! Onde está o esboço que comecei ontem? — perguntei.

Tessie parecia saber, mas não respondeu. Comecei a procurar em meio às pilhas de telas:

— Rápido, Tess, e se apronte. Temos que aproveitar a luz da manhã.

Quando finalmente desisti de tentar achá-lo entre as outras telas e me virei para procurar o esboço desaparecido pelo restante do aposento, percebi Tessie parada perto do biombo, ainda vestida.

— O que foi? Qual o problema? Não está se sentindo bem?

— Estou.

— Então ande logo.

— Você quer que eu pose como... como sempre posei?

Naquele momento, eu compreendi. Ali estava uma nova complicação. Eu havia perdido, é claro, o melhor modelo nu que já tinha visto. Olhei para Tessie. Seu rosto estava vermelho. Ah, desgraça! Ah, desgraça! Havíamos comido da árvore do conhecimento, e o Éden e a inocência nativa eram sonhos do passado. Quer dizer, para ela.[11]

Acho que ela percebeu a decepção em meu rosto, pois disse:

— Eu poso, se você quiser. O esboço está aqui atrás da tela, onde eu o coloquei.

— Não. Vamos começar algo novo.

Fui até meu guarda-roupa e peguei um traje mourisco que, cheio de lantejoulas, cintilava bastante. Era um traje autêntico, e Tessie, encantada, foi para trás do biombo com ele. Quando saiu de lá, fiquei pasmo. Seu longo cabelo negro estava preso acima da testa com um diadema de turquesas, as pontas caindo em cachos por baixo do arco cintilante. Os pés estavam calçados em chinelinhas pontudas bordadas, e a saia de seu traje, curiosamente enfeitada com arabescos em prata, descia até a altura dos tornozelos. O colete azul-escuro e metálico, bordado de prata, e a jaqueta mourisca, curta e bordada com lantejoulas e turquesas, deixaram-na maravilhosa. Ela aproximou-se de mim e ergueu o rosto, sorrindo. Enfiei a mão no bolso, tirei de lá uma corrente de ouro com uma

cruz pendurada e a coloquei em seu pescoço, passando-a sobre sua cabeça.

— É sua, Tess.

Ela vacilou.

— Minha?

— Sua. Agora vá e pose.

Então, com um sorriso radiante, ela correu para trás do biombo e imediatamente reapareceu com uma caixinha na qual estava escrito meu nome.

— Eu queria dá-lo a você quando fosse para casa esta noite. Mas agora não posso esperar.

Abri a caixa. Em cima do algodão cor-de-rosa de seu interior, havia um broche de lapela de ônix negro, no qual estava gravado em ouro um símbolo, ou letra, curioso. Não era árabe nem chinês, e mais tarde descobri que não pertencia a nenhuma escrita humana.

— Era tudo o que eu tinha para lhe dar como lembrança — disse ela timidamente.

Fiquei incomodado, mas disse a ela o quanto havia gostado do presente e prometi sempre usá-lo. Ela o prendeu na lapela de meu paletó.

— Que tolice, Tess, comprar uma coisa bonita como esta para mim — disse eu.

— Eu não comprei.

Ela riu.

— Onde você o conseguiu?

Então ela me contou que o encontrara certo dia quando saía do aquário no Battery Park, que o havia anunciado nos jornais e procurado anúncios para saber se alguém anunciara sua perda, mas que finalmente perdera qualquer esperança de encontrar o dono.

— Isso foi no inverno passado — completou ela. — No mesmo dia em que tive o primeiro sonho horrível sobre a carroça fúnebre.

Lembrei-me do sonho que tivera na noite anterior, mas nada disse, e, naquele momento, meu carvão deslizava

sobre uma tela nova, e Tessie estava imóvel no posto do modelo.

III

O dia seguinte foi para mim um desastre. Enquanto movia uma tela emoldurada de um cavalete para outro, meu pé escorregou no chão encerado e caí pesadamente, apoiando-se nos pulsos. A entorse foi tão forte que era inútil tentar segurar um pincel, e fui obrigado a andar pelo estúdio olhando para desenhos não acabados e esboços, até que fui tomado pelo desespero, sentei-me para fumar e me enfureci movendo os polegares. A chuva batia nas janelas e pingava no telhado da igreja, um tamborilar interminável que estava me dando nos nervos. Tessie estava sentada junto à janela costurando, e de vez em quando erguia a cabeça e olhava para mim com uma compaixão tão inocente que comecei a sentir vergonha de minha irritação e fui procurar algo para me ocupar. Eu havia lido todos os jornais e todos os livros da biblioteca, mas, só para fazer alguma coisa, fui até os armários e os abri com o cotovelo. Eu conhecia cada volume pela cor e examinei todos, caminhando lentamente pela biblioteca e assoviando para me manter animado. Estava me virando para ir até a sala de jantar quando meu olho bateu em um livro encadernado em pele de cobra, encostado em um canto da primeira prateleira da última estante. Eu não me lembrava dele e, do chão, não decifrei as letras pálidas na lombada, por isso fui até a sala de fumo e chamei Tessie. Ela saiu do estúdio e subiu para alcançar o livro.

— Que livro é esse? — perguntei.

— *O Rei de Amarelo.*

Fiquei pasmo. Quem o teria colocado ali? Como ele chegara a meus aposentos? Havia muito tempo eu decidira

que nunca deveria abrir aquele livro, e nada no mundo me persuadiria a comprá-lo. Temeroso de que a curiosidade pudesse me tentar a abri-lo, eu nunca sequer olhara para ele em livrarias. Se eu alguma vez tivera alguma curiosidade em lê-lo, a terrível tragédia do jovem Castaigne[12], que eu conhecia, fez com que eu não explorasse suas páginas perversas. Sempre me recusei a ouvir qualquer descrição sobre o livro, e, na verdade, ninguém jamais se aventurou a discutir a segunda parte em voz alta, então eu não tinha absolutamente nenhum conhecimento do que aquelas páginas poderiam revelar. Olhei para a encadernação malhada e peçonhenta como olharia para uma cobra.

— Não o toque, Tessie. Desça daí.

Claro que minha advertência foi suficiente para despertar sua curiosidade, e, antes que eu pudesse evitar, ela pegou o livro e, rindo, saiu dançando pelo estúdio com ele. Eu a chamei, mas ela escapou, lançando um sorriso perturbador para minhas mãos impotentes, e eu a segui com certa impaciência.

— Tessie! — gritei, entrando na biblioteca. — Escute, estou falando sério. Guarde esse livro. Não quero que você o abra!

A biblioteca estava vazia. Fui às duas salas e depois aos quartos, à lavanderia, à cozinha e finalmente voltei à biblioteca, onde comecei uma busca sistemática. Ela havia se escondido tão bem que só meia hora mais tarde eu a encontrei, agachada e em silêncio junto à janela com treliça na despensa no andar de cima. Em um primeiro olhar, vi que ela havia sido castigada por sua tolice. *O Rei de Amarelo* jazia a seus pés, mas o livro estava aberto na segunda parte. Olhei para Tessie e vi que era tarde demais. Ela abrira *O Rei de Amarelo*. Então, eu a tomei pela mão e a conduzi até o estúdio. Ela parecia zonza, e, quando lhe pedi que se deitasse no sofá, obedeceu-me sem dizer nada. Após

algum tempo, fechou os olhos, e sua respiração tornou-se regular e profunda, mas eu não sabia dizer se ela estava dormindo. Por bastante tempo fiquei sentado em silêncio a seu lado, mas ela não se moveu nem falou. Por fim, levantei-me, entrei na despensa desocupada e peguei o livro com minha mão menos machucada. O exemplar parecia pesado como chumbo, mas eu o levei de volta ao estúdio e, sentado no tapete ao lado do sofá, o abri e li do início ao fim.

Quando, cansado pelo excesso de emoções, larguei o volume e recostei-me, exausto, no sofá, Tessie abriu os olhos e se virou para mim...

* * *

Já falávamos havia algum tempo em um esforço monótono e apático quando percebi que estávamos discutindo *O Rei de Amarelo*. Ah, o pecado de escrever tais palavras, palavras claras como cristal, límpidas e musicais como fontes borbulhantes, palavras que cintilam e reluzem como os diamantes envenenados dos Médici! Ah, a maldade, a danação sem esperanças de uma alma capaz de fascinar e paralisar criaturas humanas com tais palavras, palavras compreendidas igualmente por ignorantes e sábios, palavras mais preciosas que joias, mais tranquilizadoras que música, mais horríveis que a morte!

Continuamos conversando sem nos darmos conta das sombras que se acumulavam, e ela me implorava que eu jogasse fora o broche de ônix negro elegantemente gravado com o que descobríramos ser o Emblema Amarelo. Nunca saberei por que me recusei a fazê-lo, apesar de que, mesmo agora, aqui em meu quarto enquanto escrevo esta confissão, gostaria de saber *o que* evitou que eu arrancasse o Emblema Amarelo de meu peito e o jogasse no fogo.

Tenho certeza de que eu desejava fazer isso, mas mesmo assim Tessie implorou em vão. A noite caiu e as horas se arrastaram, mas ainda assim continuávamos murmurando um para o outro sobre o Rei e a Máscara Pálida, e a meia-noite soou nos pináculos enevoados na cidade envolta pela neblina. Falamos sobre Hastur e sobre Cassilda, enquanto lá fora o nevoeiro corria nas vidraças vazias das janelas e as ondas nebulosas se reviravam e quebravam nas praias de Hali.

A casa estava muito silenciosa, e não chegava som algum das ruas enevoadas. Tessie estava deitada entre as almofadas; seu rosto era uma mancha cinza no escuro, mas suas mãos estavam agarradas às minhas, e eu sabia que ela sabia e lia meus pensamentos como eu lia os dela, pois havíamos entendido o mistério das Híades, e o Fantasma da Verdade estava exposto. Então, enquanto respondíamos um ao outro, rápida, silenciosamente, pensamento após pensamento, as sombras se agitaram na escuridão à nossa volta, e ouvimos um som vindo de ruas distantes. Aproximava-se cada vez mais, o barulho duro, áspero e abafado de rodas, mais e mais perto, e então, lá fora, diante da porta, ele parou, e eu arrastei-me até a janela e vi uma carroça fúnebre com plumas negras. O portão lá embaixo abriu e fechou, e, tremendo, fui até minha porta, tranquei-a e passei os cadeados. Mas sabia eu que não havia tranca ou cadeado que impedisse a entrada daquela criatura que fora buscar o Emblema Amarelo. E então eu o ouvi se mover bem suavemente pelo corredor. Ele chegou à porta, e os cadeados apodreceram a seu toque. Ele havia entrado. Com os olhos saltando de minha cabeça, espiei na escuridão, mas, quando ele entrou na sala, que não o vi. Somente quando o senti me envolver em seu aperto frio e suave que gritei e lutei com fúria mortal, mas minhas mãos eram inúteis, e ele arrancou o broche de ônix e me acertou em cheio no rosto. Enquanto eu caía, ouvi o grito suave de Tessie, e seu espírito se foi: e, mesmo enquanto caía, tive

vontade de segui-la, pois sabia que o Rei de Amarelo abrira seu manto de retalhos e só havia Deus a quem rogar.

Eu podia contar mais, mas não vejo em que isso será útil para o mundo. Quanto a mim, estou além de qualquer ajuda ou esperança humana. Aqui deitado, escrevendo, sem me importar sequer se morro ou não antes de terminar, vejo o médico juntando seus pós e frascos com um gesto vago para o bom padre a meu lado, gesto que entendi.

Eles ficarão muito curiosos ao saber a respeito da tragédia — eles, do mundo exterior, que escrevem livros e imprimem milhões de jornais, mas não vou escrever mais, e o padre confessor selará minhas últimas palavras com o selo da santidade quando seu santo sacramento tiver terminado. Eles, do mundo exterior, podem mandar suas criaturas para lares destruídos e casas feridas de morte, e seus jornais se encherão de sangue e lágrimas, mas comigo seus espiões devem parar antes do confessionário. Eles sabem que Tessie está morta e que eu estou morrendo. Sabem que as pessoas na casa, despertadas por um grito infernal, correram para meu quarto e encontraram um vivo e dois mortos, mas não sabem o que eu direi a eles agora; não sabem que o médico disse ao apontar para um monte horrível e em decomposição no chão, o cadáver lívido e em decomposição do vigia da igreja:

— Não tenho teoria, não tenho explicação[13]. Esse homem deve estar morto há meses!

Acho que estou morrendo. Queria que o padre...[14]

Notas

[1] Versos que evocam um cenário semelhante ao da "Canção de Cassilda", que abre o livro.

[2] Bretã, no caso, não se refere às Ilhas Britânicas, mas à Bretanha, região do noroeste da França. Chambers tinha

um apreço especial por essa parte do território francês, que cita ou usa como cenário em vários de seus contos.

[3] Cenário comum a “O reparador de reputações”.

[4] Prato que na verdade não contém carne de coelho: trata-se de uma espécie de fondue ou canapé quente de queijo, consumido com torradas e preparado com cheddar, molho inglês, mostarda, pimenta ou páprica. Algumas receitas incluem elite ou cerveja escura. Uma boa refeição para atrair pesadelos.

[5] O protagonista do conto é um pintor americano chamado Scott que morou na França. Seria o mesmo Jack Scott que é coadjuvante em “A máscara”? Vários romances de Chambers se parecem mais com coletâneas de contos vagamente interligados, e, em algumas edições de *O Rei de Amarelo*, eles são chamados de “capítulos”. Como veremos, no entanto, a inter-relação entre as histórias deste livro é bem complexa.

[6] A combinação de pregador inflamado e organista desafinado faz uma espécie de paralelo à situação descrita em “O Pátio do Dragão”.

[7] Paráfrase de alguns versículos do Êxodo, principalmente Êxodo, 15:3 e Êxodo, 22:24.

[8] Em 1882, tropas britânicas travaram uma batalha contra forças egípcias em Tel-el-Kebir pelo controle do Canal de Suez.

[9] Mistura de balé e sapateado em que a mulher dança manipulando as saias. Foi uma febre nos Estados Unidos na década de 1890, principalmente no teatro popular e de variedades.

[10] Aqui a estátua da Washington Square é de Garibaldi, como no “nosso” universo, e não de Stuyvesant, como no mundo de “O reparador de reputações”, embora haja indicações de que os dois contos estão interligados. Também não há menção a uma Câmara Letal na praça.

[11] A narrativa é ambígua quanto à consumação da relação entre Scott e Tessie, mas este parágrafo deixa claro que algum tipo de virgindade, se não física, ao menos emocional, deixou de existir na noite anterior — a mesma noite em que o estranho da igreja finalmente articulou sua busca pelo Emblema Amarelo.

[12] Uma referência ao protagonista do primeiro conto, o que mostra que os eventos de "O Emblema Amarelo" são posteriores aos de "O reparador de reputações". Há várias pistas de que "O Emblema" se passa no fim do século XIX — desde a menção do fato de que o garoto da portaria, Thomas, é um veterano da guerra de 1882 entre os ingleses e egípcios, à citação da dança das saias, moda nos anos 1890. No entanto, não só o narrador de "O reparador de reputações" nos diz que a história se passa após 1920 (quando Thomas, o carregador, já teria mais de 60 anos), como a Nova York que ele descreve — com a Câmara Letal e sem a estátua de Garibaldi — não corresponde à do sr. Scott. Seria todo o cenário do conto, ou mesmo todo o enredo, parte do delírio de Castaigne?

[13] O mistério do Emblema Amarelo frustra tanto a ciência, na pessoa do médico, quanto a religião, representada pelo padre.

[14] Este é o quarto, e último, conto de Chambers a mencionar a peça *O Rei de Amarelo*. É também considerado o melhor de seus contos fantásticos: em seu ensaio clássico, "O Horror Sobrenatural na Literatura", H. P. Lovecraft dá destaque especial a "O Emblema Amarelo".

A Demoiselle d’Ys

“Mais je croy que je
Suis descendu on puiz
Ténebreux onquel disoit
Heraclytus estre Vereté cachée.”[1]

“Estas três coisas me maravilham; e quatro há que não conheço: O caminho da águia no ar; o caminho da cobra na penha; o caminho do navio no meio do mar; e o caminho do homem com uma virgem.”[2]

I

A desolação absoluta da cena começou a me afetar. Sentei-me para avaliar a situação e, se possível, relembrar algum ponto de referência que ajudasse a me tirar de minha posição naquele momento. Se eu pudesse apenas tornar a encontrar o oceano, tudo ficaria claro, pois eu sabia que era possível ver a ilha de Groix[3] dos penhascos.

Larguei minha arma e, ajoelhando-me atrás de uma rocha, acendi um cachimbo. Depois, olhei para o relógio. Eram quase quatro horas. Talvez eu tivesse me afastado muito de Kerselec desde o amanhecer.

No dia anterior, parado à beira dos penhascos abaixo de Kerselec com Goulven, olhando do alto as charnecas sombrias em meio às quais eu me perdera, essas depressões me pareceram planas como uma campina,

estendendo-se até o horizonte, e, apesar de eu saber como a distância pode ser enganadora, não me dei conta de que o que pareciam apenas vastos gramados vistos de Kerselec eram grandes vales cobertos de tojo e urze, e o que pareciam aflorações rochosas espalhadas eram, na verdade, enormes penhascos de granito.

— Lugar ruim para um forasteiro — dissera o velho Goulven. — O senhor devia levar um guia.

— Não vou me perder — replicara.

Naquele momento, ali sentado fumando, com a brisa do mar batendo em meu rosto, sabia que tinha me perdido. A charneca se estendia por todos os lados, coberta de tojo florido e urze e afloramentos de granito. Não havia uma árvore à vista, muito menos uma casa. Depois de algum tempo, peguei a arma e, dando as costas para o sol, voltei a caminhar.

Não adiantava muito seguir os riachos ruidosos que de vez em quando cruzavam meu caminho, pois, em vez de desembocarem no mar, eles corriam para o interior, para lagos cheios de juncos nos baixios das charnecas. Eu havia seguido vários, mas todos me conduziram a pântanos ou a laguinhos silenciosos nos quais narcejas voavam para longe em um êxtase de medo ao me avistarem. Comecei a me sentir cansado, e a arma feria meu ombro apesar da proteção almofadada reforçada. O sol estava cada vez mais baixo, brilhando ao nível do tojo amarelo e dos lagos da charneca.

Enquanto caminhava, minha sombra gigantesca me conduzia, parecendo se alongar mais a cada passo.[4] Os tojos arranhavam minhas perneiras, quebravam sob meus pés, cobrindo a terra marrom com seus brotos, e a samambaias se curvavam e ondulavam à minha passagem. Coelhos saíam correndo das moitas de urze, e, em meio à relva do pântano, eu ouvia o grasnar sonolento dos patos-selvagens. Uma raposa cruzou meu caminho. Depois,

quando parei para beber das águas velozes de um riacho, uma garça bateu as asas com força nos juncos atrás de mim. Virei-me para ver o sol. Parecia que tocava as bordas da planície. Quando finalmente concluí que era inútil prosseguir, e que deveria me conformar em passar pelo menos uma noite na charneca, eu me joguei no chão, completamente exausto. A luz quente do entardecer atingia meu corpo, mas a brisa do mar começou a aumentar, e senti um frio vindo das botas molhadas. Gaivotas voavam muito acima, em círculos, ou arremetiam parecendo pedaços de papel branco. Em algum brejo distante piava um maçarico solitário. Aos poucos o sol se pôs na planície, e o zênite se encheu da luz do crepúsculo. Observei o céu mudar do ouro mais claro ao cor-de-rosa, depois para o fogo em brasa. Enxames de mosquitos dançavam sobre mim, e acima, no ar calmo, um morcego mergulhou depois ganhou altura. Minhas pálpebras começaram a pesar. Então, quando espantei a sonolência, um barulho alto e repentino em meio às samambaias altas me acordou. Ergui os olhos. Um pássaro grande pairava, batendo rapidamente as asas acima de onde eu estava. Por um instante apenas olhei, incapaz de me mexer. Então, alguma coisa passou saltando por mim entre as samambaias, e o pássaro subiu no ar, planou e mergulhou de cabeça na vegetação.

Em um instante eu estava de pé, espiando através dos tojos. Ouvi o som de luta em um urzal próximo, depois tudo ficou quieto. Fui naquela direção com a arma em punho, mas, quando me aproximei, a arma foi outra vez para baixo de meu braço, e fiquei imóvel em uma surpresa silenciosa. Havia uma lebre morta no chão, e sobre ela, um falcão magnífico, com uma garra enfiada no pescoço da criatura e a outra cravada com firmeza em seu flanco inerte. Mas o que me impressionou não foi a mera visão de um falcão pousado em sua presa. Eu já havia visto aquilo mais de uma vez. Era que o falcão tinha uma espécie de fita nas garras, e das fitas pendia uma bolinha de metal que parecia um

guizo. O pássaro virou seus olhos ferozes e amarelos para mim, então se curvou e enfiou o bico recurvado na presa. No mesmo instante, passos apressados soaram em meio ao urzal. Uma garota surgiu correndo de algum lugar bem à minha frente. Sem sequer olhar para mim, ela foi até o falcão e, passando a mão enluvada sobre o peito dele, o ergueu de sobre a presa. Em seguida, rapidamente pôs um pequeno capuz na cabeça da ave, segurando-a no punho da luva, abaixou-se e pegou a lebre.

Ela passou uma cordão nas pernas do animal e amarrou sua extremidade ao cinto. Então, começou a voltar por onde viera. Quando ela passou por mim, ergui minha boina, ao que ela respondeu com uma reverência quase imperceptível. Eu estava tão surpreso, tão perdido na admiração da cena diante de meus olhos, que nem me ocorreu que ali estava minha salvação. Mas, enquanto ela ia embora, percebi que, a menos que quisesse dormir ao relento sob os ventos em uma charneca, era melhor eu recuperar a fala rapidamente. À minha primeira palavra, ela hesitou, e, quando me coloquei em seu caminho, pensei ver uma expressão de medo surgir em seus lindos olhos. Mas, quando expliquei humildemente minha desagradável situação, seu rosto enrubesceu, e ela me olhou com surpresa.

— É impossível que o senhor tenha vindo de Kerselec! — repetia ela.

Sua voz doce não tinha traço do sotaque bretão nem de qualquer sotaque que eu conhecesse, mas mesmo assim havia algo nela que eu parecia ter ouvido antes, algo antigo, charmoso e indefinível, como a melodia de uma canção antiga.

Expliquei que era um americano que não conhecia Finistère[5], caçando apenas por diversão.

— Um americano — repetiu ela, nos mesmos tons musicais singulares. — Eu nunca conheci um americano.

Por um instante ela ficou parada, depois olhou para mim.

— Se o senhor caminhasse a noite inteira, não chegaria a Kerselec nem com um guia — disse.

Aquela era uma ótima notícia.

— Mas se ao menos eu achasse a cabana de algum camponês onde eu conseguisse abrigo e algo para comer...

O falcão em seu braço bateu as asas e sacudiu a cabeça. A garota acariciou as costas lisas do animal e me encarou.

— Olhe ao redor — disse ela com delicadeza. — O senhor consegue ver o fim dessas charnecas? Olhe para o norte, para o sul, o leste e o oeste. Consegue ver algo além de urzes e samambaias?

— Não.

— A charneca é selvagem e desolada. É fácil entrar, mas às vezes quem entra nunca sai. Não há cabanas de camponeses por aqui.

— Bem, se a senhorita me disser em que direção fica Kerselec, não levarei mais tempo para voltar do que levei para vir, quando amanhecer.

Ela olhou de novo para mim com uma expressão quase de pena.

— Ah. Vir é fácil e leva horas. Ir é diferente; pode levar séculos.

Eu a encarei, surpreso, mas achei que não a havia entendido. Então, antes que eu tivesse tempo de falar, ela sacou um apito do cinto e o soprou.

— Sente-se e descanse — disse-me ela. — Você veio de bem longe e está cansado.

Ela arrumou sua saia plissada e, enquanto gesticulava para que eu a seguisse, foi a passos delicados através dos tojos até uma rocha lisa em meio às samambaias.

— Eles vão chegar logo, logo — disse ela, e, sentando-se em uma extremidade da pedra, me convidou a sentar na outra beira.

As últimas luzes do crepúsculo brilhavam no céu, e uma estrela solitária cintilava suavemente através da neblina

rosada. Um triângulo longo e irregular de aves aquáticas em formação voava para o sul acima de nós, e as lavandeiras piavam nos pântanos ao redor.

— São lindas, essas charnecas —, comentou ela, baixinho.

— Lindas, mas cruéis com estranhos — respondi.

— Lindas e cruéis — repetiu como se em transe. — Lindas e cruéis.

— Como uma mulher — falei, estupidamente.

— Ah! — exclamou ela, com algo estranho em sua expressão de espanto, e olhou para mim. Seus olhos escuros encontraram os meus, e achei que ela parecia com raiva ou assustada. — Como uma mulher... Que coisa cruel de se dizer! — Depois, após uma pausa, continuou, como se estivesse falando consigo mesma: — Como ele foi cruel em dizer isso!

Não sei que tipo de desculpas ofereci por minha frase idiota mas inocente, mas sei que ela pareceu tão aborrecida que comecei a achar que havia dito algo muito doloroso sem saber, e me lembrei com horror das armadilhas e dos perigos da língua francesa para estrangeiros. Enquanto tentava imaginar o que podia ter dito, um som de vozes chegou através da charneca, e a garota se levantou.

— Não — disse ela com o traço de um sorriso em seu rosto pálido. — Não vou aceitar suas desculpas, monsieur, mas vou provar que está errado, e essa será minha vingança. Olhe, aí vêm Hastur[6] e Raoul.

Dois homens surgiram com o anoitecer. Um tinha uma bolsa atravessada no ombro e o outro carregava um aro de metal à sua frente como um garçom carrega uma bandeja. O aro estava preso com amarras a seus ombros, e, pousados nele, havia três falcões encapuzados e com guizos nas patas. A garota se aproximou do falcoeiro. Com um giro rápido do pulso, transferiu seu falcão para o aro, onde ele rapidamente se empoleirou e se acomodou em meio aos companheiros, que sacudiram as cabeças encapuzadas e

esfregaram as penas, fazendo as peias tilintarem outra vez. O outro homem deu um passo à frente e, com uma reverência respeitosa, pegou a lebre e a jogou no saco com o restante das presas.

— Estes são meus *piqueurs* — disse a garota, virando-se para mim com uma dignidade delicada. — Raoul é um bom falcoeiro, e um dia farei dele *grand veneur*. Hastur é incomparável.

Os dois homens calados me cumprimentaram com respeito.

— Eu já não lhe disse, monsieur, que vou provar que o senhor está errado? — prosseguiu ela. — Então, esta é minha vingança: que o senhor aceite a cortesia de receber alimento e abrigo em minha casa.

Antes de eu responder, ela falou com os falcoeiros, que saíram andando no mesmo instante pelo urzal, e, com um gesto gracioso para mim, os seguiu. Não sei se a fiz entender como me sentia profundamente agradecido, mas ela parecia satisfeita em ouvir enquanto caminhávamos pela urze úmida de orvalho.

— O senhor não está muito cansado? — perguntou ela.

Eu tinha me esquecido por completo da fadiga na presença dela, e lhe disse isso.

— Não acha que sua galanteria está um pouco fora de moda? — perguntou a garota. E, quando pareci confuso e humilhado, ela acrescentou baixinho: — Ah, mas eu gosto, gosto de tudo à moda antiga, e é adorável ouvi-lo dizer essas coisas bonitas.

A charneca à nossa volta estava completamente imóvel sob a cobertura fantasmagórica de neblina. As lavandeiras tinham parado de piar. Os grilos e todas as pequenas criaturas dos campos ficavam em silêncio quando passávamos. Mesmo assim parecia que eu podia ouvi-los recomeçar ao longe, às nossas costas. Bem na frente, os dois falcoeiros andavam a passos largos através do urzal, e

o tilintar suave dos guizos dos falcões chegava a nossos ouvidos em um retinir murmurante e distante.

De repente, um cão esplêndido surgiu correndo do meio da neblina à nossa frente, seguido por outro e mais outro, até que meia dúzia ou mais estavam correndo e saltando em volta da garota a meu lado. Ela os acariciou e acalmou com a mão enluvada, falando com eles em termos estranhos que eu me lembrava de ter visto em velhos manuscritos franceses.

Então os falcões no aro levado pelo falcoeiro à frente começaram a bater as asas e a guinchar, e, de algum lugar fora de vista, as notas de uma corneta de caça flutuaram pela charneca. Os cães saíram correndo à nossa frente e desapareceram no anoitecer, os falcões bateram asas e guincharam em seus poleiros, e a garota, acompanhando a música da corneta, começou a cantarolar. Sua voz soava clara e doce no ar da noite:

Chasseur, chasseur, chassez encore,
Quittez Rosette et Jeanneton,
Tonton, tonton, tontaine, tonton,
Ou, pour, rabattre, dès l'aurore,
Que les Amours soient de planton,
Tonton, tontaine, tonton.[7]

Enquanto escutava sua voz adorável, uma massa cinzenta que rapidamente ficava mais distinta assomava à frente, e a corneta soava alta e mais alegre em meio ao tumulto dos cães e dos falcões. Uma tocha tremeluziu em um portão, uma luz surgiu de uma porta aberta, e passamos por uma ponte levadiça de madeira que tremeu sob nossos pés e se moveu, rangendo, com o peso quando passamos sobre o fosso e entramos em um pequeno pátio de pedra cercado de muros por todos os lados. Um homem saiu por uma porta aberta e, inclinando-se para fazer uma saudação, ofereceu uma taça para a garota a meu lado. Ela pegou a taça e a

levou aos lábios; depois a baixou, virou-se para mim e disse em voz baixa:

— Seja bem-vindo.

Naquele instante, um dos falcoeiros chegou com outra taça, mas, antes de entregá-la a mim, apresentou-a à garota, que a provou. O falcoeiro fez um gesto para recebê-la de volta, mas ela hesitou por um instante e então, dando um passo à frente, me ofereceu a bebida das próprias mãos. Considerei esse um ato de graça e delicadeza extraordinários, mas mal sabia o que era esperado de mim e não a levei aos lábios imediatamente. A garota corou. Percebi que deveria agir rapidamente.

— Mademoiselle — balbuciei —, um estranho a quem acabou de salvar de perigos que ele jamais imaginaria esvazia esta taça em nome da anfitriã mais gentil e adorável da França.

— Em nome dEle — murmurou ela, fazendo o sinal da cruz enquanto eu bebia. Depois, parando à porta, ela virou-se para mim com um gesto delicado e, tomando minha mão, me conduziu para o interior da casa, repetindo vários vezes:

— O senhor é muito bem-vindo. É realmente muito bem-vindo ao Château d'Ys[8].

II

Acordei na manhã seguinte com a música da corneta em meus ouvidos. Pulei da cama, um móvel antigo, e fui até uma janela com cortinas que filtravam a luz do sol através de painéis largos. O instrumento parou quando olhei para o pátio lá embaixo.

Um homem que poderia ser irmão dos falcoeiros da noite anterior estava parado em meio a uma matilha de cães. Havia uma corneta curva presa às suas costas, e, na mão, ele carregava um chicote comprido. Os cães ganiam e

latiam, dançando em volta dele em expectativa; no pátio murado, havia também o ruído de cascos de cavalos batendo no chão.

— Montar! — gritou uma voz em bretão, e, com um bater de esporas, os dois falcoeiros com falcões nos pulsos chegaram correndo ao pátio em meio aos cães. Então ouvi outra voz, que fez o sangue pulsar através de meu coração:

— Piriou Louis, caça bem com os cães e não poupa espora nem chicote. Tu, Raoul, e tu, Gaston, assegurai que o *épervier* não se mostre *niais*, e, se preferirdes, *faites courtoisie à l'oiseau. Jardiner un oiseau*, como o *mué* no pulso de Hastur, não é difícil, mas tu, Raul, podes não achar tão simples governar esse *hagard*. Ele espumou *au vif* pela boca duas vezes na semana passada e perdeu o *beccade*, apesar de estar acostumado ao *leurre*. O pássaro age como um *branchier* idiota. *Paître un hagard n'est pas si facile.*

Será que eu estava sonhando? A antiga linguagem da falcoaria que eu tinha lido em manuscritos amarelados e o francês arcaico esquecido da Idade Média soavam em meus ouvidos enquanto os cães latiam e os guizos dos falcões tilintavam, acompanhando o som dos cascos dos cavalos. Ela tornou a falar naquela doce língua esquecida:

— Se preferes usar a *longe* e deixar teu *hagard au bloc*, Raoul, não direi nada, pois seria uma pena estragar um dia tão belo de caça com um *sors* tão maltreinado. *Essimer abaisser*, talvez seja a melhor maneira. *Ça lui donnera des reins*. Acho que me apressei com o pássaro. Leva tempo transmitir *à la filière* e os exercícios *d'escap*.

Depois disso, o falcoeiro Raoul fez uma reverência com seu equipamento e respondeu:

— Se for o desejo de mademoiselle, ficarei com o falcão.

— É a minha vontade — respondeu ela. — Conheço falcoaria, mas você ainda precisa me dar muitas lições em *Autourserie*, meu pobre Raoul. Sieur Piriou Louis, montar!

O caçador entrou depressa por uma arcada e logo depois voltou montado em um forte cavalo negro, seguido por um

piqueur também montado.

— Ah! — exclamou ela com alegria. — Rápido, Glemarec René! Rápido! Rápido, todos! Soa a corneta, sieur Piriou!

A música prateada da corneta de caça encheu o pátio, os cães saíram correndo pelo portão e o som de cavalos galopando deixou o pátio pavimentado. Eles fizeram um barulho alto na ponte levadiça, que de repente ficou abafado, depois se perdeu na urze e nas samambaias da charneca. O instrumento soava cada vez mais distante, até que ficou tão baixo que o canto repentino de uma cotovia em voo o abafou aos meus ouvidos. Ouvi a voz lá embaixo responder a um chamado do interior da casa:

— Não sentirei falta dessa caçada, vou na próxima vez. É por cortesia ao estranho, Pelagie, lembre-se!

E uma voz fraca chegou hesitante através da casa:

— *Courtoisie*.

Tirei a roupa e me lavei da cabeça aos pés na grande pia de argila cheia de água gelada que estava no chão de pedra ao pé de minha cama. Depois, procurei minhas roupas. Elas tinham desaparecido, mas, em um banco de madeira de espaldar alto e com um baú sob seu assento, perto da porta, havia uma pilha de trajes que inspecionei, pasmo. Como minhas roupas tinham desaparecido, fui obrigado a me vestir no traje que evidentemente fora posto no quarto para que eu usasse enquanto minhas roupas secavam. Havia tudo ali: boina, sapatos e um gibão cinza prateado de caça tecido à mão; mas o traje justo e os sapatos sem costura pertenciam a outro século, e eu me lembrei dos trajes estranhos dos três falcoeiros no pátio. Tinha certeza de que não era a roupa moderna de qualquer parte da França ou da Bretanha; mas somente quando coloquei a última peça e parei diante de um espelho foi que percebi estar vestido muito mais como um jovem caçador da Idade Média do que como um bretão daqueles dias. Hesitei e peguei a boina. Será que eu deveria descer e me apresentar naquele estranho vestuário? Parecia não haver alternativa:

minhas roupas tinham desaparecido e não havia campainha no quarto antigo para chamar um criado. Por isso, contentei-me em remover uma pena curta de falcão da boina, abrir a porta e descer as escadas.

Junto da lareira, no salão ao pé das escadas, uma velha bretã estava sentada fiando com um fuso. Ela ergueu os olhos para mim quando apareci e, com um sorriso franco, me desejou saúde na língua bretã, ao que eu, rindo, respondi em francês. No mesmo instante, minha anfitriã apareceu e respondeu minha saudação com tanta graça e dignidade que me emocionei. Sua linda cabeça, com seu cabelo escuro cacheado, estava coroada por um enfeite que acabava com qualquer dúvida sobre a época de meu traje. Seu corpo esbelto estava lindamente vestido com um gibão de caça bordado em prata e tecido em casa, e, na luva que ia até seu pulso, ela trazia um de seus falcões de estimação. Com perfeita simplicidade, ela tomou minha mão e me conduziu até o jardim do pátio e, sentando-se a uma mesa, me convidou com muita simpatia a sentar-se a seu lado. Depois, perguntou-me naquele seu sotaque suave e charmoso como eu tinha passado a noite e se estava achando inconveniente demais ter que usar os trajes que a velha Pelagie pusera no quarto para mim enquanto eu dormia. Olhei para minhas roupas e sapatos secando ao sol junto ao muro do jardim e as odiei. Que horríveis eram em comparação ao que eu usava naquele momento! Rindo, disse isso a ela, que concordou comigo muito seriamente.

— Vamos jogá-las fora — disse ela em voz baixa.

Surpreso, tentei explicar que eu não só não podia pensar em aceitar as roupas de qualquer pessoa — apesar de não saber se isso era costume da hospitalidade naquela parte do país —, mas que ficaria uma figura inacreditável se voltasse para a França vestido como estava então.

Ela riu e virou a bela cabeça, dizendo algo em francês arcaico que não entendi, e em seguida Pelagie surgiu, apressada, com uma bandeja na qual havia duas tigelas de

leite, pão branco, frutas, um prato de favos de mel e um jarro de vinho tinto bem encorpado.

— Sabe, ainda não fiz meu desjejum, porque queria que comesse comigo. Mas estou com muita fome — comentou ela, e sorriu.

— Eu preferia morrer a me esquecer de uma palavra do que disse! — retruquei, sem pensar, enquanto meu rosto corava. — Ela vai me achar louco — acrescentei para mim mesmo, mas ela se virou para mim com os olhos brilhando.

— Ah! — murmurou. — Então o monsieur sabe tudo de cavalheirismo...

Ela se benzeu e partiu o pão. Fiquei sentado e observei suas mãos brancas, mas não ousei encará-la.

— Não vai comer? Por que parece tão preocupado? — perguntou ela.

Ah, por quê? Sabia. Sabia que daria a vida para tocar com os lábios as palmas rosadas daquelas mãos... Eu entendia que, desde o momento em que olhara em seus olhos escuros na charneca, na noite anterior, eu a amava. Minha grande e súbita paixão me deixou sem fala.

— Está se sentindo desconfortável? — insistiu ela.

Então, como um homem que pronuncia a própria condenação, respondi, baixinho:

— Sim, estou me sentindo desconfortável por amar você. — E, como ela não se moveu nem respondeu, o mesmo poder moveu meus lábios contra minha vontade, e acrescentei: — Eu, que não sou digno do menor de seus pensamentos; eu, que abuso de sua hospitalidade e pago sua gentil cortesia com ousada presunção, eu amo você.

— Eu amo você. Suas palavras me são muito caras. Eu amo você — repetiu ela suavemente, ao apoiar a cabeça nas mãos.

— Então, eu irei conquistá-la.

— Conquiste-me — retrucou ela.

Mas todo o tempo fiquei sentado em silêncio, com o rosto virado para ela. Ela, também em silêncio, com seu doce

rosto apoiado na palma da mão, estava sentada de frente para mim, e, conforme me olhava nos olhos, eu sabia que nem ela nem eu tínhamos falado linguagem humana; mas eu sabia que sua alma tinha respondido à minha; e me aprumei sentindo o amor jovem e alegre correr pelas minhas veias. Com uma bela cor em seu lindo rosto, ela parecia saída de um sonho, e seus olhos buscavam os meus com uma expressão interrogativa que me fazia tremer de prazer. Tomamos nosso desjejum falando de nós mesmos. Disse meu nome a ela, e ela fez o mesmo. Demoiselle Jeanne d'Ys.

Ela falou da morte dos pais e de como seus dezenove anos tinham sido passados na fazenda fortificada, sozinha com a criada Pelagie, Glemarec René — o *piqueur* — e os quatro falcoeiros, Raoul, Gaston, Hastur e o *sieur* Piriou Louis, que servira seu pai. Ela nunca havia saído da charneca, nunca vira uma alma humana sequer, além dos falcoeiros e de Pelagie. Ela não sabia como tinha ouvido falar de Kerselec; talvez os falcoeiros tivessem falado de lá. Ela conhecia as lendas de Loup Garou[9] e Jeanne La Flamme[10], contadas pela criada Pelagie. Ela bordava e fiava linho. Os falcões e os cães eram suas únicas distrações. Ao me encontrar na charneca, ficara tão assustada que quase caíra ao ouvir o som de minha voz. É verdade que, do alto dos penhascos, ela havia visto navios ao mar, mas, tão longe quanto os olhos alcançam, as charnecas pelas quais galopava não exibiam sinal algum de vida humana. Havia uma lenda que a velha Pelagie contava de que qualquer pessoa que se perdesse na charneca inexplorada podia nunca mais voltar, porque a região era encantada. Ela não sabia se era verdade, nunca havia pensado nisso até me encontrar. Nem sabia se os falcoeiros já haviam saído de lá, ou se conseguiriam, caso quisessem. Os livros que havia na casa, com os quais Pelagie, a criada, a ensinara a ler, tinham séculos de idade.

Ela me contou tudo isso com uma seriedade doce raramente vista em alguém, só em crianças. Achou meu nome fácil de pronunciar e insistiu, porque meu primeiro nome era Philip, em afirmar que eu devia ter sangue francês. Não parecia curiosa em saber nada sobre o mundo exterior, e achei que talvez as histórias da criada a tivessem feito perder o interesse e o respeito nesse sentido.

Ainda estávamos sentados à mesa, ela jogando uvas para os passarinhos silvestres que, atrevidos, chegavam bem perto de nossos pés.

Comecei a vagamente cogitar partir, mas ela não queria ouvir falar nisso, e, antes que eu percebesse, eu tinha prometido ficar uma semana e sair para caçar com os falcões e os cães na companhia deles. Também obtive permissão de retornar de Kerselec para visitá-la.

— Porque não sei o que faria se você nunca voltasse — disse ela com inocência.

E eu, sabendo não ter direito de alarmá-la com o choque que a confissão aberta de meu amor lhe traria, permaneci sentado em silêncio, mal ousando respirar.

— O senhor virá muitas vezes? — perguntou ela.

— Muitas vezes.

— Todo dia?

— Todo dia.

— Ah — suspirou ela. — Fico muito feliz com isso. Venha ver meus falcões.

Ela se levantou e tornou a segurar minha mão com uma inocência infantil de posse, e caminhamos pelo jardim e entre as árvores frutíferas até uma área gramada circundada por um córrego. Sobre o gramado havia, espalhados, quinze ou vinte tocos de árvore parcialmente encobertos pela grama, e havia falcões pousados em todos eles, exceto dois. As aves estavam presas aos tocos por cordões, que por sua vez estavam presos por anilhas a suas patas, pouco acima das garras. Um pequeno curso de água

pura seguia um caminho sinuoso que passava a pouca distância de todos os poleiros.

Os pássaros fizeram uma algazarra quando a garota apareceu, mas ela foi de um em um, acariciando alguns, tomando outros por alguns instantes no pulso ou se abaixando para ajustar as peias.

— Eles não são lindos? — perguntou ela. — Veja, esta é uma fêmea. Nós a chamamos de "ignóbil", porque ela voa direto para cima da presa. Este é um falcão-peregrino. Na falcoaria, dizemos que ele é "nobre", porque se ergue bem alto sobre a presa e, depois de girar, mergulha atrás dela. Esta ave branca é um gerifalte. Também é "nobre"! Esse aqui é um esmerilhão, e esse *tiercelet*[11] é ótimo para caçar garças.

Perguntei como ela sabia toda essa linguagem antiga da falcoaria. Ela não lembrava, mas achava que o pai devia tê-la ensinado quando ela era bem pequena.

Então a jovem me levou dali e me mostrou os filhotes ainda no ninho.

— Eles se chamam *niais* em falcoaria — explicou. — Um *branchier* é uma ave jovem que está prestes a deixar o ninho e saltar de galho em galho. Um pássaro jovem que ainda não teve muda se chama *sors*, e um *mué* é um falcão que já deu muda em cativeiro. Quando pegamos um falcão selvagem que já mudou de plumagem, nós o chamamos de *hagard*. Foi Raoul quem me ensinou a treinar um falcão. Quer que eu lhe ensine?

Ela se sentou na beira do córrego em meio aos falcões, e eu me joguei a seus pés para ouvir.

Então a Demoiselle d'Ys ergueu um dedo de ponta rosada e começou, de modo bem sério:

— Primeiro é preciso pegar um falcão.

— Já fui capturado.

Ela riu com muita graça e me disse que meu *dressage* talvez fosse difícil, já que eu era nobre.

— Já estou domesticado — retruquei. — Amarrado pela perna e com um guizo.

Ela riu de prazer.

— Ah, meu bravo falcão. Então você retornará a meu chamado?

— Sou seu — respondi seriamente.

Ela ficou em silêncio por um instante. Depois, sua face corou, e ela ergueu o dedo outra vez e disse:

— Ouça, eu quero falar de falcoaria...

— Sou todo ouvidos, condessa Jeanne d'Ys.

Mas outra vez ela mergulhou em um estado de sonho, e parecia que seus olhos se fixavam em algo depois das nuvens de verão.

— Philip — disse ela por fim.

— Jeanne — murmurei.

— Isso era tudo... era isso o que eu desejava... — Ela suspirou. — Philip e Jeanne.

Ela estendeu a mão, que eu toquei com os lábios.

— Conquiste-me — continuou ela, mas dessa vez eram o corpo e a alma falando em uníssono.

— Vamos falar de falcoaria — recomeçou em seguida.

— Comece — respondi. — Nós pegamos o falcão.

Então, Jeanne d'Ys pegou minha mão e me mostrou como, com infinita paciência, o jovem falcão era ensinado a se empoleirar no pulso, como aos poucos ele se acostumava às tiras e aos guizos e ao *chaperon à cornette*.

— Primeiro, eles precisam estar com bom apetite — disse ela. — Depois, aos poucos, reduzo a alimentação; que, em falcoaria, chamamos de *pât*. Após muitas noites passadas *au bloc*, como estão agora estes pássaros, eu convenço o *hagard* a ficar quieto no meu pulso. Nesse momento, o pássaro está pronto para ser ensinado a vir buscar a comida. Então eu ponho a *pât* na ponta de um cordão, ou *leurre*, e ensino a ave a vir até mim assim que eu começo a girar o cordão em círculos acima da cabeça. No início, deixo cair a *pât* quando o falcão vem, e ele come o alimento no

chão. Depois de algum tempo, ele vai aprender a pegar o *leurre* em movimento, enquanto eu o giro acima da cabeça, ou a levá-lo para o chão. Depois disso, é fácil ensinar o falcão a atacar a caça, sempre se lembrando de "*faire courtoisie á l'oiseau*", ou seja, deixar que o pássaro prove a presa.

O guincho de um dos falcões a interrompeu, e ela se levantou para ajustar a *longe*, que tinha ficado preso no *bloc*, mas o pássaro ainda batia as asas e berrava.

— Qual o problema? — perguntou ela. — Philip, está conseguindo ver?

Olhei ao redor; de imediato, nada vi que pudesse causar tal comoção, que agora aumentara com os gritos e o bater de asas de todos os pássaros. Então meus olhos se voltaram para a rocha lisa junto do riacho de onde ela se levantara. Uma cobra cinzenta se movia lentamente pela superfície da rocha, e os olhos em sua cabeça chata e triangular reluziam como azeviche.

— Uma *couleuvre* — murmurou ela.

— É inofensiva, não é?

Ela apontou para a marca negra em forma de V no pescoço do animal.

— É morte certa — respondeu ela. — É uma víbora.

Observamos o réptil se mover lentamente pela rocha lisa até onde a luz do sol caía em uma faixa larga e quente.

Eu me adiantei para examinar a serpente, mas ela segurou meu braço, gritando:

— Não, Philip. Tenho medo.

— Por mim?

— Por você, Philip. Amo você.

Então eu a tomei nos braços e a beijei nos lábios, mas tudo o que consegui dizer foi:

— Jeanne, Jeanne, Jeanne.

E, enquanto eu a mantinha trêmula contra meu peito, algo atacou meu pé na grama baixa, mas não dei importância. Depois, outra vez algo atacou meu tornozelo, e em seguida

fui atingido por uma dor aguda. Olhei para o rosto doce de Jeanne d'Ys, beijei-a com toda a força, levantei-a nos braços e a empurrei para longe de mim. Então me abaixei, arranquei a víbora de meu tornozelo e esmaguei sua cabeça com o calcanhar.[12] Lembro-me de sentir fraqueza e dormência... lembro-me de cair no chão. Através de meus olhos, que lentamente ficavam vítreos, vi o rosto branco de Jeanne se abaixar para junto do meu, e, quando a luz em meus olhos se apagou, eu ainda sentia os braços dela em volta de meu pescoço e seu rosto macio contra meus lábios ressecados.

Quando abri os olhos, olhei ao redor, aterrorizado. Jeanne havia desaparecido. Vi o riacho e a rocha lisa. Vi a cobra esmagada na grama[13] a meu lado, mas os falcões e os *blocs* tinham desaparecido. Levantei-me. O jardim, as árvores frutíferas, a ponte levadiça e o pátio murado tinham sumido. Olhei estupidamente para um amontoado de ruínas cobertas por hera e tons de cinza, através do qual grandes árvores haviam aberto caminho. Caminhei arrastando o pé dormente, e, enquanto caminhava, um falcão voou do topo das árvores em meio às ruínas e, planando, subiu em círculos e desapareceu nas nuvens acima.

— Jeanne, Jeanne! — gritei, mas minha voz morreu nos lábios, e eu caí de joelho no meio das ervas daninhas.

Pela vontade de Deus, sem saber, caí de joelhos diante de um santuário em ruínas entalhado em pedra para Nossa Senhora das Dores. Vi o rosto triste da Virgem trabalhado na pedra fria. Vi a cruz e os espinhos a seus pés, e abaixo se lia:

REZAI PELA ALMA DE
DEMOISELLE JEANNE D'YS,
QUE MORREU
EM SUA JUVENTUDE POR AMOR A
PHILIP, UM DESCONHECIDO.
A.D. 1573.[14]

Mas, na lápide gelada, jazia uma luva feminina ainda quente e perfumada.[15]

Notas

[1] Trecho do romance satírico “Gargântua e Pantagruel”, de François Rabelais (1494-1553).

Mas acredito que eu
Tenha descido até o abismo
Tenebroso no qual dizia
Heráclito que a verdade era oculta.

[2] Provérbios, 30:18-19.

[3] Ilha localizada na região francesa da Bretanha, uma parte da Europa muito apreciada por Chambers e que serve de cenário para os contos de seu livro “The Mystery of Choice”, publicado em 1897 e que tem alguns temas em comum com *O Rei de Amarelo*. Também foi na Bretanha que o sr. Scott, protagonista de “O Emblema Amarelo”, deixou sua primeira mulher, Sylvia.

[4] Este conto não parece ligado de forma explícita ao ciclo de histórias sobre o Rei de Amarelo, mas vale a pena citar este trecho de “O reparador de reputações”: “Carcosa (...) onde as sombras dos pensamentos dos homens se alongam ao entardecer.”

[5] Literalmente, “fim da terra”. É o nome da região mais ocidental da França, na Bretanha.

[6] “Hastur” é o nome do deus dos pastores em um conto de Ambrose Bierce, que foi emprestado por Chambers, no contexto da mitologia de *O Rei de Amarelo*, para representar um lugar ou um personagem da peça. Não está claro que tipo de ligação Chambers pretendia insinuar entre o falcoeiro e o Rei de Amarelo além de

estabelecer a vaga possibilidade de uma conexão e intrigar o leitor.

[7] Versos da canção “La Chasse” (“A caça”), de Pierre-Jean de Béranger (1780-1857), poeta e letrista francês de canções populares.

Caçador, caçador, continue caçando,
Deixe Rosette e Jeanneton,
Titio, titio, titia, titio,
Ou, para abate, desde a aurora,
Que os Amores estejam acordados
Titio, titia, titio.

[8] Ys, ou Ker-Ys, é o nome de uma cidade de conto de fadas do folclore da Bretanha. Nessa cidade vivia uma princesa que levava um homem diferente para a cama a cada noite. Uma versão do conto diz que os amantes usavam máscaras de seda durante as orgias, e ao raiar do sol o tecido se comprimia por mágica, matando-os por asfixia. Eventualmente, uma grande inundação acabou destruindo Ker-Ys.

[9] Lobisomem.

[10] Joanna de Flandres (1295-1374), duquesa-consorte da Bretanha. Revelou talento como líder militar durante a guerra de sucessão da Bretanha, na qual defendeu o direito de seu filho ao título de duque. Uma lenda diz que ela chegou a liderar, de armadura, uma tropa de cavaleiros contra as forças inimigas.

[11] Expressão francesa para designar o macho de uma espécie de ave de rapina na qual as fêmeas são maiores que os animais do sexo masculino.

[12] Como em “O Emblema Amarelo”, a tragédia se segue a uma declaração de amor, mesmo que o amor não tenha sido consumado. Como diz o crítico Scott D. Emmert, em Chambers nem o amor sincero, nem a capacidade de agir de forma “moral”, resistindo à tentação do sexo, são garantias de felicidade.

[13] Apenas as criaturas que mataram uma à outra no castelo — a cobra e o próprio Philip — estão presentes.

[14] A letra da canção “La Chasse”, que Jeanne canta no caminho entre a charneca e o castelo, foi composta no século XIX. Seria a jovem outra exilada do tempo?

[15] Este final, do narrador que cai em si em meio a túmulos e ruínas, lembra o do conto “Um habitante de Carcosa”, de Ambrose Bierce.

O paraíso do profeta[1]

“Se todos, menos os que à Vinha e ao Amor dizem não
No Paraíso do Profeta estão
Céus! Duvido que o Paraíso do Profeta
Estivesse vazio como a palma de minha mão”[2]

O estúdio

Ele sorriu e disse:

— Procure-a pelo mundo todo.

— Por que me falar do mundo? — retruquei. — Meu mundo é aqui, entre estas paredes e essa lâmina de vidro acima; aqui, em meio a jarros dourados e braços com joias sem brilho, molduras e telas envelhecidas, baús pretos e cadeiras de espaldar alto, tingidas de azul e dourado e com entalhes pitorescos.

— Por quem espera? — perguntou ele.

— Quando ela chegar, saberei — respondi.

Uma língua de chamas sussurrava segredos às cinzas que embranqueciam em minha lareira. Lá embaixo, na rua, ouvi passos, uma voz e uma canção.

— Por quem, então, você está esperando? — perguntou ele.

— Eu vou reconhecê-la — respondi.

Passos, uma voz e uma canção lá embaixo, na rua, e eu reconheci a música, mas não os passos nem a voz.

— Tolo! — exclamou ele. — A canção é a mesma, a voz e os passos só mudaram com os anos!

— Não espere mais. Eles passaram, os passos e a voz na rua lá embaixo — sussurrou, acima das cinzas embranquecidas, uma língua de fogo em minha lareira.

— Por quem espera? Procure-a pelo mundo todo! — exclamou ele.

— Meu mundo é aqui — respondi. — Entre estas paredes e essa lâmina de vidro acima; aqui, em meio a jarros dourados e braços com joias sem brilho, molduras e telas envelhecidas, baús pretos e cadeiras de espaldar alto, tingidas de azul e dourado e com entalhes pitorescos.[3]

O Fantasma

O Fantasma do Passado não queria avançar mais.

— Se é verdade que me considera uma amiga — ela suspirou —, vamos voltar juntos. Você vai esquecer, aqui, sob o sol de verão.

Abracei-a apertado, suplicando, acariciando; eu a agarrei, lívido de raiva, mas ela resistiu.

— Se é verdade que me considera uma amiga — ela suspirou —, vamos voltar juntos.[4]

O Fantasma do Passado[5] não queria avançar mais.

O sacrifício

Fui a um campo de flores cujas pétalas são mais brancas que a neve e cujos miolos são puro ouro.

— Eu matei aquele a quem amava! — gritou uma mulher ao longe no campo.

De um jarro, ela derramava sangue nas flores cujas pétalas são mais brancas que a neve e cujos miolos são puro ouro.

Eu a segui de uma boa distância e no jarro li mil nomes, enquanto, de dentro, sangue fresco borbulhava até a borda.

— Eu matei aquele a quem amava! — gritou ela. — O mundo está sedento; agora, deixe-o beber!

Ela passou, e, ao longe no campo, observei-a derramar sangue nas flores cujas pétalas são mais brancas que a neve e cujos miolos são puro ouro.

Destino

Cheguei à ponte pela qual poucos podem passar.

— Passe! — gritou o vigia, mas eu ri.

— Ainda há tempo — retruquei; ele sorriu e fechou os portões.

À ponte pela qual poucos podem passar chegavam jovens e velhos. Todos foram barrados. Fiquei ali à toa e os contei, até que, cansado do barulho e das lamentações, voltei à ponte pela qual poucos podem passar.

— Ele chega tarde demais! — gritaram os que estavam na multidão diante dos portões.

— Ainda há tempo — retruquei.

— Passe! — gritou o vigia quando entrei; então ele sorriu e fechou os portões.

A multidão

Lá onde a multidão era mais densa na rua, eu estava com Pierrot[6]. Todos os olhares voltavam-se para mim.

— De que eles estão rindo? — perguntei, mas ele sorriu, enquanto limpava o giz de minha capa negra. — Não consigo ver. Deve ser algo estranho, talvez um ladrão honesto!

Todos os olhares voltavam-se para mim.
— Ele roubou sua carteira! — exclamaram eles, depois riram.
— Minha carteira! — exclamei. — Pierrot... ajude-me! É um ladrão!
— Ele roubou sua carteira! — exclamaram eles, depois riram.
Então a Verdade apareceu, segurando um espelho.
— Se ele for um ladrão honesto, Pierrot deve encontrá-lo com este espelho! — gritou a Verdade. Mas ele apenas sorriu, enquanto limpava o giz de minha capa negra.
— Sabe — comentou Pierrot —, a Verdade é uma ladra honesta. Ela trouxe seu espelho de volta.
Todos os olhares voltavam-se para mim.
— Prendam a Verdade! — gritei, esquecendo que não era um espelho, mas uma carteira que eu havia perdido, parado com Pierrot, lá onde a multidão era mais densa na rua.

O bobo

— Ela era bonita? — perguntei, mas ele apenas deu uma risadinha, ouvindo os guizos que tilintavam em seu chapéu.
— Apunhalada — disse ele, e deu uma risada contida. — Pense na longa jornada, nos dias de perigo, nas noites tenebrosas! Pense em como ele viajou por ela, ano após ano, cruzando terras hostis, com saudades dos seus, com saudades dela!
“Apunhalada!”, disse ele, e deu uma risada contida, ouvindo os guizos que tilintavam em seu chapéu.
— Ela era bonita? — perguntei, mas ele apenas rosnou, murmurando para os guizos que tilintavam em seu chapéu.
— Ela o beijou no portão — disse ele, e deu uma risada contida. — Mas, no vestíbulo, as boas-vindas do próprio irmão tocaram-lhe o coração.

— Ela era bonita? — perguntei.

— Apunhalada — disse ele, e deu uma risadinha. — Pense na longa jornada, nos dias de perigo, nas noites tenebrosas! Pense em como ele viajou por ela, ano após ano, cruzando terras hostis, com saudades dos seus, com saudades dela!

"Ela o beijou no portão. Mas, no vestíbulo, as boas-vindas do próprio irmão tocaram-lhe o coração."

— Ela era bonita? — perguntei, mas ele apenas rosnou, ouvindo os guizos que tilintavam em seu chapéu.

A sala verde

O Palhaço virou o rosto empoado para o espelho.

— Se palidez é beleza, quem pode se comparar a mim em minha máscara branca? — perguntou.

— Quem pode se comparar a ele em sua máscara branca? — perguntei à Morte, a meu lado.

— Quem pode se comparar a mim? — perguntou a Morte. — Pois sou ainda mais pálida.

— Tu és muito bela — declarou o Palhaço, e suspirou, desviando o rosto empoado do espelho.

O teste do amor

— Se é verdade que ama — disse o Amor —, então não espere mais. Dê a ela estas joias, que a desonrarão e assim desonrarão a você mesmo, por amar alguém desonrado. Se é verdade que ama — disse o Amor —, então não espere mais.

Peguei as joias e fui até ela, que as pisoteou e exclamou, aos soluços:

— Ensine-me a esperar... Eu amo você!

— Então espere, se for verdade — disse o Amor.

Notas

[1] Este texto marca um ponto de transição do livro. Não é exatamente um conto, mas uma série de poemas em prosa, e divide *O Rei de Amarelo* em duas partes, uma composta pelos quatro primeiros contos, de caráter fantástico, e os cinco últimos, de ambientação mais realista.

[2] Quadra que aparece apenas na segunda edição, de 1868, da tradução do "Rubaiyat" de Omar Khayyam por Edward Fitzgerald. As edições mais populares da versão de Fitzgerald para a obra de Khayyam são a primeira, de 1859, e a quinta, póstuma, de 1889. A quadra que abre o conto "O Pátio do Dragão" também vem da introdução escrita por Fitzgerald para a segunda edição.

[3] Este fragmento é reminiscente da situação do sr. Scott em "O Emblema Amarelo", no qual o artista espera, em seu estúdio, pelo retorno de Sylvia. Em uma nota mais sinistra, os passos na rua evocam a chegada do morto-vivo em busca do emblema perdido.

[4] "Vamos voltar.": "Let's turn back", no original, também tem o sentido de "desistir" ou "interromper". Alguns comentaristas veem na fala do Fantasma uma citação implícita de Hebreus, 10:39. Em português, o versículo diz: "Nós, porém, não somos daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que creem para a conservação da alma!", onde "se retiram" corresponde a "turn back".

[5] Se o narrador é o mesmo do primeiro fragmento, talvez o Fantasma do Passado seja a mulher que ele esperava.

[6] Personagem de pantomima e da Commedia Dell'Arte, Pierrot tem o rosto pintado de branco e costuma

desempenhar o papel de palhaço trágico, cujo amor pela Colombina não é correspondido.

A rua dos Quatro Ventos[1]

"Ferme tes yeux à demi,
Croise tes bras sur ton sein,
Et de ton cœur endormi
Chasse à jamais tout dessein."

"Je chante la nature,
Les étoiles du soir, les larmes du matin,
Les couchers de soleil à l'horizon lointain,
Le ciel qui parle au cœur d'existence future!"[2]

I

O animal parou na soleira da porta, curioso, alerta, pronto para fugir se necessário. Severn pousou a paleta e estendeu a mão para dar-lhe boas-vindas. A gata permaneceu imóvel, com seus olhos amarelos fixos em Severn.

— Gatinha, entre — disse ele, com sua voz baixa e agradável.

A extremidade da cauda magra do felino moveu-se, desconfiada.

— Entre — repetiu ele.

Aparentemente, ela achou a voz reconfortante, pois aos poucos se levantou, com os olhos ainda fixos nele e a cauda enfiada embaixo de seus flancos magros.

Ele levantou-se de diante do cavalete[3] com um sorriso. Ela o olhou em silêncio e, quando o homem foi em sua direção, viu-o abaixar-se perto dela sem reagir; seus olhos seguiram

a mão dele até tocar em sua cabeça. Então ela soltou um miado rouco.

Era antigo o hábito de Severn de conversar com animais, provavelmente porque vivia muito sozinho.

— Qual o problema, gatinha? — perguntou.

Os olhos tímidos da gata procuraram os dele.

— Entendo — disse ele com delicadeza. — Vou providenciar agora mesmo.

Então, movendo-se em silêncio pelo aposento, Severn se ocupou com as tarefas de um anfitrião: lavou um pires, encheu-o com o resto do leite da garrafa deixada no parapeito da janela e, ajoelhando-se, esmigalhou na mão um pãozinho.

A criatura se levantou e foi andando lentamente até o pires.

Com o cabo de uma espátula, ele misturou os pedaços de pão no leite e se afastou enquanto ela enfiava o focinho naquela mistura. Severn a observou em silêncio. De vez em quando o pires tlintava no chão de lajotas, quando a gata pegava um pedaço na beirada. Por fim, o pão acabou, e sua língua púrpura viajou por todo ponto não lambido até o pires reluzir como mármore polido. Então ela se sentou e, tranquilamente dando as costas para ele, começou suas abluções.

— Isso, vá em frente — disse Severn, muito interessado. — Você precisa.

Ela abaixou uma orelha, mas não se virou nem interrompeu sua higiene. Enquanto a sujeira era lentamente removida, Severn observava que a natureza a criara para ser uma gata branca. Seu pelo tinha falhas em alguns pontos — devido a doenças ou aos acasos da guerra —, sua cauda estava ossuda e sua coluna, protuberante. Mas seus encantos apareciam sob lambidas vigorosas, e ele esperou que a gata terminasse para só então retomar a conversa. Quando ela finalmente fechou os olhos e dobrou as patas da frente sob o peito, ele recomeçou, com muita delicadeza:

— Gatinha, conte-me seus problemas.

Ao som da voz, ela irrompeu em um ronco baixo e áspero que Severn reconheceu como uma tentativa de ronronar. Ele se abaixou para lhe acariciar a face, e ela miou de novo, um miadinho amigável e curioso, ao qual ele respondeu:

— Sem dúvida, você melhorou muito. E, quando recuperar sua plumagem, será um pássaro maravilhoso.

Muito lisonjeada, ela se levantou, desfilou dando voltas, passando a cabeça pelo meio das pernas dele e fazendo sons agradáveis, aos quais ele respondia com educação e seriedade.

— Agora, o que a trouxe aqui? Aqui, à rua dos Quatro Ventos, e cinco lanços de escada acima, até esta exata porta, onde seria bem-vinda? O que aconteceu que evitou sua fuga premeditada quando desviei o olhar de minha tela para encontrar seus olhos amarelos? Você é uma gata do Quartier Latin como eu sou um homem do Quartier Latin? E por que usa uma liga florida cor-de-rosa em volta do pescoço?

A gata tinha subido em seu colo e agora ronronava deitada enquanto ele passava a mão em seu pelo fino.

— Perdoe-me se pareço indelicado — continuou ele em um tom de voz preguiçoso e reconfortante, que se harmonizava com o ronronar —, mas não paro de pensar nessa liga cor-de-rosa de padrão florido antigo e presa com uma fivela de prata. Porque a fivela é de prata. Dá para ver a marca da fundição na ponta, como é obrigatório pelas leis da República Francesa. Agora, por que essa coleira de seda cor-de-rosa com bordados delicados, por que essa liga de seda com fecho de prata está em volta de seu pescoço faminto? Sou indiscreto ao perguntar se a dona da liga também é sua dona? Será uma velha senhora que vive de lembranças de vaidades da juventude, que gosta de você e a mima, enfeitando-a com seu acessório pessoal íntimo? A circunferência da liga sugere isso, pois seu pescoço é magro, e a liga lhe serve. Mas também percebo, como

percebo a maioria das coisas, que este adereço pode ficar bem maior. Esses pequenos ilhós prateados, dos quais eu conto cinco, são prova disso. E agora observo que o quinto ilhó está gasto, como se o fecho da fivela estivesse acostumado a ficar ali. Isso parece indicar uma forma bem redonda.

Satisfeita, a gata encolheu as patas. A rua estava bem silenciosa do lado de fora.

— Por que sua dona iria enfeitá-la com um artigo que deve ser sempre tão necessário para ela? Quer dizer, pelo menos na maioria das vezes? Como ela acabou pondo essa faixa de seda e prata em volta de seu pescoço? Foi um capricho de momento, quando você, antes de perder a beleza, entrou cantarolando no quarto dela para lhe desejar bom dia? É claro, e ela se sentou entre os travesseiros, o cabelo cacheado caindo sobre os ombros enquanto você pulava na cama ronronando: “Bom dia, minha senhora.” Ah, é muito fácil entender — continuou Severn aos murmúrios. Então bocejou e pousou a cabeça no encosto da cadeira.

A gata ainda ronronava, tensionando e relaxando as garras no joelho dele.

— Será que devo lhe contar tudo sobre ela, gata? Ela é muito bonita... sua dona — murmurou, de modo letárgico. — E o cabelo dela é pesado como ouro polido. Eu poderia pintá-la: não em uma tela, pois precisaria de sombras e tonalidades e nuances e soluções mais esplêndidas que a íris de um arco-íris esplêndido. E só poderia pintá-la de olhos fechados, pois apenas em sonhos é possível achar as cores de que preciso. Para os olhos, preciso do azul de céus imaculados, os céus de terras oníricas. Para os lábios, rosas dos palácios do mundo do sono; e, para o rosto, nevascas de montanhas que se elevam em cumes fantásticos até as luas; ah, muito mais alto que nossa lua... as luas de cristal da terra dos sonhos. Ela é... muito... bonita, sua dona.

As palavras morreram em seus lábios, e suas pálpebras se fecharam.

A gata também dormia, com a face virada para o lado ferido do corpo, as patas relaxadas e imóveis.

II

— É uma sorte — disse Severn, sentando-se e aprumando-se. — Que sorte termos dormido durante a hora do jantar, pois não tenho nada para lhe oferecer como refeição além do que possa ser comprado com um franco de prata.

A gata em seu colo levantou-se, arqueou as costas, bocejou e olhou para ele.

— O que vai ser? Galinha assada com salada? Não? Talvez você prefira carne vermelha? É claro... e para mim um ovo com um pouco de pão branco. Agora, falemos de vinhos. Quer leite? Ótimo. Vou optar por um pouco de água fresca.

Ele fez um gesto na direção do balde na pia, pôs o chapéu e saiu da sala. A gata seguiu-o até a porta e, depois que ele a fechou, deitou e começou a farejar as fendas e a levantar uma orelha a cada rangido daquele prédio velho e maluco.

A porta lá embaixo abriu-se e fechou-se. A gata pareceu séria, por um instante desconfiada, e suas orelhas baixaram em uma expectativa nervosa. Então ela se levantou, com um movimento brusco da cauda, e começou a andar em silêncio pelo estúdio. Espirrou em um pote de aguarrás e recuou apressada para a mesa, onde subiu, e, após satisfazer a curiosidade em relação a um rolo de cera de modelar vermelha, voltou para a porta, sentou-se e ficou olhando para a fresta entre a porta e a soleira. Então ergueu a voz em um breve lamento.

Quando Severn voltou, parecia sério, mas a gata, alegre e expansiva, andava ao seu redor, esfregando o corpo magro em suas pernas, empurrando a cabeça animadamente em sua mão e ronronando, até que a voz ganhou volume e se tornou um miado.

Ele pôs um pedaço de carne embalado em papel pardo em cima da mesa e, com um canivete, cortou-o em pedacinhos. Pegou o leite de uma garrafa que antes tinha sido usada para guardar um remédio e serviu-o no pires em frente à lareira.

A gata se abaixou diante dele, ronronando e bebendo ao mesmo tempo.

Severn cozinhou o ovo e o comeu com uma fatia de pão, observando-a se ocupar com a carne picada, e, quando ele terminou e tinha enchido e esvaziado um copo de água do balde da pia, sentou-se e tomou-a no colo, onde ela imediatamente se aninhou e começou sua higiene. Severn recomeçou a falar, tocando-a e acariciando-a como forma de ênfase.

— Gata, descobri onde mora sua dona. Não é muito longe. É aqui, sob o mesmo teto com goteiras, mas na ala norte, que eu achava ser desabitada. O zelador me contou. Por acaso, ele está quase sóbrio esta tarde. O açougueiro da Rue de Seine, onde comprei sua carne, conhece você, e o velho Cabane, o padeiro, identificou-a com um sarcasmo desnecessário. Eles me contaram histórias feias de sua dona, nas quais não vou acreditar. Dizem que ela é frívola e mundana e que ama os prazeres. Dizem que é irresponsável e não tem miolos. O escultor baixinho do térreo, que estava comprando pão com o velho Cabane, falou comigo esta noite pela primeira vez, apesar de sempre termos nos cumprimentado. Ele a descreveu muito boa e bonita. Mas a viu somente uma vez e não sabia como se chamava. Eu lhe agradeci; não sei por que lhe agradeci tão calorosamente. Cabane disse: “Para esta maldita rua dos Quatro Ventos, os quatro ventos sopram todas as coisas más.” O escultor pareceu confuso, mas, quando saiu com seus pães disse-me: “Tenho certeza, monsieur, de que ela é tão boa quanto bela.”

A gata, havendo terminado sua higiene, desceu suavemente até o chão, foi até a porta e farejou. Severn

ajoelhou-se ao lado dela, soltou a fivela da liga e segurou-a por um instante nas mãos.

— Há um nome gravado no fecho de prata, embaixo da fivela. — continuou após algum tempo. — É um nome bonito, Sylvia Elven[4]. Sylvia é nome de mulher, Elven é o nome de uma cidade. Em Paris, neste bairro, e, acima de tudo, nesta rua dos Quatro Ventos, nomes são usados e deixados de lado do mesmo modo que a moda troca com as estações. Conheço a cidadezinha de Elven, pois lá encarei meu Destino, e o Destino não me foi bondoso. Mas sabia que em Elven o Destino tinha outro nome, e esse nome era Sylvia?

Ele recolocou a liga e levantou-se, olhando para a gata deitada diante da porta fechada.

— O nome Elven tem um encanto para mim. Lembra-me de campinas e rios cristalinos. O nome Sylvia perturba-me como o perfume de flores mortas.

A gata miou.

— Sim, sim — disse ele para confortá-la. — Vou levá-la de volta. Sua Sylvia não é minha Sylvia; o mundo é grande, e Elven não é desconhecida. Mas, mesmo na escuridão e na imundície da mais pobre Paris, nas sombras deste antigo lar, esses nomes agradam-me muito.

Ele a pegou nos braços e cruzou os corredores silenciosos até as escadas. Desceu cinco lanços e saiu no pátio enluarado, passou pelo estúdio do escultor, entrou pelo portão da ala norte e subiu as escadas carcomidas por vermes até chegar a uma porta fechada. Após bater por um bom tempo, algo se moveu do outro lado da porta, que então se abriu, e ele entrou. O cômodo estava escuro. Quando ele entrou, a gata pulou de seus braços para as sombras. Ele manteve os ouvidos atentos, mas nada escutou. Fazia um silêncio opressor, e ele acendeu um fósforo. Perto de seu cotovelo havia uma mesa com uma vela em um castiçal dourado. Ele a acendeu e olhou ao

redor. O ambiente era amplo; as cortinas, pesadas de bordados. Acima da lareira assomava uma cornija esculpida, acinzentada com as cinzas de fogos mortos. Em uma reentrância perto das janelas de sacada havia uma cama, de onde os lençóis macios e finos como renda caíam até o chão encerado. Ergueu a vela sobre a cabeça. Havia um lenço a seus pés. Estava levemente perfumado. Ele se virou na direção das janelas. À sua frente havia um sofá, sobre o qual estavam jogados uma camisola de seda, uma pilha de peças de roupa de seda branca e delicada como teias de aranha, luvas compridas e amarrotadas e, no chão, as meias, os sapatinhos de bico fino e uma liga de seda cor-de-rosa com padrão florido antigo, com uma fivela de prata. Curioso, ele deu um passo à frente e afastou as pesadas cortinas do dossel da cama. Por um instante, a vela tremeluziu em sua mão, e seus olhos viram dois outros olhos, arregalados, sorridentes, e a chama da vela refletiu-se em cabelos pesados como ouro.

Ela era pálida, mas não tão branca como ele; seu olhar era tão despreocupado quanto o de uma criança, mas ele não parava de olhar, tremendo da cabeça aos pés enquanto a vela tremeluzia em sua mão.

— Sylvia, sou eu — murmurou ele por fim. — Sou eu.

Então, sabendo que ela estava morta, beijou-a na boca. E, durante a longa vigília noturna, a gata ronronou no colo dele, tensionando e relaxando as garras, até o céu começar a clarear a rua dos Quatro Ventos.

Notas

[1] Este é o primeiro dos contos “realistas” do livro, em que nem a peça *O Rei de Amarelo* é citada nem eventos sobrenaturais — como a viagem no tempo em “Demoiselle d’Ys”— ocorrem. Muitas edições da obra de

Chambers costumam ignorá-los, mas uma leitura cuidadosa revela uma interessante ligação entre estas histórias e as da primeira parte do livro. Do ponto de vista literário, “A rua dos Quatro Ventos” é muitas vezes considerado o melhor texto de *O Rei de Amarelo*.

[2] Semicerre os olhos,
Cruze os braços sobre o peito,
E seu coração adormecido
Afasta qualquer intenção.

Eu canto a natureza
As estrelas da noite, as lágrimas da manhã,
Os poentes do sol no horizonte distante,
O céu que fala ao coração da existência futura!

[3] Severn, como muitos outros protagonistas do livro, é um pintor.

[4] Elven fica na Bretanha, mesma região da França onde o sr. Scott, narrador de “O Emblema Amarelo”, perdeu uma namorada chamada Sylvia. Seria a mesma mulher?

A rua da primeira bomba

“Animem-se, pois o Mês Sombrio vai morrer,
E uma Lua jovem aos poucos vai nos renascer:
Vejam a Velha, magra, curvada e fraca
Com a idade e a fome, do céu a desaparecer.”[1]

I

O quarto já estava escuro. Os telhados altos do outro lado bloqueavam o pouco que ainda restava da luz do dia de dezembro. A garota puxou a cadeira para mais perto da janela, escolheu uma agulha grande, passou a linha e deu um nó com os dedos. Em seguida, alisou a roupa de bebê que tinha sobre os joelhos e, inclinando-se um pouco para a frente, arrancou com os dentes a ponta da linha e pegou a agulha menor que estava na bainha. Depois de limpar os fiapos e pedaços soltos de renda, colocou a roupa outra vez sobre os joelhos e a acariciou. Então, tirou a agulha com linha de seu agulheiro e a passou por um botão, mas, quando este deslizou pela linha, sua mão vacilou, a linha arrebentou e o botão rolou pelo chão. Ela levantou a cabeça. Seus olhos estavam fixos em uma faixa de luz que se esvaía acima das chaminés. De algum lugar da cidade chegavam sons que lembravam o rufar distante de tambores. E além, muito além, um murmúrio vago crescia, intensificava-se, trovejava ao longe como ondas quebrando em rochas e, então, outra vez como ondas, recuava,

rosnando, ameaçador. O frio aumentara, um frio amargo e penetrante que abalava as estruturas das construções e transformava em rocha a neve derretida do dia anterior. Da rua lá embaixo, todo som parecia duro e metálico: o bater de tamancos, o ruído de persianas ou o som raro da voz humana. O ar estava pesado, carregado com o frio negro como se estivesse coberto por uma mortalha. Respirar era doloroso; mover-se, uma dificuldade.

No céu desolado, havia algo que deprimia; nas nuvens pensativas, algo que entristecia. Isso penetrava a cidade congelante cortada pelo rio congelante, a esplêndida cidade com suas torres e seus domos, seus atracadouros e pontes e seus mil pináculos. Penetrava as praças, tomava as avenidas e os palácios, seguia-a furtivamente pelas pontes e entrava pelas ruas estreitas do Quartier Latin, cinza sob o cinza do céu de dezembro. Tristeza, tristeza absoluta. Uma chuva fina com granizo caía e pulverizava o calçamento com uma leve poeira cristalina. Ela batia nas vidraças e se acumulava ao longo dos batentes das janelas. A luz na janela estava quase extinta, e a garota debruçou-se em seu trabalho. De repente, levantou a cabeça, afastando os cachos dos olhos.

— Jack?

— Querida?

— Não se esqueça de limpar sua paleta.

— Está bem — disse ele e, pegando a paleta, sentou-se no assoalho diante do fogareiro. Sua cabeça e seus ombros estavam na sombra, mas a luz do fogo refletia em seus joelhos e brilhava vermelha na lâmina da espátula. Havia uma caixa de tintas toda iluminada a seu lado. Em sua tampa estava gravado:

J. TRENT.
École des Beaux-Arts.
1870.[2]

A inscrição estava ornamentada com uma bandeira americana e uma francesa.

O granizo golpeava as vidraças, cobrindo-as com estrelas e diamantes, que derretiam por causa do ar mais quente no interior, escorriam e congelavam em traços que lembravam samambaias.

Um cachorro ganiu, e o tamborilar de patas pequenas soou no zinco atrás do fogareiro.

— Jack, querido, acha que Hércules está com fome?

As batidas das patas atrás do fogareiro ficaram mais fortes.

— Ele está ganindo — prosseguiu ela com nervosismo. — E, se não está com fome, é porque...

A voz dela hesitou. Um zumbido alto encheu o ar, as janelas vibraram.

— Ah, Jack! — berrou ela. — Outra...

Mas sua voz foi afogada pelo grito de uma bomba nas nuvens acima.

— Essa foi a que chegou mais perto até agora — murmurou ela.[3]

— Ah, não — respondeu ele alegremente. — É provável que tenha caído bem depois de Montmartre. — E, como ela não disse nada, ele repetiu, com despreocupação exagerada: — Eles não se dariam o trabalho de atirar no Quartier Latin. De qualquer modo, não têm canhões que possam atingi-lo.

— Jack, querido, quando você vai me levar para ver as estátuas do monsieur West? — perguntou ela animadamente após algum tempo.

— Aposto que Colette esteve aqui hoje — disse ele, jogando no chão a paleta e andando até a janela ao lado dela.

— Por quê? — perguntou ela, arregalando os olhos. Em seguida, completou: — Ah, é muito chato! Sério, homens são muito enfadonhos quando acham que sabem de tudo! E

aviso a você que, se monsieur West é vaidoso o suficiente para imaginar que Colette...

Do norte, outra bomba assoviou e estremeceu pelo céu, passando acima deles com um guincho bastante agudo, longo e contínuo que fez as janelas cantarem.

— Essa foi preocupante. Caiu perto demais! — exclamou ele.

Eles ficaram em silêncio por algum tempo.

— Continue, Sylvia[4], e envergonhe o pobre West — prosseguiu ele com animação.

— Ah, querido. Acho que nunca vou me acostumar com as bombas — disse ela, e suspirou.

Ele se sentou a seu lado, no braço da cadeira.

A tesoura de Sylvia caiu tilintando no chão; ela jogou a roupa que estava costurando em cima do objeto e, passando os braços em torno do pescoço dele, puxou-o para seu colo.

— Não saia esta noite, Jack.

Ele beijou seu rosto virado para cima.

— Você sabe que preciso. Não torne isso difícil para mim.

— Mas, quando escuto as bombas e... e sei que você está pela cidade...

— Mas todas elas caem em Montmartre...

— Elas podem cair todas na Beaux-Arts; você mesmo disse que duas acertaram o Quai d’Orsay...

— Mero acidente...

— Jack, tenha piedade de mim! Leve-me com você!

— E quem vai ficar aqui para fazer o jantar?

Ela se levantou e se jogou na cama.

— Ah, não consigo me acostumar a isso. Sei que você tem que ir, mas imploro que não se atrase para jantar. Se soubesse como sofro! Eu... eu... não consigo evitar, e você precisa ser paciente comigo, querido.

— Aqui é tão seguro quanto em nossa casa.

Sylvia o viu encher para ela o lampião a álcool, e, quando Jack o acendeu e pegou o chapéu para sair, a mulher ficou de pé e se agarrou a ele em silêncio.

— Sylvia, lembre-se de que minha coragem depende da sua. Vamos lá, eu preciso ir! — exclamou ele após um instante.

Sylvia não se mexeu.

— Preciso ir — repetiu Jack.

Então, ela recuou. Jack achou que Sylvia fosse dizer algo, e por isso esperou, mas ela apenas olhou para ele, e, com certa impaciência, ele a beijou outra vez.

— Não se preocupe, querida — disse.

Quando Jack chegou ao último lanço da escada antes de alcançar a rua, uma mulher saiu mancando dos aposentos da concierge acenando com uma carta e chamando:

— Monsieur Jack! Monsieur Jack! Monsieur Fallowby deixou isso para o senhor!

Ele pegou a carta e a leu apoiado no batente da porta da concierge.

> Caro Jack,
>
> Acredito que Braith esteja completamente quebrado e tenho certeza de que Fallowby está. Braith jura que não está, e Fallowby jura que sim, então você pode tirar suas conclusões. Tenho um esquema para um jantar, e, se funcionar, chamarei vocês também.
>
> Com os melhores cumprimentos,
>
> WEST
>
> P.S. Fallowby deu uma prensa em Hartman e sua gangue, graças a Deus! Há algo de podre ali, ou talvez ele seja apenas sovina.
>
> P.P.S. Estou mais desesperadamente apaixonado do que nunca, mas tenho certeza de que ela não dá a mínima para mim.

— Tudo bem — disse Jack Trent com um sorriso para a concierge. — Mas diga-me: como vai Papa Cottard?

A senhora de idade sacudiu a cabeça e apontou para a cama oculta por uma cortina em seus aposentos.

— Père Cottard! — gritou ele com animação. — Como está esse machucado hoje?

Ele foi até a cama e puxou as cortinas. Um velho estava deitado em meio aos lençóis amarfanhados.

— Melhor? — Trent sorriu.

— Melhor — repetiu o homem sem forças. — Tem alguma notícia, monsieur Jack? — perguntou após uma pausa.

— Não saí hoje. Eu lhe conto qualquer rumor que escute, mas Deus sabe que já ouvi rumores o suficiente — murmurou para si mesmo. Depois, disse em voz alta: — Ânimo. Sua aparência está bem melhor.

— E a ofensiva?

— Ah, a ofensiva deve ser para esta semana. O general Trochu[5] enviou ordens ontem à noite.

— Será terrível.

"Será repugnante", pensou Trent ao sair para a rua e virar a esquina na direção da Rue de Seine. "Mortes, mais mortes. Nossa! Felizmente eu não irei."

A rua estava quase deserta. Algumas mulheres protegidas por capas militares esfarrapadas caminhavam lentamente pela calçada congelada, e um moleque maltrapilho debruçava-se em uma saída de esgoto na esquina do boulevard. Uma corda na cintura segurava seus trapos. Havia um rato, ainda quente e sangrando, pendurado nela.

— Tem outro aqui! — berrou ele para Trent. — Eu o acertei, mas ele fugiu.

— Quanto? — perguntou Trent após atravessar a rua.

— Dois francos por um quarto de um gordo. É isso que eles pagam na feira de St. Germain.

Um acesso violento de tosse interrompeu o menino, mas ele esfregou o rosto com a palma da mão e olhou

astuciosamente para Trent.

— Na semana passada, era possível comprar um rato por seis francos, mas... — E então ele xingou depravadamente. — Os ratos abandonaram a Rue de Seine, e agora os matam perto do hospital novo. Eu deixo o senhor ficar com esse por sete francos. Posso vender por dez na Île de St. Louis.

— É mentira. E deixe-me dizer que, se tentar enrolar alguém nesse quarteirão, as pessoas vão acabar com seu trabalho e com seus ratos.

Por um instante, ele ficou olhando para o moleque, que fingia chorar. Rindo, jogou um franco para ele. A criança o pegou, guardou-o na boca e saiu correndo para o buraco do esgoto. Ficou agachado, imóvel, alerta, com os olhos nas barras do bueiro, depois deu um salto para a frente e atirou uma pedra no esgoto, e Trent o deixou lá acabando com um rato cinza e feroz que se contorcia e guinchava na entrada do esgoto.

“Imagine se Braith chegasse a esse ponto”, pensou. “Coitado do sujeito.” E, apressando-se, virou na passagem suja da Beaux-Arts e entrou na terceira casa à esquerda.

— O monsieur está em casa — balbuciou a velha concierge.

Casa? Era uma água-furtada que nada tinha além de uma cama de ferro no canto, a pia e o jarro de ferro no chão.

West surgiu à porta, deu uma piscadela, fazendo muito mistério, e gesticulou para que Trent entrasse. Braith, que estava pintando na cama para se manter aquecido, ergueu os olhos, riu e apertou a mão dele.

— Alguma notícia?

A pergunta foi respondida como de hábito:

— Nada além dos canhões.

Trent sentou-se na cama.

— Nossa! Onde você encontrou uma coisa dessas? — perguntou, apontando para uma galinha comida pela metade aninhada em uma bacia de lavar.

West riu.

— Ficaram milionários, vocês dois? Contem logo — insistiu Trent.

— Ah, é uma das invenções de West... — começou Braith, parecendo um tanto envergonhado, mas foi interrompido pelo outro, que disse que contaria ele mesmo a história.

— Sabe, antes do cerco, eu tinha uma carta de apresentação para um “sujeito” aqui, um banqueiro gordo, da variedade germano-americana. Vejo que vocês conhecem o tipo. Bem, é claro que me esqueci de apresentar a carta, mas, esta manhã, julgando ser uma oportunidade favorável, eu o visitei.

“O canalha vive no conforto. Lareiras, meu rapaz! Lareiras nas antessalas! O mordomo por fim se deu ao trabalho de levar minha carta e meu cartão, deixando-me parado no hall, o que me desagradou, por isso entrei na primeira sala que vi e quase desmaiei diante da imagem do banquete à mesa junto à lareira. O serviçal desceu, muito insolente. Não, ah, não, seu amo ‘não está em casa e, na verdade, está ocupado demais para receber cartas de apresentação nesse momento; o cerco e muitas dificuldades nos negócios...’

“Dei um chute nele, peguei essa galinha na mesa, joguei meu cartão na travessa vazia e, dirigindo-me ao mordomo como a uma espécie de porco prussiano, marchei com honras de guerra.”

Trent balançou a cabeça.

— Eu me esqueci de dizer que Hartman janta lá com frequência. Tirei minhas conclusões — prosseguiu West. — Agora, sobre essa galinha, metade dela é para Braith e para mim, e metade para Colette, mas é claro que você vai me ajudar a comer minha parte, porque não estou com fome.

— Nem eu — comentou Braith.

— Que bobagem! Vocês sabem que eu nunca tenho fome! — exclamou Trent, com um sorriso para os rostos famintos à sua frente.

West hesitou, enrubesceu e, então, fatiando a porção de Braith, mas sem comer nada, deu boa-noite e correu para o número 470 da Rue Serpente, onde morava uma bonita garota chamada Colette, que ficara órfã depois da Batalha de Sedan, e só Deus sabe como suas faces estavam coradas, pois o cerco era duro com os pobres.

— Ela se deliciará com essa galinha, mas acho que está mesmo é apaixonada por West — disse Trent. Então, caminhando em direção à cama, completou: — Olhe aqui, sem esquivas, meu velho: quanto você ainda tem sobrando?

O outro hesitou e corou.

— Vamos, meu velho — insistiu Trent.

Braith puxou uma carteira debaixo de seu colchão e a entregou ao amigo com uma simplicidade que o emocionou.

— Sete sons[6] — contou Trent. — Você me cansa. Por que diabo não me procura? Vou começar a me emputecer com isso, Braith. Quantas vezes preciso repetir a mesma coisa e explicar que, como eu tenho, é minha obrigação compartilhar, e sua obrigação, e a de todo americano, é dividir comigo? Você não vai ganhar um centavo, a cidade está sitiada, e o ministro americano está ocupado demais com toda essa porcaria alemã e sabe Deus mais o quê! Por que não age com a razão?

— Eu... eu vou, Trent, mas é uma dívida que talvez eu nunca possa pagar, nem mesmo em parte. Eu sou pobre e...

— É claro que vai me pagar! Se eu fosse um agiota, tomaria seu talento como garantia. Quando ficar rico e famoso...

— Pare, Trent...

— Está bem, mas pare com essa enrolação.

Trent colocou doze moedas de ouro na carteira de Braith e, ao enfiá-la outra vez embaixo do colchão, sorriu para ele.

— Quantos anos você tem? — perguntou.

— Dezesseis.

Trent pôs a mão de leve no ombro do amigo.

— Tenho vinte e dois, e, no que diz respeito a você, tenho os direitos de um avô. Você vai fazer o que eu mandar até completar vinte e um anos.

— O cerco terá terminado até lá, espero — comentou Braith, tentando rir, mas a prece em seus corações, “Quanto tempo mais, Senhor, quanto tempo mais?”, foi respondida pelo rápido assobio de uma bomba voando em meio às nuvens de tempestade daquela noite de dezembro.

II

Parado à porta de uma casa na Rue Serpente, West estava falando com raiva. Disse que não importava se Hartman gostava ou não; estava lhe contando, não discutindo.

— Você se diz americano! — escarneceu West. — Berlim e o inferno estão cheios desse tipo de americano. Vocês vêm e ficam em volta de Colette com os bolsos cheios de pão branco, carne e uma garrafa de vinho de trinta francos, e não podem sequer dar um dólar para a Ambulância e para a Assistência Pública Americanas, o que Braith faz, mesmo passando fome!

Hartman recuou para o meio-fio, mas West o seguiu, com a expressão furiosa de uma tempestade.

— Não ouse dizer que é meu compatriota — rosnou West, continuando. — Não... Tampouco um artista! Artistas não rastejam no serviço da defensoria pública, onde não fazem nada além de comer como ratos o alimento das pessoas! E vou dizer uma coisa agora — prosseguiu, baixando a voz, pois Hartman estava assustado, como se tivesse sido atingido. — É melhor passar longe da Brasserie Alsaciana e dos ladrões presunçosos que andam por lá! Você sabe o que eles fazem com suspeitos!

— É mentira, seu cão! — gritou Hartman, e arremessou a garrafa que estava em sua mão no rosto de West. Um

segundo depois, West o segurava pela garganta e o pressionava contra a parede dura, sacudindo-o com maldade.

— Agora me escute — murmurou West entredentes. — Você já é um suspeito e, juro, acredito que é um espião pago! Não é da minha conta detectar esse tipo de verme, e não é minha intenção denunciá-lo, mas é isso que acho! Colette não gosta de você, e eu não o suporto, e, se eu pegá-lo outra vez nesta rua, farei com que seja desagradável. Suma, seu prussiano nojento!

Hartman tirara uma faca do bolso, mas West a tomou dele e a jogou na sarjeta. Um moleque que vira aquilo caiu na gargalhada, que ecoou bruscamente na rua silenciosa. Então, por toda parte, as janelas foram levantadas, e fileiras de rostos abatidos surgiram querendo saber por que pessoas estariam rindo naquela cidade faminta.

— É uma vitória? — murmurou um.

— Olhe isso! — exclamou West quando Hartman se levantou da calçada. — Olhe, desgraçado! Olhe para esses rostos!

Mas, indo embora sem dizer nada, Hartman lançou-lhe um olhar do qual West nunca se esqueceu.

Trent, que apareceu de súbito na esquina, olhou curiosamente para West, que apenas gesticulou com a cabeça na direção de sua casa e disse:

— Entre. Fallowby está lá em cima.

— O que está fazendo com essa faca? — perguntou Fallowby, quando ele e Trent entraram no estúdio.

West olhou para a mão ferida que ainda segurava a faca.

— Cortei por acidente — disse, jogando-a em um canto para ir lavar o sangue dos dedos.

Gordo e preguiçoso, Fallowby o observou sem fazer comentários, mas Trent, meio que adivinhando como as coisas haviam se desenrolado, foi até Fallowby sorrindo.

— Tenho um abacaxi para descascar com você! — exclamou.

— Cadê? Estou com fome — respondeu Fallowby, com uma avidez afetada, mas Trent, fechando a cara, o mandou escutar.

— Quanto eu lhe emprestei na semana passada?

— Trezentos e oitenta francos — respondeu o outro, com uma contorção de arrependimento.

— Eu quero agora.

Fallowby começou uma série de explicações intricadas, que logo foram interrompidas por Trent.

— Eu sei, você gastou tudo, sempre é pego de surpresa. Não quero nem saber o que fazia antes do cerco. Sei que é rico e tem direito de dispor de seu dinheiro como quiser, e também sei que, de modo geral, isso não é da minha conta. Mas *agora* isso é da minha conta, pois tenho que fornecer os fundos até que você consiga um pouco mais, o que não acontecerá até que o cerco termine, de um jeito ou de outro. Quero dividir o que tenho, mas não vou ver isso ser jogado pela janela. Ah, sim, é claro que você vai me reembolsar, mas essa não é a questão; além disso, meu velho, seus amigos acham que alguma abstinência dos prazeres da carne não lhe fará mal. Sem dúvida, você é uma aberração nesta cidade de esqueletos amaldiçoados pela fome!

— Eu estou um pouco gordo — admitiu.

— É verdade que está sem dinheiro? — perguntou Trent.

— Estou, sim — disse o outro suspirando.

— Aquele porco assado suculento na Rue St. Honoré... ele ainda está lá? — continuou Trent.

— O-o q-quê? — gaguejou o fraco.

— Ah... eu achava que sim! Peguei você em êxtase diante daquele porco suculento pelo menos uma dúzia de vezes!

Depois, rindo, Trent deu a Fallowby uma pilha de moedas de vinte francos e disse:

— Se você usá-las para luxos, vai ter que viver da própria carne. — E foi ajudar West, que estava sentado ao lado da pia de lavar pondo uma atadura na mão.

West o ajudou a dar o nó e depois disse:

— Lembra-se de ontem, quando deixei você e Braith para levar a galinha para Colette?

— Galinha! Meu Deus! — gemeu Fallowby.

— Galinha — repetiu West, divertindo-se com a tristeza de Fallowby. — Eu... quero dizer... tenho que explicar que as coisas mudaram. Colette e eu... vamos nos casar...

— E... e a galinha? — reclamou Fallowby.

— Cale a boca! — exclamou Trent, e riu. Dando o braço a West, caminhou até a escada.

— Pobre coitada — disse West.— Pense só... Nem uma lasca de lenha por uma semana e não me disse por que achava que eu precisava para minha escultura de argila. Nossa! Quando eu soube, destruí em pedaços aquela ninfa convencida de barro, e que se congele e se enforque o resto! — Depois de um momento, acrescentou timidamente: — Por que não passa lá quando descer para dizer *bon soir*? É o nº 17.

— Claro — disse Trent e saiu tranquilamente, fechando a porta às suas costas.

Ele parou no terceiro andar, acendeu um fósforo, examinou os números acima da fileira de portas desmazeladas e sombrias e bateu no nº 17.

— C’est toi, Georges?

A porta abriu.

— Ah, pardon, monsieur Jack. Achei que fosse monsieur West. — Depois, corando furiosamente: — Ah, vejo que já soube! Ah, muito obrigada por seus votos de felicidades, tenho certeza de que nós amamos muito um ao outro e estou louca para me encontrar com Sylvia e contar a ela e...

— E o quê? —Trent riu.

— Estou muito feliz — suspirou ela.

— Ele é um sujeito de ouro — retrucou Trent e depois disse, animado: — Quero que você e George venham jantar conosco esta noite. É uma pequena surpresa. Sabe, amanhã é a *fête* de Sylvia. Ela faz dezenove anos. Escrevi para os

Thorne, e os Guernalec virão com Odile, prima deles. Fallowby prometeu não levar ninguém.

A garota aceitou timidamente, cobrindo Trent de mensagens carinhosas para Sylvia, e ele deu boa-noite.

O homem começou a subir a rua, caminhando a passos rápidos, pois estava muito frio, e, depois de atravessar a Rue de la Lune, entrou na Rue de Seine. Por ser inverno, a noite caíra cedo, quase sem aviso, mas o céu estava claro, e miríades de estrelas cintilavam nos céus. O bombardeio tinha ficado furioso, um trovejar permanente de canhões prussianos pontuado pelos estrondos pesados vindos do forte Mont-Valérien.

As bombas atravessavam o céu deixando trilhas como se fossem estrelas cadentes, e, naquele instante, quando se virou para olhar para trás, sinalizadores azuis e vermelhos brilhavam acima do horizonte vindos do Fort d'Issy, a fortaleza do Norte flamejando como uma fogueira.

— Boas notícias! — gritou um homem mais alto que o barulho perto do Boulevard St. Germain. Como por mágica, as ruas se encheram de gente. Gente tremendo, falando e com os olhos cerrados.

— Jacques! — gritou um. — O Exército do Loire!

— Eh! *Mon vieux*, ele chegou, finalmente! Eu lhe disse! Eu lhe disse! Amanhã, esta noite, quem sabe?

— É verdade? É uma ofensiva?

— Ah, meu Deus, uma ofensiva... e meu filho? — disse alguém.

— Vamos para o Sena? — gritou outro. — Dizem que é possível ver os sinais do Exército do Loire da Pont Neuf.

— Mamãe, mamãe, então amanhã vamos poder comer pão branco? — repetia incessantemente um garotinho parado perto de Trent.

E, ao lado dele, um velho andava cambaleante, aos tropeções, com as mãos enrugadas coladas ao peito.

— Será que é verdade? Quem ouviu a notícia? O sapateiro da Rue de Buci soube de um *mobile* que tinha ouvido um

franc-tireur repetir isso a um capitão da Guarda Nacional — balbuciou o velho, como se estivesse louco.

Trent seguiu a multidão que saía da Rue de Seine para o rio.

Foguetes não paravam de cortar o céu, os canhões começaram a soar de Montmartre e as baterias em Montparnasse se uniram com um estrondo. A ponte estava repleta de pessoas.

— Quem viu sinais do Exército do Loire? — perguntou Trent.

— Estamos esperando por ele — respondeu alguém.

Ele olhou para o norte. De repente, a grande silhueta do Arco do Triunfo surgiu em relevo negro contra o brilho de um canhão. O som da explosão chegou ao Quai, e a velha ponte estremeceu.

Mais uma vez acima da Point du Jour, um brilho e uma explosão forte fizeram a ponte trepidar, e então todo o bastião leste das fortificações explodiu e se rompeu, mandando chamas vermelhas para o céu.

— Alguém já viu os sinais? — perguntou Trent outra vez.

— Estamos esperando — respondeu alguém.

— É, esperando — murmurou um homem atrás dele. — Esperando, doentes, famintos, congelando, mas esperando. É uma ofensiva? Eles vão de bom grado. É para passar fome? Eles passam fome. Eles não têm tempo para pensar em rendição. São heróis, esses parisienses? Responda, Trent!

O cirurgião da Ambulância Americana se virou e examinou os parapeitos da ponte.

— Alguma notícia, doutor? — perguntou Trent mecanicamente.

— Notícias? — disse o médico. — Não tenho nenhuma. Não tenho tempo para saber de nada. O que essas pessoas estão querendo?

— Elas souberam de sinais do Exército do Loire em Mont-Valérien.

— Pobres-diabos. — O médico olhou ao redor por um instante e, em seguida, disse: — Estou tão atarefado e preocupado que não sei o que fazer. Depois da última ofensiva, tivemos que trabalhar com cinquenta ambulâncias em nossa pequena e pobre corporação. Amanhã haverá outra ofensiva, e queria que vocês, companheiros, viessem a nosso quartel-general. Podemos precisar de voluntários. Como está a madame? — acrescentou ele abruptamente.

— Bem — respondeu Trent. — Mas parece que fica mais nervosa a cada dia. Eu devia estar com ela agora.

— Cuide dela — disse o médico. Depois, com um olhar duro para as pessoas. — Não posso parar agora. Boa noite! — E foi embora apressado e murmurando: — Pobres-diabos!

Trent se debruçou no parapeito e olhou para o rio negro que corria com força sob os arcos. Objetos escuros, levados rapidamente pela corrente, produziam um ruído áspero e quebradiço contra os píeres de pedra, giravam por um instante e iam embora rápido para a escuridão. O gelo do rio Marne.

Enquanto olhava parado para a água, pousaram uma mão em seu ombro.

— Olá, Southwark! — exclamou ele ao se virar. — Este é um lugar estranho para você estar!

— Trent, preciso lhe contar uma coisa. Não fique aqui, não acredite no Exército do Loire. — O *attaché* da Missão Diplomática Americana deu o braço a Trent e o conduziu na direção do Louvre.

— Então, é outra mentira! — disse Trent com amargura.

— Pior... soubemos na Missão Diplomática... não posso falar disso. Mas não é isso o que preciso falar. Aconteceu uma coisa esta tarde. A Brasserie Alsaciana foi visitada, e um americano chamado Hartman foi preso. Você o conhece?

— Conheço um alemão que se diz americano. O nome dele é Hartman.

— Bem, ele foi preso há cerca de duas horas. Pretendem fuzilá-lo.

— O quê?!
— Claro que nós na Missão não podemos permitir que o fuzilem assim, mas as provas parecem conclusivas.
— Ele é espião?
— Bem, os documentos apreendidos em seus aposentos são provas muito fortes, e dizem que ele foi pego fraudando o Comitê de Alimentação Pública. Ele retirou rações para cinquenta. Como, não sei. Ele diz ser um artista americano aqui, e fomos obrigados a nos ocupar disso na Missão. É um problema grave.
— Enganar as pessoas em uma época dessas é pior do que roubar a caixa de esmolas para os pobres! — exclamou Trent com raiva. — Deixem que ele seja fuzilado!
— Ele é um cidadão americano.
— É, é, sim — disse o outro, aborrecido. — A cidadania americana é um privilégio precioso quando todo alemão de olhos esbugalhados... — Ele se engasgou com a própria raiva.
Southwark apertou calorosamente a mão de Trent.
— Não há como evitar, o cadáver nos pertence. Acho que você será chamado para identificá-lo como um artista americano — disse Southwark com um aparente sorriso no rosto profundamente vincado, e foi embora pelo Cours la Reine.
Trent praguejou em silêncio por um instante e depois sacou seu relógio. Sete horas.
“Sylvia deve estar ansiosa”, pensou, e se apressou ao voltar na direção do rio. A multidão ainda se encolhia tremendo na ponte, uma congregação sombria e digna de pena, tentando ver na noite sinais do Exército do Loire. Seus corações batiam no ritmo dos disparos dos canhões, seus olhos se iluminavam com cada brilho vindo dos bastiões e a esperança aumentava com os foguetes que passavam.
Uma nuvem negra pairava nas fortificações. A fumaça dos canhões se estendia de horizonte a horizonte em faixas trêmulas, ora cobrindo os pináculos e domos com nuvem,

ora soprando em vapores e em correntes pelas ruas, ora descendo dos telhados das casas, envolvendo atracadouros, pontes e rio em uma nuvem sulfurosa. E, em meio à fumaça que amortalhava a luz, os canhões trabalhavam, mas, de vez em quando, uma fresta acima exibia uma câmara negra infinita cheia de estrelas.

Ele virou novamente na Rue de Seine, aquela rua triste e abandonada, com suas fileiras de postigos fechados e de postes de luz apagados, desolados. Estava um pouco nervoso e uma ou duas vezes desejou ter um revólver, mas as formas furtivas que passaram por ele na escuridão estavam fracas demais de fome para serem perigosas, pensou, e seguiu sem ser incomodado até sua porta. Mas lá alguém pulou em seu pescoço. Ele rolou várias vezes no chão congelado, tentando arrancar a corda em seu pescoço. Então, com um puxão violento, ele ficou de pé.

— Levante-se! — gritou ele para o outro.

Lentamente e com muito cuidado, um moleque se levantou da sarjeta e examinou Trent com repulsa.

— Que belo truque, o seu! — exclamou Trent. — Um fedelho da sua idade! Você vai acabar no paredão de fuzilamento! Passe-me essa corda!

O moleque entregou o laço sem dizer nada.

Trent acendeu um fósforo e olhou para seu agressor. Era o matador de ratos da véspera.

— Hum! Eu imaginava — murmurou.

— Tiens, c’est toi? — perguntou o moleque tranquilamente.

O descaramento, a audácia absoluta daquele mendigo deixou Trent boquiaberto.

— Você sabia, seu jovem estrangulador, que atiram em ladrões de sua idade? — disse Trent, ofegando.

A criança virou um rosto inexpressivo para Trent.

— Que atirem.

Aquilo era demais. Trent deu meia-volta e entrou em seu hotel.

Subiu tateando a escada às escuras e finalmente chegou a seu andar. Então, mergulhou na escuridão até sua porta. De seu estúdio vinha o som de vozes, o riso caloroso de West e a gargalhada de Fallowby. Por fim, achou a maçaneta e, empurrando a porta, parou por um instante, atordoado pela luz.

— Olá, Jack! — exclamou West. — Você é uma criatura agradável. Convida as pessoas para jantar e as faz esperar. Fallowby está chorando de fome aqui...

— Cale a boca — disse Fallowby. — Talvez ele tenha saído para comprar um peru.

— Ele saiu para caçar ratos, veja sua corda! — exclamou Guernalec, e riu.

— Então, agora sabemos como você consegue dinheiro! — acrescentou West. — Vive le coup du Père François![7]

Trent apertou a mão de todos e riu do rosto pálido de Sylvia.

— Eu não queria me atrasar. Parei por um instante na ponte para ver o bombardeio. Ficou muito ansiosa, Sylvia?

— Ah, não! — murmurou ela e sorriu. Mas sua mão segurou a dele e a apertou convulsivamente.

— À mesa! — gritou Fallowby e soltou um grito de alegria.

— Devagar — observou Thorne, com um resquício de boas maneiras. — Você não é o anfitrião, sabia?

Marie Guernalec, que estava conversando com Colette, levantou-se e tomou Thorne pelo braço, e monsieur Guernalec passou o braço pelo de Odile.

Fazendo uma grande reverência, Trent ofereceu o braço para Colette. West acompanhou Sylvia, e Fallowby seguiu ansiosamente no final.

— Vocês vão marchar três vezes em volta da mesa cantando a "Marselhesa" — explicou Sylvia. — E o monsieur Fallowby marcará o ritmo batendo na mesa.

Fallowby sugeriu que eles cantassem depois do jantar, mas seu protesto foi abafado pelo entoar do coro...

Aux armes!
Formez vos bataillons!

Eles marcharam em volta da sala cantando com toda a força:

Marchons! Marchons!

Enquanto Fallowby, completamente sem jeito, batia na mesa, consolando-se um pouco com a esperança de que o exercício aumentasse seu apetite. Hércules, o cão preto e castanho, correu para baixo da cama, refúgio de onde ganiu até Guernalec tirá-lo de lá e pô-lo no colo de Odile.

— E, agora — disse Trent com seriedade, quando todos estavam sentados —, escutem!

E ele leu o menu.

Sopa de carne à la Siège de Paris
—
Peixe
Sardinhas à la père Lachaise
(Vinho branco)
—
Rôti (Vinho tinto)
Carne fresca à la sortie
—
Legumes
Feijões em lata à la Chassepot
Ervilhas em lata Gravelotte
Batatas Irlandaises
Outros
—
Carne-seca fria à la Thieis
Ameixas cozidas à la Garibaldi
—
Sobremesa
Ameixas secas — Pão branco
Geleia de groselha

Chá — Café
Liqueurs
Cachimbos e cigarros[8]

Fallowby aplaudiu freneticamente, e Sylvia serviu a sopa.

— Está uma delícia — comentou Odile com um suspiro.

Marie Guernalec provou sua sopa em êxtase.

— Não lembra em nada cavalo, e não importa o que digam: cavalo não tem o mesmo gosto de carne de vaca — murmurou Colette para West. Fallowby, que tinha terminado, começou a acariciar o queixo e a olhar para a sopeira.

— Quer mais, meu velho? — indagou Trent.

— Monsieur Fallowby não pode tomar mais — anunciou Sylvia. — Estou guardando isso para a concierge.

Fallowby olhou para o peixe.

As sardinhas quentes da grelha foram um grande sucesso. Enquanto os outros comiam, Sylvia desceu correndo com a sopa para a velha concierge e seu marido, e, quando voltou apressada, corada e sem fôlego, tendo retornado à sua cadeira com um sorriso feliz para Trent, o jovem se levantou, e fez-se silêncio à mesa. Por um instante, ele olhou para Sylvia e pensou que nunca a havia visto tão bonita.

— Vocês todos sabem — começou ele — que hoje minha mulher faz dezenove anos.

Borbulhando de entusiasmo, Fallowby agitou seu copo em círculos em torno da cabeça, para o pavor de Odile e Colette, suas vizinhas, e Thorne, West e Guernalec tornaram a encher seus copos três vezes antes que terminasse a salva de palmas provocada pelo brinde a Sylvia.

Os copos foram enchidos e esvaziados três vezes em homenagem a Sylvia, e uma vez em homenagem a Trent, que protestou:

— Isso está errado! — exclamou. — O próximo brinde é para as repúblicas gêmeas, França e Estados Unidos.

— Às repúblicas! Às repúblicas! — gritaram, e o brinde foi bebido em meio a gritos de “Vive la France! Vive l’Amérique! Vive la Nation!”.

Então, com um sorriso para West, Trent fez o brinde:

— *To a happy pair!*[9] — E todos entenderam, e Sylvia se inclinou e beijou Colette, enquanto Trent fez uma reverência para West.

A carne foi comida em relativa calma, mas, quando terminaram e uma porção foi separada para os velhos lá embaixo, Trent exclamou:

— Bebamos a Paris! Que ela se erga das ruínas e esmague o invasor! — E soaram vivas, abafando por um momento as explosões monótonas dos canhões prussianos.

Acenderam-se cachimbos e cigarros, e Trent ouviu por um instante a conversa animada a seu redor, interrompida por ondas de riso das garotas ou pela gargalhada jovial de Fallowby. Então, virou-se para West:

— Vai haver uma ofensiva esta noite — disse ele. — Encontrei o cirurgião da Ambulância Americana pouco antes de chegar, e ele me pediu para falar com vocês. Qualquer ajuda que possamos dar a ele será útil.

Depois, baixando a voz, falou em inglês:

— Quanto a mim, vou com a ambulância amanhã de manhã. É claro que não há perigo algum, mas também é bom que Sylvia não saiba.

West fez que sim com a cabeça. Thorne e Guernalec, que tinham ouvido, intervieram e ofereceram ajuda, e Fallowby se ofereceu com um resmungo.

— Tudo bem — disse Trent rapidamente. — Agora, chega. Vamos nos encontrar na sede da Ambulância amanhã de manhã às oito.

Sylvia e Colette, que estavam ficando desconfortáveis com a conversa em inglês, exigiram saber do que eles

estavam falando.

— Sobre o que um escultor normalmente fala? — perguntou West, com um riso.

Odile lançou um olhar de reprovação para Thorne, seu noivo.

— Você não é francês, sabia? E essa guerra não tem nada a ver com você — disse ela com muita dignidade.

Thorne pareceu submisso, mas West assumiu uma expressão de virtude ultrajada.

— Parece que um homem não pode discutir as belezas da escultura grega em sua própria língua sem que se suspeite claramente dele — disse a Fallowby.

Colette tapou a boca e, virando-se para Sylvia, murmurou:

— Eles são horrivelmente falsos, esses homens.

— Acredito que a palavra para ambulância seja a mesma nas duas línguas — disse Marie Guernalec, provocando. — Sylvia, não confie no monsieur Trent.

— Jack — sussurrou Sylvia —, prometa...

Uma batida na porta do estúdio a interrompeu.

— Entre! — gritou Fallowby, mas Trent se levantou rapidamente, abriu a porta e olhou para fora. Então, com uma desculpa apressada para os outros, saiu para o corredor e fechou a porta.

Quando voltou, estava resmungando.

— O que foi, Jack? — perguntou West.

— O que foi? — repetiu Trent com fúria. — Vou lhe dizer o que foi. Recebi um despacho do ministro americano para ir imediatamente identificar e confirmar, como compatriota e artista, um ladrão pernicioso e espião alemão!

— Não vá — sugeriu Fallowby.

— Se eu não for, vão fuzilá-lo imediatamente.

— Deixe que fuzilem — resmungou Thorne.

— Amigos, vocês sabem quem é?

— Hartman! — gritou West, dando um pulo.

Sylvia sobressaltou-se, pálida como um cadáver, mas Odile passou o braço em volta dela e a sentou na cadeira,

dizendo calmamente:

— Sylvia desmaiou... é essa sala quente... tragam água.

Trent levou um copo imediatamente.

Sylvia abriu os olhos e, após um instante, levantou-se. Apoiada por Marie Guernalec e Trent, foi para o quarto.

Era o sinal para a festa acabar, todos apertaram a mão de Trent, dizendo esperar que Sylvia acordasse melhor e que não fosse nada, e foram embora.

Quando Marie Guernalec se despediu dele, evitou encará-lo, mas ele falou com ela cordialmente e agradeceu pela ajuda.

— Há alguma coisa que eu possa fazer, Jack? — indagou West, ainda por ali, antes de descer correndo a escada para alcançar os outros.

Trent se debruçou na balaustrada e ficou ouvindo os passos e a conversa deles, depois a porta de baixo bateu, e a casa ficou em silêncio. Ele permaneceu ali, olhando para baixo, para a escuridão, mordendo os lábios.

— Estou louco! — murmurou com um movimento impaciente. Acendeu uma vela e foi até o quarto. Sylvia estava deitada na cama. Ele se debruçou sobre ela e afastou seu cabelo cacheado da testa.

— Está melhor, Sylvia querida?

Ela não respondeu, mas ergueu os olhos e o encarou. Por um instante, ele a encarou também. O que viu fez seu coração congelar, e ele se sentou e cobriu o rosto com as mãos.

Finalmente ela falou com uma voz mudada, que saía com dificuldade, uma voz que ele jamais tinha ouvido, e ele baixou as mãos e escutou, sentado ereto em sua cadeira.

— Jack. Finalmente aconteceu. Eu tive receio e tremia. Ah, quantas vezes fiquei deitada acordada à noite com isso em meu coração e rezando para morrer antes de você saber disso! Porque amo você, Jack, e, se você for embora, não vou conseguir viver. Eu o enganei. Aconteceu antes de conhecê-lo, e, desde aquele primeiro dia em que me

encontrou chorando no Luxembourg e falou comigo, Jack, eu fui fiel a você em pensamentos e atos. Amei você desde o princípio e não ousei lhe contar isso temendo que me deixasse. E desde então meu amor aumentou, aumentou, e, ah, eu sofri! Mas não ousei lhe contar. E agora você sabe, mas não sabe do pior. Por ele, agora, por que eu me importaria? Ele era cruel, ah, muito cruel.

Ela escondeu o rosto nos braços.

— Preciso continuar? Preciso lhe contar? Você não consegue imaginar? Ah, Jack...

Ele não se mexia. Seus olhos pareciam mortos.

— Eu... eu era tão jovem, não sabia nada, e ele disse... disse que me amava...

Trent se levantou, deu um soco na vela, e o quarto ficou às escuras.

Os sinos de St. Sulpice bateram a hora, e ela começou, falando com uma pressa febril:

— Preciso terminar! Quando você disse que me amava... não... não me perguntou nada. Mas, na época, já naquela época, era tarde demais, e *aquela outra vida* que me liga a ele deve para sempre ficar entre mim e você! Pois há *outra* pessoa ligada a ele, para quem ele é bom. Ele não pode morrer. Não podem atirar nele, pelo bem dessa *outra* pessoa!

Trent ficou sentado imóvel, mas seus pensamentos giravam em um turbilhão interminável.

Sylvia, a pequena Sylvia, que dividia com ele sua vida de estudante, que suportava com ele a desolação árida do cerco sem reclamar, essa garota magra de olhos azuis de quem ele tanto gostava em silêncio, que ele provocava e acariciava de acordo com seu humor, que às vezes o deixava um pouco impaciente com sua devoção apaixonada por ele — seria essa a mesma Sylvia ali deitada, chorando na escuridão?

Então, ele cerrou os dentes.

— Que ele morra! Que ele morra! — Mas então, pelo bem de Sylvia, pelo bem daquela *outra* pessoa... Sim, ele iria, ele *precisava* ir. Seu dever estava claro à sua frente. Mas Sylvia... ele não podia mais ser o que era para ela, e mesmo assim um terror vago o tomava, agora que tudo fora dito. Trêmulo, ele acendeu uma luz.

Ela estava ali deitada, com o cabelo cacheado sobre o rosto, e as mãos brancas e pequenas apertadas contra o peito.

Ele não podia deixá-la e não podia ficar. Ele nunca soubera que a amava. Ela vinha sendo uma simples camarada, aquela menina esposa dele. Ah!, agora ele a amava de coração e alma, e sabia disso, mas já era tarde demais. Tarde demais? Por quê? Então, pensou na tal *outra* pessoa com quem ela tinha um vínculo, que a ligava para sempre à criatura cuja vida corria perigo. Praguejando, foi até a porta, mas a porta não se abriu, ou será que ele mesmo a empurrara, trancara-a e se jogara de joelhos ao lado da cama, sabendo que nem pela própria vida ousaria deixar o que era tudo em sua vida?

III

Eram quatro da manhã quando ele saiu da Prisão dos Condenados com o secretário da Missão Diplomática Americana. Um grupo tinha se reunido em torno da carruagem do ministro americano, que estava parada diante da prisão, com os cavalos batendo as patas com força na rua congelada e o cocheiro encolhido em seu lugar, envolto em peles. Southwark ajudou o secretário a subir na carruagem e apertou a mão de Trent, agradecendo-o por ter ido.

— Como o meliante encarava! — exclamou Southwark. — Sua prova não foi de grande valia, mas, pelo menos, salvou

a pele do sujeito por enquanto e evitou complicações.

O secretário deu um suspiro.

— Fizemos nossa parte. Agora, deixem que provem que ele é um espião, e poderemos lavar as mãos. Suba, capitão. Venha também, Trent!

— Preciso dar uma palavra com o capitão Southwark, não vou detê-lo — disse Trent, apressado. Então, baixou a voz: — Southwark, ajude-me agora. Você conhece a história do crápula. Sabe que a... a criança está nos aposentos dele. Pegue-a e leve-a para meu apartamento. Se ele for morto, garanto um lar para ela.

— Entendo — disse o capitão seriamente.

— Você fará isso agora mesmo?

— Agora mesmo — retrucou ele.

Suas mãos se encontraram em um aperto caloroso, e o capitão Southwark subiu na carruagem e gesticulou para que Trent o seguisse, mas ele fez que não com a cabeça.

— Até logo — disse Trent. E a carruagem partiu.

Ele a observou até o fim da rua, depois seguiu para seu bairro, mas, após um ou dois passos, hesitou, parou e finalmente deu meia-volta e pegou a direção oposta. Alguma coisa, talvez a visão do prisioneiro que ele tão recentemente confrontara, deixara-o zonzo. Sentiu necessidade de solidão e silêncio para ordenar os pensamentos. Os acontecimentos da noite o haviam abalado terrivelmente, mas ele sairia daquela situação, esqueceria, enterraria tudo e, então, voltaria para Sylvia. Começou a andar rapidamente, e por algum tempo pareceu que os pensamentos amargos sumiram, mas, quando por fim parou, sem fôlego, sob o Arco do Triunfo, todo o amargor e a desgraça de toda a situação, sim, de toda a sua vida desperdiçada, voltaram com uma pontada de dor. Então, a face do prisioneiro, terrivelmente distorcida pelo medo, cresceu nas sombras diante de seus olhos.

Sofrendo, andou de um lado para outro sob o grande Arco, esforçando-se para ocupar a mente, olhando para as

cornijas esculpidas acima e tentando ler os nomes dos heróis e das batalhas que ele sabia estarem gravados ali, mas o rosto pálido de Hartman sempre o seguia, com um esgar de terror! Será que era terror? Não seria triunfo? Ao pensar nisso, pulou como um homem que sente uma faca na garganta, mas, depois de uma volta muito agitada pela praça, retornou e se sentou para lutar contra a infelicidade.

O ar estava frio, mas suas faces queimavam de raiva e vergonha. Vergonha? Por quê? Seria por ter se casado com uma mulher a quem o acaso fizera mãe? *Seria* por amá-la? Seria por aquela existência boêmia lamentável ser, então, seu final e seu objetivo na vida? Voltou os olhos para os segredos de seu coração e leu uma história maligna, a história do passado, e cobriu o rosto de vergonha, enquanto, no mesmo ritmo da dor amortecida que latejava na cabeça, seu coração impulsionava a história para o futuro. Vergonha e desgraça.[10]

Enfim despertado de uma letargia que começara a entorpecer o amargor de seus pensamentos, ergueu a cabeça e olhou ao redor. Uma névoa repentina tinha baixado nas ruas. Os arcos do monumento estavam afogados nela. Ele ia para casa. Foi tomado por um grande horror de estar sozinho. *Mas ele não estava sozinho*. A neblina estava povoada de fantasmas. Eles se moviam a seu redor na névoa, flutuando pelos arcos em linhas que se esticavam, e desapareciam, enquanto outros surgiam do nevoeiro, passavam zunindo e eram engolfados. Não estava só, pois mesmo a seu lado eles eram muitos, tocavam-no, moviam-se aos montes à sua frente, a seu lado, atrás dele, empurravam-no para trás, seguravam-no e o arrastavam pela neblina. Eles se moviam por uma avenida escura, por ruas e becos brancos com a névoa, e, se falavam, suas vozes eram baças como o vapor que os amortalhava. Finalmente à frente, uma construção de pedra e de barro cortada por um enorme portão de ferro trancado erguia-se

em meio à neblina. Cada vez mais devagar, eles planaram ombro a ombro e coxa a coxa. Então, todo o movimento cessou. Uma brisa repentina espalhou a névoa em ondas e em um redemoinho. Objetos ficaram mais nítidos. Uma palidez erguia-se no horizonte, tocando as bordas de nuvens de chuva, e atraía centelhas sem brilho de mil baionetas. Baionetas... elas estavam por toda parte, rasgando a névoa ou flutuando por baixo dela em rios de aço. No alto de um muro de pedra e barro assomava um grande canhão, silhuetas se moviam a seu redor. Embaixo, uma torrente ampla de baionetas atravessava a passagem resguardada pelo portão de ferro e saía para as planícies sombrias. Clareou. Os rostos ficavam mais distintos em meio à multidão que marchava, e ele reconheceu um deles.

— Philippe!

A figura virou a cabeça.

— Tem lugar para mim? — gritou Trent.

Mas o outro apenas acenou um *adieu* vago e partiu com o restante. Naquele momento, a cavalaria começou a passar, esquadrão após esquadrão, amontoando-se na escuridão; depois muitos canhões, depois uma ambulância, depois mais uma vez fileiras intermináveis de baionetas. Do lado dele havia um couraceiro montado em seu cavalo, que respirava soltando vapor, e, à frente, em meio a um grupo de oficiais montados, viu um general com a gola de astracã de seu dólmã virada para cima na altura do rosto exangue.

Algumas mulheres choravam perto dele, e uma lutava para enfiar um pedaço de pão preto no embornal de um soldado. Ele tentava ajudá-la, mas o embornal estava bem fechado e seu rifle o atrapalhava, por isso Trent o segurou, enquanto a mulher desabotoou a mochila e empurrou o pão lá dentro, agora todo molhado de lágrimas. O rifle não era pesado. Trent o achou maravilhosamente manuseável. Será que a baioneta estava afiada? Ele experimentou. Então, foi tomado por um anseio repentino, um desejo feroz.

— Chouette! — gritou um moleque, agarrando-se ao portão de grades. — Encore toi, mon vieux?

Trent ergueu os olhos, e o mata-ratos riu em sua cara. Mas, quando o soldado pegou outra vez o rifle, agradeceu e correu apressado para pegar seu batalhão, Trent mergulhou na multidão perto do portão.

— Você está indo? — gritou ele para um fuzileiro que estava sentado no meio-fio enfaixando o pé.

— Estou.

Então, uma garota, apenas uma criança, tomou-o pela mão e o conduziu a um café que dava para o portão. O local estava cheio de soldados, alguns, brancos e silenciosos, sentados no chão; outros gemendo nos bancos longos forrados de couro. O ar estava azedo e sufocante.

— Escolha! — disse a garota com um pequeno gesto de piedade. — Eles não podem ir!

Em uma pilha de roupa no chão, ele achou um capote e um quepe.

Ela o ajudou a afivelar sua mochila, a caixa de cartuchos e o cinto, e mostrou a ele como carregar o rifle *Chassepot*, segurando-o nos joelhos.

Quando ele agradeceu, ela ficou de pé.

— Você é estrangeiro!

— Americano — disse ele, movendo-se na direção da porta, mas a criança impediu seu caminho.

— Eu sou bretã. Meu pai está lá em cima com o canhão do fuzileiro. Ele vai atirar em você se for um espião.

Os dois se encararam por um instante. Depois, com um suspiro, ele se abaixou e beijou a criança.

— Reze pela França, pequena — murmurou ele.

— Pela França e pelo senhor, *beau* monsieur — retrucou ela com um sorriso pálido.

Ele atravessou a rua correndo e cruzou o portão. Lá fora, entrou em uma fila e abriu caminho pela estrada. Um cabo passou, olhou para ele, tornou a olhar e, por fim, chamou um oficial.

— Você pertence ao Sexagésimo — rosnou o cabo, olhando para o número em seu quepe.

— Não precisamos de *franc-tireurs* — acrescentou o oficial ao ver suas calças negras.

— Eu quero me oferecer como voluntário no lugar de um camarada — disse Trent, e o oficial deu de ombros e seguiu em frente.

Ninguém deu muita atenção a ele, apenas um ou dois olharam para suas calças. A estrada se encontrava afundada em uma grossa camada de neve parcialmente derretida e em lama pisoteada e rasgada por rodas e cascos. Um soldado à frente dele torceu o pé em uma trilha marcada no gelo e se arrastou até a beira do rio gemendo. A planície estava cinza por causa da neve derretida. Aqui e ali, atrás de cercas vivas desmanteladas, havia carroças ostentando bandeiras brancas com cruzes vermelhas. Às vezes, o condutor era um padre com chapéu e batina desbotados, às vezes, um *mobile* aleijado. Passaram por uma carroça conduzida por uma irmã de caridade. Casas vazias silenciosas com grandes rachaduras nas paredes e em todas as janelas vazias amontoavam-se ao longo da estrada. Adiante, na zona de perigo, não restava qualquer habitação humana, exceto aqui e ali uma pilha de tijolos congelados ou um porão enegrecido cheio de neve.

Durante algum tempo, Trent sentiu-se incomodado pelo homem que seguia atrás dele e que sempre pisava em seus calcanhares. Finalmente convencido de que era intencional, virou-se para reclamar e se viu cara a cara com um estudante colega da Beaux-Arts. Trent o encarou.

— Achei que você estivesse no hospital!

O outro sacudiu a cabeça, apontando para a mandíbula enfaixada.

— Estou vendo, você não consegue falar. Há algo que eu possa fazer?

O homem ferido remexeu em seu embornal e tirou um pedaço de pão preto.

— Ele não consegue comê-lo, a mandíbula foi esmagada, e quer que você mastigue para ele — disse o soldado ao lado dele.

Trent pegou o pedaço e, moendo-o entre seus dentes pedaço a pedaço, passou-o de volta para o homem faminto.

De vez em quando, ordenanças montados corriam até o *front*, cobrindo-os de neve semiderretida. Era uma marcha fria e silenciosa através de campinas encharcadas envoltas em neblina. Ao longo da elevação da ferrovia do outro lado da vala, uma coluna se movia em paralelo à deles. Trent a observou, uma massa sombria, ora visível, ora indistinta, ora apagada, em meio ao nevoeiro. Por meia hora Trent a perdeu, mas, quando ela reapareceu, percebeu uma linha fina se destacar do flanco e, agrupando-se no centro, se desviar rápido para o oeste. Nesse momento, espocares prolongados irromperam no nevoeiro no *front*. Outras linhas começaram a se separar da coluna, desviando-se para o leste e o oeste, e o espocar tornou-se contínuo. Uma bateria passou a todo galope, e ele recuou com seus camaradas para abrir espaço. Ela entrou em ação um pouco à direita do batalhão dele, e, quando o tiro do primeiro rifle ecoou através da neblina, o canhão das fortificações abriu fogo com um rugido poderoso. Um oficial passou a galope gritando algo que Trent não entendeu, mas, de repente, ele viu as fileiras no *front* se separarem da dele e desaparecerem à luz do amanhecer. Mais oficiais chegaram a cavalo e pararam ao lado dele, observando a neblina. Longe, no *front*, os tiros haviam se tornado um estrondo contínuo. Esperar era uma agonia. Trent mascava um pouco de pão para o homem atrás dele, que tentava engoli-lo, e, depois de algum tempo, o soldado sacudiu a cabeça e gesticulou para que Trent comesse ele mesmo o resto. Um cabo lhe ofereceu um pouco de conhaque, e ele o bebeu, mas, quando se virou para devolver a garrafa, o cabo jazia no chão. Alarmado, olhou para o soldado a seu lado, que deu de ombros e abriu a boca para falar, mas algo o atingiu

e ele saiu rolando até o fundo do barranco. Naquele instante, o cavalo de um dos oficiais empinou e recuou para cima do batalhão, escoiceando com as patas traseiras. Um homem foi derrubado; outro foi escoiceado no peito e arremessado nas colunas. O oficial enfiou as esporas no cavalo e o obrigou a ir outra vez para o *front*, onde permaneceu tremendo. O bombardeio parecia se aproximar. Percorrendo lentamente o batalhão de um lado a outro, um oficial do estado-maior de repente desabou de sua sela e se agarrou à crina de seu cavalo. Uma de suas botas estava pendurada no estribo, com gotas escarlate escorrendo. Então, saindo da neblina, homens se aproximaram correndo. As estradas, os campos, as valas estavam cheios deles, e muitos caíam. Por um instante ele imaginou ter visto cavaleiros cavalgando por lá como fantasmas nos vapores do além, e um homem atrás dele praguejou terrivelmente, declarando também tê-los visto, e que eles eram Uhlans[11]; mas o batalhão permaneceu imóvel, e a névoa caiu outra vez nos campos.

O coronel estava sentado pesadamente em seu cavalo, com a cabeça em forma de bala enfiada na gola de astracã de seu dólmã e as pernas gordas se projetando esticadas nos estribos.

Os corneteiros se reuniram em torno dele com as cornetas em posição, e atrás dele um oficial do estado-maior em uniforme azul-claro fumava um cigarro e conversava com um capitão dos hussardos. Da estrada à frente vinha o som de um galope furioso, e um ordenança parou seu cavalo ao lado do coronel, que, sem virar a cabeça, gesticulou para que ele passasse para trás. Então, da esquerda, começou um murmúrio confuso que terminou em um grito. Um hussardo passou como o vento, seguido por outro e outro, e, então, esquadrão após esquadrão passou correndo por eles e entrou nas mantas de nevoeiro. Naquele instante, o coronel recuou em sua sela, as cornetas soaram, e todo o

batalhão desceu aceleradamente pelo barranco que dava na vala e começou a avançar pelos campos encharcados. Quase ao mesmo tempo, Trent perdeu seu quepe. Algo o tirara de sua cabeça, ele achou que tinha sido um galho de árvore. Muitos de seus camaradas rolaram pelo gelo e a neve derretida, e Trent imaginou que eles tinham escorregado. Um caiu atravessado bem em seu caminho, e ele parou para ajudá-lo a se levantar, mas o homem gritou ao ser tocado.

— Avançar! Avançar! — ordenou um oficial.

Então ele continuou a correr.

Foi uma corrida longa em meio à neblina, e muitas vezes ele foi forçado a mudar o rifle de posição. Quando finalmente pararam, arfantes, atrás da elevação da linha férrea, ele olhou ao redor. Sentira a necessidade de ação, de uma luta física desesperada, de matar e destruir. Tinha sido tomado por um desejo de se lançar em meio às massas e atacar para todos os lados. Ansiava por atirar, usar a baioneta bem afiada de seu *Chassepot*. Ele não esperara por isso. Queria ficar exausto, lutar e cortar até ficar incapaz de levantar o braço. Depois, queria ir para casa. Ouviu um homem dizer que metade do batalhão tinha caído no ataque, e naquele momento viu outro examinar um cadáver sob a elevação. O corpo, ainda quente, estava vestido com um uniforme estranho, mas, mesmo quando percebeu o capacete com ponta jogado a alguns centímetros, não se deu conta do que tinha acontecido.

O coronel estava montado em seu cavalo poucos metros à esquerda, com os olhos reluzindo sob seu quepe vermelho. Trent o ouviu responder a um oficial:

— Eu posso segurar, mas, se houver outro ataque, não vão sobrar homens nem para soprar uma corneta.

— Os prussianos estiveram aqui? — perguntou Trent a um soldado que estava sentado limpando o sangue que escorria de seu cabelo.

— Estiveram. Os hussardos os expulsaram. Pegamos o fogo cruzado deles.

— Estamos dando apoio a uma bateria nessa elevação — disse outro.

Então, o batalhão subiu rastejando a elevação e se moveu ao longo das linhas de trilhos retorcidos. Trent enrolou as pernas de suas calças e as enfiou nas meias de lã, mas eles pararam outra vez, e alguns homens se sentaram nos trilhos da ferrovia arruinada. Procurou seu camarada ferido da Beaux-Arts. Ele estava parado, bastante pálido. O bombardeio havia se tornado terrível. Por um momento, a neblina se ergueu. Ele captou um vislumbre do primeiro batalhão imóvel na linha de trem em frente, de regimentos nos dois flancos, e então, quando a névoa tornou a baixar, os tambores soaram e a música das cornetas começou ao longe, no lado esquerdo. Um movimento nervoso se deu em meio às tropas, o coronel ergueu o braço, os tambores rufaram, e o batalhão se moveu pelo nevoeiro. Eles se aproximaram do *front*, pois o batalhão estava atirando à medida que avançava. Ambulâncias galopavam ao longo da base da elevação na direção da retaguarda, e os hussardos iam e vinham como fantasmas. Eles finalmente estavam no *front*, pois tudo ao seu redor era movimento e caos, ao passo que, da neblina, muito perto, vinham gritos, gemidos e o estrondo de saraivadas de tiros. Bombas caíam por toda parte, estourando ao longo da elevação, molhando todos eles com neve semiderretida. Trent estava apavorado. Começou a temer o desconhecido, que jazia ali, espocando e flamejando na obscuridade. O estrondo do canhão o fez se sentir mal. Chegou a ver a névoa se iluminar com um laranja sem brilho quando o trovão sacudiu a terra. Estava perto, teve certeza, pois o coronel gritou:

— Avançar!

E o primeiro batalhão reagiu depressa. Ele sentiu sua respiração, tremeu, mas correu em frente. Uma descarga assustadora no *front* o aterrorizou. Em algum lugar no

nevoeiro havia homens comemorando, e o cavalo do coronel, sangrando, mergulhou na fumaça.

Outra explosão, e o choque, bem no rosto dele, quase o deixou tonto, fazendo-o vacilar. Todos os homens à direita tinham caído. Sua cabeça girava. A névoa e a fumaça o deixavam zonzo. Ele estendeu a mão à procura de apoio e segurou em algo. Era a roda de um carrinho de canhão, e um homem saiu dela, preparando um golpe em sua cabeça com um aríete, mas caiu para trás, com um grito e uma baioneta atravessada no pescoço, e Trent soube que tinha matado. Mecanicamente, ele se abaixou para pegar seu rifle, mas a baioneta ainda estava no homem, que jazia batendo com as mãos vermelhas no chão. Aquilo o fez passar mal, e ele se apoiou no canhão. Havia homens lutando por toda a sua volta, e o ar fedia a fumaça e suor. Alguém o segurou por trás, e outro pela frente, mas outros surgiram e os agarraram ou os golpearam com força. O clique! clique! clique! das baionetas o enfureceu, e ele agarrou o aríete e começou a golpear às cegas até o objeto ficar em pedaços.

Um homem o agarrou pelo pescoço e o jogou no chão, mas Trent o estrangulou e se levantou. Viu um camarada tomar o canhão e cair atravessado sobre ele com o crânio esmagado. Viu o coronel cair de sua sela na lama. Depois, sua consciência se esvaiu.

Quando voltou a si, estava deitado na elevação em meio aos trilhos retorcidos. De todos os lados havia homens encolhidos que gritavam e xingavam e fugiam para a neblina; ele ficou de pé com dificuldade e os seguiu. Parou uma vez para ajudar um camarada que não podia falar por causa da mandíbula enfaixada, mas que se agarrou a seu braço por algum tempo e depois caiu morto no congelante chão enlameado. E de novo ajudou outro, que gemia:

— Trent, c’est moi... Philippe. — Até que uma saraivada repentina na névoa o aliviou de sua carga.

Um vento gelado soprou das montanhas e retalhou a neblina. Por um instante, com um olhar maligno, o sol espiou através das matas nuas de Vincennes, infiltrou-se como um coágulo de sangue na fumaça das baterias, e afundou mais e mais, chegando à planície ensopada de sangue.[12]

IV

Quando bateu a meia-noite no campanário da St. Sulpice, os portões de Paris ainda estavam entupidos com os fragmentos do que tinha sido um exército.

Eles entraram com a noite, uma horda mal-humorada e calada, coberta de sujeira, fraca de fome e exaustão. No início, havia pouca desordem, e a multidão nos portões se dispersava em silêncio conforme as tropas entravam pelas ruas congelantes. A confusão começou com o passar das horas. Depressa, cada vez mais depressa, um esquadrão ia se acumulando sobre outro, e bateria sobre bateria, cavalos saltavam e carroças de munição empurravam, os remanescentes do *front* atravessavam os portões, um caos de cavalaria e artilharia lutando pelo direito de passagem. Perto deles cambaleava a infantaria; aqui o esqueleto de um regimento marchando em uma tentativa desesperada de organização, ali um bando amotinado de *mobiles* abrindo caminho até as ruas, depois um turbilhão de cavaleiros, canhões, tropas sem oficiais, oficiais sem homens, depois mais uma fileira de ambulâncias, com as rodas gemendo sob as cargas pesadas.

Emudecida pela desgraça, a multidão olhava para a frente.

As ambulâncias chegaram durante todo o dia, e durante todo o dia a multidão esfarrapada gemia e tremia pelas barreiras. Ao meio-dia, o número de pessoas havia

aumentado dez vezes, enchendo as praças perto dos portões e tomando os espaços das fortificações interiores.

Às quatro da tarde, as baterias alemãs de repente se envolveram em fumaça, e as bombas caíram rapidamente em Montparnasse. Às quatro e vinte, dois projéteis acertaram uma casa na Rue du Bac, e, um momento depois, a primeira bomba caiu no Quartier Latin.

Braith estava pintando na cama quando West chegou muito assustado.

— Queria que você descesse. Acertaram e destruíram nossa casa, e tenho medo de que alguns saqueadores resolvam nos fazer uma visita esta noite.

Braith pulou da cama e se enrolou em uma roupa que já tinha sido um sobretudo.

— Alguém se machucou? — indagou, lutando com uma manga cujo forro estava destruído.

— Não. Colette está abrigada na adega, e a concierge fugiu para as fortificações. Vai aparecer um pessoal violento por aqui se o bombardeio continuar. Você podia nos ajudar...

— É claro — disse Braith. Mas somente quando chegaram à Rue Serpente e pegaram a passagem que levava ao porão de West, o outro lhe perguntou, exaltado:

— Você viu Jack Trent hoje?

— Não — respondeu Braith, parecendo preocupado. — Ele não estava no Quartel-General das Ambulâncias.

— Imagino que tenha ficado em casa para cuidar de Sylvia.

Uma bomba caiu em um telhado de uma casa no fim do beco, foi destruindo tudo e explodiu no porão, espalhando ardósia e gesso branco pela rua inteira. Uma segunda acertou uma chaminé e caiu no jardim, seguida por uma avalanche de tijolos, e outra explodiu com um barulho ensurdecedor na rua ao lado.

Eles correram pela passagem até os degraus que levavam à adega. Ali, Braith parou mais uma vez.

— Você não acha que eu devia dar uma corrida para ver se Jack e Sylvia estão bem-entrincheirados? Posso voltar antes de anoitecer.

— Não. Entre e ache Colette, eu vou.

— Não, não, deixe que eu vá. Não há perigo.

— Eu sei — respondeu West com calma. Ele arrastou Braith para a adega e apontou para os degraus. A porta de ferro estava protegida por barras de metal.

— Colette! Colette! — chamou ele. A porta abriu para dentro, e a garota subiu as escadas para encontrá-los. Naquele instante, Braith olhou para trás, deu um grito de susto e, empurrando os dois para a adega, pulou atrás deles e bateu a porta. Segundos depois, uma sacudida pesada no exterior abalou as dobradiças.

— Eles chegaram — murmurou West, muito pálido.

— Aquela porta, ela vai resistir para sempre — observou Colette com calma.

Braith examinou a estrutura baixa de ferro, que tremia com os golpes que levava do exterior. West olhava com ansiedade para Colette, que não demonstrava agitação, e isso o reconfortava.

— Acho que eles não vão gastar muito tempo aqui — disse Braith. — Só vasculham adegas em busca de bebida, imagino.

— A menos que saibam que há riquezas escondidas no lugar.

— Mas com certeza não há nada enterrado aqui, há? — perguntou Braith, desconfortável e exaltado.

— Infelizmente, sim — resmungou West. — Aquele meu senhorio avarento...

Um estrondo no exterior, seguido por um grito, o interrompeu; depois, golpes seguidos abalaram as portas, até que houve um estalo abrupto, um clangor, e um pedaço triangular de ferro caiu no interior, deixando um buraco pelo qual penetrava um raio de luz.

West se ajoelhou na hora, enfiou o revólver pela abertura e disparou todos os cartuchos. Por um instante, o beco ressoou com o barulho do revólver; depois, seguiu-se o silêncio absoluto.

Naquele momento, uma única pancada interrogativa bateu à porta, e, no momento seguinte, outra e mais uma, depois um estrondo repentino ziguezagueou pela chapa de ferro.

— Aqui — disse West, tomando Colette pelo punho. — Siga-me, Braith! — E ele correu rapidamente na direção de um ponto circular de luz na extremidade mais distante da adega. O ponto de luz vinha de um bueiro tampado acima. West gesticulou para que Braith subisse em seus ombros.

— Empurre-o. Você *tem* que fazer isso!

Sem dificuldade, Braith ergueu a tampa, saiu de bruços e facilmente puxou Colette do ombro do amigo.

— Rápido, meu velho! — gritou West.

Braith enroscou as pernas no arame de uma cerca e se abaixou outra vez. A adega estava iluminada por uma luz amarela, e o ar fedia com o cheiro de lamparinas a petróleo. A porta de ferro ainda resistia, mas uma chapa de metal inteira tinha sido removida, e, enquanto eles olhavam, uma figura se aproximava segurando uma lamparina.

— Rápido! — sussurrou Braith. — Pule! — E West ficou pendurado, balançando, até que Colette o pegou pelo colarinho, e ele foi puxado para fora. Então, seus nervos cederam e ela chorou histericamente, mas West a abraçou e a conduziu pelos jardins até a rua ao lado, onde Braith, depois de recolocar a tampa do bueiro e de empilhar algumas pedras da parede sobre ela, se reuniu a eles. Estava quase escuro. Eles correram pela rua, agora iluminada apenas por prédios incendiados ou pelo brilho rápido de bombas. Evitaram ao máximo os incêndios, mas, a distância, viam as formas adejantes de saqueadores em meio aos escombros. Passaram algumas vezes por mulheres furiosas e enlouquecidas pela bebida lançando aos berros

maldições sobre o mundo,[13] ou algum mendigo trôpego cujo rosto enegrecido entregava sua contribuição no trabalho de destruição. Por fim, chegaram ao Sena, passaram pela ponte, e então Braith disse:

— Tenho que voltar. Não sei de Jack e Sylvia.

Enquanto falava, abriu caminho para uma multidão que passava pela ponte e seguia o muro do rio perto do quartel d'Orsay. No meio de tudo aquilo, West percebeu a linha organizada de um pelotão. Passaram um lampião, um grupo de baionetas, depois outro lampião, que iluminou um rosto macabro ali atrás, e Colette levou um susto:

— Hartman! — E ele desapareceu.

Com medo, eles esperaram do outro lado da margem, prendendo a respiração. Houve um arrastar de pés no cais, e o portão do quartel bateu e fechou. Um lampião brilhou por um momento na porta lateral, a multidão se comprimiu na grade; depois, ouviu-se o estrondo do clangor da salva de tiros vindo do muro de pedras.

Uma a uma as lamparinas a petróleo se acenderam ao longo da margem, e toda a praça estava em movimento. Desde a Champs Élysées, através da Place de la Concorde, espalhavam-se os fragmentos da batalha, uma companhia aqui, um bando ali. Eles chegavam de todas as ruas seguidos por mulheres e crianças, e um grande burburinho levado pelo vento congelante passou pelo Arco do Triunfo e desceu pela avenida escura:

— Perdus! Perdus!

O fim maltrapilho de um batalhão forçava para abrir caminho, o espectro da aniquilação. West gemeu. Então, uma figura saiu das fileiras sombrias e chamou o nome de West, e, quando viu que se tratava de Trent, ele gritou. Trent o segurou, branco de terror.

— Sylvia?

West só o olhou, sem dizer nada, mas Colette gemeu.

— Ah, Sylvia! Sylvia! E eles estão bombardeando o Quartier...

— Trent! — gritou Braith. Mas ele havia ido embora, e os dois homens não conseguiram alcançá-lo.

O bombardeio parou quando Trent atravessava o Boulevard St. Germain, mas a entrada da Rue de Seine estava bloqueada por uma pilha de tijolos fumegantes. Por todo lado, as bombas tinham aberto buracos enormes no calçamento. O café era uma ruína de lascas de madeira e vidro, a livraria estava destruída, rasgada do telhado ao porão, e a pequena padaria, fechada havia muito, projetava-se sobre uma massa de ardósia e metal.

Ele subiu pelos tijolos fumegantes e correu pela Rue de Tournon. A esquina ardia, iluminando sua rua, e, no muro da margem, embaixo de um poste de luz destroçado, uma criança escrevia com um pedaço de carvão:

AQUI CAIU A PRIMEIRA BOMBA.

As letras o encararam. O mata-ratos terminou e se afastou para ver seu trabalho, mas, ao ver a baioneta de Trent, gritou e fugiu, e, enquanto Trent atravessava cambaleante a rua destruída, mulheres ferozes fugiam de seu trabalho de pilhagem em buracos e fendas nas ruínas, xingando-o.

No início, ele não encontrou sua casa, pois as lágrimas o cegavam, mas ele tateou pela parede até encontrar a porta. Um lampião queimava nos aposentos da concierge, e o velho jazia deitado ao lado do objeto. Fraco de medo, Trent se apoiou por um instante em seu rifle, depois pegou o lampião e subiu as escadas. Tentou chamar, mas sua língua mal se movia. No segundo andar, viu gesso nas escadas, e no terceiro o pavimento estava destruído, e a concierge jazia em uma poça de sangue do outro lado do patamar. O

andar seguinte era o seu, o *deles.* A porta estava pendurada pelas dobradiças, não havia paredes. Ele entrou em silêncio e se agachou ao lado da cama, e lá dois braços envolveram seu pescoço, e um rosto marcado por lágrimas procurou o dele.

— Sylvia!

— Ah, Jack! Jack! Jack!

No travesseiro jogado ao lado deles, uma criança chorou.

— Eles a trouxeram. Ela é minha — disse ela em meio aos soluços.

— Nossa — sussurrou ele com os braços em torno das duas.

Então, das escadas abaixo veio a voz ansiosa de Braith:

— Trent! Está tudo bem?[14]

Notas

[1] Quadra citada por Edward Fitzgerald entre as notas que acompanham sua tradução de "Rubaiyat" de Omar Khayyam. Nas notas, esses versos são usados para explicar o mês sagrado de jejum do Ramadã, o qual, segundo o tradutor, "deixa os muçulmanos adoentados e pouco amáveis" (nota à quadra 90 da 5ª edição).

[2] Isto põe os eventos narrados no conto em um período de dez a vinte anos antes dos descritos nas demais histórias do livro — ou até cinquenta anos, se a data de 1920 para "O reparador de reputações" for considerada fidedigna. É provável que a peça *O Rei de Amarelo* ainda não tivesse sido escrita.

[3] Os eventos do conto se passam durante a fase final do cerco de Paris por tropas prussianas, durante a guerra de 1870. No inverno de 1870-71, os alemães passaram a bombardear intensamente a cidade, para tentar forçar uma rendição. A derrota esmagadora da França levou à

formação do Império Alemão e ao fim do Segundo Império Francês.

[4] Mais uma mulher chamada Sylvia, envolvida com um pintor do Quartier Latin, assim como a amante perdida do sr. Scott e a namorada bretã de Severn, em “O Emblema Amarelo” e “A rua dos Quatro Ventos”, respectivamente. Seria a mesma mulher em todas as histórias? Se imaginarmos que o sr. Scott de “O Emblema Amarelo” é o mesmo Jack Scott de “A máscara”, e nos lembrarmos de que o primeiro nome de Trent também é Jack, uma rede de possíveis identificações — seja entre personagens, ou entre diferentes versões dos mesmos personagens em realidades alternativas — começa a tomar forma.

[5] Louis-Jules Trochu (1815-1896), líder da defesa de Paris durante o cerco alemão e governante da França após a queda do imperador Napoleão III na Batalha de Sedan, em setembro de 1870.

[6] “Sons”, no original, porém mais provavelmente “sous”, plural de “sou”, moeda de cinco centavos de franco.

[7] “Le coup du Père François”: expressão francesa que significa atacar à traição. Originalmente, designava um crime de rua em que dois bandidos atuavam em conjunto — enquanto um distraía a vítima, o outro lhe passava um laço no pescoço, pelas costas, para estrangulá-la.

[8] É um cardápio rico para as condições do cerco de Paris. Um cardápio de ceia de Natal parisiense de 1870 registra, entre outros pratos, “cabeça de jumento recheada” e consomê de elefante (durante o cerco, o par de paquidermes do zoológico foi abatido para ajudar a alimentar a população).

[9] Referência ao livro infantil “A Happy Pair”, publicado em 1890. A publicação trazia versos do compositor Frederic Weatherly com ilustrações de Beatrix Potter. Em tradução livre, “um casal feliz”. (N. do E.)

[10] Há certo paralelo entre a situação de Trent e a de Scott em “O Emblema Amarelo”. Ambos são artistas boêmios confrontados com dilemas morais trazidos pelo amor de uma mulher. Há, inclusive, uma correspondência entre o cocheiro da carroça fúnebre de “O Emblema” e Hartman, ambos repugnantes e extremamente pálidos. Seria, nesse caso, a criança ilegítima o correspondente do Emblema Amarelo?

[11] Cavalaria leve, originalmente polonesa, armada com lança, sabre e pistola. O nome acabou sendo adotado por tropas de lanceiros montados de diversos países, incluindo a Prússia.

[12] A neblina “em retalhos”, iluminada pelo sol, faz um paralelo com as vestes do Rei de Amarelo.

[13] Imagem que evoca o culto das bacantes da Grécia Antiga, e dá ao caos da depredação de Paris um aspecto de catarse pública e ritual pagão, místico.

[14] Este conto é, ao mesmo tempo, romântico e moderno. Se por um lado há o tema do amor, da paixão que dita as ações, como a decisão de Trent de se envolver na guerra, e o final feliz, por outro vemos que o protagonista de fato fracassou em tudo que se propôs a fazer: não salvou a vida de Hartman, não teve uma participação relevante na batalha, não protegeu a mulher — Sylvia e a criança sobreviveram, afinal, por pura sorte.

A rua de Nossa Senhora dos Campos

“Et tout les jours passés dans la tristesse Nous sont comptés comme des jours hereux!”[1]

I

A rua não é elegante nem miserável. É uma pária entre as ruas, uma rua sem bairro. Sabe-se que fica fora da área da aristocrática Avenue de l’Observatoire. Os estudantes de Montparnasse consideram-na grã-fina demais e nem querem saber dela. O Quartier Latin, a partir do Luxemburgo, sua fronteira norte, escarnece de sua respeitabilidade e vê com reprovação os estudantes corretamente vestidos que a assombram. Poucos estrangeiros passam por ali. Às vezes, porém, os estudantes do Quartier Latin usam-na como passagem entre a Rue de Rennes e a Rue Bullier, mas, fora isso e as visitas semanais de pais e guardiães ao convento perto da Rue Vavin, a rua de Nossa Senhora dos Campos é tão tranquila quanto um bulevar de Passy. Talvez a parte mais respeitável fique entre a Rue de la Grand Chaumière e a Rue Vavin — ou pelo menos essa foi a conclusão a que chegou o reverendo Joel Byram enquanto a cruzava, conduzido por Hastings. Para este, a rua parecia agradável ao sol brilhante de junho, e ele começava a ter esperanças de que ela fosse escolhida quando o reverendo Byram recuou violentamente ao ver a cruz no convento do outro lado.

— Jesuítas — murmurou.

— Bem — disse Hastings, aborrecido —, imagino que não vamos achar nada melhor. Você mesmo diz que o vício triunfa em Paris, e parece-me que em todas as ruas encontraremos jesuítas ou coisa pior. — Após um momento, ele repetiu: — Ou coisa pior, o que, é claro, eu não perceberia, não fosse sua bondade em me alertar.

O dr. Byram mordeu o lábio e olhou ao redor. Estava impressionado com a óbvia respeitabilidade do local. Depois, fechando a cara para o convento, tomou Hastings pelo braço e atravessou a rua até um portão de ferro que tinha o número 201 *bis* pintado em branco sobre um fundo azul. Abaixo havia o seguinte aviso, em inglês:

1. Para chamar um carregador, aperte uma vez.
2. Para chamar um criado, aperte duas vezes.
3. Para entrar, aperte três vezes.

Hastings tocou o botão elétrico três vezes, e eles foram conduzidos pelo jardim, até a sala de estar, por uma criada bem-vestida. A porta da sala de jantar, logo em seguida, estava aberta, e da mesa à vista uma mulher levantou-se apressadamente e foi na direção deles. Hastings vislumbrou um jovem cabeçudo e vários cavalheiros mais velhos e rabugentos tomando café da manhã antes que a porta se fechasse e a mulher corpulenta chegasse à sala com o corpo balançando ao andar, trazendo consigo aroma de café e um poodle preto.

— É um plaisir receber vous! — exclamou ela. — Monsieur é anglais? Não? Americain? É claro. Minha pensão é surtout para americains. Aqui todos falar inglais, c'est à dire, les funcionários, les criados falar, plus ou moins, um pouco. É um prazer os senhores se tornar pensionnaires...

— Madame — começou o dr. Byram, mas foi outra vez interrompido:

— Ah, sim, eu sei, ah! Mon Dieu! O senhor não falar francês, mas veio aprender! Meu marido fala francês com os

pensionnaires. No momento, temos uma família americaine que aprende francês com meu marido...

Nesse momento, o poodle rosnou para o dr. Byram e foi imediatamente repreendido por sua dona.

— Veux-tu! — exclamou ela, com um tapa. — Veux-tu! Ah!, le vilain! Ah!, le vilain!

— *Mais*, madame — disse Hastings, com um sorriso —, il n'a pas l'air très féroce.

O poodle saiu correndo, e sua dona exclamou:

— Ah, que sotaque charmoso! Ele já falar francês como um jovem cavalheiro parisien.

Então, o dr. Byram conseguiu falar uma ou duas palavras e obteve alguma informação em relação aos preços.

— Aqui é uma pensão sérieux, minha clientèle é a melhor, ela é realmente uma pensão de famille, onde todos se sentem em casa.

Em seguida, eles subiram para examinar os futuros aposentos de Hastings, experimentaram as molas do colchão e combinaram a quantidade de toalhas a serem fornecidas por semana. O dr. Byram pareceu satisfeito.

A madame Marotte os acompanhou até a porta e tocou uma campainha para chamar a empregada, mas, quando Hastings saiu da casa para o caminho de cascalho, seu guia e mentor parou por um instante e encarou a madame fixamente, os olhos marejados.

— A senhora entende que ele é um jovem de criação muito boa, e seu caráter e sua moral são imaculados. Ele é jovem e nunca esteve no exterior, nunca sequer viu uma cidade grande, e seus pais pediram que eu, como um velho amigo da família que mora em Paris, certifique-me de que ele estará sob boas influências. Ele vai estudar arte, mas de jeito nenhum seus pais gostariam que morasse no Quartier Latin se soubessem da imoralidade que grassa por lá.

Um som parecido com o estalido de um trinco o interrompeu, e ele ergueu o olhar, mas não a tempo de ver

a empregada dar um tapa no rapaz cabeçudo atrás da porta da sala de visitas.

A madame pigarreou, lançou um olhar mortífero para trás e voltou a vista para o dr. Byram.

— Ser muito bon que ele veio aqui. Il n’existe pas pensão mais séria, non ter nenhuma! — anunciou ela com convicção.

Então, como não havia mais nada a acrescentar, o dr. Byram se juntou a Hastings no portão.

— Acredito que você não fará amizades entre os jesuítas! — exclamou, olhando para o convento.

Hastings mirou o convento até que uma garota bonita passou diante da fachada cinza; então, olhou para ela. Um rapaz que caminhava com uma caixa de pintura e uma tela parou diante da garota bonita e, durante um aperto de mão curto, porém vigoroso, disse algo do qual riram. Quando ele seguiu caminho, virou-se e gritou:

— À demain, Valentine!

— À demain! — gritou ela, com o mesmo fôlego.

“Valentine”, pensou Hastings. “Que nome singular.” E seguiu o reverendo Joel Byram, que arrastava os pés na direção da parada de bonde mais próxima.

II

— E o senhor estar gostando de Paris, monsieur *Astang*? — perguntou madame Marotte na manhã seguinte, quando Hastings desceu para o salão de desjejum da pensão, corado por causa da imersão na banheira diminuta no andar de cima.

— Tenho certeza de que vou gostar — respondeu ele, curioso com o próprio estado de espírito depressivo.

A criada levou café e pãezinhos. Ele devolveu o olhar vazio do jovem cabeçudo e retornou, timidamente, os

cumprimentos dos senhores rabugentos. Não tentou terminar o café e ficou sentado esmigalhando um pãozinho, sem perceber os olhares simpáticos da madame Marotte, que tinha tato suficiente para não incomodá-lo.

Naquele momento entrou uma empregada com uma bandeja na qual se equilibravam duas canecas de chocolate, e os senhores olharam com lascívia para os tornozelos da mulher. A criada pôs o chocolate em uma mesa perto da janela e sorriu para Hastings. Depois, uma moça magra, seguida por sua contraparte em tudo, menos na idade, chegou ao salão e ocupou a mesa perto da janela. Eram evidentemente americanas, mas, se Hastings esperava algum sinal de reconhecimento, ficou desapontado. Ser ignorado por compatriotas apenas agravou sua depressão. Ele mexeu com a faca e olhou para o prato.

A moça magra era bem falante. Estava bastante consciente da presença de Hastings, pronta para sentir-se lisonjeada se ele a observasse, mas, por outro lado, sentia-se superior, pois já estava em Paris havia três semanas, e ele, era fácil perceber, ainda não havia desfeito o baú que trouxera consigo em seu vapor.

A conversa dela era pedante. Discutia com a mãe os pontos positivos do Louvre e do Bon Marché, mas a parte da mãe na discussão limitava-se principalmente à observação:

— Ora, Susie!

Os senhores rabugentos haviam deixado o salão juntos, com aparente educação, mas furiosos por dentro. Não suportavam as americanas, que enchiam o aposento com a conversa.

O rapaz cabeçudo pigarreou deliberadamente, olhou para eles e murmurou:

— Que par mais alegre!

— Eles parecem velhos maus, sr. Bladen — disse a garota.

Ao ouvir isso, o sr. Bladen sorriu.

— O tempo deles já passou — disse, em um tom que indicava que era o tempo dele.

— E é por isso que todos têm olheiras! — exclamou a moça. — Acho uma vergonha que jovens cavalheiros...

— Ora, Susie! — interrompeu a mãe, e a conversa acabou.

Depois de algum tempo, o sr. Bladen largou o *Petit Journal*[2], que lia diariamente à custa da casa, e, virando-se para Hastings, começou a tentar puxar conversa.

— Vejo que é americano — começou ele.

A essa abertura brilhante e original, Hastings, morrendo de saudades de casa, respondeu agradecido, e a conversa foi criteriosamente mantida por observações da srta. Susie Byng claramente dirigidas ao sr. Bladen. Com o decorrer dos acontecimentos, a srta. Susie começou a se esquecer de se dirigir ao sr. Bladen, e Hastings passou a responder às perguntas genéricas dela. Assim se estabeleceu uma aliança informal, e Susie e a mãe estenderam um protetorado sobre o que era, claramente, território neutro.

— Sr. Hastings, evite abandonar a pensão todas as noites como faz o sr. Bladen. Paris é um lugar horrível para rapazes, e o sr. Bladen não tem jeito.

O sr. Bladen pareceu contente.

— Passarei o dia inteiro no estúdio e imagino que ficarei bem satisfeito em voltar à noite — respondeu Hastings.

O sr. Bladen, que recebia um salário de quinze dólares por semana, trabalhava como agente da Pewly Manufacturing Company de Troy, NY. Ele abriu um sorriso cético e se retirou para ir a um compromisso com um cliente no Boulevard Magenta.

Hastings foi caminhar no jardim com a sra. Byng e Susie e, a convite delas, sentou-se à sombra, diante do portão de ferro.

As nogueiras ainda tinham os brotos fragrantes, cor-de-rosa e brancos, e as abelhas zumbiam em meio às rosas que cresciam em treliças nas paredes brancas da casa.

O ar estava leve e fresco. As carroças de água da limpeza moviam-se pela rua, e uma corrente límpida borbulhava nas sarjetas imaculadas da Rue de la Grande Chaumière. Os pardais estavam felizes ao longo dos meios-fios, tomando vários banhos na água e arrepiando as penas com prazer. Em um jardim cercado por muros do outro lado da rua, um par de melros cantava em meio a amendoeiras.

Hastings engoliu o nó na garganta, pois a música dos pássaros e o barulho da água de uma sarjeta em Paris lhe trouxeram de volta as campinas ensolaradas de Millbrook.

— Aquele é um melro — comentou a srta. Byng. — Veja, ali no arbusto com brotos cor-de-rosa. Ele é todo preto, menos o bico, que parece ter sido mergulhado em uma omelete, como dizem alguns franceses...

— Ora, Susie! — exclamou a sra. Byng.

— Aquele é o jardim do estúdio onde moram dois americanos — prosseguiu tranquilamente a garota. — Eu sempre os vejo passar. Eles parecem precisar de muitos modelos, a maioria jovem e feminina...

— Ora, Susie!

— Talvez eles prefiram esse tipo de pintura, mas não vejo por que precisam convidar cinco, com mais três jovens cavalheiros, e todos entram em duas carruagens alugadas e saem cantando. Esta rua é sem graça. Não há nada para se ver, a não ser o jardim e um vislumbre do Boulevard Montparnasse, do outro lado da Rue de la Grande Chaumière. Ninguém nunca passa, exceto um policial. E há um convento na esquina.

— Achei que fosse um colégio jesuíta — começou Hastings, mas foi imediatamente esmagado por uma descrição de guia de viagens, que terminava com: “de um lado ficam os palacetes de Jean-Paul Laurens e Guillaume Bouguereau, e, do outro, na pequena Passage Stanislas, Carolus Duran pinta as obras-primas que encantam o mundo”.

O melro irrompeu em uma onda de notas belas e profundas, e, de algum ponto verde distante na cidade, um pássaro silvestre desconhecido respondeu em um frenesi de chilreios fluidos, até que os pardais interromperam suas abluções para olhar para o alto com pios nervosos.

Então uma borboleta surgiu e pousou em uma moita de heliotrópio e agitou as asas com faixas escarlate ao calor do sol. Hastings sabia que era uma amiga, e diante de seus olhos surgiu uma visão de verbascos altos e asclépias perfumadas, vivas e com asas coloridas, uma visão de uma casa branca e uma *piazza* coberta de madressilvas, um vislumbre de um homem lendo e de uma mulher debruçada em um canteiro de amores-perfeitos. Ficou entristecido. No instante seguinte, foi despertado pela srta. Byng:

— Acho que está com saudade de casa!

Hastings corou. A srta. Byng olhou para ele com um suspiro simpático e continuou:

— No início, sempre que eu sentia saudade de casa, ia com mamãe passear no Jardim de Luxemburgo. Não sei por quê, mas aqueles jardins antiquados pareciam me aproximar mais de casa do que qualquer outra coisa nesta cidade artificial.

— Mas eles estão cheios de estátuas de mármore — disse, delicadamente, a sra. Byng. — Não consigo ver a semelhança.

— Onde fica o Luxemburgo? — indagou Hastings após um momento de silêncio.

— Acompanhe-me até o portão — disse a srta. Byng.

Ele se levantou e a seguiu, e ela apontou para a Rue Vavin, no fim da rua.

— Você passa pelo convento e pega a direita — disse ela, e sorriu; Hastings foi.

III

O Luxemburgo era uma profusão de flores. Ele caminhou lentamente pelas longas alamedas, passou por mármores cobertos de limo e colunas antigas e, andando entre as árvores do bosque perto do leão de bronze, chegou ao pátio cercado por árvores acima da fonte. Abaixo, havia um grande espelho d'água brilhando à luz do sol. Amendoeiras em flor circundavam o local e, em uma espiral maior, um bosque de nogueiras estendia-se para os lados em meio aos arbustos densos e úmidos perto da ala oeste do palácio. Em uma extremidade da alameda erguia-se o Observatório, com sua abóbada branca, como uma mesquita, no topo. Na outra extremidade ficava o pesado palácio, com todas as vidraças das janelas chamejantes sob o forte sol de junho.

Em torno da fonte, crianças e babás de touca branca, armadas com varas de bambu, empurravam barcos de brinquedo, cujas velas pendiam imóveis à luz do sol. Um policial de cabelo escuro, usando dragonas vermelhas e portando uma espada curta, observou-os por algum tempo e depois repreendeu um rapaz que soltara o cão da coleira. O cachorro estava ocupado, espojando-se na grama e na terra enquanto sacudia as patas ao ar.

O policial apontou para o cão. Sua indignação o deixou sem fala.

— Bem, capitão — disse o rapaz, e sorriu.

— Bem, monsieur estudante — retrucou, com rispidez, o policial.

— O senhor veio até aqui reclamar do quê?

— Se o senhor não o prender, eu vou levá-lo! — gritou o policial.

— O que isso tem a ver comigo, *mon capitaine*?

— O quê?! Esse buldogue não é seu?

— Se fosse, o senhor não acha que eu o traria na coleira?

O policial observou por um momento em silêncio; depois, concluindo que, por ser um estudante, o rapaz estava mal-intencionado, tentou agarrar o cachorro, que imediatamente se esquivou. Os dois correram em círculos em torno do

canteiro de flores, e, quando o policial chegou perto demais, o buldogue cortou caminho pelo meio do canteiro, o que talvez fosse uma trapaça.

O rapaz divertia-se, e o cão parecia gostar do exercício.

O policial percebeu e resolveu atacar a fonte do mal. Correu até o estudante e exclamou:

— Como proprietário deste transtorno ao público, o senhor está preso!

— Mas esse cachorro não é meu — reclamou o outro.

Uma situação complicada. Tentaram pegar o cachorro, até que três jardineiros foram ajudar, mas então o animal simplesmente saiu correndo e desapareceu na Rue de Médicis.

O policial saiu andando lentamente, em busca de consolo em meio às babás de touca branca, e o estudante, olhando para o relógio, levantou-se, bocejando. Então, ao ver Hastings, sorriu e fez uma reverência. Hastings seguiu rindo até a estátua de mármore.

— Nossa, Clifford! — exclamou. — Não o reconheci.

— É meu bigode — disse o outro, e suspirou. — Eu o sacrifiquei para satisfazer o capricho de... de... uma amiga. O que achou de meu cachorro?

— Então ele é seu!?

— É claro. É uma mudança agradável para ele, isso de brincar de pique com um policial. Mas agora ele ficou conhecido, e vou ter que parar com isso. Ele foi para casa. Sempre vai quando os jardineiros tentam pegá-lo. É uma pena. Ele adora rolar nos gramados.

Conversaram por um momento sobre os planos de Hastings, e Clifford educadamente lhe abriu as portas de seu estúdio.

— Sabe, o velho fofoqueiro, quer dizer, o dr. Byram, ele me falou sobre você antes de nos conhecermos — explicou Clifford. — E Elliott e eu ficaremos felizes em fazer o que pudermos. — Depois, voltando a olhar para o relógio, murmurou: — Tenho só dez minutos para pegar o trem para

Versalhes. Au revoir. — E estava indo embora, mas, ao ver uma garota perto da fonte se aproximar, tirou o chapéu com um sorriso confuso.

— Por que não está em Versalhes? — perguntou ela, reconhecendo a presença de Hastings com um movimento quase imperceptível.

— Eu... eu estou indo — murmurou Clifford.

Por um instante eles se encararam; depois, Clifford, muito corado, gaguejou:

— Com sua permissão, tenho a honra de lhe apresentar meu amigo, monsieur Hastings.

Hastings fez uma reverência. Ela deu um sorriso muito simpático, mas havia certa malícia na leve inclinação de sua pequena cabeça *parisienne*.

— Eu gostaria que monsieur Clifford pudesse me dedicar mais tempo quando tem a companhia de um americano tão charmoso — comentou ela.

— Eu devo... eu devo ir, Valentine? — perguntou Clifford.

— É claro — respondeu ela.

Clifford foi embora muito sem graça e fez uma expressão de desagrado quando ela acrescentou:

— E mande lembranças com todo o meu amor para Cécile!

Quando ele desapareceu na Rue d'Assas, a garota virou-se como quem ia partir, mas então, ao se lembrar de Hastings subitamente, encarou-o e sacudiu a cabeça.

— Monsieur Clifford é tão tolo que às vezes é constrangedor. — Ela sorriu. — O senhor soube do sucesso que ele fez no Salon, não?

Ele pareceu confuso, e ela percebeu.

— É claro que o senhor foi ao Salon, não?

— Ora, não — respondeu ele. — Cheguei a Paris há apenas três dias.

Ela pareceu dar pouca importância à resposta e continuou:

— Ninguém imaginava que ele tivesse a energia para fazer alguma coisa boa, mas, no dia da abertura, o Salon ficou surpreso com o trabalho inscrito por monsieur Clifford, que circulou pelo local totalmente tranquilo com uma orquídea na lapela e um belo quadro em exposição.

Ela riu sozinha com a lembrança e olhou para a fonte.

— Monsieur Bouguereau me contou que monsieur Julian ficou tão pasmo que apenas apertou a mão de monsieur Clifford, meio atônito, e esqueceu-se de lhe dar um tapinha nas costas! Veja só — prosseguiu ela, com muita satisfação. — Veja só, papa Julian se esquecer de dar um tapinha nas costas de alguém.

Curioso sobre a amizade da moça com o grande Bouguereau[3], Hastings olhou para ela com respeito.

— Posso perguntar se a senhorita é aluna de Bouguereau? — indagou timidamente.

— Eu? — respondeu ela, com certa surpresa. Depois o encarou com curiosidade. Será que ele estava tomando a liberdade de fazer piadas, conhecendo-a fazia tão pouco tempo?

O rosto agradável e sério dele perguntava ao dela.

“*Tiens*”, pensou ela. “Que homem engraçado.”

— Você com certeza estuda arte, não? — perguntou ele.

Ela inclinou-se para trás, encostando no cabo curvo de sua sombrinha, e olhou para ele.

— Por que acha isso?

— Pelo seu jeito de falar.

— O senhor está caçoando de mim. E isso não é de bom tom. — Ela parou, confusa, enquanto ele enrubescia até a raiz do cabelo. — Há quanto tempo o senhor está em Paris? — perguntou ela, por fim.

— Três dias — respondeu ele seriamente.

— Mas... mas... sem dúvida o senhor não é um *nouveau*! O senhor fala francês bem demais! — Então continuou, após uma pausa: — O senhor é mesmo um *nouveau*?

— Sou — respondeu ele.

Ela se sentou no banco de mármore que Clifford ocupara, e, inclinando a sombrinha sobre sua pequena cabeça, encarou-o e disse:

— Não acredito nisso.

Ele percebeu que era um elogio e, por um momento, hesitou em se declarar um dos desprezados. Depois, tomou coragem e disse como era novo e verde, e tudo com uma franqueza que fez os olhos azuis dela se arregalarem e os lábios se abrirem no mais doce dos sorrisos.

— O senhor nunca esteve em um estúdio?

— Nunca.

— Nem viu uma modelo?

— Não.

— Que engraçado — disse ela solenemente.

Ambos riram.

— E a senhorita? Já esteve em estúdios? — perguntou ele.

— Centenas.

— E viu modelos?

— Milhões.

— E conhece Bouguereau?

— Conheço, e Henner e Constant e Laurens e Puvis de Chavannes e Dagnan e Courtois e... e todos os outros!

— E, mesmo assim, diz que não é artista.

— *Pardon* — disse ela com seriedade. — Eu disse que não era?

— Não quer me dizer? — perguntou ele em tom de hesitação.

No início, ela o encarou, sacudiu a cabeça e sorriu. Até que, de repente, baixou os olhos e, com a sombrinha, começou a desenhar figuras no cascalho a seus pés. Hastings tinha tomado um lugar no banco, e agora, com os cotovelos nos joelhos, observava o jato de água que a fonte lançava para o alto. Um menininho vestido de marinheiro empurrava seu barco e gritava:

— Eu não vou para casa! Eu não vou para casa!

A babá levantava as mãos para o céu.

“Igual a um menino americano”, pensou Hastings, e foi atingido por uma pontada de saudade de casa.

A babá capturou o barco, e o menininho ficou ao lado.

— Monsieur René, quando voltar aqui, vai ter o barco de volta.

O menino afastou-se fazendo cara feia.

— Me dá meu barco! — gritou ele. — E não me chama de René, porque meu nome é Randall e você sabe disso!

— Olá! — disse Hastings. — Randall? Isso é inglês.

— Eu sou americano — anunciou o garoto em inglês perfeito, virando-se para encarar Hastings. — E ela é tão boba que me chama de René porque minha mãe me chama de Ranny...

Então ele saiu de perto da desesperada babá e escondeu-se atrás de Hastings, que riu e, pegando-o pela cintura, levantou-o no colo.

— Um de meus compatriotas — disse ele para a moça a seu lado. Ele sorriu quando falou, mas sentiu algo estranho na garganta.

— Viu a bandeira americana no meu barco? — perguntou Randall. As cores do pavilhão americano de fato pendiam, imóveis, debaixo do braço da babá.

— Ah! — exclamou a moça. — Ele é encantador.

E, impulsivamente, inclinou-se para beijá-lo, mas o pequeno Randall sacudiu-se e soltou-se dos braços de Hastings, e a babá lançou-se sobre ele com um olhar raivoso para a garota.

Ela corou e em seguida mordeu o lábio quando a babá, os olhos ainda fixos nela, arrastou a criança para longe e, de modo explícito, limpou os lábios dele com um lenço.

Então Valentine lançou um olhar para Hastings e tornou a morder o lábio.

— Que mulher mal-humorada! — exclamou ele. — Nos Estados Unidos, a maioria das babás fica lisonjeada quando as pessoas beijam as crianças.

Por um instante, ela inclinou a sombrinha para esconder o rosto, depois a fechou de uma só vez e o encarou de modo desafiador.

— O senhor acha estranho que ela tenha desaprovado meu gesto?

— Por que não? — retrucou ele, surpreso.

Ela tornou a encará-lo com um olhar rápido e curioso.

Os olhos de Hastings estavam francos e brilhantes, e ele sorriu de novo e repetiu:

— Por que não?

— Você *é* engraçado — murmurou ela, baixando a cabeça.

— Por quê?

Mas ela não respondeu, ficou ali sentada em silêncio, traçando curvas e círculos na terra com a sombrinha. Após algum tempo, ele disse:

— Gosto de ver que os jovens têm muita liberdade aqui. Achava que os franceses nada tinham a ver conosco. Sabe, nos Estados Unidos, ou pelo menos onde moro, em Millbrook, as garotas têm toda liberdade... saem sozinhas e recebem amigos sozinhas, e achei que sentiria falta disso aqui. Mas agora sei como as coisas são e fico feliz em ver que estava enganado.

Ela ergueu o olhar para ele e ficou encarando-o.

Satisfeito, ele continuou:

— Desde que me sentei aqui, já vi várias garotas bonitas caminhando sozinhas por este pátio... e também *a senhorita* está sozinha. Diga-me, pois não conheço os costumes franceses: as senhoritas têm a liberdade de ir ao teatro sem acompanhante?

Por um bom tempo, ela estudou seu rosto; depois, com um sorriso trêmulo, indagou de volta:

— Por que está me perguntando isso?

— Porque a senhorita deve saber, é claro — respondeu Hastings alegremente.

— Sim — respondeu ela com indiferença. — Eu sei.

Ele esperou uma resposta, mas, ao não obter nenhuma, acreditou que ela talvez não o tivesse compreendido.

— Espero que não ache que eu vá tomar liberdade com base no pouco tempo que nos conhecemos... — iniciou ele. — Na verdade, é muito estranho, mas não sei seu nome. Quando o sr. Clifford me apresentou, ele mencionou apenas o meu. É esse o costume na França?

— É o costume no Quartier Latin — disse ela com um brilho malicioso nos olhos. Então, de repente, ela começou a falar quase sem parar: — O senhor deve saber, monsieur Hastings, que todos somos *un peu sans gêne* aqui no Quartier Latin. Somos muito boêmios, não é lugar para etiqueta e cerimônia. Foi por isso que monsieur Clifford o apresentou a mim com pouca cerimônia e nos deixou juntos com menos... só por isso, e sou amiga dele, e tenho muitos amigos no Quartier Latin, e todos nos conhecemos muito bem, e eu não estudo arte, mas... mas...

— Mas o quê? — perguntou Hastings, desconcertado.

— Não vou lhe contar... é segredo — disse ela com um sorriso hesitante. Em suas faces queimavam manchas cor-de-rosa, e os olhos estavam muito vivos.

Mas, no instante seguinte, sua expressão fechou-se.

— O senhor é muito íntimo de monsieur Clifford?

— Não muito.

Após algum tempo, ela virou-se para ele, séria e um pouco pálida.

— Meu nome é Valentine... Valentine Tissot. Poderia... eu poderia pedir-lhe um favor, mesmo o conhecendo há tão pouco tempo?

— Ah! — exclamou ele. — Eu me sentiria honrado.

— É só uma coisa... — disse ela com delicadeza. — Não é nada de mais. Prometa que não falará sobre mim com monsieur Clifford. Prometa-me que não falará a ninguém sobre mim.

— Prometo — disse ele, extremamente intrigado.

Ela deu um riso nervoso.

— Desejo permanecer um mistério. É um capricho.
— Mas... eu desejava, eu esperava que a senhorita desse a monsieur Clifford permissão para me levar, para me apresentar sua casa.
— Minha... minha casa! — repetiu ela.
— Quer dizer, na verdade, onde a senhorita mora, apresentar-me a sua família.
A mudança no rosto da moça o chocou.
— Sinto muito! — exclamou ele. — Eu a magoei.
E, por ser mulher, rápida como um raio, ela o entendeu.
— Meus pais morreram — disse ela.
Então ele recomeçou, com muita delicadeza:
— Seria de seu desagrado se eu lhe implorasse que me recebesse? É esse o costume?
— Não posso — respondeu ela. Depois, olhou para ele. — Desculpe-me. Eu gostaria de fazê-lo, mas, acredite, não posso.
Ele fez uma reverência séria e pareceu ligeiramente desconfortável.
— Não é que eu não deseje. Eu... eu gosto do senhor. O senhor é bom demais para mim.
— Bom? — perguntou ele em tom de exclamação, surpreso e intrigado.
— Gosto do senhor — disse ela devagar. — E vamos nos ver outras vezes, se quiser.
— Em casas de amigos.
— Não, não em casas de amigos.
— Onde?
— Aqui — disse ela, com um olhar desafiador.
— Nossa! — exclamou ele. — Em Paris, vocês têm visões muito mais liberais do que nós.
Ela o encarou com curiosidade.
— É, somos muito boêmios.
— Acho isso um charme — declarou ele.
— Sabe, estaremos em meio à nata da sociedade — arriscou ela timidamente, com um gesto gracioso na direção

das estátuas das rainhas mortas alinhadas em poses grandiosas no pátio superior.

Encantado, Hastings olhou para Valentine, e ela sorriu ante o sucesso de sua piadinha inocente.

— Na verdade — disse ela, sorrindo —, estarei muito bem-acompanhada, porque, veja, estamos sob a proteção dos próprios deuses. Veja: lá estão Apolo, Juno e Vênus em seus pedestais — continuou, contando-os com seus pequenos dedos enluvados. — E Ceres, Hércules... mas não consigo identificar...

Hastings virou-se para avistar o deus alado, cuja sombra os abrigava.

— Ora, é o Amor — disse ele.

IV

— Tem um *nouveau* aqui — disse Laffat com fala arrastada, ao lado de seu cavalete, virando-se para se dirigir ao amigo Bowles. — Tem um *nouveau* aqui que é tão macio, fresco e apetitoso que, se ele cair em uma saladeira, só Deus para ajudar.

— Caipira? — indagou Bowles, que pintava um fundo com uma espátula quebrada. Ele olhou de viés para o efeito e o aprovou.

— É. De Fim do mundo ou Oshkosh, e só Deus sabe como, brotando entre as margaridas, escapou de ser comido pelas vacas!

Bowles passou o polegar pelos contornos de seu esboço para, em suas palavras, “dar um pouco de clima”, depois olhou para o modelo, deu uma baforada em seu cachimbo e, ao ver que estava apagado, riscou um fósforo nas costas do companheiro ao lado para reacendê-lo.

— O nome dele — prosseguiu Laffat, jogando um pedaço de pão na chapeleira —, o nome dele é Hastings. Ele é

inacreditável. Sabe tanto do mundo quanto uma gatinha em seu primeiro passeio ao luar. — Enquanto falava, sua expressão dizia muito sobre seu conhecimento do planeta.

Bowles, que conseguira acender o cachimbo, repetiu o toque com o polegar na outra extremidade do esboço e disse:

— Ah!

— É — continuou o amigo. — E imagine só: parece que ele acha que tudo aqui funciona como em sua maldita fazenda no meio do nada. Ele fala sobre as garotas bonitas que andam sozinhas na rua. Diz como isso é sensato. E como os americanos têm uma visão errada dos pais franceses. Para ele, as garotas francesas, e ele confessou conhecer apenas uma, são tão alegres quanto as americanas. Tentei lhe explicar as coisas, dar algum indício a respeito do tipo de mulher que anda por aí sozinha ou com estudantes, e ele ou era burro ou inocente demais para pegar a deixa. Então falei às claras, e ele disse que eu era um tolo de mente pervertida e foi embora.

— Você já o apresentou ao seu pé? — indagou Bowles, com preguiça, mas interessado.

— Ora, não.

— Ele chamou você de tolo de mente pervertida.

— Ele estava certo — intrometeu-se Clifford, de seu cavalete.

— O que... o que quer dizer com isso? — perguntou Laffat, enrubescendo.

— *O que eu disse* — retrucou Clifford.

— Quem falou com você? Isso é assunto seu? — escarneceu Bowles, mas quase perdeu o equilíbrio quando Clifford se virou e olhou para ele.

— É — disse ele lentamente. — É assunto meu.

Por algum tempo, ninguém falou.

— Ei, Hastings! — chamou Clifford após algum tempo.

E, quando Hastings deixou seu cavalete e deu a volta até lá, Clifford gesticulou com a cabeça para Laffat e disse:

— Este homem tem sido muito desagradável com você, e quero que saiba que, se a qualquer momento desejar lhe dar uns chutes, bem, eu seguro a criatura.

Hastings ficou constrangido.

— Ora, não. Não concordo com as ideias dele, só isso.

— É óbvio — disse Clifford, que deu o braço a Hastings, saiu andando com ele e o apresentou a vários de seus amigos, o que deixou todos os outros *nouveaux* de olhos arregalados de inveja e fez o estúdio entender que Hastings, apesar de preparado para fazer apenas os trabalhos mais simples, por ser o *nouveau* mais recente, já pertencia ao charmoso círculo dos veteranos, respeitados e temidos, os realmente grandes.

Os demais terminaram seus esboços, o modelo retomou o lugar e o trabalho prosseguiu em um coro de canções e berros e todo ruído de estourar os tímpanos que os estudantes de arte emitem ao estudar o belo.

Deu cinco horas. O modelo bocejou, se espreguiçou e vestiu as calças, e os ocupantes ruidosos de seis estúdios lotaram o saguão e desceram a rua. Dez minutos mais tarde, Hastings embarcou em um bonde para Montrouge. Pouco depois, Clifford se juntou a ele.

Eles desceram na Rue Gay Lussac.

— Sempre paro aqui — afirmou Clifford. — Gosto de caminhar pelo Luxemburgo.

— Por falar nisso, como posso visitá-lo se não sei onde você mora?

— Ora, eu moro em frente a você.

— O quê? O estúdio no jardim com as amendoeiras e os melros...

— Exatamente. Moro com meu amigo Elliott.

Hastings ficou sem reação ao pensar na descrição que a srta. Susie Byng fizera dos dois artistas americanos.

— Talvez seja melhor avisar quando resolver aparecer, para que eu com certeza... esteja lá — continuou Clifford, de modo pouco convincente.

— Eu não gostaria de encontrar alguma de suas amigas modelos lá — disse Hastings, sorrindo. — Você sabe que minhas ideias são um tanto antiquadas. Acho que você diria puritanas. Não me divertiria e não saberia como me comportar.

— Ah, entendo — disse Clifford, mas acrescentou com grande cordialidade: — Tenho certeza de que seremos amigos, mesmo que você talvez tenha restrições a mim e a meus amigos, mas vai gostar de Severn[4] e de Selby, porque... porque, bem, eles são como você, meu velho. — Após uma pausa, ele continuou: — Há uma coisa sobre a qual eu gostaria de lhe falar. Sabe, na semana passada, quando lhe apresentei a Valentine no Luxemburgo...

— Nem uma palavra! — gritou Hastings, sorrindo. — Você não deve me dizer uma palavra a respeito dela!

— Por quê?

— Não... nem uma palavra! — repetiu, bem-humorado. — Eu insisto. Dê sua palavra de honra que nunca falará dela até que eu lhe dê permissão. Prometa!

— Eu prometo — disse Clifford, surpreso.

— Ela é uma moça encantadora... tivemos uma conversa adorável depois que você foi embora, e lhe agradeço por tê-la me apresentado, porém nem mais uma palavra sobre ela até que eu lhe dê permissão.

— Ah — murmurou Clifford.

— Lembre-se da promessa — disse ele, e sorriu ao atravessar portão para sua residência.

Clifford atravessou a rua e, após passar pelo beco coberto de hera, entrou em seu jardim.

Enquanto procurava a chave do estúdio, ele murmurava:

— Será? Será? Mas não... claro que não!

Ele entrou no corredor e, ao enfiar a chave na fechadura, parou e olhou para os dois cartões presos na porta.

— Por que diabos ele não quer que eu fale sobre ela?

Abriu a porta e, dispensando os carinhos dos dois buldogues malhados, afundou no sofá.

Elliott estava sentado perto da janela, fumando e desenhando com um pedaço de carvão.

— Olá — disse ele, sem olhar em volta.

Clifford observou distraidamente a nuca do amigo e murmurou:

— Estou com medo, estou com medo de que o homem seja inocente demais. Estou lhe dizendo, Elliott — disse ele por fim. — Hastings... você sabe, o sujeito sobre o qual o velho fofoqueiro do Byram veio aqui conversar conosco. O dia em que você teve que esconder Colette[5] no armário...

— Sei. O que aconteceu?

— Ah, nada, ele é um bom sujeito.

— É — disse Elliott, sem entusiasmo.

— Você acha? — perguntou Clifford.

— Ora, acho, mas ele vai sofrer quando algumas de suas ilusões se desfizerem.

— Será mais vergonha para quem acabar com elas!

— É... espere até que ele venha nos visitar, de surpresa, é claro...

Clifford pareceu satisfeito e acendeu um charuto.

— Eu ia dizer isso agora — comentou ele. — Acabo de pedir a ele que não venha sem nos avisar, para eu ter a chance de adiar qualquer orgia que você possa ter planejado...

— Ah! — exclamou Elliott, indignado. — Imagino que tenha dito isso a ele desse modo.

— Não exatamente. — Clifford sorriu. Depois, continuou, mais seriamente: — Não quero que nada do que aconteça

aqui o aborreça. Ele é um homem bom, e é pena que não possamos ser mais como ele.

— Eu sou — comentou Elliott com complacência. — Só que morar com você...

— Escute! Eu comecei as coisas em grande estilo. Sabe o que fiz? Bem, quando eu o reconheci na rua, ou melhor, foi no Luxemburgo, eu o apresentei a Valentine!

— E ele se opôs?

— Acredite em mim — disse Clifford seriamente. — Esse Hastings camponês não tem a menor ideia de que Valentine é... é... na verdade é Valentine, do mesmo modo que tampouco tem de que é um belo exemplo de decência moral em um bairro onde moral é algo tão raro quanto elefantes. Ouvi o bastante em uma conversa entre aquele devasso Laffat e Bowles, aquela pequena erupção imoral, para abrir os olhos. Eu lhe digo: Hastings é uma joia! É um rapaz saudável e de mente limpa, criado em uma cidadezinha do interior, educado com a ideia de que *salons* são paradas no caminho do inferno... e em relação a mulheres...

— O que tem?

— Bem, sua ideia de uma mulher perigosa provavelmente é um quadro de Jezebel.

— Provavelmente — retrucou o outro.

— Ele é uma joia! — disse Clifford. — E, se ele jurar que o mundo é tão bom e puro quanto seu próprio coração, eu vou jurar que ele tem razão.

Elliott esfregou o carvão em sua pasta para apontá-lo, virou-se para o esboço e disse:

— Ele nunca vai ouvir nada pessimista de Richard Osborne E.

— Ele é um exemplo para mim — disse Clifford. Em seguida, desdobrou um pequeno bilhete perfumado escrito em papel cor-de-rosa que estava na mesa a sua frente.

Ele o leu, sorriu, assoviou um ou dois compassos de “Miss Helyett”[6] e se sentou para respondê-lo em seu melhor papel de correspondência de cor creme. Quando a resposta estava escrita e selada, pegou a bengala e deu duas ou três voltas no estúdio, assoviando.

— Vai sair? — indagou o outro, sem se virar.

— Vou — respondeu ele, mas ficou um pouco parado, olhando por cima do ombro de Elliot, que realçava as luzes em seu esboço com um pedaço de pão. — Amanhã é domingo — continuou, após um momento de silêncio.

— E daí?

— Tem visto Colette?

— Não, vou vê-la hoje à noite. Ela, Rowden e Jacqueline vão ao Boulant. Imagino que você e Cécile estarão lá, não?

— Bem, não — respondeu Clifford. — Cécile vai jantar em casa esta noite, e eu... eu estava pensando em ir ao Mignon.

Elliott o encarou com reprovação.

— Você pode fazer todos os preparativos para La Roche sem mim — prosseguiu Clifford, evitando os olhos de Elliott.

— O que você está armando agora?

— Nada — protestou Clifford.

— Não venha com essa — retrucou seu colega com desprezo. — Amigos não fogem para o Mignon quando marcam um jantar no Boulant. Quem é agora? Não. Não vou mais perguntar isso. De que adianta? — Então Elliott levantou a voz para reclamar e bateu na mesa com o cachimbo. — Qual a razão de tentar saber onde você está? O que Cécile vai dizer... ah, sim, o que ela vai dizer? É uma pena que você não consiga permanecer constante por dois meses. Por Jeová! É verdade que o bairro é indulgente, mas você abusa de sua boa vontade, e da minha também!

Ele se levantou, pôs o chapéu e foi até a porta.

— Só Deus sabe por que alguém aguenta seu comportamento irresponsável, mas todos fazem isso, e eu

também. Se eu fosse Cécile ou qualquer uma das belas tolinhas atrás de quem você tem tropegado e, dentro do humanamente possível, continuará tropegando, se eu fosse Cécile, lhe daria uma surra! Agora vou ao Boulant e, como sempre, inventarei desculpas por você e resolverei as coisas, e não dou a mínima para onde você vai, mas, pela caveira do esqueleto do estúdio, se você não aparecer amanhã com seu estojo de desenho embaixo de um braço e Cécile no outro, se você não aparecer em boa forma, não vou mais querer saber de você, e os outros que pensem o que quiserem. Boa noite.

Clifford deu boa-noite com o sorriso mais agradável que conseguiu articular, e então se sentou com os olhos na direção da porta. Puxou o relógio e deu a Elliott dez minutos para desaparecer, depois tocou a campainha do concierge e murmurou:

— Ah, céus, ah, céus, por que diabos eu faço isso? Alfred — disse ele, quando aquela pessoa de olhar penetrante atendeu ao chamado —, vá se limpar e se arrumar, Alfred, e troque seus tamancos por um par de sapatos. Depois, ponha seu melhor chapéu e leve esta carta até a casa branca e grande na Rue de Dragon[7]. Não espere resposta, *mon petit* Alfred.

O concierge partiu com um resfolegar que era um misto de sua falta de disposição para a tarefa e sua afeição por M. Clifford. Depois, com muito cuidado, vestiu-se com todas as belezas do próprio guarda-roupa e do de Elliott. Não se apressou, e de vez em quando interrompia a arrumação para tocar banjo ou se distrair e se divertir com os buldogues, andando de quatro como eles.

“Estou duas horas adiantado”, pensou, e pegou um par de polainas de seda de Elliott, com o qual brincou de buscar com os cães até decidir calçá-las. Então acendeu um cigarro e examinou sua casaca. Depois de esvaziá-la de quatro lenços, um leque e um par de luvas amassadas tão

compridas quanto seu braço, achou que não era adequado acrescentar *éclat* a seus encantos e tentou pensar em um substituto. Elliott era magro demais; além disso, seus casacos agora estavam trancados a chave. Rowden provavelmente estava tão mal quanto ele mesmo. Hastings! Hastings era a solução! Mas, quando ele vestiu um smoking e foi até a casa de Hastings, foi informado de que o jovem havia saído fazia mais de uma hora.

— Agora, em nome de tudo o que é razoável, aonde será que ele foi? — murmurou Clifford, olhando para a rua.

A criada não sabia, por isso ele lhe deu um sorriso amável e voltou sem pressa para o estúdio.

Hastings não estava longe. O Luxemburgo fica a cinco minutos de caminhada da Rue Notre Dame des Champs, e ele estava lá, sentado à sombra de um deus alado, e lá permanecera por uma hora, cavando buracos na terra e observando os degraus que levavam do pátio da ala norte para a fonte. O sol estava baixo, um globo arroxeado acima das colinas nubladas de Meudon. Longas faixas de nuvens com toques rosados corriam baixas no céu do oeste, e a distante cúpula dos Invalides reluzia como uma opala através da névoa. Atrás do palácio, a fumaça de uma chaminé alta subia, arroxeada até cruzar o sol, onde mudava para uma barra de fogo derretido. Bem acima da copa escura das nogueiras erguiam-se as torres gêmeas da Igreja de St. Sulpice, uma silhueta cada vez mais escura.

Um melro sonolento cantarolava em algum arbusto próximo, e pombos iam e voltavam com o sussurro de ventos suaves em suas asas. A luz nas janelas do palácio havia morrido, e a cúpula do Panteão flutuava reluzente acima do pátio, um Valhala flamejante no céu; enquanto, abaixo, em um arranjo sombrio ao longo dos jardins, as fileiras de estátuas de rainhas olhavam para o oeste.

Do final do longo caminho, diante da fachada norte do palácio, chegava o som dos ônibus e dos gritos da rua. Hastings avistou o relógio do palácio. Seis horas, e, como

seu relógio concordava, começou a cavar buracos no cascalho novamente. Um fluxo constante de pessoas passava entre o Odéon e a fonte. Padres de preto com sapatos de fivela prateada; soldados uniformizados caminhando preguiçosa e jovialmente; garotas arrumadas, sem chapéu, levando caixas de chapeleiros; estudantes com pastas pretas e de cartola, estudantes usando boinas e bengalas grandes; oficiais nervosos e de passos rápidos, sinfonias em turquesa e prata; cavaleiros lentos e pesados fazendo um ruído áspero na terra; entregadores de confeitaria saltitando sem preocupação alguma pela segurança das cestas equilibradas em suas cabeças endiabradas; e finalmente os excluídos, os vagabundos de Paris se arrastando lentamente com os ombros curvados e olhando discretamente para o chão à procura da guimba de algum fumante. Todos cruzavam a área em torno do círculo da fonte em um fluxo contínuo e saíam para a cidade pelo Odéon, cujas longas arcadas começavam a tremeluzir com a luz dos bicos de gás. Os sinos melancólicos da St. Sulpice bateram a hora, e o relógio da torre do palácio acendeu. Então, passos apressados soaram do outro lado do caminho de cascalho, e Hastings levantou a cabeça.

— Como você se atrasou! — exclamou ele, mas sua voz estava rouca, e apenas o rubor em seu rosto revelava o quão longa lhe parecera a espera.

— Na verdade, fiquei presa — retrucou ela. — Fiquei muito aborrecida... e... e só posso ficar um pouco.

Valentine se sentou ao lado dele e lançou um olhar furtivo por sobre o ombro para o deus no pedestal que servira de abrigo para Hastings.

— Que aborrecimento. Esse Cupido intrometido ainda está aí? — continuou ela.

— Com asas e flechas, também — disse Hastings, sem notar que Valentine sentou-se ao seu lado.

— Asas — murmurou ela. — Ah, sim... para voar e ir embora quando ele se cansar da brincadeira. Claro que foi

um homem que teve a ideia das asas, do contrário o Cupido teria sido insuportável.

— Você acha?

— *Ma foi*, é isso que pensam os homens.

— E as mulheres?

— Ah — disse ela, balançando sua pequena cabeça. — Eu me esqueci totalmente do que estávamos falando.

— Estávamos falando de amor — disse Hastings.

— *Eu* não estava — disse a garota. Depois, olhando para o deus de mármore, continuou: — Não ligo nada para esse aí. Não acredito que saiba atirar as flechas... não mesmo, ele é um covarde. Ele se aproxima furtivamente como um assassino ao anoitecer. Não aprovo a covardia — declarou ela, e deu as costas para a estátua.

— Eu acho — disse Hastings em voz baixa — que ele atira bem... sim, e até avisa as pessoas.

— Fala por experiência, monsieur Hastings?

Ele a encarou e disse:

— Ele está me alertando.

— Então tome cuidado! — exclamou ela com um riso nervoso.

Enquanto falava, tirou as luvas e, em seguida, começou cuidadosamente a calçá-las outra vez. Quando terminou, avistou o relógio do palácio.

— Ah, meu Deus, como já é tarde! — disse ela. Então, abriu e fechou a sombrinha antes de olhar para ele.

— Não. Não vou tomar cuidado.

— Ah, meu Deus. — Ela suspirou de novo. — Ainda está falando sobre essa estátua chata? — Depois, olhou de esguelha para o rosto de Hastings. — Eu acho... acho que o senhor está apaixonado.

— Não sei — murmurou ele. — Acho que estou.

Ela ergueu a cabeça em um gesto rápido.

— O senhor parece adorar a ideia — comentou, mas mordeu o lábio e estremeceu quando seus olhares se encontraram.

Então ela foi tomada por um medo repentino, levantou-se rapidamente e encarou as sombras que se aglomeravam.

— Está com frio? — perguntou ele.

— Minha nossa, minha nossa, é tarde... muito tarde! Tenho que ir... boa noite — respondeu ela.

Ela lhe ofereceu a mão enluvada e depois, assustada, a afastou.

— O que foi? — insistiu ele. — Está com medo?

Ela o encarou de modo estranho.

— Não... não... não com medo. Você é bom demais para mim...

— Por Jeová! — exclamou ele. — O que quer dizer quando fala que sou bom demais para você? É pelo menos a terceira vez, e eu não entendo!

O som de um tambor da casa da guarda no palácio o interrompeu.

— Escute — murmurou ela. — Eles vão fechar. É tarde, ah, muito tarde!

O rufar do tambor aumentou de volume, e a silhueta do homem que o tocava recortou o céu acima do pátio leste. A luz que se esvaía perdurou um instante em seu cinto e sua baioneta, e então ele penetrou as sombras, despertando os ecos com o tambor. O rufar ficou mais baixo conforme ele foi para o leste, depois aumentou, e tocava com cada vez mais força quando ele passou pela alameda perto do leão de bronze e entrou no passeio do pátio oeste. O tambor soava cada vez mais alto, e os ecos devolviam as notas das paredes cinza do palácio. Então, o homem do tambor assomou diante deles, suas calças vermelhas pareciam uma mancha sem brilho na escuridão que caía, o metal de seu tambor e de sua baioneta emitindo um brilho pálido; suas dragonas, jogadas nos ombros. Ele passou deixando a batida do tambor nos ouvidos dos dois, e, longe, mas naquela alameda, eles viram a pequena caneca de metal cintilar em seu embornal. Os sentinelas começaram seus gritos monótonos:

— On ferme! On ferme!

E a corneta soou no quartel da Rue de Tournon.

— On ferme! On ferme!

— Boa noite — sussurrou ela. — Esta noite eu devo voltar sozinha.

Ele a observou chegar ao pátio norte e então sentou-se no banco de mármore até que uma mão em seu ombro e o cintilar de baionetas o alertaram para que fosse embora.

Valentine atravessou o bosque e, ao entrar na Rue de Médicis, foi até o bulevar. Na esquina, comprou um buquê de violetas e seguiu até a Rue des Écoles. Um coche de aluguel parou em frente ao Boulant, e dele saiu uma garota bonita acompanhada por Elliott.

— Valentine! — exclamou a garota. — Venha conosco!

— Não posso — disse ela, parando por um instante. — Tenho um encontro no Mignon.

— Não com Victor! — exclamou a garota, rindo, mas ela passou com um leve tremor e lhe deu boa-noite com um aceno de cabeça.

Depois, entrou no Boulevard St. Germain e caminhou mais rápido para escapar de um grupo animado que, sentado em frente ao Café Cluny, a convidou para se juntar a eles. À porta do Mignon havia um negro, preto como carvão, de uniforme. Ele tirou o quepe quando ela subiu as escadarias acarpetadas.

— Peça a Eugene para vir falar comigo — disse ela no escritório, e, no corredor à direita do salão, parou diante de uma série de portas almofadadas.

Um garçom passou, e ela tornou a chamar Eugene, que naquele instante apareceu, passou por ela em silêncio, fez uma reverência e murmurou:

— Madame.

— Quem está aqui?

— Ninguém nos reservados, madame. No mezanino estão madame Madelon e monsieur Gay, monsieur de Clamart, monsieur Clisson, madame Marie e seu grupo. — Então ele

olhou ao redor e, com outra reverência, murmurou: — O monsieur aguarda a madame há meia hora.

E bateu na porta almofadada que exibia o número seis.

Clifford abriu a porta, e a garota entrou.

O garçom esperou que ela entrasse e sussurrou:

— Monsieur fará o favor de tocar a campainha?

Então, desapareceu.

Ele a ajudou a tirar o casaco e pegou seu chapéu e sua sombrinha. Quando estava sentada à mesinha em frente a Clifford, ela sorriu, debruçou-se para a frente, apoiando-se nos cotovelos, e o encarou.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Esperando — respondeu ele, em tom de adoração.

Por um instante ela se virou e se examinou no espelho. Os grandes olhos azuis, o cabelo cacheado, o nariz reto e os lábios pequenos e curvados brilharam no espelho só por um instante; então, ao fundo, o objeto refletiu a beleza de seu pescoço e suas costas.

— Assim eu dou as costas para a vaidade — disse ela. Em seguida, debruçando-se para a frente outra vez, perguntou novamente: — O que está fazendo aqui?

— Esperando você — repetiu Clifford, um tanto aborrecido.

— E Cécile.

— Pare, Valentine...

— Você sabe que não gosto de sua conduta? — perguntou ela com calma.

Desconcertado, ele tocou a campainha para chamar Eugene e encobrir sua confusão.

A sopa era *bisque*, e o vinho, Pommery, e os pratos se seguiram com a regularidade habitual até que Eugene levou o café e não restou nada na mesa, além de uma pequena luminária de prata.

— Valentine — disse Clifford, depois de obter permissão para fumar —, é o Vaudeville ou o Eldorado... ou os dois, ou o Nouveau Cirque, ou...

— É aqui — disse Valentine.

— Bem — disse ele, extremamente lisonjeado —, infelizmente não consegui diverti-la...

— Ah, sim, você é mais engraçado que o Eldorado.

— Agora, olhe aqui, não venha me ridicularizar, Valentine. Você sempre faz isso, e... e... você sabe o que dizem... que há coisas que podem matar de rir...

— O quê?

— Hum... hum... o amor e essas coisas.

Ela riu até os olhos se encherem de lágrimas.

— *Tiens!* — exclamou ela. — Então, ele morreu!

Clifford a encarou cada vez mais alarmado.

— Você sabe por que eu vim? — perguntou ela.

— Não — respondeu ele, sentindo-se desconfortável. — Não sei.

— Há quanto tempo você me corteja?

— Bem, eu diria... há cerca de um ano — admitiu ele, um pouco surpreso.

— Eu acho que é um ano. Não está cansado?

Ele não respondeu.

— Você não sabe que gosto demais de você para... para jamais me apaixonar por você? — perguntou ela. — Não sabe que somos bons camaradas, amigos demais para isso? E, mesmo que não fôssemos... acha que não conheço sua história, monsieur Clifford?

— Não seja... não seja tão sarcástica — recomendou ele com insistência. — Não seja antipática, Valentine.

— Não sou. Sou simpática. Muito simpática... com você e com Cécile.

— Cécile está cansada de mim.

— Espero que esteja, pois ela merece um destino melhor. *Tiens*, você conhece sua reputação no Quartier? O volúvel, o mais volúvel... absolutamente incorrigível e tão sério quanto um mosquito em uma noite de verão. Pobre Cécile!

Clifford parecia tão desconfortável que ela continuou, agora com mais delicadeza:

— Gosto de você. Você sabe disso. Todo mundo sabe. Você aqui é uma criança mimada. Tudo lhe é permitido, e todos aceitam isso, mas nem todo mundo pode ser vítima de seus caprichos.

— Caprichos! Por Jeová, como se as garotas do Quartier Latin não agissem da mesma forma...

— Não importa... isso não importa! Você não pode fazer julgamentos, não você, entre todos os homens. Por que está aqui esta noite? Ah! — exclamou ela. — Vou lhe dizer por quê! Monsieur recebe um bilhetinho. Envia uma resposta breve. Veste-se com seu traje de conquista...

— Não foi isso — disse Clifford, muito ruborizado.

— Foi sim, e isso se torna você — retrucou ela com um leve sorriso. Depois, voltou a falar, baixinho: — Estou sob seu poder, mas sei que estou sob o poder de um amigo. Vim aqui para confessar isso a você... e é por causa disso que estou aqui para lhe implorar... um... um favor.

Clifford arregalou os olhos, mas não disse nada.

— Minha mente está sofrendo e muito confusa. É monsieur Hastings.

— E? — disse Clifford com certa surpresa.

— Quero lhe pedir — prosseguiu ela em voz baixa —, quero lhe pedir que... que... no caso de falar de mim diante dele... que não diga... que não diga...

— Eu não falarei de você para ele — disse ele em voz baixa.

— Pode impedir que os outros falem?

— Posso, se estiver presente. Posso perguntar por quê?

— Não é justo — murmurou ela. — Você sabe como... como ele me considera... como ele considera todas as mulheres. Você sabe como ele é diferente de você e de todo o resto. Nunca vi um homem... um homem como monsieur Hastings.

Sem perceber, ele deixou o cigarro se apagar.

— Tenho quase medo dele... medo de que ele descubra... o que todos somos no Quartier. Ah, eu não gostaria que ele

soubesse! Não gostaria que ele se... se afastasse de mim... que deixasse de conversar comigo do jeito que conversa! Você... você e o resto não entenderiam o que isso significa para mim. Eu não podia acreditar nele, não podia acreditar que ele fosse tão bom e... e nobre. Não quero que ele saiba... tão cedo. Ele vai descobrir, mais cedo ou mais tarde, ele vai descobrir por conta própria, e vai se afastar de mim. Por quê?! — gritou ardentemente. — Por que ele tem que se afastar de mim e não de *você*?

Muito envergonhado, Clifford olhou para seu cigarro.

A garota se levantou, muito branca.

— Ele é seu amigo... você tem o direito de alertá-lo.

— Ele é meu amigo — disse ele depois de uma pausa.

Eles se entreolharam em silêncio.

Então, ela chorou.

— Por tudo o que me é mais sagrado, você não pode alertá-lo!

— Vou confiar em sua palavra — disse ele em tom amável.

V

O mês passou rápido para Hastings e deixou poucas impressões definitivas ao terminar. Mas deixou. Uma foi a impressão dolorosa de encontrar o sr. Bladen no Boulevard des Capucines na companhia de uma pessoa extremamente jovem cuja risada o assustou, e, quando por fim ele escapou do restaurante para onde o sr. Bladen o arrastara para tomar uma cerveja com eles, sentiu como se todo o lugar o olhasse e o julgasse pela companhia. Mais tarde, uma convicção instintiva em relação à jovem fez seu rosto corar, e ele voltou à pensão em um estado de espírito tão infeliz que a srta. Byng ficou assustada e o aconselhou a superar a saudade de casa de uma vez.

Outra impressão foi igualmente vívida. Certa manhã de sábado, sentindo-se sozinho, suas caminhadas pela cidade o levaram à Gare St. Lazare. Era cedo para o desjejum, mas ele entrou no Hôtel Terminus e sentou-se a uma mesa perto da janela. Quando se virou para fazer o pedido, um homem que passava rapidamente pelo corredor esbarrou em sua cabeça. Ao encará-lo para receber as esperadas desculpas, Hastings recebeu um tapinha no ombro e um caloroso:

— Mas que diabos você está fazendo aqui, meu velho?

Era Rowden, que fez com que ele o acompanhasse. Sob leve protesto, ele foi conduzido a uma sala de jantar particular onde Clifford, um tanto corado, pulou da mesa e lhe deu as boas-vindas com um ar surpreso, o qual foi suavizado pelo sorriso natural de Rowden e a extrema cortesia de Elliott. Este o apresentou a três garotas encantadoras, que o receberam com muito charme e se uniram a Rowden na exigência de que Hastings se juntasse ao grupo, o que ele aceitou de imediato. Enquanto Elliott rapidamente explicou os planos da excursão a La Roche, Hastings comeu com prazer sua omelete e devolveu os sorrisos de Cécile, Colette e Jacqueline. Enquanto isso, Clifford, em um sussurro baixo, chamou Rowden de idiota. O pobre Rowden pareceu arrasado, até que Elliott, adivinhando o desenrolar da situação, fechou a cara para Clifford e encontrou um momento para informar a Rowden que todos eles se esforçariam ao máximo para conseguir.

— Você cale a boca — disse Elliott a Clifford. — É o destino, e pronto.

— É Rowden, e pronto — murmurou Clifford, escondendo um sorriso. Pois, afinal, ele não era babá de Hastings.

O trem que partiu da Gare St. Lazare às nove e quinze da manhã parou por um momento na viagem em direção a Le Havre e deixou na estação de tijolos vermelhos de La Roche um grupo alegre, armado com guarda-sóis, varas de pescar trutas e uma bengala, levada pelo resignado Hastings. Então, quando montaram acampamento em um bosque de

sicômoros que margeava o pequeno rio Epte, Clifford, considerado pelos companheiros mestre de tudo relacionado à vida esportiva, assumiu o comando.

— Você, Rowden — disse ele. — Divida suas iscas artificiais com Elliott e fique de olho, ou ele vai tentar pôr um flutuador e um peso. Use a força para evitar que ele saia cavando atrás de minhocas.

Elliott protestou, mas foi forçado a sorrir em meio à gargalhada geral.

— Você não sabe o que diz — disse com firmeza. — Acha que essa é minha primeira truta?

— Ficarei muito feliz quando vir sua primeira truta — disse Clifford, desviando-se de um anzol com isca artificial que fora arremessado para acertá-lo.

Ele começou a arrumar e equipar três caniços finos destinados a trazer alegria e peixes para Cécile, Colette e Jacqueline. Com total seriedade, ornamentou cada linha com quatro chumbinhos de um cartucho de espingarda, um anzol pequeno e um flutuador de pena.

— Não vou pegar nas minhocas de jeito *nenhum* — anunciou Cécile, com um tremor.

Jacqueline e Colette se apressaram em apoiá-la, e Hastings simpaticamente se ofereceu para pôr as iscas e tirar os peixes de todos os anzóis. Mas Cécile, sem dúvida fascinada pelas iscas artificiais extravagantes de Clifford, resolveu aceitar lições dele sobre essa verdadeira arte e desapareceu Epte acima com Clifford a reboque.

Elliott olhou desconfiado para Colette.

— Prefiro gobiões — disse a moça, decidida. — E você e monsieur Rowden podem ir quando quiserem, não podem, Jacqueline?

— É claro — respondeu Jacqueline.

Sem saber ao certo o que fazer, Elliott examinou sua vara e seu molinete.

— Seu molinete está de cabeça para baixo — comentou Rowden.

Elliott hesitou e deu uma olhada para Colette.

— Eu... eu... estou praticamente decidido a... hum... não jogar minhas iscas agora — começou. — Tem essa vareta que Cécile deixou...

— Não chame de vareta — corrigiu Rowden.

— *Vara*, então — prosseguiu Elliott, e saiu andando atrás das duas garotas, mas foi imediatamente pego pelo pescoço por Rowden.

— Não, não vá! Você já viu uma pescaria de homem com flutuador e peso quando ele tem uma vara com isca artificial em mãos? Você vem conosco!

No local onde o plácido Epte corre entre arbustos na direção do Sena, a margem gramada fazia sombra no habitat dos gobiões, e nessa margem Colette e Jacqueline se sentaram, conversaram, riram e observaram os flutuadores vermelhos se agitarem, enquanto Hastings, com o chapéu na cabeça em uma encosta coberta de musgo, ouvia suas delicadas vozes e galantemente tirava do anzol os pequenos e indignados gobiões quando um vislumbre de uma vara e um gritinho meio abafado anunciavam que elas haviam pegado alguma coisa. A luz do sol era filtrada pelas copas densas das árvores, despertando os pássaros da floresta para a música. Imaculados pássaros, com suas faixas pretas e brancas, passavam esvoaçantes, pousando perto com um pulo e retorcendo a cauda. Gaios azuis e brancos de peito rosado piavam através das árvores, e um falcão que planava baixo circundava os campos de trigo quase maduro, fazendo com que bandos de pássaros levantassem voo dos arbustos, chilreando.

Do outro lado do Sena, uma gaivota mergulhou na água como uma pluma. O ar estava limpo e imóvel. Folha alguma se movia. Ao longe, ouviam-se os vagos sons de uma fazenda, o canto agudo de um galo e latidos abafados. De vez em quando, um rebocador a vapor com uma chaminé alta chamado *Guêpe 27* abria caminho pelo rio arrastando sua interminável fileira de barcaças, ou um barco a vela

descia veloz com a corrente na direção da sonolenta cidade de Rouen.

Um odor suave e fresco de terra e água pairava no ar, e, através da luz do sol, borboletas com asas de borda laranja dançavam na grama do brejo, e borboletas delicadas e aveludadas esvoaçavam através da floresta musgosa.

Hastings estava pensando em Valentine. Eram duas da tarde quando Elliott voltou. Admitindo francamente que tinha despistado Rowden, sentou-se ao lado de Colette e, satisfeito, se preparou para cochilar.

— E suas trutas? — perguntou Colette, com seriedade.

— Ainda estão vivas — murmurou Elliott, e logo pegou no sono.

Rowden chegou pouco depois e, lançando um olhar de desprezo para o dorminhoco, exibiu três trutas pontilhadas de vermelho.

— E este — disse Hastings, e sorriu preguiçosamente —, é o final sagrado ao qual chegam os que labutam com fé: o abate desses peixinhos com um fio de seda e penas.

Rowden não se deu o trabalho de responder. Colette pegou outro gobião e despertou Elliott, que protestou e olhou à procura das cestas com o almoço, enquanto Clifford e Cécile chegaram pedindo refrescos imediatamente. A saia de Cécile estava ensopada, e suas luvas, rasgadas, mas ela estava feliz, e Clifford, exibindo uma truta de um quilo, ficou parado de pé aguardando os aplausos do grupo.

— Onde diabos você conseguiu isso? — perguntou Elliott.

Molhada e entusiasmada, Cécile contou como foi a batalha. Depois Clifford louvou os poderes dela com a isca artificial e, como prova, tirou do cesto um caboz morto que, segundo ele, era quase uma truta.

Todos estavam muito contentes no almoço, e decidiu-se que Hastings era “muito agradável”. Ele gostou imensamente disso, mas sentia que, em alguns momentos, o flerte ia mais longe na França do que em Millbrook, Connecticut, e achou que Cécile podia ser um pouco menos

empolgada em relação a Clifford, que, talvez, também não houvesse problema se Jaqueline se sentasse mais afastada de Rowden e que Colette poderia, pelo menos por um momento, ter tirado os olhos do rosto de Elliott. Mesmo assim, ele se divertiu, exceto quando seus pensamentos viajavam para Valentine, quando então sentia que estava muito longe dela. La Roche fica a pelo menos uma hora e meia de Paris. Também é verdade que ele sentiu felicidade e o coração se acelerar quando, às oito em ponto daquela noite, o trem que os levou de volta entrou na Gare St. Lazare e ele chegou à cidade de Valentine.

— Boa noite — disseram todos em volta dele. — Venha conosco novamente da próxima vez!

Ele prometeu e os observou, dois a dois, desaparecerem na cidade que escurecia, e ficou parado por tanto tempo que, quando ergueu o olhar novamente, o amplo bulevar cintilava com os lampiões a gás, através dos quais as luzes elétricas espreitavam como luas.

VI

Foi outra vez com o coração acelerado que ele despertou na manhã seguinte, pois seu primeiro pensamento foi sobre Valentine.

O sol já dourava as torres da Notre Dame, as batidas dos tamancos dos trabalhadores despertavam ecos pronunciados na rua abaixo, e do outro lado da rua um melro em uma amendoeira cor-de-rosa entrava em um êxtase de chilreios.

Ele estava determinado a despertar Clifford para um breve passeio no campo, na esperança de, mais tarde, conduzir o cavalheiro à igreja americana, pelo bem de sua alma. Encontrou Alfred com seus olhos penetrantes lavando a passagem asfaltada que levava ao estúdio.

— Monsieur Elliott? — respondeu Alfred à pergunta de praxe. — Je ne sais pas.

— E monsieur Clifford? — perguntou Hastings, um tanto surpreso.

— Monsieur Clifford ficará satisfeito em vê-lo, pois se recolheu cedo. Na verdade, ele acaba de chegar — disse o concierge, com fina ironia.

Hastings hesitou enquanto o concierge pronunciava um belo discurso elogioso sobre pessoas que não passavam a noite fora e depois batiam nos portões de seus aposentos em horas que até um gendarme considera sagradas para o sono. Também discursou eloquentemente a respeito das belezas da abstinência e tomou um gole pomposo da fonte no pátio.

— Acho que não vou entrar — comentou Hastings.

— Pardon, monsieur — resmungou o concierge. — Talvez seja bom ver monsieur Clifford. Ele provavelmente precisa de ajuda. A mim, ele expulsa atirando escovas de cabelo e botas. É um milagre que não tenha ateado fogo a alguma coisa com sua vela.

Hastings hesitou por um instante, mas, engolindo sua resistência a missão, caminhou lentamente pela viela coberta de hera, atravessou o jardim interno e chegou ao estúdio. Bateu na porta. Silêncio total. Tornou a bater, e dessa vez algo acertou a porta por dentro, causando um estrondo.

— Isso foi uma bota — disse o concierge.

Ele enfiou a chave duplicata na tranca e gesticulou para que Hastings entrasse. Vestindo um pijama amarfanhado, Clifford estava sentado no tapete no meio da sala. Segurava um sapato na mão e não pareceu surpreso ao ver Hastings.

— Bom dia. Você usa sabonete Pears? — perguntou, com um aceno vago e um sorriso ainda mais vago.

Hastings ficou arrasado.

— Pelo amor de Deus — disse ele. — Clifford, vá para a cama.

— Não enquanto esse... esse Alfred continuar metendo a cabeça aqui dentro e eu ainda tiver um sapato sobrando.

Hastings apagou a vela com um sopro, pegou o chapéu e a bengala de Clifford e disse, com uma emoção que não conseguia esconder:

— Isso é terrível, Clifford. Eu nunca soube que você fizesse esse tipo de coisa.

— Bem, eu faço.

— Cadê Elliott?

— Meu velho — retrucou Clifford, ficando sentimental. — A providência que alimenta... alimenta... hum... os pardais e esse tipo de coisa... cuida do homem dado a excessos...

— Cadê Elliott?

Clifford apenas moveu a cabeça, gesticulou com os braços e respondeu:

— Ele está por aí... em algum lugar por aí.

Em seguida, sentindo um desejo repentino de ver o amigo ausente, levantou a voz e gritou por ele.

Completamente chocado, Hastings sentou-se na sala sem dizer nada. Então, depois de derramar muitas lágrimas escaldantes, Clifford se animou e se levantou com muita cautela.

— Meu velho, você quer ver um... um milagre? Bem, lá vai. Vou começar.

Ele fez uma pausa e ficou olhando para o vazio.

— Um milagre — repetiu.

Hastings imaginou que ele estivesse se referindo ao milagre de manter o equilíbrio, e não disse nada.

— Vou para a cama — anunciou Clifford. — O coitado do velho Clifford vai para a cama, e isso é um milagre!

E ele o fez com um belo cálculo da distância e um equilíbrio que teria arrancado gritos e aplausos de Elliott, se ele estivesse ali para assistir *en connaisseur*. Mas não estava. Não havia chegado ao estúdio. Entretanto, estava a caminho, e sorriu com magnífica condescendência para Hastings, que meia hora mais tarde o encontrou reclinado

em um banco no Luxemburgo. Ele se permitiu ser despertado, limpo e acompanhado até o portão. Ali, porém, recusou mais qualquer ajuda e, fazendo uma reverência com ar superior para Hastings, pegou um curso razoavelmente correto para a Rue Vavin.

Hastings o observou até sumir de vista, depois lentamente refez seus passos até a fonte. No início, sentiu-se triste e deprimido, mas aos poucos o ar limpo da manhã tirou o peso de seu coração, e ele se sentou no banco de mármore à sombra do deus alado.

O ar estava fresco e fragrante com o perfume das flores de laranjeira. Por toda parte, pombos se banhavam, passando velozes sobre a água e molhando seus peitos multicoloridos, entrando e saindo do jato d'água ou se aninhando quase até o pescoço ao longo do espelho d'água. Os pardais também estavam despertos, com energia, ensopando suas penas cobertas de poeira no laguinho límpido e chilreando com toda a força. Sob os sicômoros que cercavam o lago dos patos do outro lado da fonte de Marie de Médicis, as aves aquáticas aparavam a relva ou andavam sem jeito em fileiras pela margem para embarcar em algum cruzeiro solene e sem destino.

De algum modo enfraquecidas pelo repouso durante uma noite fria sob as folhas das violetas, borboletas se arrastavam pela flox branca ou faziam voos reumáticos na direção de algum arbusto aquecido pelo sol. As abelhas já estavam atarefadas em meio aos heliotrópios, e uma ou duas moscas acinzentadas de olhos cor de tijolo estavam pousadas em um ponto iluminado pelo sol ao lado do banco de mármore, ou perseguiam uma à outra e depois retornavam, exultantes, ao mesmo ponto ensolarado para esfregar suas patas da frente.

As sentinelas passavam apressadas, parando de vez em quando para olhar na direção da casa de guarda e fazer a troca.

Eles finalmente chegaram, com um arrastar de pés e o estalido de baionetas. O recado estava dado, a troca de guarda estava feita, e eles se foram, com passos ruidosos no cascalho.

Um badalar agradável veio da torre do relógio do palácio, e o sino grave da St. Sulpice ecoou a badalada. Hastings permaneceu sentado, sonhando à sombra dos deuses, e, enquanto pensava, alguém surgiu e sentou-se a seu lado. A princípio, ele não levantou a cabeça, somente quando ela falou.

— Você! A essa hora? — perguntou ele.

— Eu estava irrequieta. Não conseguia dormir. — Depois, em uma voz baixa e feliz, arrematou: — E *você*! A essa hora?

— Eu... eu dormi, mas o sol me despertou.

— *Eu* não consegui dormir — disse ela, e seus olhos pareceram, por um instante, tocados por uma sombra indefinível. Depois, ela sorriu. — Estou tão contente... parecia que eu sabia que você viria. Não vá rir, acredito em sonhos.

— Você sonhou mesmo que... que eu estaria aqui?

— Acho que estava acordada quando sonhei isso — admitiu ela.

Depois, por algum tempo, eles ficaram mudos, e o silêncio era o reconhecimento da felicidade de estarem juntos. O silêncio era eloquente, pois sorrisos discretos e olhares oriundos de seus pensamentos eram trocados de um lado para outro até que seus lábios se moveram e formaram palavras, que pareciam quase supérfluas. O que diziam não era muito profundo. Talvez a joia mais valiosa que saiu dos lábios de Hastings fez referência direta ao desjejum.

— Ainda não tomei meu chocolate quente — confessou ela. — Mas que homem materialista você é.

— Valentine — começou ele impulsivamente —, eu gostaria... eu gostaria mesmo que você... só dessa vez... me desse todo o dia... só dessa vez.

— Minha nossa! — Ela sorriu. — Não apenas materialista, mas também egoísta!

— Não egoísta, faminto — retrucou ele, encarando-a.

— Um canibal também, minha nossa!

— E então, Valentine?

— Mas meu chocolate...

— Tome comigo.

— Mas o *déjeuner*...

— Juntos, em St. Cloud.

— Mas eu não posso...

— Juntos... todo o dia... o dia inteiro. Você aceita, Valentine?

Ela ficou em silêncio.

— Só dessa vez — insistiu ele.

Mais uma vez aquela sombra indefinível baixou sobre os olhos dela, e, quando desapareceu, ela suspirou.

— Está bem... Juntos, só dessa vez.

— O dia inteiro? — perguntou ele, duvidando de sua felicidade.

— O dia inteiro — repetiu ela, e sorriu. — E, ah, estou com muita fome!

Ele riu, encantado.

— Mas que moça mais materialista!

No Boulevard St. Michel há uma *crémerie* pintada de branco e azul por fora e extremamente limpa e organizada por dentro. A jovem de cabelo ruivo que fala francês como uma nativa e responde pelo nome de Murphy sorriu para o casal que entrava e, ao jogar um guardanapo limpo na mesinha *tête-à-tête* de zinco, rapidamente pôs diante deles duas xícaras de chocolate e uma cesta cheia de croissants frescos e crocantes.

As porções de manteiga amarela lembravam prímulas, cada uma marcada com um trevo em relevo, parecendo saturadas com a fragrância dos pastos da Normandia.

— Que delícia! — disseram os dois ao mesmo tempo, e então riram da coincidência.

— Temos um só pensamento — disse ele.

— Que absurdo! — exclamou ela, com o rosto corado. — Estou pensando que quero um croissant.

— Eu também — retrucou ele, triunfante. — É a prova.

Então eles discutiram. Ela o acusava de comportamento indigno de uma criança de colo, e ele negava e contra-atacava, até que mademoiselle Murphy riu, achando graça, e o último croissant foi comido sob uma bandeira de trégua. Depois, levantaram-se, e ela deu a ele o braço com um aceno de cabeça radiante para a mademoiselle Murphy:

— Bonjour, madame! Bonjour, monsieur! — gritou mademoiselle Murphy, alegre, e os observou chamarem um coche de aluguel e partirem. — Dieu, qu'il est beau — disse com um suspiro, acrescentando, após um instante: — Será que são casados? Não sei... ma foi ils ont bien l'air.

O coche de aluguel pegou a Rue de Médicis, virou na Rue de Vaugirard, seguiu até onde ela cruza a Rue de Rennes e, pegando aquele entroncamento barulhento, seguiu até a Gare Montparnasse. Eles chegaram bem a tempo de um trem, subiram as escadas e chegaram aos vagões quando as últimas notas do sinal de partida ecoaram pela estação em arco. O guarda bateu a porta da cabine em que estavam, um apito soou e foi respondido por um silvo da locomotiva, e o comprido trem deixou a estação, mais rápido, mais rápido, e acelerou para o sol da manhã. O vento de verão soprava em seus rostos pela janela aberta e fazia o cabelo macio dançar no rosto dela.

— Temos a cabine toda para nós — disse Hastings.

Ela se recostou no assento acolchoado junto à janela com os olhos brilhando, escancarados, e os lábios entreabertos. O vento levantava seu chapéu e agitava as fitas sob seu queixo. Com um movimento rápido, ela as desamarrou e, tirando um alfinete grande do chapéu, o pôs no assento ao lado. O trem voava.

O rosto de Valentine estava corado, e a cada respiração rápida seu peito se erguia e descia sob o arranjo de lírios no

pescoço dela. Árvores, casas, lagos passavam dançando, cortados por uma névoa de postes de telégrafo.

— Mais rápido! Mais rápido! — gritava ela.

Hastings não tirava os olhos de Valentine, mas os dela, bem abertos e azuis como o céu de verão, pareciam fixos em algo distante à frente, algo que não se aproximava, mas voava à frente deles na mesma velocidade.

Seria o horizonte, cortado pela fortaleza sombria na colina e logo depois pela cruz de uma capela do interior? Seria a lua de verão, de aparência fantasmagórica, passando através do azul mais suave acima?

— Mais rápido! Mais rápido! — gritava ela.

Seus lábios entreabertos queimavam, vermelhos.

O vagão sacudia e chacoalhava, e os campos passavam como uma torrente esmeralda. Ele captou a excitação, e seu rosto brilhou.

— Ah! — exclamou ela, e, com um movimento involuntário, segurou a mão dele e o puxou para perto da janela, a seu lado. — Veja! Debruce-se para fora comigo!

Hastings viu apenas os lábios de Valentine se moverem. A voz dela foi afogada pelo rugir dos trilhos, mas a mão do jovem se fechou na dela, e ele agarrou o beiral da janela. O vento assoviava em seus ouvidos.

— Não tanto para fora, Valentine. Cuidado! — exclamou ele, assustado.

Abaixo dos vãos do trilho, um rio largo apareceu e desapareceu rapidamente e o trem entrou em um túnel, e depois seguiu em frente através do mais fresco dos campos verdejantes. O vento passava zunindo por eles. A garota estava toda debruçada para fora da janela, e ele a segurava pela cintura, gritando:

— Não tanto para fora!

— Mais rápido! Mais rápido! Para longe da cidade, longe da terra, mais rápido, mais rápido! Para longe do mundo! — murmurava ela consigo mesma.

— O que você está falando aí sozinha? — perguntou ele, mas sua voz saiu entrecortada, e o vento a soprou de volta para o interior de sua garganta.

Ela o ouviu e, virando-se da janela, olhou para o braço que a envolvia. Então, encarou-o. O vagão balançou, e as janelas chacoalharam. Eles agora estavam arrancando através de uma floresta, e o sol varria os galhos cobertos de orvalho com raios velozes de fogo. Hastings olhou nos olhos inquietos dela, puxou-a para si e beijou seus lábios entreabertos. E ela gritou, um grito amargo, sem esperança.

— Isso não... isso não!

Mas ele a apertou forte junto de si, murmurando palavras de amor honesto e paixão, e quando ela disse, chorando:

— Isso não... isso não! Eu tinha prometido! Você deve... você deve saber... Eu... não... sou digna...

... na pureza do coração de Hastings, as palavras dela nada significaram naquele momento, e nunca mais significaram nada. A voz dela calou, e sua cabeça descansou no peito dele. Hastings se encostou na janela com os ouvidos varridos pelo vento furioso, com o coração em um tumulto de felicidade. A floresta passou, e o sol saiu de trás das árvores e iluminou a terra outra vez. Ela levantou o rosto e olhou para o mundo pela janela. Então, começou a falar, mas sua voz era fraca, e ele baixou a cabeça para perto da dela e a escutou.

— Não consigo me afastar de você. Sou muito fraca. Há muito tempo você é meu mestre, mestre de meu coração e de minha alma. Descumpri minha palavra com quem confiava em mim, mas contei tudo a você. O que importa o resto?

Ele riu da inocência dela, e ela idolatrou a dele.

— Abrace-me ou mande-me embora — voltou ela a falar. — O que importa? Com uma palavra você pode me matar, e talvez seja mais fácil morrer do que imaginar uma felicidade tão grande quanto a minha.

Ele a tomou nos braços.

— Shhh. O que está dizendo? Olhe, olhe para o sol, os campos e os rios. Seremos muito felizes em um mundo tão lindo.

Ela se virou para a luz do sol. Da janela, o mundo abaixo lhe parecia muito bonito.

Trêmula de felicidade, ela deu um suspirou e disse:

— Este é o mundo? Então eu nunca o conheci.

— Nem eu. Que Deus me perdoe — murmurou ele.

Talvez tenha sido Nossa Senhora dos Campos a perdoá-los.[8]

Notas

[1] Versos da ópera romântica “Ariodant”, música de Étienne Méhul (1763-1817) e libreto de François-Benoît Hoffman (1760-1828), sobre o cavaleiro Ariodante, cuja amada é falsamente acusada de ser amante do vilão, Othon.

“E todos os dias de tristeza
Nos são contados como dias alegres!”

[2] Popular jornal diário parisiense, que circulou de 1863 a 1944. Publicava folhetins e chegou a ter um suplemento ilustrado colorido ainda no século XIX.

[3] Provavelmente William-Adolphe Bouguereau (1825-1905), pintor acadêmico francês, conhecido por produzir imagens realistas do corpo feminino, muitas vezes em nus de temática mitológica. Extremamente popular, antes da ascensão do impressionismo.

[4] Mesmo nome do protagonista de “A rua dos Quatro Ventos”, que também é um artista que vive em Paris. Mais uma vez, Chambers deixa implícita uma conexão entre seus contos.

[5] Mesmo nome da jovem que se casa com West em “A rua da primeira bomba”. Mas não se trata da mesma

personagem: este conto tem lugar pelo menos 20 anos depois de “A rua da primeira bomba”.

[6] Opereta de autoria de Achille Audran (1840-1901), que estreou em 1890.

[7] A Rue du Dragon tem papel importante no conto “O Pátio do Dragão”, parte do ciclo que gira em torno da peça *O Rei de Amarelo*.

[8] Neste conto Chambers se coloca em uma posição romântica, que rejeita tanto a moral vitoriana da época — para a qual uma mulher como Valentine estaria “perdida” — e a visão de mundo decadente, exemplificada pelo grupo de Clifford, para quem Hastings, com sua ingenuidade, só poderia ser uma figura cômica, se não trágica.

Rue Barrée

“Pois deixem o Filósofo e o Médico a pregar
Sobre o que podem ou não podem aceitar
Cada um é apenas um elo na corrente eterna;
É impossível soltar, romper, esticar.”[1]

“Nem rosas amarelas ou vermelhas a desabrochar
Tampouco o cheiro do mar
São dignos do adorado perfume
Que a ti se une.
Os lírios de flores brancas,
A água imóvel me entedia,
Sofro por um desejo apaixonado
Por ti e tudo o que é teu.
Há apenas estas coisas no mundo:
Tua boca de fogo,
Teus seios, tuas mãos, teus cachos profundos
E meu desejo, meu rogo.”[2]

I

Certa manhã, na Julian[3], um estudante disse para Selby:

— Aquele é Foxhall Clifford[4]. — E apontou com os pincéis para um rapaz sentado diante de um cavalete sem fazer nada.

Tímido e nervoso, Selby caminhou até ele e se apresentou:

— Meu nome é Selby... Acabo de chegar a Paris e trago uma carta de apresentação... — A voz dele se perdeu no estrondo de um cavalete que caiu, cujo dono imediatamente agrediu seu vizinho, e por algum tempo o barulho do combate tomou conta dos estúdios de MM. Boulanger e Lefebvre, e rapidamente se reduziu a uma confusão nas escadas do lado de fora. Apreensivo em relação a sua recepção no estúdio, Selby olhou para Clifford, que permaneceu sentado serenamente, observando a briga.

— Está um pouco barulhento aqui, mas você vai gostar dos rapazes quando conhecê-los — comentou o homem. Seus modos sem afetação maravilharam Selby.

Em seguida, com uma simplicidade que conquistou seu coração, apresentou o jovem a meia dúzia de estudantes de igual número de nacionalidades. Alguns foram cordiais, todos foram educados. Até a criatura majestosa que ocupava a posição de monitor[5] se aprumou o suficiente para dizer:

— Meu amigo, quando um homem fala francês tão bem quanto você, e também é amigo de monsieur Clifford, não tem problemas neste estúdio. Você sabe, claro, que cuidará do fogareiro até a chegada do próximo novato, não?

— Claro.

— E não se importa com pilhérias?

— Não — respondeu Selby, que odiava isso.

Muito entretido, Clifford pôs o chapéu e disse:

— É bom se preparar para muitas no começo.

Selby pôs o próprio chapéu na cabeça e o seguiu até a porta.

Quando passaram pela plataforma do modelo, houve um grito furioso:

— *Chapeau*! *Chapeau*! — E um estudante saiu correndo de seu cavalete ameaçando Selby, que corou, mas olhou para Clifford.

— Tire seu chapéu para eles — disse este, rindo.

Um pouco envergonhado, Selby se virou e cumprimentou o estúdio.

— *Et moi*? — gritou a modelo.

— Você é encantadora — respondeu Selby, surpreso com a própria audácia, mas o estúdio inteiro o aclamou em uma só voz:

— Ele se saiu bem! É legal!

Enquanto a modelo, rindo, soprou um beijo para ele e exclamou:

— À demain beau jeune homme!

Durante toda aquela semana, Selby trabalhou no estúdio sem ser incomodado. Os estudantes franceses o batizaram de "l'Enfant Prodigue", traduzido livremente como "O Menino Prodígio", "O Menino", o "Menino Selby" e "Selby Baby". Mas o apelido logo evoluiu de "Selby Baby" para "Selbaby" e depois naturalmente para "Sebo", onde foi detido pela autoridade de Clifford e, no fim, retornou a apenas "Menino".

Chegou a quarta-feira, e com ela M. Boulanger. Durante três horas, os alunos sofreram sob seu sarcasmo mordaz, entre eles Clifford, que foi informado de que sabia ainda menos sobre um trabalho de arte do que sabia sobre a arte de trabalhar. Selby teve mais sorte. O professor examinou seu desenho em silêncio, lançou um olhar penetrante na direção do garoto e seguiu em frente com um gesto indiferente. Em seguida, foi embora de braços dados com Bouguereau, para alívio de Clifford, que ficou livre para pôr seu chapéu e ir embora.

No dia seguinte, ele não apareceu, e Selby, que contava em vê-lo no estúdio — e que descobriu, mais tarde, ser

tolice contar com Clifford por lá —, caminhou de volta sozinho para o Quartier Latin.

Paris ainda era estranha e nova para ele. Estava um pouco atordoado por seu esplendor. Nenhuma memória doce agitava seu coração americano na Place du Châtelet, nem mesmo a Notre Dame. O Palais de Justice, com seu relógio, suas pequenas torres e suas sentinelas de vigia vestidas de azul e vermelhão, a Place St. Michel, com sua confusão de ônibus e grifos feios cuspindo água, a colina do Boulevard St. Michel, os bondes buzinando, os policiais circulando em pares e a varanda com mesas alinhadas do Café Vachette não significavam nada para ele, pois ainda não sabia, ao sair das pedras da Place St. Michel para o asfalto do bulevar, que havia cruzado a fronteira e entrado na área dos estudantes, o famoso Quartier Latin.

Um cocheiro o chamou de burguês e louvou as vantagens de ir de carruagem, não a pé. Um moleque, aparentando bastante preocupação, pediu as últimas notícias telegráficas de Londres e depois, confiante, desafiou Selby para uma disputa de queda de braço. Uma bela garota relanceou para ele com um par de olhos violeta. Ele não a viu, mas ela, captando o próprio reflexo em uma vitrine, estranhou a cor que queimava em seu rosto. Virando-se para retomar o caminho, ela encontrou Foxhall Clifford e se apressou. Boquiaberto, ele a seguiu com os olhos, depois procurou por Selby, que havia entrado no Boulevard St. Germain na direção da Rue de Seine. Então, Clifford examinou-se na vitrine da loja. O resultado não pareceu satisfatório.

“Não sou uma beleza”, refletiu. “Mas também não sou um monstro. O que significou o fato de ela ter corado ao ver Selby? Nunca a vi olhar para um homem em minha vida, aliás, ninguém no Quartier já a viu fazer isso. Enfim, posso jurar que ela nunca olha para mim, e Deus sabe que já fiz tudo o que uma adoração respeitável permite.”

Clifford suspirou e, murmurando uma profecia relativa à salvação de sua alma imortal, andou naquele gingado

elegante que sempre o caracterizou. Sem dificuldade aparente, alcançou Selby na esquina, e, juntos, atravessaram o bulevar ensolarado e se sentaram sob o toldo do Café du Cercle. Clifford cumprimentou com a cabeça todos na parte externa do local e disse a Selby:

— Você conhecerá todos depois, mas, agora, deixe-me apresentá-lo a duas atrações de Paris, o sr. Richard Elliott e o sr. Stanley Rowden[6].

As “atrações” pareceram amistosas e bebiam vermute.

— Você não foi ao estúdio hoje — disse Elliott, virando-se repentinamente para Clifford, que evitou seus olhos.

— Para entrar em comunhão com a natureza? — comentou Rowden.

— Qual o nome dela dessa vez? — perguntou Elliott, e Rowden respondeu imediatamente:

— Nome: Yvette. Nacionalidade: bretã...

— Errado — respondeu Clifford com calma. — É a Rue Barrée.

O assunto mudou instantaneamente, e Selby escutava, surpreso, nomes que eram novidade para ele e louvores ao último vencedor do Prix de Rome[7]. Estava adorando ouvir opiniões corajosas e questões debatidas abertamente, apesar do uso constante de gírias, tanto em inglês quanto em francês. Ansiava pelo momento em que também entraria na luta pela fama.

Os sinos da St. Sulpice marcaram a hora, e o Palácio do Luxemburgo respondeu badalada por badalada. Com um olhar para o sol, que mergulhava baixo na poeira dourada por trás do Palais Bourbon, eles se levantaram e, virando para o leste, atravessaram o Boulevard St. Germain e caminharam lenta e tranquilamente na direção da École de Médecine. Na esquina, uma garota passou por eles, caminhando apressada. Clifford deu um sorriso malicioso, ao passo que Elliott e Rowden ficaram agitados, mas todos fizeram uma reverência, e, sem erguer os olhos, ela

devolveu o cumprimento. Já Selby, que tinha ficado para trás, fascinado por alguma alegre vitrine, levantou a cabeça e avistou os olhos mais azuis que jamais tinha visto. Ele a abaixou na hora e se apressou para se juntar aos outros.

— Por Jeová! — exclamou. — Vocês sabiam que acabei de ver a garota mais bonita...

O trio irrompeu em uma exclamação, um augúrio sombrio, como o coro em uma peça grega:

— Rue Barrée!

— O quê? — perguntou Selby, confuso.

A única resposta foi um gesto vago de Clifford.

Duas horas mais tarde, durante o jantar, Clifford se virou para Selby e afirmou:

— Você quer me perguntar algo. Percebo pelo modo como está irrequieto.

— Quero, sim — disse ele, com suficiente inocência. — É sobre aquela garota. Quem é ela?

Havia pena no sorriso de Rowden; no de Elliott, amargura.

— O nome dela é desconhecido de todos — respondeu Clifford com solenidade. — Pelo menos, até onde sei — acrescentou com muita seriedade. — Todo sujeito no Quartier a cumprimenta, e ela retribui a saudação seriamente, mas, que se saiba, nenhum homem obteve mais que isso. Trabalha, a julgar pela pasta de partituras, como pianista. Mora em uma rua pequena e humilde que vive em um processo permanente de reparo pelas autoridades da cidade, e, pelas letras negras pintadas na barreira que impede a passagem do trânsito, ela ganhou o nome pelo qual nós a conhecemos, Rue Barrée[8]. O sr. Rowden, com seu conhecimento imperfeito da língua francesa, nos chamou atenção para ela nomeando-a de Roo Barry...

— Eu não... — disse Rowden, aborrecido.

— E Roo Barry, ou Rue Barrée, é atualmente objeto de adoração de toda ave de rapina do Quartier...

— Não somos aves de rapina — corrigiu Elliott.

— *Eu* não sou — retrucou Clifford. — E chamo sua atenção, Selby, para o fato de que esses dois cavalheiros, em vários momentos aparentemente infelizes, já se ofereceram para se entregar por completo aos pés de Rue Barrée. A mulher tem um sorriso gelado que usa nessas ocasiões e... — Nesse momento, ele ficou impressionantemente sombrio. — Fui obrigado a acreditar que nem o charme intelectual de meu amigo Elliott nem a beleza musculosa de meu amigo Rowden tocaram aquele coração de gelo.

— E você! — exclamaram Elliott e Rowden fervendo de indignação.

— Tenho medo de pisar onde vocês entram correndo[9] — retrucou Clifford tranquilamente.

II

Vinte e quatro horas depois, Selby tinha se esquecido completamente de Rue Barrée. Durante a semana, trabalhou com extrema dedicação no estúdio e, no sábado à noite, estava tão cansado que foi para a cama antes do jantar e teve um pesadelo em que se afogava em um rio de ocre amarelo[10]. Domingo de manhã, sem qualquer motivo aparente, pensou em Rue Barrée e dez segundos depois a viu. Foi no mercado das flores, na ponte de mármore. Ela estava examinando um vaso de amores-perfeitos. O florista, era evidente, estava totalmente dedicado à negociação, mas Rue Barrée balançou a cabeça.

É de se perguntar se Selby teria parado ali naquele momento para examinar uma rosa caso Clifford não tivesse lhe contado a história da terça anterior[11]. É possível que ele estivesse muito curioso, pois, com a exceção de uma fêmea

de peru, um rapaz de dezenove anos é o bípede mais escancaradamente curioso que existe. E dos vinte até a morte ele tentará esconder isso. Mas, para ser justo com Selby, também é verdade que o mercado era atraente. Sob um céu sem nuvens, as flores estavam arrumadas em buquês e empilhadas ao longo da ponte de mármore até a altura do parapeito. O ar estava agradável, o sol projetava uma renda de sombras em meio às palmeiras e brilhava nos miolos de mil rosas. A primavera chegara, estava em todo o seu apogeu. As carroças de água, com jatos que lavavam as ruas, espalhavam frescor pelo bulevar, os pardais tinham se tornado vulgarmente abusados, e o crédulo pescador do Sena seguia ansioso seu flutuador colorido em meio às bolhas de sabão das lavadeiras. As nogueiras de brotos brancos vestidos de verde suave vibravam com o zumbido das abelhas. Borboletas desajeitadas se livravam de seus trapos de inverno em meio aos heliotrópios. Havia um aroma de terra fresca no ar, um eco do riacho da floresta que sussurrava nas águas do Sena, e andorinhas subindo e descendo em meio às embarcações ancoradas no rio. De algum lugar em uma janela, um passarinho engaiolado cantava com alegria para o sol.

Selby olhou para a rosa e depois para o céu. Algo no canto do passarinho engaiolado talvez o tenha emocionado, ou quem sabe tenha sido a perigosa candura do ar de maio.

No início, mal percebeu que havia parado, depois quase não teve consciência da razão de ter parado, então resolveu seguir em frente, mas achou melhor não, e por fim olhou para Rue Barrée.

— Mademoiselle, este é sem dúvida um belo buquês de amores-perfeitos — disse o florista.

Rue Barrée balançou a cabeça negativamente.

O florista sorriu. Ela evidentemente não queria os amores-perfeitos. Havia comprado muitos buquês de amores-perfeitos ali, dois ou três a cada primavera, e nunca discutia. O que ela queria, então? Os amores-perfeitos

evidentemente eram um aperitivo para uma transação mais importante. O florista esfregou as mãos e olhou ao redor.

— Estas tulipas estão magníficas — comentou. — E esses jacintos... — Ele entrou em transe à mera visão das flores perfumadas.

— Aquela — murmurou Rue, apontando com a sombrinha fechada para uma roseira esplêndida, mas sua voz hesitou levemente.

Selby percebeu, o que aumentou sua vergonha por estar ouvindo, e o florista percebeu e, enfiando o nariz nas rosas, sentiu o cheiro de um bom negócio. Mesmo assim, para lhe fazer justiça, não aumentou um centavo ao valor honesto da planta, pois, afinal, Rue provavelmente era pobre, e qualquer um via que ela era encantadora.

— Cinquenta francos, mademoiselle.

O tom do florista foi sério. Rue sentiu que qualquer discussão seria perda de tempo. Os dois permaneceram em silêncio por um instante. O homem não elogiou a mercadoria. A roseira era maravilhosa, e qualquer um podia ver.

— Vou levar os amores-perfeitos — disse a garota e tirou dois francos de uma carteira velha. Então, ela ergueu os olhos. Uma lágrima prestes as cair refletia a luz como um diamante, mas, quando ela rolou para um cantinho junto de seu nariz, a visão de Selby a substituiu, e, quando esfregou o lenço e secou os olhos azuis assustados, o próprio Selby pareceu bastante envergonhado. De imediato, ele olhou para o céu, aparentemente consumido por uma sede de pesquisas astronômicas, e, após dar continuidade a suas investigações por cinco minutos inteiros, o florista também olhou para cima, assim como um policial. Então, Selby olhou para as biqueiras de suas botas, o florista o encarou e o policial continuou andando. Rue Barrée tinha ido embora havia algum tempo.

— O que posso oferecer ao monsieur? — perguntou o homem.

Selby jamais soube a razão, mas de repente começou a comprar flores. O florista ficou eletrizado. Nunca havia vendido tantas flores, nunca a preços tão satisfatórios, e nunca, nunca com tamanha unanimidade de opinião com um comprador. Mas ele sentiu falta da barganha, da discussão, de invocar o testemunho dos Céus. Faltou tempero à transação.

— Essas tulipas estão magníficas!

— Estão mesmo! — exclamou Selby calorosamente.

— Ai de mim, como gosto delas.

— Vou levá-las.

— *Dieu*! — murmurou o florista, suando. — Ele é mais louco que a maioria dos ingleses.

— Esse cacto...

— É lindo!

— Ai de mim... Mande com o resto.

O florista se apoiou na murada da ponte.

— Aquela roseira esplêndida — começou o vendedor lentamente.

— É uma beleza. Acho que custa cinquenta francos...

Selby parou, muito vermelho. O florista se divertia com a confusão do cliente. Então, um autocontrole frio tomou o lugar de sua confusão momentânea, e ele encarou o florista e o pressionou.

— Vou levar a roseira. Por que a moça não a levou?

— Mademoiselle não tem posses.

— Como sabe?

— *Dame*, eu vendo muitos amores-perfeitos para ela, amores-perfeitos não são caros.

— Foram esses os amores-perfeitos que ela comprou?

— Esses, monsieur, os azuis e dourados.

— Então, pretende enviá-los para ela?

— Ao meio-dia, depois do mercado.

— Leve a roseira junto e... — Nesse momento, ele olhou para o florista. — Não ouse dizer quem as mandou.

Os olhos do florista estavam arregalados como pires, mas Selby, calmo e vitorioso, completou:

— Entregue as outras no Hôtel du Sénat, na Rue de Tournon, número sete. Vou deixar instruções com a concierge.

Em seguida, abotoou a luva com muita dignidade e saiu andando, mas, bem depois de virar a esquina, escondido da vista do florista, foi tomado pela convicção de que era um idiota e enrubesceu tremendamente. Dez minutos depois, estava sentado em seu quarto no Hôtel du Sénat repetindo com um sorriso imbecil:

— Eu sou um burro, eu sou um burro!

Uma hora mais tarde, ainda estava na mesma cadeira, na mesma posição, ainda de chapéu e luvas, com a bengala na mão, mas em silêncio, aparentemente perdido na contemplação das biqueiras de suas botas, e seu sorriso estava menos imbecil e até um pouco nostálgico.

III

Por volta das cinco horas da tarde, a mulher pequena e de olhos tristes que ocupava a posição de concierge no Hôtel du Sénat ergueu as mãos, surpresa ao ver uma carroça cheia de flores parar diante da entrada. Ela chamou Joseph, o *garçon* destemperado que, enquanto calculava o valor das flores em *petits verres*, melancolicamente afirmou não ter conhecimento algum do destino.

— Voyons — disse a pequena concierge. — Cherchons la femme!

— Você? — sugeriu ele.

A mulherzinha parou pensativa por um instante, e então suspirou. Joseph esfregou o nariz, um nariz que em termos de extravagância competia com qualquer arranjo floral.

O florista entrou, de chapéu na mão, e minutos depois Selby estava de pé no meio de seu quarto, sem casaco, com as mangas da camisa enroladas. Tirando os móveis, o aposento possuía, originalmente, menos de meio metro quadrado de espaço livre, e essa área estava ocupada por um cacto. A cama gemia com caixas de amores-perfeitos, lírios e heliotrópios, a saleta estava coberta de jacintos e tulipas, e a bancada da pia sustentava uma espécie de árvore jovem que prometia florescer a qualquer momento.

Clifford chegou um pouco mais tarde, tropeçou em uma caixa de ervilhas-de-cheiro, xingou um pouco, desculpou-se e, depois, quando todo o esplendor da *fête* floral desabrochou sobre ele, sentou-se atônito em um gerânio. O gerânio ficou destruído, mas Selby disse:

— Não ligue.

E olhou para o cacto.

— Você vai dar um baile? — perguntou Clifford.

— N-não... eu gosto muito de flores — respondeu Selby, mas a frase não tinha entusiasmo.

— Eu devia imaginar — disse Clifford. Depois, após uma pausa, continuou: — É um belo cacto.

Selby contemplou a planta, tocou-a com ares de *connoisseur* e espetou o dedo.

Clifford cutucou um amor-perfeito com a bengala. Depois, Joseph chegou com a conta, anunciando a soma total em voz alta, em parte para impressionar Clifford, em parte para intimidar Selby a liberar um *pourboire* que ele dividiria, se quisesse, com o florista. Clifford tentou fingir que não tinha ouvido, enquanto Selby pagava a conta e o tributo sem reclamar. Depois, voltou para o quarto tentando agir com indiferença, mas acabou fracassando completamente quando rasgou as calças no cacto.

Clifford fez algum comentário óbvio, acendeu um cigarro e olhou pela janela para dar a Selby uma chance. Selby tentou aproveitá-la, mas só o que conseguiu foi:

— É, a primavera finalmente chegou. — E então congelou.

Olhou para a parte de trás da cabeça de Clifford. Ela dizia muita coisa. Aquelas orelhas pequenas e atentas pareciam vibrar com uma alegria contida. Selby fez um esforço desesperado para controlar a situação e pulou para alcançar alguns cigarros russos como incentivo para uma conversa, mas foi impedido pelo cacto, de quem foi presa outra vez. Essa foi a gota d'água.

— Maldito cacto.

Selby soltou esse comentário contra sua vontade, contra seu instinto de autopreservação, mas os espinhos da planta eram compridos e afiados, e, depois de ser espetado repetidas vezes, sua raiva represada escapou. Era tarde demais. Estava feito, e Clifford tinha se virado para ele.

— Olhe, Selby, por que diabos você comprou essas flores?

— Gosto delas.

— O que vai fazer com elas? Você não pode dormir aqui.

— Eu poderia, se me ajudasse a tirar os amores-perfeitos da cama.

— Onde iria colocá-los?

— Será que não posso dá-los à concierge?

Assim que disse isso, Selby se arrependeu. O que, em nome de Deus, Clifford pensaria dele? Ele ouvira o valor da conta. Clifford acreditaria que o investimento naqueles luxos eram uma declaração tímida para sua concierge? E será que o Quartier Latin comentaria isso de seu típico jeito brutal? Temia o ridículo e conhecia a reputação de Clifford.

Então, alguém bateu à porta.

Selby olhou para Clifford com uma expressão assustada que tocou o coração do rapaz. Era uma confissão e, ao mesmo tempo, uma súplica. Clifford se levantou de um pulo, achou o caminho pelo labirinto floral e, com um olho na fresta da porta, perguntou:

— Quem diabos está aí?

Esse estilo delicado de recepção é característico do Quartier.

— Sou eu, Elliott — disse o próprio, olhando para trás. — E Rowden também, e seus buldogues.

— Esperem na escada. Selby e eu já vamos sair — pediu Clifford pela fresta.

A discrição é uma virtude. O Quartier Latin possui poucas, e essa qualidade raramente figura na lista. Eles se sentaram e começaram a assoviar.

Naquele momento, Rowden gritou para eles:

— Sinto cheiro de flores. Estão fazendo uma farra aí dentro!

— Você já devia conhecer Selby — resmungou Clifford por trás da porta enquanto o outro apressadamente trocava as calças rasgadas.

— *Nós* conhecemos Selby — disse Elliott com ênfase.

— É — disse Rowden. — Ele dá recepções com decoração floral e convida Clifford enquanto ficamos sentados na escada. É, enquanto as jovens belezas do Quartier Latin se divertem — sugeriu Rowden. — Odette está aí? — perguntou então, com desconfiança repentina.

— E então? — perguntou Elliott. — Colette está aí? — Depois, ergueu a voz em um uivo entristecido. — Você está aí, Colette, enquanto fico aqui parado em pé do lado de fora?

— Clifford é capaz de qualquer coisa — comentou Rowden. — Sua natureza azedou desde que Rue Barrée não lhe deu atenção.

Elliott ergueu a voz.

— Eu digo aos dois aí que vimos algumas flores serem entregues na casa de Rue Barrée à tarde.

— Amores-perfeitos e rosas — especificou Rowden.

— Provavelmente para ela — acrescentou Elliott, acariciando seu buldogue.

Clifford virou-se para Selby com súbita desconfiança. Este cantarolou, escolheu um par de luvas, pegou uma dúzia de cigarros e os arrumou em uma cigarreira. Depois, andando até o cacto, deliberadamente arrancou uma flor, enfiou-a no

bolso da lapela e, ao pegar o chapéu e a bengala, sorriu para Clifford, o que o deixou muito intrigado.

IV

Na segunda-feira de manhã no estúdio de Julian, os estudantes disputavam lugar. Os mais antigos expulsavam os que tinham ansiosamente invadido os cobiçados tamboretes quando a porta se abriu na esperança de se apropriar deles no momento da chamada. Alguns discutiam alto a respeito de paletas, pincéis, pastas ou enchiam o ar chamando Ciceri e pedindo pão. Ciceri, um ex-modelo sujo que, em dias melhores, posara como Judas, passou a vender pão velho por um *sou* e ganhava o suficiente para comprar cigarros. Monsieur Julian entrou, deu um sorriso paternal e saiu. Após seu desaparecimento, surgiu um escriturário, uma criatura astuta que circulava em meio às hordas em conflito em busca de presas.

Três homens que não haviam pagado suas taxas foram pegos e convocados. Um quarto foi percebido, seguido e cercado. Sua rota de fuga pela porta foi interrompida, e ele acabou encurralado atrás do fogareiro. A essa altura, com a revolução tomando uma forma aguda, elevaram-se gritos por:

— Jules!

Jules apareceu, apartou duas brigas com uma resignação triste em seus grandes olhos castanhos, apertou a mão de todos e se misturou à multidão, deixando uma atmosfera de paz e boa vontade. Os leões se sentaram com os cordeiros,[12] os monitores marcaram para si e seus amigos os melhores lugares e, enquanto montavam as plataformas dos modelos, começaram a fazer a chamada.

— Esta semana será a letra C — disseram, para transmitir a notícia.

E começaram.

— Clisson!

Clisson pulou de imediato e escreveu com giz seu nome no chão, diante de um lugar à frente.

— Caron!

Caron correu para garantir seu lugar. Bum! Um cavalete caiu.

— Nom de Dieu! — exclamaram em francês.

— Aonde diabos você vai?! — disseram em inglês.

Crash! Uma caixa de pintura caiu com pincéis e mais tudo o que havia dentro.

— Dieu de Dieu de... — Plaft! Um golpe, uma corrida rápida, um agarrão e uma briga, e a voz do monitor séria e repreensiva:

— *Cochon!*

Então, retomou-se a chamada.

— Clifford!

O monitor fez uma pausa e ergueu os olhos, com um dedo entre as folhas do livro de registros.

— Clifford!

Clifford não estava lá. Estava a cerca de cinco quilômetros de distância, em linha reta, e a cada instante aumentava esse espaço. Não porque estivesse andando depressa. Ao contrário: flanava com aquele seu jeito peculiar. Elliott estava a seu lado, e dois buldogues cobriam a retaguarda. Elliott lia *Gil Blas*[13], o qual aparentemente o divertia, mas, considerando inadequada para o estado de espírito de Clifford a diversão exagerada, reduzia-a a uma série de sorrisos discretos. Consciente do fato e triste por isso, Clifford não dizia nada, mas, depois de conduzi-los pelo caminho que levava aos Jardins de Luxemburgo, instalou-se em um banco no pátio da ala norte, examinou a paisagem e a desaprovou. De acordo com as regras do Luxemburgo, Elliott prendeu os cães[14] e, com um olhar interrogativo para o amigo, retomou o *Gil Blas* e os sorrisos discretos.

O dia estava perfeito. O sol pairava sobre a Notre Dame e fazia a cidade brilhar. A folhagem macia das nogueiras lançava sombra no pátio e pontilhava os caminhos e alamedas com tracejados tão azuis que Clifford podia ali ter encontrado estímulo para suas “impressões” violentas se tivesse apenas olhado, mas, como de hábito naquele período de sua carreira, seus pensamentos estavam em toda parte, menos na profissão. Por toda a volta, os pardais discutiam e conversavam suas canções de cortejo, os grandes pombos rosados pulavam de árvore em árvore, as moscas redemoinhavam nos raios de sol e as flores exalavam mil perfumes que provocavam em Clifford uma nostalgia lânguida.

— Elliott, você é um amigo de verdade… — disse ele, sob essa influência.

— Você me deixa doente — interrompeu o outro, dobrando a revista. — É exatamente como pensei... você está atrás de outro rabo de saia. E — prosseguiu ele com raiva —, se foi por isso que me impediu de ir à Julian... se é para me encher com as perfeições de alguma idiotinha...

— Ela não é idiota — repreendeu-o Clifford com delicadeza.

— Veja só! — exclamou Elliott. — Você tem coragem de tentar me dizer que está apaixonado de novo?

— De novo?

— É, de novo e de novo e de novo e... minha nossa, você está mesmo?

— Dessa vez é sério — comentou ele, melancólico.

Por um instante, Elliott quase bateu nele, mas começou a rir por completo desespero.

— Ah, vá em frente, vá em frente. Vamos ver, há Clémence e Marie Tellec e Cosette e Fifine, Colette, Marie Verdier...

— Todas são atraentes, muito atraentes, mas nunca as levei a sério...

— Meu Deus, me ajude, então — disse Elliott com seriedade. — Todas essas, separadamente e uma de cada vez, despedaçaram seu coração com angústia e me fizeram perder a vaga na Julian desse mesmo jeito, cada uma delas, uma de cada vez. Você nega?

— O que diz pode ter base em fatos, de certa forma, mas me dê o crédito de que sou fiel a uma de cada vez...

— Até que chegue a próxima.

— Mas isso agora... isso é muito diferente. Elliot, acredite em mim, estou completamente perdido.

Então, como não havia mais nada a fazer, Elliott rangeu os dentes e escutou.

— É... é Rue Barrée.

— Bem — comentou Elliott com desprezo —, se está aí gemendo e se lastimando por *aquela* garota, a garota que deu a você e a mim todo motivo para desejar que o chão se abrisse sob nossos pés e nos engolisse, bem, vá em frente!

— Eu vou... não me importo. A timidez foi embora...

— Sim, sua timidez nativa.

— Estou desesperado, Elliott. Será que estou apaixonado? Nunca, eu nunca senti-me tão desgraçadamente infeliz. Não consigo dormir. Honestamente, sou incapaz de comer direito.

— Os mesmos sintomas no caso de Colette.

— Escute-me, está bem?

— Espere um instante, eu sei o resto de cor. Agora, deixe-me perguntar uma coisa: você acredita que Rue Barrée é uma garota pura?

— Sim — respondeu Clifford, enrubescendo.

— Você a ama? Não do jeito que se apega e fica cheio de rapapés com qualquer garota bonita e fútil. Quero saber se a ama de verdade.

— Sim — disse o outro com determinação. — Eu até me...

— Espere aí um instante. Você se casaria com ela?

Clifford ficou extremamente corado.

— Sim — murmurou.

— Notícias agradáveis para sua família — resmungou Elliott, contendo a fúria. — “Meu querido pai, acabo de me casar com uma francesinha pobre e adorável que, tenho certeza, o senhor receberá de braços abertos, na companhia da mãe dela, uma lavadeira muito limpa e simpática.” Meu Deus! Parece que isso foi um pouco mais longe do que o resto. Para sua sorte, meu jovem, minha cabeça ainda consegue pensar por nós dois. Mesmo assim, nesse caso, não tenho medo. Rue Barrée ignora suas aspirações de modo indubitavelmente final.

— Rue Barrée — começou Clifford, aprumando-se, mas de repente parou, pois lá onde a luz rendilhada brilhava em pontos de ouro, ao longo do caminho pintalgado de sol, caminhava Rue Barrée. Seu vestido estava impecável, e um grande chapéu de palha, levemente inclinado para trás da fronte branca, projetava sombra em seus olhos.

Elliott se levantou e fez uma reverência. Clifford tirou o chapéu com um ar tão melancólico, tão apelativo e completamente humilde que Rue Barrée sorriu.

Seu sorriso era delicioso, e, quando Clifford, incapaz de se sustentar nas pernas por absoluta surpresa, tropeçou de leve, ela não conseguiu esconder um riso. Momentos depois, sentou-se em uma cadeira no pátio e, tirando um livro da pasta de partituras, folheou suas páginas, encontrou o ponto e então, deixando-o aberto no colo, deu um leve suspiro, sorriu de leve e olhou para a cidade. Ela havia se esquecido de Foxhall Clifford por completo.

Após algum tempo, Rue Barrée tornou a pegar o livro, mas, em vez de ler, começou a ajustar a rosa em seu corpete. A rosa era grande e vermelha. Brilhava como fogo sobre seu coração, e como fogo aquecia seu coração, que palpitava sob as pétalas sedosas. Rue Barrée suspirou de novo. Estava muito feliz. O céu estava muito azul, o ar, muito fresco e perfumado, a luz do sol, muito carinhosa, e seu coração cantava, cantava para a rosa em seu peito. Era isto o que ele cantava: “Saído da multidão em movimento,

do mundo do passado, dos milhões que caminham, um olhou para mim.”

Então, seu coração cantava sob a rosa no peito. Depois, dois pombos com cor de camundongo passaram voando e pousaram no pátio, onde se curvaram, caminharam, balançaram a cabeça e viraram, até que Rue Barrée riu de alegria e, levantando a cabeça, olhou para o cativado Clifford à sua frente. O chapéu dele estava na mão, e o rosto estava contorcido em sorrisos suplicantes que teriam tocado o coração de um tigre-de-bengala.

Por um instante, Rue Barrée franziu o cenho, depois olhou com curiosidade para Clifford, e então, ao ver a semelhança entre as sobrancelhas do jovem e o movimento dos pombos, não se segurou, e seus lábios se separaram no sorriso mais enfeitiçante. Aquela era mesmo Rue Barrée? Tão diferente, tão mudada que nem ela se reconhecia, mas ah!, aquela música em seu coração que ofuscava todo o resto, que fazia seus lábios tremerem, que tentava dizer algo, que vibrava em um sorriso por nada, por um pombo que andava, e pelo sr. Clifford.

— E o senhor acha que, por eu responder aos cumprimentos dos estudantes no Quartier, pode ser recebido em particular como amigo? Não o conheço, monsieur, mas vaidade é o outro nome do homem. Fique satisfeito, monsieur Vaidade, serei escrupulosa... ah, muito escrupulosa ao responder a seu cumprimento.

— Mas eu suplico... imploro que me deixe lhe prestar essa homenagem que há tanto tempo...

— Meu Deus, não ligo para homenagens.

— Dê-me apenas a permissão de lhe falar de vez em quando, às vezes... muito ocasionalmente.

— E, se fizer isso com o *senhor*, por que não com outro?

— De jeito nenhum... Serei a discrição em pessoa.

— Discrição... por quê?

Os olhos dela estavam muito claros, e Clifford cerrou os dele por um instante. Depois, tomado pelo demônio da

irresponsabilidade, sentou-se e se ofereceu, de corpo e alma, e todas as posses pessoais. O tempo todo ele sabia que estava sendo um tolo, que paixão não é amor e que cada palavra que dizia o prendia pela honra, da qual não havia escapatória. E o tempo inteiro Elliott olhava para o entorno da fonte com cara feia, vigiando furioso os buldogues para não se entregarem ao desejo de correr em resgate a Clifford, pois até eles sentiam que havia algo errado, enquanto Elliott morria de raiva e resmungava maldições.

Quando Clifford terminou, foi com um brilho de excitação, mas a resposta de Rue Barrée demorou para vir, e seu ardor diminuiu enquanto a situação lentamente assumia suas proporções normais. Então, o arrependimento começou a surgir, mas ele o afastou e recomeçou as declarações. Na primeira palavra, Rue Barrée o interrompeu.

— Eu lhe sou muito grata — disse ela com muita seriedade. — Nenhum homem jamais me propôs casamento. — Ela se virou e olhou para a cidade. Após algum tempo, tornou a falar. — O senhor me oferece muito. Sou sozinha. Nada tenho, não sou nada. — Ela se virou outra vez e olhou para Paris, reluzente, linda à luz do sol de um dia perfeito. Clifford seguiu os olhos da jovem.

— Ah — murmurou ela. — É difícil... é difícil trabalhar sempre... sempre sozinha, sem jamais um amigo honrado, e o amor que é oferecido termina nas ruas, no bulevar... quando a paixão morre. Eu sei... *nó*s sabemos... nós que nada temos, que não temos ninguém, e que nos entregamos sem questionar... quando amamos, sim, sem questionar, de corpo e alma, sabendo como será o fim.

Ela tocou a rosa no peito. Por um instante, pareceu esquecê-lo.

— Eu o agradeço. Sou muito grata — murmurou Rue Barrée por fim. Ela abriu o livro e, arrancando uma pétala da rosa, jogou-a entre as folhas. Depois, ergueu os olhos e completou com gentileza: — Mas não posso aceitar.

V

Clifford levou um mês para se recuperar totalmente, apesar de, no fim da primeira semana, já ter sido declarado convalescente por Elliott, que era uma autoridade, e sua convalescência foi auxiliada pela cordialidade com que Rue Barrée recebia seus cumprimentos solenes. Quarenta vezes por dia ele abençoava Rue Barrée pela recusa, e agradecia a seu anjo da guarda, mas, ao mesmo tempo, ah, como nosso coração é estranho!, padecia das torturas que sofre quem é desenganado.

Elliott estava aborrecido, em parte pela reticência de Clifford, em parte pelo inexplicável relaxamento na frigidez de Rue Barrée. Em seus encontros frequentes, quando ela, caminhando pela Rue de Seine com a pasta de partituras e um grande chapéu de palha, passava por Clifford e seus amigos tomando um caminho para o leste até o café Vachette, e à respeitosa descoberta do grupo, sorria para Clifford. Elliott começou a ter suspeitas sombrias. Mas nunca descobriu nada e acabou desistindo, considerando ser algo além de sua compreensão, apenas classificando Clifford de idiota e guardando para si sua opinião a respeito de Rue Barrée. E, durante todo esse tempo, Selby sentiu ciúmes. No início, recusou-se a admitir isso para si mesmo e deixou de ir um dia ao estúdio para dar um passeio no campo, mas é claro que as florestas e campinas pioraram a situação, e os riachos borbulhavam Rue Barrée, e o chamado dos ceifeiros de uma extremidade a outra dos campos terminava em um hesitante “Rue Bar-rée-e!”. O dia que passou no campo o deixou com raiva por uma semana, e ele trabalhou mal-humorado no estúdio de Julian, todo tempo atormentado pelo desejo de saber onde Clifford estava e o que estaria fazendo. Isso culminou em um passeio sem rumo no domingo que terminou no mercado

das flores de Pont au Change, continuou a caminhada, que estendeu-se sombriamente pelo necrotério e mais uma vez terminou na ponte de mármore. Não adiantaria, e Selby percebeu, então foi ver Clifford, que convalescia bebendo mint juleps[15] em seu jardim.

Eles se sentaram juntos e discutiram a moral e a felicidade humana, e ambos acharam um ao outro muito divertidos, mas Selby não conseguiu tirar informação alguma de Clifford, para indisfarçável deleite deste. Mas os juleps passaram bálsamo na ferroada do ciúme e provocaram esperança no desenganado, e, quando Selby disse que precisava ir, Clifford também foi, e, quando Selby, para não ser superado, insistiu em acompanhar Clifford até a porta, este decidiu que acompanharia Selby até a metade de seu caminho. Achando difícil se separarem, resolveram sair para jantar juntos e "farrear". Farrear, verbo aplicado às proezas noturnas de Clifford, expressava, talvez, mais que qualquer coisa, a alegria proposta. Pediram o jantar no Mignon, e, enquanto Selby fazia perguntas ao chef, Clifford mantinha um olhar reprovador no maître. O jantar foi um sucesso, ou foi do tipo que geralmente se considera um sucesso. Perto da sobremesa, Selby ouviu alguém dizer ao longe:

— Menino Selby, bêbado como um lorde.

Um grupo de homens passou perto deles. Selby teve a impressão de que apertou mãos, de que riu muito e de que todos eram muito inteligentes. Do outro lado, Clifford jurava confiança absoluta em seu camarada Selby, e também parecia haver outros ali, sentados junto deles ou passando com o farfalhar de saias no chão encerado. O perfume de rosas, o movimento dos leques, o toque de braços macios e os risos foram ficando mais vagos. A sala parecia envolta em neblina. De repente, em um instante, todos os objetos se destacaram, tornaram-se extremamente nítidos, apenas formas e rostos estavam distorcidos, e as vozes,

penetrantes. Calmo, sério, ele se aprumou e tomou controle de si naquele momento, mas estava muito bêbado. Sabia que estava bêbado e ficou de guarda e alerta, com tanta desconfiança de si como estaria de um ladrão às suas costas. Autocontrolado, Selby permitiu que Clifford o ajudasse a pôr a cabeça com segurança sob água corrente e chegasse à rua em condições lamentáveis, mas sem jamais suspeitar de que o companheiro estava bêbado. Por algum tempo, Selby manteve o autocontrole. Seu rosto estava apenas um pouco mais pálido, um pouco mais tenso que o habitual. Caminhava apenas um pouco mais devagar e sua fala estava mais arrastada. Era meia-noite quando deixou Clifford dormindo pacificamente na poltrona de alguém, com uma luva de camurça comprida pendurada na mão e um boá de plumas enrolado no pescoço para proteger a garganta dos ventos. Caminhou pelo corredor, desceu a escada e se viu na calçada de um bairro que não conhecia. Sem pensar, olhou para o nome da rua no alto. O nome não lhe era familiar. Ele se virou e alterou o curso para algumas luzes amontoadas ao fim da rua. Elas se revelaram mais distantes do que ele pensara, e depois de um grande esforço ele concluiu que seus olhos tinham sido misteriosamente removidos do lugar correto e recolocado nas laterais de sua cabeça, como os de uma ave. Entristeceu-o pensar na inconveniência que aquela transformação poderia lhe proporcionar, e ele tentou mover a cabeça para cima e para baixo como uma galinha, para testar a mobilidade do pescoço. Então, foi tomado por um imenso desespero. Lágrimas se acumularam em seus dutos lacrimais, seu coração derreteu, e ele bateu em uma árvore. O choque o fez cair em um estado de sobriedade. Sufocou a violenta ternura em seu peito, pegou o chapéu e seguiu andando mais rapidamente. Sua boca estava branca e contorcida; os dentes, cerrados com força. Manteve o curso bastante bem, desviando-se pouco, e, após um período de tempo aparentemente interminável, passou por uma fila de

coches de aluguel. As luzes brilhantes, vermelhas, amarelas e verdes, o incomodaram, e ele achou que poderia ser agradável derrubá-las com a bengala, mas refreou o impulso e seguiu em frente. Mais tarde, pensou que tomar um daqueles coches lhe pouparia da fadiga, e começou a fazer o caminho de volta com essa intenção, mas eles lhe pareciam já tão distantes e as lanternas estavam tão fortes e confusas que desistiu e, aprumando-se, olhou ao redor.

Uma sombra grande, vasta, indefinida, ergueu-se à sua direita. Ele reconheceu o Arco do Triunfo e sacudiu gravemente a bengala em sua direção. O tamanho do monumento o incomodava. Ele o achava grande demais. Então, ouviu algo cair no calçamento com um estalido e achou que provavelmente tinha sido sua bengala, mas não se importou muito. Quando se recuperou e retomou o controle da perna direita, que dava sinais de insubordinação, viu-se atravessando a Place de la Concorde a uma velocidade que ameaçava deixá-lo na Igreja de la Madeleine. Aquilo não daria certo. Virou bruscamente para a direita e, atravessando a ponte, passou pelo Palais Bourbon rapidamente e entrou depressa no Boulevard St. Germain. Ele estava bem o bastante, apesar de o tamanho do Ministério da Guerra tê-lo atingido como um insulto pessoal, e ele perdeu a bengala, que teria sido divertido arrastar pelas grades de ferro quando passasse. Entretanto, pensou em substituí-la pelo chapéu, mas, quando o achou, esqueceu por que o queria e o colocou outra vez na cabeça com ar sério. Então, foi obrigado a lutar contra um desejo violento de se sentar e chorar. Isso durou até chegar à Rue de Rennes, mas lá contemplou absorto o dragão na varanda acima do Pátio do Dragão, e o tempo passou até que se lembrou vagamente de que nada tinha a fazer ali e voltou a caminhar. Era um trabalho lento. A vontade de se sentar e chorar tinha dado lugar ao desejo de reflexão profunda e solitária. Sua perna direita se esqueceu de obedecer-lhe, atacou a esquerda, cortou-a pelo lado e o fez bater em uma

tábua que parecia barrar sua passagem. Tentou fazer a volta nela, mas encontrou a rua fechada. Tentou empurrá-la e viu que não conseguia. Então, percebeu um lampião vermelho em uma pilha de paralelepípedos do calçamento no interior da barreira. Que situação agradável. Como chegaria em casa se o bulevar estava bloqueado? Mas não estava no bulevar. Sua perna direita traiçoeira o fizera tomar um desvio inconsciente. Pois lá, atrás dele, estava o bulevar com sua fileira infinita de luzes, e ali, o que era aquela rua estreita e pobre com montes de terra e argamassa e pilhas de pedras? Ergueu os olhos e viu escrito na barreira em letras negras que o encaravam:

RUE BARRÉE

Ele se sentou. Dois policiais que conhecia passaram e o aconselharam a se levantar, mas ele argumentou se tratar de uma questão de gosto, e eles seguiram em frente, rindo. Pois, naquele momento, estava absorto em um problema, que era como encontrar Rue Barrée. Ela morava por ali, em algum lugar daquela casa grande com sacadas de ferro, e a porta estava trancada, mas e daí? Teve a simples ideia de gritar até que ela aparecesse. Essa ideia foi substituída por outra igualmente lúcida: bater à porta até que ela aparecesse. Mas, finalmente, rejeitando as duas por serem duvidosas, resolveu subir na sacada e, abrindo educadamente uma janela, perguntar por Rue Barrée. Pelo que viu, só havia uma janela acesa na casa. Ficava no segundo andar, e lançou o olhar em sua direção. Em seguida, passou pelo obstáculo de madeira, escalou a pilha de pedras, chegou à calçada e olhou para a fachada em busca de apoio. Parecia impossível. Mas ele foi tomado por uma fúria repentina, uma obstinação cega, embriagada, e o sangue correu para sua cabeça com força, latejando em

seus ouvidos como o trovejar surdo de um oceano. Ele cerrou os dentes, apoiou-se no batente de uma janela, pulou e se agarrou às barras de ferro. Sua razão se foi. No lugar, irrompeu em seu cérebro o som de muitas vozes, o coração pulava, batendo um toque de recolher louco, e, agarrando-se à cornija e à beirada, conseguiu se mover pela fachada, agarrando-se em canos e janelas, e se arrastou até chegar e entrar na sacada diante da janela iluminada. Seu chapéu caiu e bateu no vidro. Por um instante, ele se apoiou, sem fôlego, na grade, então a janela se abriu lentamente do interior.

Eles se encararam por algum tempo. A garota deu dois passos trêmulos para trás, na direção do interior do quarto. Ele viu o rosto dela, todo vermelho, e a viu afundar em uma cadeira ao lado de uma mesa iluminada por um lampião. Sem dizer uma palavra, seguiu-a até o interior do quarto, fechando as duas vidraças, grandes como portas, às suas costas. Então, eles se olharam em silêncio.

O quarto era pequeno e claro, tudo nele era branco: a cama com dossel, o pequeno lavatório no canto, as paredes vazias, a luminária de porcelana e até o próprio rosto, se ele soubesse, mas o rosto e o pescoço de Rue estavam ficando da cor que tingia a roseira florida no interior da lareira a seu lado. Ele não pensou em falar. Ela parecia não esperar por isso. A mente dele lutava com suas impressões do quarto. A brancura, a pureza extrema de tudo o distraía... e começou a incomodá-lo. Conforme seus olhos se acostumaram à luz, outros objetos cresceram ao redor e assumiram seus lugares no círculo da luz da luminária. Havia um piano, um cesto de carvão, um pequeno baú de ferro e uma banheira. Depois, havia uma fileira de ganchos na porta com uma cortina de chita branca cobrindo as roupas por baixo. Uma sombrinha e um grande chapéu de palha estavam na cama, e, na mesa, uma pasta de partituras aberta, um tinteiro e folhas de papel pautado. Atrás dele ficava um guarda-roupa

com espelho, mas, por algum motivo, ele não quis ver seu rosto naquele momento. Estava ficando sóbrio.

A garota se sentou, olhando para ele sem dizer nada. O rosto dela estava inexpressivo, mas seus lábios às vezes tremiam de forma quase imperceptível. Os olhos dela, tão lindamente azuis à luz do dia, pareciam escuros e suaves como veludo, e, a cada respiração, a cor de seu pescoço ora se intensificava, ora clareava. Ela parecia menor e mais magra do que quando ele a vira na rua, e havia algo de quase infantil na curva de sua bochecha. Quando finalmente ele se virou e viu o próprio reflexo no espelho, foi atravessado por um choque como se tivesse visto algo vergonhoso, e sua mente enevoada e seus pensamentos nublados clarearam. Por um instante, os olhos deles se encontraram; depois, os dele buscaram o chão, seus lábios se apertaram e o conflito em seu interior levou sua cabeça a fazer uma reverência e tensionou todos os seus nervos ao ponto de ruptura. Então, tudo terminou, pois sua consciência havia falado. Ele a ouviu sem muito interesse, mas já sabendo o final. Na verdade, ela pouco importava. O fim sempre seria o mesmo para ele, e ele ouviu, sem muito interesse, a voz que crescia dentro de si. Depois de um tempo, ele se levantou, e Rue ficou de pé imediatamente, com uma mão pequena pousada na mesa. Ele abriu a janela, pegou o chapéu e a fechou de novo. Foi até a roseira e tocou os botões com o rosto. Uma rosa estava em um copo d’água na mesa, e, sem pensar, a garota a pegou, apertou-a nos lábios e a pôs na mesa ao lado dele. Ele a pegou em silêncio, atravessou o quarto e abriu a porta. O corredor estava escuro e silencioso, mas a garota ergueu o lampião e, deslizando à frente dele, desceu a escada encerada até o hall de entrada. Então, soltou as travas e abriu a portinhola de ferro.

Por ali, ele saiu com sua rosa.[16]

Notas

[1] Quadra presente na segunda edição da tradução de Edward Fitzgerald para “Rubaiyat”, de Omar Khayyam. Esta é a quadra de número 77; é precedida pela que talvez seja a mais famosa dessa versão do livro. Em tradução livre: “O Dedo Movente escreve; e, tendo escrito/Avança: nem todas as tuas Preces ou Sabedoria/Podem fazê-lo cancelar meio Verso/Nem tuas lágrimas apagarão uma só palavra.”

[2] Poema “Eros D’Aute”, do autor decadentista britânico Theodore Wratislaw (1871-1933). Wratislaw era colaborador de *O Livro Amarelo*, a principal publicação literária de vanguarda na Londres vitoriana, e escreveu obras dedicadas a Oscar Wilde. Tanto Wilde quanto “*O Livro Amarelo*” são considerados as inspirações de Chambers para a criação de *O Rei de Amarelo*.

[3] Académie Julian, escola de arte estabelecida em Paris por Rodolphe Julian (1839-1907) em 1868 e popular entre estudantes de arte americanos. Mulheres eram aceitas como estudantes, o que não acontecia na mais tradicional Academia de Belas-Artes. A Julian era razoavelmente democrática: até os modelos eram escolhidos pelo voto dos alunos.

[4] Principal coadjuvante e melhor amigo do protagonista do conto anterior. Mais uma vez, Chambers amarra seus contos em uma rede de referências internas.

[5] “Massier”, no original: na Académie Julian, estudante, eleito pelos demais, que se encarregava de cuidar do dinheiro e impor a disciplina aos colegas.

[6] Também personagens da história anterior.

[7] Bolsas concedidas pelo governo francês a jovens artistas para que fossem estudar em Roma. Instituídas pelo rei Luís XIV, foram extintas em 1968.

[8] “Rua Interditada”.

[9] Citação de um verso famoso do poeta Alexander Pope (1688-1744) e que acabou se tornando um provérbio da língua inglesa: “Pois os anjos temem pisar onde os tolos entram correndo.” Ao usar a frase, Clifford implica que os amigos são tolos e se põe, portanto, no papel de anjo.

[10] Mineral usado na produção de pigmentos para pintura, ou a tinta produzida a partir desse mineral. Será o sonho apenas produto do desgaste causado pelo trabalho intenso na Julian, ou um sinal de intrusão de *O Rei de Amarelo* no mundo mais realista desta segunda parte do livro?

[11] Curiosamente, Selby ouviu a história sobre Rue Barrée na quinta-feira anterior, não na terça. Mas o trecho sobre o florista não diz que ele ouviu a história “na” terça, e sim a história “da” terça. Teria algo acontecido na terça-feira, que Chambers decidiu não relatar?

[12] Versão tradicional, resumida, do verso bíblico: “E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequeno os guiará.” (Isaías, 11:6)

[13] Romance de aventuras publicado na França no século XVIII, de autoria de Alain-René Lesage (1668-1747). Também o nome de uma revista literária que circulou em Paris de 1879 a 1914, na qual foram publicados, entre outros, de Émile Zola e Guy de Maupassant. Elliott provavelmente está lendo a revista, não o livro.

[14] No conto anterior, é Clifford quem leva os cães para passear.

[15] Drink típico do sul dos Estados Unidos, à base de bourbon (uísque de milho) e hortelã. Pode também levar gelo, água e açúcar.

[16] O final é mais ambíguo que o do conto anterior, porém mais uma vez vemos o decadente Clifford ser superado, na disputa pelo amor de uma mulher, por um jovem

ingênuo, recém-chegado e de coração puro, ainda que Valentine e Rue Barrée sejam mulheres de disposições opostas.

FIM

Sobre o autor

Nascido no Brooklyn, no ano de 1865, Robert W. Chambers estudou na Escola de Belas-Artes e na Académie Julian, em Paris, e teve suas ilustrações usadas nas revistas *Life, Truth* e *Vogue*. Apesar de ser um artista prolífico, Chambers tornou-se conhecido por *O Rei de Amarelo*. A coletânea é um importante marco da literatura mundial e influenciou autores como H. P. Lovecraft, Raymond Chandler, Stephen King, Neil Gaiman, entre outros. Chambers morou em Nova York com a mulher e o filho até sua morte, em 1933.

Table of Contents